A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

POR

ARNALDO GAMA

PORTO
EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR
rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1866

A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

POR

ARNALDO GAMA

PORTO
EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR
rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1866

A CALDEIRA DE PERO BOTELHO

I

> Isto a quem não acontece?
> Seja porém na má hora;
> O tempo desapparece,
> Estão-se rindo os de fóra
> A nós não nol'o parece.
>
> SÁ DE MIRANDA.

Se já viveste em Coimbra algum tempo, leitor, has-de lembrar-te, de certo, d'aquellas deliciosas e amenissimas noites, com que Deus felicita a cidade letrada, desde que a primavera principia a espalhar flores por cima dos jardins e dos prados, até que o outomno se põem a desprender dos ramos das arvores a folhagem amarellecida.

N'esta quadra do anno, noites de lua ou noites sem lua são todas ali igualmente formosas. A noite de luar tem a doce e suavissima melancolia da donzella, que soffre de coração alanceado pela saudade do amante, que d'ella se ausentou algum tempo. A noite sem lua, essa, recorda a profunda e eterna melancolia da joven viuva, que, na

primeira hora de esposa, viu resvalar do thalamo para a campa o marido, que amava. Ambas são bellas, ambas são deliciosas. Mas a poesia da saudade sem esperança commove mais que a da saudade que espera. E' por isso talvez que, no tempo em que eu era poeta, eu gostava mais d'aquellas transparentes noites sem luz, do que das noites argentadas pela luz do luar. Admirava estas, extasiava-me com suave adoração diante d'ellas: mas diante d'aquellas sentia-me commovido, sentia a alegria a chorar-me no coração, sentia-me docemente triste e impressionado. Pasmava eu d'aquillo, e accusava-me de depravação do sentimento do bello. Agora sei melhor o que era. Era a simpathia, que é inspirada pela resignação da infortunio. Commovia-me a suave e melancolica serenidade d'aquella meiga e dulcissima viuva da luz.

Que noites formosissimas não são aquellas! As diaphanas e doces meias tintas, que esclarecem o espaço, são a luz propria dos amores furtivos, mas venturosos: a atmosfera é suave e embalsamada como o primeiro beijo do amor de uma virgem; o ceu assemelha immenso crepe transparente, por sobre o qual arrojaram a granel milhares de diamantes: o rouxinol gorgeia em célica e suavissima harmonia escondido entre as sombras dos arvoredos frondosos e vastos: e a brisa, a sacudir das azas milhares de perfumes, ora retouça por sobre a relva do Penedo da Saudade, ora se enreda nas folhas dos salgueiraes do Mondego, espalhando momentaneamente as myriadas de pirilampos, que se revolvem por entre elles em nuvens e nuvens de polvoreda scintillante.

Que saudades, que vivas e anhelantes saudades não sinto agora d'aquellas formosissimas noites, e, mais do que d'ellas, d'aquelles descuidados cinco annos, em cuja epoca as gozei!

Salve, ó tempos ditosos, tempos bem afortuna-

dos, em que a vida era um sonho, e ella toda rosas e toda perfumes; em que as aspiraçoens eram grandes e generosas como eram grandes e generosas as illusoens, que d'ellas eram musa tres vezes santa; em que cada rapaz se reputava um heroe, e cada um d'aquelles heroes imaginava que havia de acordar d'aquelle sonho com a sociedade a bater-lhe á porta, a pedir-lhe por especial favor que fosse ser grande no meio d'ella:—vida sem afflicçoens, sem dores e sem cuidados; vida que não pensava no dia de ámanhã; vida, emfim, em que o estudante vinha para casa por altas horas da noite, e, sem dinheiro e sem cigarros, se mettia socegadamente na cama,

Y asiendo los dos estremos
De la sábana a la par,
Com um movimiento rápido
Se hundia D. Juan en su lecho,
Y dormia tan satisfecho,
Que era cosa de envidiar! [1]

Grande Deus, porque não ha-de a mocidade ser perpetua, ou, então, porque não ha-de um homem morrer, quando bate a derradeira hora d'aquella vida, e lhe brada:—Para ti cerrou-se para nunca mais o tempo das illusoens; agora principia o das realidades?

Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus [2];

e com elle lá vai o homem ávante, deixando atraz de si a mocidade. Ao despertar attonito no pavoroso mundo novo, lá a vê, já a distancia, para traz, e entre elle e ella aquelle pavoroso *nunca*

[1] Zorilla. Cantos del trovador. Leyenda tercera.
[2] Virg. Georg. III. 284. Mas foge entretanto, foge o tempo irreparavel.

mais, com que o tempo o empurrou para a frente.
E assim tudo e todos passamos pela vida. Surgimos, caminhamos e afundamos uns após dos outros, sem que ella perca um só ponto da sua eterna mocidade, graças á contínua reproducção que a rejuvenece. Nós passamos, mas ella fica sempre a mesma, sempre joven, sempre bella, sempre loireira, tapetando de rosas e boninas o caminho dos que principiam; e empurrando com a ponta do pé para o abysmo aquelles que uma vez passaram sobre ella. E a estes não é dado retroceder. Na opulencia dos seus eternos e infinitos thesouros, a airada é perdularia, e, como tal, não póde enamorar-se d'aquelles a quem a experiencia ensina a sciencia de ser avarentos d'elles. Ferina contradicção! A natureza que inventou as paixoens, a saudade e a recordação, sacrifica implacavelmente a sua obra á grande harmonia, sem lhe importar com os soffrimentos parciaes do todo! Que importa que o homem se excrucie diante do pavoroso *nunca mais* da velhice? Caminhe, caminhe; caminhe fatal e irremediavelmente. O que importa é que o grande todo seja sempre joven.

.........nihil toto quod perstet in orbe.
Cuncta fluunt: omnisque vagans formatur imago.
Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu
Non secus ac flumen: neque enim consistere flumen,
Nec levis hora potest: sed ut unda impellitur unda,
Urgeturque prior venienti, urgetque priorem,
Tempora sic fugiunt pariter, pariterque sequuntur:
Et nova sunt semper [1]...

[1] Ovid. Metam. xv. 177. Nada ha de permanente n'este mundo. Tudo corre, e tudo se informa em vaga imagem. Até os proprios tempos se deslisam em continuo movimento, da mesma fórma que os rios, porque nem os rios nem as leves horas pódem

Com estes formosos e admiraveis versos pinta a vida, como melhor ninguem, o sublime poeta das transformaçoens e dos amores da Roma antiga. Assim é ella para todos, e assim já sinto que é hoje para mim. A onda impelle a onda; eu já sinto tambem aquella que me impelle. O caminho tapetado de rosas e flores, que tiram ao homem a consciencia de que é impellido, já para sempre findou para mim. Agora resta-me apenas o pavoroso *nunca mais*, que me vai empurrando para a hora, por ventura bem proxima, em que hei de afundar no abysmo, que é valla commum da humanidade.

Mas deixemos-nos de lamurias. O que tem de ser tem muita força. Entremos portanto no conto.

Como te ia dizendo, amigo leitor, no principio d'este capitulo, se conheces as noites deliciosas, que se gosam em Coimbra, desde que a primavera principia a rejuvenecer o anno, até que o outomno começa a lhe fazer cahir o cabello, imagina uma noite assim, formosa mas sem luar, ahi pelos principios de maio do anno de 1543.

A Coimbra de então não era a Coimbra de hoje.

As muralhas, que haviam servido de armadura á cidade de Fernando, o Magno, e que se foram tornando inuteis, á medida que o imperio christão, a que ella serviu algum tempo de centro, se foi alargando até o mar, apesar de já n'algumas partes ameaçarem ruina, e n'outras principiarem a esboroar, conservavam-se, ainda assim, de pé quasi que na sua totalidade. O famoso

parar; mas como a onda impelle a onda, sendo a da frente impellida pela que lhe vem atraz, e impellindo ella a que a precede, assim tambem correm os tempos, assim tambem se succedem uns aos outros, e são sempre novos...,

castello de Martim de Freitas ainda se alevantava, carrancudo e ameaçador, sobre a collina do lado do nascente; e ainda existiam as não sei quantas portas ou *arcos*, de que a velha loireira se tem ido modernamente desfazendo, nas suas fantesias de trajar á moderna, sem se lembrar, a tola! de que por mais que sorria para as pionias e para as abelhas das collinas de Santa Clara, e por mais que se enfeite e adonaire para os sinceiraes do Mondego, nunca ha de passar de ser a velha encasquilhada e feia, tal qual os fundadores a fizeram, e tal qual Deus a condemnou a ser perpetuamente no meio dos verdores e das louçanias de esmeralda e de prata, no centro da qual a collocou.

Era pois uma noite dos principios do mez de maio de 1543.

Apesar de não serem ainda nove horas da noite, e de ser quarta feira, já então vespera de feriado na Universidade, a Couraça de Lisboa, com quanto pertencesse á parte da cidade, que era habitada quasi que exclusivamente por estudantes, achava-se já silenciosa e deserta. Em compensação, para o lado do norte, sentia-se um borborinho surdo e permanente, que fazia crêr que os turbulentos escolares não viviam em tão perfeita harmonia com os desejos e com os intuitos, que inspiraram o fradesco D. João III a tresladar a Universidade de Lisboa para Coimbra, como o apparentavam á primeira vista a solidão e o silencio da Couraça de Lisboa.

Tinham passado apenas alguns minutos depois de soarem as nove horas no relogio da Universidade, quando da porta de Belcouce, que ficava, pouco mais ou menos, ahi junto da Estrella, desembocou de subito na Couraça um homem embrulhado n'um ferragoulo, com o qual occultava cuidadosamente o rosto, já mais que sufficientemente assombrado pelas grandes abas do chapeu

que trazia na cabeça. Apenas entrou na rua, endireitou apressadamente por ella acima, e, a uma centena de passos andados, enfiou pelo primeiro beco que encontrou á esquerda. D'ahi ao labyrinto de viellas tortuosas, escuras e immundas, a que chamam Palacios Confusos, são apenas dois passos. O nosso homem entrou corajosamente n'elle, e foi por fim parar á porta de uma das casas de melhor apparencia d'aquelle bairro, na qual bateu com o punho cerrado duas ou tres pancadas apressadas e rijas.

A porta abriu-se immediatamente. O homem do ferragoulo entrou para dentro, e, subindo a correr a escada, chegou por fim ao primeiro patamar, e, atravessando-o de duas passadas, parou diante de uma porta, que lhe ficava de frente, Abriu-a de repellão, e entrou para dentro, arremessando-a em seguida com força contra o batente.

A porta dava entrada para um quarto quasi quadrado, que tinha ao fundo uma janella cujas portadas estavam abertas e a adufa meio levantada em razão da calma. Do lado esquerdo, quasi que logo á entrada da porta, estava uma enorme cadeira de castanho com pregaria de latão denegrido, e um escabello com seu naco de menos n'uma das extremidades. Mais adiante, de ilharga para a janella, estanceava uma mesa de pau de pinho, sobre a qual se via um candieiro de ferro, em que ardia uma torcida meio-afocinhada, que enchia o quarto de fumo e de má luz. Em frente da mesa e encostado á parede, via-se um almofreixe, especie de grande mala ou bahu, junto do qual estava um cantaro, que haviam tombado voluntariamente, e que, ao tombar, arrojára de si tanta agua, que da que ficára empoçada aqui e ali pelos buracos do velho soalho, a calma, apesar de rija, ainda não podéra evaporar a maior parte.

Em seguida ao cantaro, estava um catre, que chegava até á parede fronteira á janella, na qual occupava com a cabeceira a maior porção do espaço, que medeava entre a porta da entrada e a parede lateral. N'este catre jazia deitado um homem em camisa e apenas com umas meias calças vestidas, e nos pés uns pantufos de cordovão vermelho. Este homem dormia profundamente, resonando, de braços cruzados e voltado para a parede. Sobre a cadeira via-se um ferragoulo, parte n'ella, parte no chão, e sobre elle algum fato de panno. A pouca distancia, e como se houvesse rolado de cima de tudo aquillo, jazia um chapeu de abas largas, com seu cairel de veludo e pluma preta, cahido no soalho, e com uma parte da aba mettida n'uma das poças de agua, que o cantaro fizera ao entornar-se.

De armas havia o preciso; sobre a meza uma adaga e um bacinete, a um canto uma espada e um arcabuz, e na parede, pendurado de um gancho de ferro, uma espada de ambas as mãos, uma rodela e uma couraça, primorosamente brunida e atauxiada de amarello.

Mal entrou para dentro d'este quarto, o nosso homem do ferragoulo, sem lhe importar com a montanha de roupa, que jazia sobre a cadeira, deixou-se cahir sobre ella com geito tão alquebrado mas tão rapido, que mais indicava desalento de espirito, do que cansaço de corpo. Depois abriu de repellão o ferragoulo, que o abafava, atirou com o chapeu ao chão, e, em seguida, lançou a cabeça para traz, e tomou largo resfolego, como quem vinha morrendo por ter ar.

Era um bello e elegante moço de pouco mais de vinte annos de idade, de cabellos castanhos naturalmente anellados, rosto sobre o comprido, grandes olhos e brevissima boca, assombrada por um farto bigode da mesma côr dos cabellos. Trazia vestido um arnez de aço, que luzia como pra-

ta, com rica cravação doirada; e as mangas do gibão, que por debaixo d'elle vestia, eram de magnifico setim escarlate, todas rufadas e com muitos abertos apanhados por troçaes de oiro fino. As calças eram de meinim; e as botas altas, que trazia calçadas, de cordovão esfrolado e apespontado a retroz vermelho. N'ellas andavam afiveladas umas esporas de prata.

O barulho, que elle fez ao abrir a porta, acordou de repellão o que dormia, que, assim estremunhado, se atirou de golpe abaixo da cama.

Era tambem um moço, de entre vinte e cinco a vinte e seis annos de idade; de cabello e barbas de côr preta retinta, e cujos grandes olhos, negros e assombrados por pestanas da mesma côr, scintilavam com brilho que denunciava caracter folgazão e volteiro, mas dotado de extraordinaria energia d'alma.

Despertado, pois, de sobresalto, ergueu-se de golpe, e appareceu, ligeiro como um gato, de pé no meio da casa. Ao reconhecer, porém, o recem-chegado, sentou-se na borda do catre, e poz-se a olhar fito para elle. Reparou-lhe então n'aquelle desalento, e notou-lhe a pallidez desconforme do rosto. Ao dar por tal, os olhos chisparam-lhe como ferro em braza, e elle bradou em voz rija e anciosa:

—E bem, Diogo Botelho, que te acconteceu?

—E' hoje!—balbuciou o recem-vindo, fitando n'elle um olhar, que revelava agonia tão dilacerante, que a força da vontade a custo a podia refrear.

—E' hoje! — repetiu em tom burlescamente plangente o do catre, que se chamava Simão de Ornellas.

Ambos elles eram naturaes da ilha da Madeira, e ambos fidalgos, ricos, amigos e companheiros de casa na Universidade, na qual andavam estudando.

—E' hoje!—repetiu pois Ornellas em tom comicamente doloroso, deixando ao mesmo tempo descahir a cabeça para o peito e os braços desanimados ao longo do corpo.

Mas logo atirou-se de um pulo ao meio do quarto, arremetteu como um toiro a Diogo Botelho, empurrou-o para fóra da cadeira, e, erguendo ao ar um pelote, que tomou de cima d'ella, exclamou com indignação verdadeiramente comica:

—O' Santa Maria! Em que estado me puzeste o pelote, ribaldo! Pois não viste que ahi jazia esta minha pedra d'ara, que assim n'ella te sentaste sem piedade, excommungado! O' Christo, senhor nosso! Agora como ousarei apresentar-me, assim posto n'um chouriço, diante das moças da Calheta! Diz, desalmado? Ficou mesmo para nunca mais! *Infelix quis tantas potuit numerare... ærumnas! Ærumnas!...* Ora vède que perro de metro! Valha o diabo aos versos latinos, que nunca pude ageitar um que ficasse direito!

E, rosnando não sei que contra os versos latinos, poz-se a dar palmadas sobre palmadas nas abas do pelote, que estava deveras uma desgraça.

Diogo Botelho, repellido de cima do fato do amigo, e apostrofado, demais a mais, com aquella vehemencia, dirigiu-se a largos passos á janella, atirou com um murro a adufa ao saguão, e estendeu o corpo pelo peitoril fóra, como quem precisava de muito ar para respirar.

Ao barulho, que fez a adufa ao dar com o taboado no lagedo do pateo, Simão d'Ornellas suspendeu a ancia amorosa, com que sapateava as abas do pelote, e fitou o amigo com ares de estupefacto.

—O homem está possesso—disse por fim por entre os dentes—Lá vai a adufa com todos os diabos. E' o mesmo—accrescentou elle, seguindo com o sapateamento—Assim como assim quem perde é elle. A casa pertence-lhe.

Passados mais alguns minutos largou o pelote, voltou-se para o companheiro, e exclamou:

—Com que é hoje? Diogo Botelho, homem, falla. E' hoje... hoje que me desencantas, que me dás carta de alforria? E por isso te amofinas! E por isso me amarrotas o pelote! Anda um homem, ha dois annos, feito copla de Boscon ou Garcilasso... e sempre de dedo na boca: soffre chuvas, frios, neves, e a pobre da moça da parte de dentro ás marradas ás grades, por causa do perro do pai, que jurou que morreria freira, e freira a fez, mau inferno lhe dê Deus para a alma. Por fim, eil'o que chega o dia em que elle tira o dedo da boca, e mette n'ella a moça; em que a moça se vinga do pai e atira com o capello ao diabo; em que em fim um homem chega a cumprir o fim dos seus desejos, o triumpho da sua vontade, a boa andança das suas emprezas, e, em logar de exclamar com o poeta

Panduntur tandem portæ omnipotentis Olympi [1]

vêde-o ahi a lagrimejar, a amofinar-se, a quebrar adufas, a amarrotar pelotes... *Dii, vostram fidem!*

A estas palavras, Diogo Botelho recolheu-se de subito para dentro da janella, e voltou-se de repellão para o amigo.

—Simão d'Ornellas — disse com sobrecenho agastado—não zombes, que este não é bom azo de zombarias.

—Não;... por vida minha! Bem pois, fallemos

[1] *Panditur interea domus omnipotentis Olympi*, (abrem-se entretanto os paços do imnipotente Olympo). Foi assim que escreveu Virgilio na Eneida X. 1. Advirta-se porém que Simão d'Ornellas tinha o sestro de estropiar versos; e que o *tandem* (finalmente) que substituiu ao *interea*, vinha-lhe mesmo a pintar para o seu caso.

*

de siso; mas sus, que seja á puridade. *Verba volant*, como diz mestre Diogo de Teive, as palavras teem azas; e tu fizeste em pedaços a adufa, de forma que ellas podem voar, e metter-se pelas setteiras das casas visinhas, que caem sobre o nosso saguão. *Festina verba*, mas que seja á puridade. E bem, que ha a fazer?

—Está tudo a ponto e aprasado. De hoje não póde passar de forma alguma. A's nove horas e meia irás buscar D. Beatriz a Cellas, e com ella partirás para a Madeira.

Ao acabar de dizer estas palavras, o rosto do moço estava pallido como o de um cadaver, e os olhos arrazados de lagrimas.

—Por Deus, amigo—exclamou Simão d'Ornellas, verdadeiramente estupefacto—pois não desejavas, ha tanto tempo, occasião de o fazer? Pois não é por esta hora que ha mais de dous annos suspiras? Porque pois te amofinas? Porque estás assim triste?

—Porque não posso partir com ella... porque vou separar-me d'ella—balbuciou o moço, pretendendo abafar as lagrimas, que a estas palavras lhe arrebentaram pelos olhos fóra.

Simão d'Ornellas, depois de o fitar alguns segundos, aprumou-se gravemente, e encarou-o com comica seriedade.

—Diogo Botelho—disse por fim—agora te digo que estás de todo fóra do teu siso natural. Estás peior que uma copla de Boscon ou João de Mena. Ora vem cá, homem de Deus; attende, e ouve. *Paucis te volo*. Estavas tu lá na nossa ilha, passando vida alegre e regalada, a lamuriar ás moças como um mamota que sempre foste, *sicut mamota*, eis que el-rei, que Deus guarde, se lembrou de tresladar a Universidade de Lisboa para Coimbra, e de, para a honrar, fazer vir a estudar n'ella todos os moços fidalgos do reino e ilhas. Nossos pais foram convidados a mandar a ella

seus filhos; e o mesmo foi sel'o, que virmos nós outros, *libenter aut torto collo*, rebolindo até Coimbra. Chegaste, viste D. Beatriz, e o mesmo foi vel'a, que enamorar-vos um do outro, como quem diz

Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error! [1]

Não agradou aos pais da sobredita senhora o tal conhecimento. Affigurou-se-lhes que a cousa era assim a modo de corsario berberesco, que pretendia entrar-lhes a caravella, e após fazer-se ao largo com a carga, deixando a embarcação avariada. D'aqui dares e tomares, perrarias, remoques, esperas, *et cetera ut constat*. Mas nada feito. Emperraram elles, emperraste tu, emperrou a moça. *Inde argivorum iræ*; d'aqui os desaguisados que seguiram, e que pararam por fim de contas em ser a Oriana obrigada a entrar freira no mosteiro de Cellas. E tu logo nas felicissimas e invejaveis circumstancias de que reza o poeta, quando diz:

Formosum pastor Corydon ardebat Alexim;
Delicias domini: nec quid speraret, habebat. [2]

Simão d'Ornellas, que se ia vestindo á medida que ia fallando, fez aqui pausa para despendurar do gancho a couraça, que envergou immediatamente sobre o amarrotado pelote. Em seguida continuou:

—Ouves, ou não ouves, Diogo Botelho? Estás sorumbatico e derribado; parece que dormes. Acorda, homem, acorda para aqui dares comigo

[1] Virg. Ecloga VIII.
[2] Virg. Ecloga II. O pastor Corydon morria de amores pelo formoso Alexis, delicias do seu amo; mas vivia sem esperanças.

testemunho de que mente e remente mestre Diogo de Teive, quando diz que os versos virgilianos são verdadeiro nectar e ambrosia, *verum nectar et ambrosia*. A mim me pareceram sempre fel; e tanto que, por mais que faço ha cinco annos, sempre elles se me asedaram no estomago do entendimento. E que razão tenho eu e não o mestre, *probo*. Haja vista o estado em que n'aquella dita occasião ficaste, apesar d'aquelles dois versos te virem mesmo a todo o geito do teu caso. Ficaste um leão de Ceuta, um tigre do Ganges. Querias matar, assollar, despedaçar, fazer tudo em cacos. O que te valeu foi o teres por matalote e grande amigo um homem como eu, que sei o que faço e o que digo, que jámais perdi a cabeça, e nos perigos vejo claro como o dia. Assim fui-te á mão, dizendo:—

«—Diogo Botelho, amigo, *temperat iras*, amaina as iras. Como bem sabes, eu n'isto de sangue e cutiladas sou mesmo um dragão, um Herodes, um Ante-Christo, sou mesmo um

Misenum Æoliden, quo non prestantior álter
Ære ciere viros, Martemque accendere cantu. [1]

Mas este teu caso pede prudencia e reflexão. Bem sabes que Alvaro de Moura é proximo parente do conde de Cantanhede; portanto se lhe vamos com as adagas á pelle, e lhe mandamos a alma *indignata sub umbras*, contra vontade para o outro mundo (que assim se deve tresladar esta passagem, em que pez a todo o latim d'aquelle perro de mestre Diogo de Teive)—arriscamos-nos a ser degredados para... a de tres paus, companheira e collaça da picota. Portanto, a meu parecer, mudemos de rumo, e aproemos por outros ventos o

[1] Virg. Eneid. VI. 167. Miseno Eolido, ao qual ninguem excedia em saber concitar os guerreiros com a tuba, e accender a guerra com o canto.

baixel. Rouba a moça, Diogo. Mau mez para que seja freira; que importa? Na Madeira ninguem o sabe: dá-a lá por uma donzella fidalga com quem estás jurado, recebe-a por mulher, e depois que te assobiem ás botas, que a tamanha distancia quero saber quem ha-de dar conta do caso. E' este o meu parecer; de outra sorte não lhe vejo furo, porque isto de ser freira é como quem diz asno morto cevada á colla.

—*Talia fatur*—continuou Simão d'Ornellas gravemente—assim digo. Tu abraças o alvitre, assim se decide, e fica esperada a occasião. Mas não foi só n'isto que te mostrei quanto sou ciceroniano e homem de grande siso. Volves tu:—

«—Simão d'Ornellas, bom é teu parecer, e a elle me atenho, que me dá aso de me vingar bem vingado d'aquelle ribaldo Moura, que, só para me damnar, matou a felicidade da filha, fazendo-a freira. Mas, homem, agora me acordo. Estes amores são bem publicos e sabidos; ora se roubo Beatriz ao convento, e desappareço da terra ao mesmo tempo que ella, logo dirão que fui eu; e o conde de Cantanhede fará logo despachar tal alçada que de força serei colhido...

«—Assim é—vou-te logo á mão, e nota bem que foi de súpito e sem um momento sequer para pensar—assim é. Mas para tudo ha remedio, menos para a morte: mau mez para ella! Ora tu bem sabes, amigo Diogo; que eu sou d'aquelles que vim para esta perra Universidade *nolente ac violenter*. Meu pai, que é homem de grandes annos, está atacado, segundo me escrevem, por uma enfermidade mortal. Assim não poderá viver muitos dias, e eu estou determinado a, logo que elle feche os olhos e passe para além da *irremeabilis unda*, pôr-me ao fresco e ir visitar as moças da Calheta e tomar os ares da nossa ilha. Levarei eu, pois, D. Beatriz, e tu ficarás alguns dias atraz para maior engano.

—Assim disse—continuou gravemente Simão d'Ornellas—tu tomaste-me nos braços para me agradecer o alvitre. Por signal que me ias mettendo as costellas dentro. Assim ficou pois assentado, cerrou-se o conselho, *et totum nutu tremeficit Olympus*, e logo de nós ficou tremendo Alvaro de Moura e toda a demais parentella. (Ah! perro de Diogo de Teive, que dirias tu se assim me ouvisses traduzir?)

E depois de um momento de silencio continuou:—

—Ha tres mezes que morreu meu pai; ha dois que estou escondido n'esta casa como rato em toca, sem fallar com folego vivo, porque tu, tal como andas, és folego morto; sem ver o sol nem a lua, e dado já por todos os amigos a caminho da Madeira, para onde annunciei que partia. E tudo isto á espera que se nos azasse occasião de roubarmos a moça e eu pôr-me com ella a andar. Eis que chega a sobredita occasião; a occasião de te vingares do Moura e de te assenhoreares de D. Beatriz; a occasião emfim da minha liberdade, da minha alforria, de eu partir para a ilha a visitar as *desideratas puellas;* e tu recebes-l'a com lagrimas, com melancolias, amofinas-te, desesperas-te, e, ainda por cima, amarrotas-me o pelote novo, com que eu contava para conquistar as nimphas da Calheta, *naiadum pulcherrimae*, como diz Virgilio; e que são, como elle tambem diz... (Emperra para ahi, Diogo de Teive: leve o diabo a concordancia)... e que são

> ...... *thymo mihi dulcior Hyblae,*
> *Candidior cycnis, hedera formosior alba* [1]

[1] Virg. Eclog. VIII. Para mim mais doce que o tomilho do Hybla, candida mais que os cysnes, e mais formosa que a alva hera.

Portanto, Diogo Botelho, amigo, juro a Deus que estás fóra de teu siso natural. *Dici*. Ora vê—continuou logo—vê se me dás aqui uma emposta, e me ajudas a atar as enlaçaduras da couraça, que, pelo visto, estas perras ultimas aprofiam em me escorregar por entre os dedos.

Diogo Botelho aproximou-se, e poz-se a prestar ao amigo o serviço, que elle lhe pedia, dizendo ao mesmo tempo:—

—Simão d'Ornellas eu bem sei quanto te devo. O que me pesa é que por minha causa hajas de suspender teus estudos...

—Que, homem, que suspender!—atalhou Simão d'Ornellas—Tu bem sabes que ha muito que estou determinado a fazel'o, porque, a fallar a verdade, eu não nasci para estas cousas. Ha cinco annos que curso Artes, e nunca dei n'ellas carreira direita; nunca acertei bem com o sentido de um verso de Virgilio nem com a medição de uma ode de Horacio. E como fazel'o? Se ouvir ler mestre Diogo de Teive é peor que ouvir cantar o deão da Sé, que é fanhoso, e canta, arranhando, pelo nariz. Será melhor ouvir ler Galeno ao doutor Grego, testamento velho ao doutor Romeu ou jurisprudencia cesárea ao doutor Fabio. [1] Porém mestre Diogo de Teive!... Fa-

[1] Estes tres lentes foram mandados vir de França e de Italia por el-rei D. João III, quando tresladou a Universidade para Coimbra. O doutor Luiz Grego, lente de medicina, preleccionava sobre as theorias de Galeno. O dr. Marcos Romeu, lente de theologia, explicava o testamento velho. Era portuguez, mas doutor pela Sorbonne, onde era professor. O dr. Fabio Arcas Arnania, romano, foi mandado vir para substituir o dr. Gonçalo Vaz Pinto na cadeira de prima da faculdade de leis, e ganhava 360$000 annuaes e 22$000 para casas; ao todo 382$000 reis. Ora se nos lembrarmos que 382$000 reis são pouco menos de metade do ordenado que recebe hoje um

m-me favor. Eil'o que sobe á cadeira, senta-se na banqueta, aconchega a sotaina, puxa do cartapacio, abre-o, desempena a garganta com ronco pavoroso, e principia:—

«—*Quinti Horatii Flacci opera, quæ extant. Carminum seu odarum liber primus, ode quinta. Merum nectar esse hanc oden agnoscit Solinus hypercriticus.* E logo continua: *Hæc ode est tricolos tetrastrophos. Priores duos versus asclepiadei sunt; constant ex spondeo, duobus choriambis et pyrrichio vel jambo. Sic scandere licet:*—

Quis mul-ta gracilis-te puer in-rosa;

vel isto modo faciliori:—

Quis mul-ta graci-lis-tè puer-in rosa.

Tertius quisque est pherecratius heroicus trimeter, é spondeo, dactylo, spondeo. Sic:

Grato—Pyrrha sub—antro.

Quartus est glyconius seu choriambicus trimeter, constans é spondeo, coryambo et pyrrichio. Ita scanditur:

Cui fla—vam religas—comam. [1]

lente da Universidade; e se attendermos a que o dinheiro representava então muito mais do duplo do valor que actualmente representa, temos de concluir que o fanatico e imbecil D. João III dava mais apreço á instrucção publica, do que os illustrados e liberaes governos de hoje.

Isto já lá vai ha tres seculos. Muito progride deveras este nosso Portugal!

[1] Para os leitores, que sabem latim, para esses é que foram escriptas as linhas acima. Os taes po-

E assim por diante. Dou-me ao demo—exclamou aqui de subito Simão d'Ornellas altamente indignado—dou-me ao demo se á segunda palavra eu não cahi sempre a dormir como pedra em pôço. Antes cinco mil annos de purgatorio do que cinco minutos a ouvir mestre Diogo de Teive a fallar em *asclepiadeus*, *pyrrichius*, *choriambus*, *trimeter*, *jambus*, *spondeus*, *tricolos tetrastrophos dicolos distrophos*, *monoclos*, *dactylus*, *alchaicus*, *pentameter*, *acatalectus*, e um milhão de diabos, que carreguem com mestre Diogo de Teive, com mestre André de Gouveia, com mestre Arnaldo Fabricio, com mestre Jorge Buchanan, com mestre Elias, com mestre Antonio Mendes, com mestre Jacques, e com todo o collegio das Artes emfim, onde se leem estas gerigonças, em que desbaratam a vida moços galhardos e esforçados, que melhor aproveitados seriam se os mandassem servir el-rei nas fortalezes d'Africa ou da India. Mas eis-me de ponto em branco—accrescentou, acabando de afivelar a espada—vamos pois ao que serve. Que novas de Figueira?

derão avaliar a força da massada. de que o pobre Simão d'Ornellas blasphemava. Os outros que se não queixem do author lhes não dar a traducção d'ella. Fiquem sabendo que tanto entenderiam a traducção como o original. Toda aquella abstrusa salsada diz respeito á medição dos versos horacianos. A estes leitores tenho eu tambem a dizer que os muitos latinorios, que se encontram nos primeiros capitulos d'esta novella, são n'elles postos para satisfazer á obrigação historica. Sem elles ficaria falsa e imperfeita a feição caracteristica da Universidade d'aquella epoca; na qual só se fallava latim ou grego, e era tido á conta de grande vergonha o fallar-se portuguez. Os lentes eram obrigados a preleccionar em latim. A mania era tal que os estatutos de 1591 impunham aos lentes a multa de 100 reis, por cada vez que preleccionassem em lingua vulgar.

—A caravella está de todo apparelhada e prompta a levantar ferro, mal tu chegues com D. Beatriz—respondeu Diogo Botelho.

—Porque lado hei-de entrar no convento, e qual o signal convencionado?

—Ladearás pelo muro da cerca do lado do norte, até que chegues á porta do carro. Ahi jaz uma grande pedra. Debaixo d'ella acharás uma escada de corda para subires ao muro e outra para desceres para o lado de dentro. Entrarás, e ficarás esperando debaixo da primeira larangeira. Então cantarás qualquer trova, que te lembrar...

—Muito bem. Basta. *Sapienti dictum sat est.* Onde param os cavallos?

—A' porta de Belcouce, da parte de fóra. Ahi aguarda com elles Lopo Fraúste, teu pagem.

—*Sic itur ad astra*, assim não haverá duvida, e tudo se fará. Ah! Diogo Botelho, ha hi por ventura maior bem aventurado que tu!... Ora vamos lá.

—Aguarda—acudiu Diogo Botelho—deixa-me tomar a rodela para te acompanhar.

—Tu! — exclamou Ornellas — Ensandeceste, amigo Diogo! Era deitar tudo a perder. Cumpre que te mostres em toda a parte, e que te faças notar, para que, sabendo-se ámanhã do roubo da moça, todos jurem que não podias ser tu, porque te viram em tal e tal parte. Assim, e como se não sabe ha dois mezes parte de mim, muito fino deve de ser Alvaro de Moura e até o diabo, para te poderem carregar o feito ás costas. Vai pois até á meia noite para casa dos Latinos. Hoje é vespera de feriado; não levantam a palestra poetica antes da uma hora ou mais por ventura; depois, vai até que amanheça, para a tavolagem de Marcos Lopes...

—Mas tu não podes ir só? Quem é que ha-de ir comtigo?—atalhou com anciedade Diogo Botelho.

—Quem? Pois não te recordas?—volveu Simão d'Ornellas.

—Luiz Vaz de Camoens?

—Sim, Luiz de Camoens, aquelle meu matalote e grande amigo, a quem tantas vezes tenho feito costas, e que d'esta vez m'as fará a mim como nenhum outro seria capaz. Aquelle é que é um homem; valente como Sansão, poeta como Virgilio, cavalleiro como Carlos Magno. Perde o cuidado. O teu negocio está bem entregue.

—Pois sim, porém... aquella cabeça... Mas, em fim, como o encontrarás agora?—volveu Diogo Botelho sem poder disfarçar a anciedade.

—Qual cabeça, nem qual chapeu? Que entendes tu de cabeças, homem? Deixa o negocio por minha conta—respondeu Ornellas—E vejam que difficil que é encontral-o hoje, antevespera da opposição do doutor Fernão Peres á cathedrilha de Instituta! Pois não sabes que Luiz de Camoens tomou o partido d'elle? Apostaria a vida em como a esta hora estará de assuada, no Beco do Cabido, á porta do doutor Vazeu, que é o oppositor que dizem protegido pelo reitor e pela faculdade. Assim deixa o negocio por minha conta; e com isto adeus... *vale*

Estas ultimas palavras foram pronunciadas por entre um sorriso forçado e em voz um pouco tremula.

Os dois moços ficaram um momento com as mãos enlaçadas, e a olharem-se fito. Por fim lançaram-se de subito nos braços um do outro, e assim estiveram muito tempo, como não podendo dizer a derradeira palavra de despedida.

—Vamos, amigo—exclamou por fim em tom rijo Simão d'Ornellas—isto é uma loucura, Diogo Botelho. Parece que nos despedimos para o outro mundo.

—Mas é que de veras se me affigura que te não

tórnarei a ver—respondeu o outro suffocado pelas lagrimas.

—Doudice!—balbuciou Ornellas, desembaraçando-se dos braços do amigo—Luiz de Camoens lá irá levar-te noticias minhas a casa dos Latinos. E adeus... amigo. Adeus...

E, dizendo, embrulhou-se de repellão no ferragoulo, e desceu a escada a correr.

Diogo Botelho ficou por muito tempo a chorar sentado na cadeira, onde estivera o fato do amigo. Por fim levantou-se, vestiu os trajes escolares, e partiu para casa dos Latinos.

Que homens eram estes, mais tarde o saberá o leitor.

II

> Respondei, minha senhora,
> Dizei—que hei-de responder?
> Digo que venhais emb'hora,
> E folgo bem de vos ver:—
> Direis assi?
>
> GIL VICENTE. *Comedias.*

Simão d'Ornellas, apenas chegou á rua, limpou as lagrimas, que lhe marejavam nos olhos, orientou-se, e partiu a passo apressado em direcção ao Arco da Sé.

Aqui já não havia a mesma solidão nem o mesmo socego, que vimos, ha pouco, na Couraça de Lisboa. Vultos de homens, e não poucos, perpassavam por Ornellas, uns embuçados em ferragoulos e outros com manteus de estudantes pelas cabeças, e todos armados como o denunciava o tirlintar que soava por debaixo dos differentes embuços, que levavam. Uns vinham do lado do Arco, outros iam para lá, e todos apressadamente. Ao mesmo tempo, o sussurro, que Simão princi-

piara a sentir, ao sahir de casa, augmentava cada vez mais em estrondoso vozear, á medida que elle se aproximava do Arco da Sé. Ao chegar ali, conheceu que se ia de veras avizinhando de uma d'aquellas monumentaes apupadas, que só se conhecem em Coimbra, porque só estudantes são capazes de as fazerem.

Assim, ao desembocar do Arco, em logar de descer para o largo, tomou pelo terreiro, que borda a igreja pelo sul e pelo poente, coseu-se com as velhas muralhas denegridas, e, estugando o passo, foi occultar-se á sombra do recanto saliente, onde está o tumulo do conde D. Sisnando, e d'ahi poz-se a espiar o que ia no largo, que lhe ficava na frente.

Não conheço cousa mais imponente e magestosa do que é o severo e gigantesco aspecto da Sé velha de Coimbra, no meio da escuridão de uma noite de estio, sem luar mas abrilhantada por myriadas de estrellas, que se destacam na transparencia do espaço como saphiras rutilantes, das quaes desce á terra um resplendor vago e tibio, que dá aos quadros um tom solemnemente melancolico, e recorta perfeitamente os vultos no meio das trevas. A esta luz não se distinguem os primorosos lavores dos profundos e vastos portaes do velho edificio dos godos; não se lhe enxergam as setteiras, nem o arredondado dos finos columnellos, sobre que poisam as ogivas das janellas da frontaria do sul. A esta luz a Sé velha assemelha immensa mole de tisnado granito, dentilhado de um sem numero de ameias, por entre as quaes se levanta a cruz dos christãos no alto das cupulas arredondadas dos minaretes dos arabes. Ao dar com os olhos n'aquelle imponente cenotafio dos tempos homericos da historia da peninsula, sentimos-n'os impressionados por solemne e instinctivo respeito; e, se diante d'elle ousamos parar, e evocar para dentro d'aquelles muros dene-

*

gridos os seus primitivos senhores; se pela imaginação fazemos entrar por aquelles profundos portaes dentro godos e arabes, Fernando-Magno e os dois Cides, Affonso Henriques e Sancho I, então descubrimos-n'os machinalmente diante d'aquella rude testemunha ocular de tantos seculos, e vamos avante, como que amedrontados de termos ousado remexer no pó d'aquella gigante sepultura do passado.

Foi no largo, sobre que deita a frontaria do poente d'este carrancudo e veneravel chronista de pedra da velha Espanha, que Simão d'Ornellas encontrou a assuada; e foi, encostado ao tumulo em que repoisaram os ossos do conde mosarabe, que elle presenceou o que vamos relatar ao leitor.

No largo tumultuavam uns duzentos a trezentos estudantes, todos armados de differentes armas, como se conhecia do tirlintar que ellas faziam, batendo umas pelas outras. Estavam apinhados em semi-circulo sobre o Beco do Cabido, pelo qual acima se estendiam em grande e atroador magote. Do meio d'aquella turbulenta multidão sahia uma algazarra pavorosa de brados, de apupos, de vaias e de morras, em grego, em latim e em vulgar, de mistura com os sons ou fanhosos ou estridentes de panellas velhas, de trompas, de tambores rotos, de ferrinhos e de espadas a bater umas nas outras. Tudo aquillo estava voltado para a casa, onde morava o doutor João Vazeu, um dos oppositores á cathedrilha de leis, cuja opposição se devia votar d'ahi por dois dias. D'aquella inferno atroador conhecia-se bem que o pobre oppositor não tinha as sympathias dos escolares, os quaes, ou por affeição ou por espirito de desordem, lhe davam por aquella forma manifesta demonstração de favor pelo outro concorrente o doutor Fernão Peres.

O leitor deve saber que n'aquelle tempo a opi-

nião dos estudantes não se reduzia só a palavriado, como accontece na actualidade. Então um estudante, que tivesse um curso de oito mezes na faculdade a que pertencia a cadeira, que estava em opposição, tinha direito a votar n'ella, era chamado a votar, e, até em certos casos, era compellido pelos Estatutos a fazel-o. D'aqui a energia do zelo pharisaico das facçoens, que os oppositores tinham sabido grangear a seu favor; e d'aqui, por conseguinte, as assuadas e as desordens, ás vezes muito graves, que acompanhavam quasi sempre a eleição de um professor para uma cadeira, desordens que debalde os Estatutos se esforçavam por impedir, por meio de graves penas impostas, a quem as promovesse, e fizesse.

A presente opposição era uma das mais renhidas, que tinha até então havido em Coimbra. No seio do proprio corpo docente, e até entre os altos funccionarios, lavravam os partidos e as desavenças. Isto dava alma ao natural caracter volteiro dos academicos. Para maior desgraça o reitor D. Agostinho Ribeiro tinha largado a reitoria nos meados d'esse anno; e, com quanto já se rosnasse que era substituido por fr. Diogo de Murça, doutor em theologia e mestre que fôra do infante D. Duarte, a nomeação ainda não tinha chegado, e a reitoria ainda estava entregue ao doutor Affonso do Prado, lente de prima em theologia, que fôra nomeado vice-reitor em claustro pleno, e que não era de todo imparcial na contenda.

Os estudantes tumultuavam, pois, com toda aquella audacia desenfreada e engenhosa, porque são immediatamente inspirados, quando se decidem de veras a fazer qualquer atrevimento. Ali não faltava cousa alguma. A discordancia dos instrumentos e das vozes produzia uma barulheira infernal; as ameaças, os apupos e as vaias cruzavam-se como violenta saraivada impellida por um furacão em redemoinho. De quando em quando

um *victor* ou um *sus* estentoriano suffocava de golpe a inferneira; e logo um pregão em lingua latina já declarava João Vazeu ou estupido ou maluco, já lhe comminava a obrigação de não continuar a opposição, e em troca mandava-o pentear macacos. A's vezes, em logar de pregão, ouviam-se umas coplas portuguezas ou algumas estrofes latinas, as quaes mais violentas e insultantes, que eram recebidas com grande gritaria, de que uma grande parte cahia feramente sobre a pretenção a poeta de quem ousava declamal-as. Os visinhos, que commettiam a imprudencia de abrirem as adufas, e a ellas assomavam com luzes, eram compellidos, á pedrada, a metterem-se para dentro; ou coagidos a acclamarem da janella abaixo o nome do doutor Fernão Peres, crime gravemente punido pela Ordenação. Notava-se, porém, em tudo aquillo um certo accordo systematico, um certo methodo, uma certa uniformidade de acção, que demonstrava plenamente que havia ali um director, um cabeça de desordem, obedecido cegamente, e imaginoso e engenhosissimo na disposição dos differentes episodios d'ella.

Simão d'Ornellas, lá de junto do tumulo de D. Sisnando, observava o redomoinhar do arruido, não com a tranquillidade de espirito que a escuridão da noite fazia suppor n'aquelle vulto que ali estava, ao parecer, placidamente desfructando o tumulto, mas com impaciencia cada vez mais irritada. Urgia-lhe o tempo, e a assuada parecia eterna. Por fim decidiu-se a entrar no seio da turbamulta, e procurar aquelle que desejava encontrar; e sem lhe importar com o que vira acontecer a dois transeuntes, que os estudantes tinham obrigado a fazer parte do motim, e a outro, que, por se negar a isso e por-se em fugida, foi por elles perseguido e escorraçado com temerosa apupada, despegou do recanto, a cujo abrigo se occultava, e encaminhou ao longo da ba-

laustrada do terreiro com o fim de descer ao largo.

Quando ia a fazel'o, sentiu passos e arruido de gente armada, que descia pela rua das Covas, e estava a dois passos da Sé. Retrahiu-se portanto de novo para a sombra, e esperou para ver o que seria.

Minutos depois desinganou-se. Era a ronda da Universidade, o meirnho com o escrivão d'armas e os seus dez homens armados de bacinetes e couraças, e de chuços e partasanas nas mãos. Ao chegarem ao largo, pararam como para tomar um largo folego de coragem; depois arrancaram para a turbamulta, a passo de quem receia que, se não vai depressa, a affoutesa se lhe evapore pelo caminho.

Simão d'Ornellas foi logo collocar-se bem em frente do Beco do Cabido, do coração do arruido. Queria ver e aprender d'aquella façanha da policia academica. Burlaram-n'o, porém, os quadrilheiros. Do que fizeram nada tinha a aprender um homem de brios como elle.

—Tenham-se — bradou em voz de trovão o meirinho, mal chegou ao couce da turbamulta, brandindo a espada e fazendo das tripas coração —tenham-se, e dêem-se todos á prisão, da parte do senhor vice-reitor. Todos ao carcere, todos ao carcere...

E como se estas palavras lhe tivessem accendido o demonio de coragem, arremeçou-se, seguido do escrivão e dos quadrilheiros, para dentro da multidão dos turbulentos.

A escholar turba amotinada soltou um como rugido de indignação. Simão d'Ornellas viu relancear um braço no ar, viu-o descer, e logo o meirinho de costas no chão. Ao mesmo tempo, o escrivão d'armas, aferrado pelas pernas, bateu com o costado no lagedo. Os quadrilheiros enristaram as partasanas. A multidão cercou-os n'um relance, soltando um brado pavoroso; e logo os

pobres diabos, desarmados, baquearam entre gemidos de misericordia, debaixo de uma tempestade de murros e com as partasanas feitas rachas nos costados.

—*Evohé! Sic itur ad astra!* Morra o vice-reitor! Viva o chancellario! *Evohé!* Assim feneçam todos os tredos que nos querem mal a opposição! Morra o vice-reitor! Morra o Vazeu, vasio dos cascos; e viva o grão Fernão Peres, que tem todas as aguas, quantas deve ter um homem sisudo e de prol! E digam todos amen, ou afunde-se Coimbra! *Evohé! Pæan! Pæan!*

Logo ao primeiro *evohé*, soltado com voz estentorosa, a turba callára-se de golpe, e callada se conservou até á ultima palavra d'aquella extravagante proclamação. Depois soltou um temeroso brado de applauso, poz-se a saltar sobre as costellas dos tristes quadrilheiros derribados, que gemiam dolorosamente, e fez chover uma tormenta de pedregulho sobre as devotadas adufas do doutor João Vazeu. Os ferrinhos, os tambores e as panellas velhas erguiam ao mesmo tempo infernal e clamorosa algazarra.

Simão d'Ornellas, mal ouviu a voz, que proclamára, deu um salto do terreiro á praça, e mergulhou de cabeça baixa no seio da multidão. Depois dirigiu-se pelo som ao estudante que fallava. Ao elle soltar o ultimo *pæan*, estava-lhe ao lado.

—Luiz de Camoens—disse elle em voz rapida —sou Simão d'Ornellas. Segue-me immediatamente. Preciso fallar-te.

—Que, homem! Seguir-te!...—exclamou o outro em tom de importunado—Ora que diabo me queres tu? Não vês? Busca melhor occasião. Por agora não póde ser...

—Se és meu amigo, acompanha-me—atalhou Ornellas com intimativa.

—Mas, homem...

—Já o saberás. Segue-me.

E, dizendo, afferrou-o pelo manteu, e puxou-o para o lado da rua actualmente chamada do Correio.

O estudante, assim arrastado, ia de espada em punho, como a custo e rosnando com geito de pouco satisfeito.

Simão d'Ornellas, mal o tirou para fóra da multidão, disse-lhe immediatamente:

—Cumpre que me faças costas n'um apuro em que me vejo. Cuido que me não trocarás por essa malsinada, em que estavas mettido.

—A' fé, que não—volveu o outro—Mas grande lance deve ser esse de veras; de outra sorte não me virias importunar.

—Grande e tal—replicou Ornellas—que estou em dizer que, em tua vida, te não acharás em outro como elle.

—Então que temos?

—Segue-me, e sabel-o-ás.

Luiz de Camoens metteu a espada na bainha, embrulhou-se no manteu, e partiu pela rua do Correio fóra, apoz de Simão d'Ornellas.

Os dois amigos caminharam por algum tempo silenciosos.

De repente Luiz de Camoens parou.

—Mas, por vida tua, Simão d'Ornellas—exclamou—isto é para ensandecer!—Para onde vamos? Para onde me levas?

> *Ó giorno, ó ora, ó ultimo momento,*
> *Ó stelle congiurate a 'mpoverirme!*

Ali estava eu dando a ultima de-mão a este caso de Fernão Peres, com a fortuna já agora aferrada pela trança, e como quem diz com a lança mettida em Africa; eis senão quando tu me cahes, como que das nuvens, em cima, e não sei por que malditos quinhentos, fazes-me lar-

gar a redea da mão, e lá se vai o potro outra vez desenfreado. Ora te digo que grande magoa é, á fé, vel'o-ás e não o paparás.

Ó giorno, ó ora, ó ultimo momento,
Ó stelle congiurate a 'mpoverirme! [1]

Bem diz meu tio D. Beltrão

...... *nihil est toto quid perstet in orbe*

Não ha ahi de veras duas tamanhas cousas no mundo, como é fazel'as, desfazel'as. Mas ao menos falla, Simão d'Ornellas, falla. Para onde vamos? aonde me levas? Falla, ou aqui me accendo de raiva, e ensandecerei.

Simão d'Ornellas encolheu os hombros, e replicou:—

—Ensandecer já tu ensandeceste de veras. O que diz teu tio, o chancellario, pouco faz ao caso; o que dirá, isso é o que ainda se hade ver. Pois, á fé, que moço é elle para soffrer taes rebalderias como esta. Chefe de assuadas, cabecel de volteiros e amotinadores! Bonito, senhor Luiz Vaz de Camoens! Vosso tio D. Beltrão, prior da Santa Cruz de Coimbra e chancellario da Universidade ha-de vos dar grandes alviçaras do feito.

—D. Beltrão, meu tio!—replicou Luiz de Camoens—Ora outra vida, Simão d'Ornellas; já vejo que não sabes da missa metade.

—Como! Pois tão sandeu me fazes tu que accredite...

—Accredita o que quizeres—atalhou Luiz de Camoens estouvadamente—mas juro a Deus, que d'esta vez não será elle que pelejará comigo por

[1] Petrarca. In morte de madona Laura. Son. LVII (285) O' dia, ó hora, ó ultimo momento, ó estrellas conjuradas a fazer-me desgraçado!

tal feito. E que assim não fosse, ahi sei eu grande remedio para o pôr mais macio que o mais macio setim de França ou o melhor velludo catalão. Uma canção ás inconstancias da vida, umas redondilhas ao divino, uma cantiga com sua volta tal como

Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando;

e não ha ahi melhor alçaprema para lhe levantar a benevolencia, e até para alar os bons cruzados de oiro, que empanturram as algibeiras de sua reverendissima o dom prior de Santa Cruz de Coimbra, chancellario da Universidade. Umas trovas lhe li a uns olhos,

...... begli occhi che mi stanno
Semper nel cor con le faville accese;
Per ch'io di lor parlando non mi stanco [1]

e taes *et cætera*...

—Por Deus!—atalhou Simão d'Ornellas—falla portuguez ou latim, e esse de Virgilio, e que seja derrancado, que de outra sorte bem sabes que nunca o pude encarreirar. E ainda assim

Da deinde auxilium, pater, atque hæc omina firmat [2]

Falla lingua christenga, homem, se queres que te entendam. Deixa-te de algaravias...

—Como algaravias!—exclamou Luiz de Ca-

[1] Petrarca, In vita di Laura. Son. XLVII (55) Bellos olhos, que me estão sempre no coração com as chammas accesas, razão porque não me canço, fallando d'elles.

[2] Virg. Eneida. Dá depois auxilio, ó pai, e firma estes agouros.

moens—como algaravias! Barbaro! Se é puro Petrarca! Mas assim como assim nunca passarás de ser um selvagem. Para ti e taes como tu é que escreveu o poeta

Odi profanum vulgus, et arceo [1]

Mas em fim com tolos nem para o ceu, diz o adagio. Como te ia dizendo, umas trovas lhe mostrei, e de tal arte eram ellas trovadas...

—Se taes eram como as que ha pouco ouvi no arruido—atalhou Simão d'Ornellas com gravidade chocarreira—não seriam trovadas, mas entrovadas.

A estas palavras Luiz de Camoens parou, perfilou-se, fincou o punho na ilharga, e, puxando mais para o sobr'olho o seu grande chapeu de abas largas, exclamou com ironia:—

—E d'onde foi o senhor Garcilasso cavar atrevimento para morder em trovas alheias, elle que de lavra propria nunca teve siso para desencabrestar uma com geito?

—D'onde?—replicou Ornellas muito naturalmente—Essa é fera e como de godo. D'onde? Do armazem de trovas, *id est*, do parnaso do meu matalote e grande poeta Luiz Vaz de Camoens, mais derretido que Petrarca, mais abemolado que Boscão, mais recachado que João de Mena...

—Mas, por Satanaz!—acudiu aqui Luiz de Camoens—se eu não fui que fiz aquellas! Fel'as João Mendo, de Thomar, que se não é ahi grande cabeça para trovas, é grande braço para jogar cutiladas e sahir airoso de qualquer tormenta por grande que seja.

—*Alter ego*, outro como eu—replicou o Ornellas—N'isso tão somente, que pelo demais... Abrenuncio! Forte cabeça!

[1] Hor. Corm. Lib. III. Ode I. Odeio o vulgo ignorante, e fujo d'elle.

Quando Simão d'Ornellas acabava de dizer estas palavras, sahiam os dois para fóra da porta de Belcouce. Elle então puxou de um apito de prata, e tirou d'elle um silvo agudo e prolongado. Minutos depois sentiu-se o tropear de cavalgaduras ao longo da velha muralha, e logo appareceu um pagem com dois cavallos pela redea.

Simão d'Ornellas saltou immediatamente para cima de um d'elles.

—Cavalga—disse então para o companheiro.

—Mas, por vida! para onde me levas d'esta maneira?—replicou espantado Luiz de Camoens.

—Pois tens medo?

—Medo!

E, sem mais perguntar, o moço Camoens bifurcou-se de um salto na sella, e os dois partiram a trote cerrado para a frente.

Assim foram por alguns minutos sem darem palavra um ao outro. Por fim, Luiz de Camoens exclamou:

—Mas, por uns certos olhos que eu vi, Simão d'Ornellas, aonde é que vamos assim?

—Eu te direi—respondeu Ornellas—Vamos tirar uma alma do purgatorio.

—Tirar uma alma do purgatorio—volveu Camoens—Não te entendo. *Davus sum non Œdipus*. Falla claro.

—Ou, o que valle o mesmo, vamos roubar uma freira ao convento de Cellas—continuou Ornellas.

—Ah! isso agora é outro fallar—volveu Luiz de Camoens, recompondo-se com todo o recacho na sella.—Então com que o senhor Galaor andava suspirando por estes andurriaes, e não dava parte de si aos amigos!

—Eu!—exclamou Simão d'Ornellas, encolhendo desdenhosamente os hombros—Eu! Agora te digo que andas de veras fóra de teu siso natural. Eu... eu enamorado! Estás louco, homem. Vou

por procuração. Esta é a freira de Diogo Botelho. Lembras-te!

—Por vida tua! Porque m'o não disseste ha mais tempo?—exclamou Luiz de Camoens—Escusava o ter vindo a raivar por me teres feito perder aquelle lance da assuada, que é grande desenfado para homem de minha arte. Bem pois. Agora todo eu sou uma paschoa florida. Á fé, que d'esta feita Alvaro de Moura ficará de todo careca.

Simão d'Ornellas não respondeu, e os dois continuaram para a frente sem darem palavra.

Minutos depois, ao dobrarem um cotovello, em que ali se recurvava a estrada, avistaram a pouca distancia um homem embuçado n'um çorame, e sentado n'uma pedra ao lado do caminho. Este homem, mal avistou os dois estudantes, ergueu-se, e dirigiu-se vagarosamente para o meio da estrada. Os dois continuaram a passo mais rapido em direcção a elle.

—Gomes Vicente, esse és?—disse Ornellas a meia voz.

—Senhor, sim—replicou o homem, desembuçando-se e deixando ver uma cara barbada até os olhos, e com seu tanto de aspecto de rufião.

—Está a costa segura?—perguntou Ornellas.

—Nem folego vivo. Só ha pouco passou ahi um homem, encavalgado de brida n'uma possante mula, bem emboçado n'um mantão, e armado de arnez, que bem lhe senti o jogar das peças.

—Corsario seria?—volveu Ornellas, fitando significativamente o homem.

—Tudo póde ser—replicou elle—Todavia, senhor, pela pressa com que caminhava, a mim se me afigurou que era homem que ia aforrado e para larga jornada. Viandante seria. Porém, como dizem as velhas, a má chaga má erva. Seja o que fôr; *Dios delante y S. Christoval gigante.*

—Bem pois—volveu Ornellas—Toma os caval-

los, e diz ao pagem que se occulte com elles ahi no olival até que oiça apitar. Tu e Paio segui passo apoz nós.

Assim dizendo, descavalgou, e atirou com o ferragoulo para cima da sella. Luiz de Camoens fez o mesmo. O homem tomou os dois cavallos, e com elles de redea metteu-se pelo olival que ahi estava pegado. Os dois estudantes continuaram a pé, e a passo apressado para a frente.

D'ahi a pouco estavam a pouca distancia da portaria do mosteiro. Obliquaram então sobre a esquerda, e seguiram por junto do muro da cerca fóra. Passados minutos, chegaram junto de um grande portão que n'ella havia, e a pouca distancia do qual, jazia uma grande pedra, restos de certo de algumas obras, que de fresco se tinham feito no mosteiro.

—E' aqui—disse Ornellas.

E, abaixando-se, apalpou com a mão no vão do penedo, para reconhecer o sitio, onde Diogo Botelho lhe dissera que havia deixado as escadas. Depois de o rodear quasi todo pela parte de fóra, sem achar fenda por onde lhe coubessem os dedos, deu por fim com uma grande lascadella, que crescia para o lado que defrontava com a parede. Ahi deparou com o que procurava, as duas escadas, occultas debaixo de um tufo de fetos.

—Aqui estão as escadas. Mãos á obra—disse em seguida.

Depois elle e Camoens desenrolaram as duas rijas escadas de esparto, cada uma das quaes tinha n'uma das extremidades dois valentes ganchos de ferro. Atiraram com uma d'ellas ao alto do muro, e depois de algum trabalho conseguiram aferral-o. Ornellas subiu immediatamente por ella acima, levando comsigo a outra escada, que lançou para o lado de dentro.

—Agora sobe tu, Luiz—disse elle, depois de segurar bem as duas escadas.

E em seguida volveu-se para dentro, e desceu.
Instantes depois os dois moços estavam dentro da cerca do mosteiro.

—Com Deus, e avante—disse Ornellas—Olho de atalaia, e vamos, que somos chegados ao porto.

—Agora te digo, Simão d'Ornellas—replicou Luiz de Camoens, aprumando-se com ares de perfeitamente contente de si—agora te digo que não trocára este aventura por uma duzia de boas assuadas de opposiçoens. Isto de freiras teem um certo sabor a flores, e as flores, colhidas a furto, dão de si tal aroma, que por ellas um homem se matará dez mil vezes...

—Com que será esta a primeira aventura de assalto de monjas em que te achas, Luiz de Camoens?—disse Simão d'Ornellas, abaixando a voz cada vez mais.

—A' fé que sim, e que avezo...

—Maravilha por certo, porque diz o ditado que filho de peixe sabe nadar, e Simão Vaz, teu pai, é uzeiro e vezeiro em fazer enganos a Christo, requestando-lhe as esposas...

—Todas guarda para si o senhor—atalhou com despeito o moço Camoens—para o filho inculca os cartapacios do collegio das Artes e as *Vitæ sanctorum*...

—Sus... calla-te—acudiu subitamente Ornellas em voz sumida, e pondo-lhe a mão na bocca—Não ouves passos?... Não vês acolá uma luz a luzir por entre as folhas das arvores?... Escondeu-se.

—Por vida minha!—balbuciou Luiz de Camoens, levando a mão ao punho da espada.

—Quedo; não arranques... escuta—rumorejou Simão d'Ornellas.

E, em seguida, deu dois passos para a frente, e foi occultar-se com o companheiro na sombra do frondoso e vasto laranjal, que ahi principia-

va a estender-se, seguindo para o lado do muro.
Estiveram assim alguns minutos.
—Lá está de novo a luz—balbuciou Luiz de Camoens.
—Será ella?—volveu Ornellas—mas, por satanaz, cumpre desatarmos-nos d'este enleio. Porém que trova lhe cantarei eu? Não me acordo senão de Virgilio, e esse não vale por estes andurriaes. Ora sus, saberás tu uma boa copla capaz de cantar-se, que esta é a senha?
—Duzentas, trezentas—respondeu prestemente Camoens—Aguarda que umas direi d'enchemão, frescas de todo o ponto, que ainda hontem as tirei da forja do entendimento...
—Pois essas sejam; mas passo, a meia voz ou deitarás tudo a perder...
O moço Camoens deitou o chapeu com um piparote para a nuca, e em seguida poz-se a cantarolar:

Dama de estranho primor,
Se vos fôr
Pesada minha firmesa;
Olhae não me deis tristeza,
Porque a converto em amor.
E se cuidais
De me matar, quando usais
De esquivança,
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento
Como isento,
Seguirá sua tenção,
Crendo que em...

—Sus! Calla-te... Aproximam-se—exclamou de subito Simão d'Ornellas.
Luiz de Camoens callou-se de golpe, e os dois internaram-se alguns passos mais no laranjal, es-

piando quem seria a pessoa, cujos passos apressados se ouviam distinctamente por entre o arvoredo de fructeiras, que bordavam o outro lado da larga avenida, que ia dar á porta do carro.

—E' mulher, por vida!—disse em voz baixa Luiz de Camoens—Não sentes os passos... curtos e leves...

—*Et vera incessu patuit dea* [1] —balbuciou o o imperterrito e leviano Simão d'Ornellas, ainda, em tal conjunctura, fiel á recordação dos cinco annos, que fôra atanazado pela erudição de mestre Diogo de Teive.

Ao mesmo tempo assomou na borda do arvoredo fronteiro um vulto de mulher, cujos vestidos alvejavam no fundo escuro formado pela sombra das fructeiras. Chegada ahi, parou, e ficou-se um momento, como medrosa e indecisa no que devia fazer.

Simão d'Ornellas sahiu então para fóra do laranjal, e dirigiu-se a ella.

—Senhora, não temais; sou eu, Simão d'Ornellas—disse a meia voz e caminhando vagarosamente para a não assustar.

Ella correu immediatamente para elle, e agarrou-se-lhe a um braço.

—Ah! esse sois? Que medo! E Diogo?—disse em seguida em voz tremula.

—Bem sabeis, senhora—respondeu Ornellas—que segundo o que foi ajustado...

—Ai, cuidados!—atalhou ella, sempre tremendo, mas revelando no proprio anceio uma bem pronunciada leveza de caracter—Ai, cuidados! De tudo me deslembro com estas magoas! Mas, vós, senhor, perdoai, e partamos... partamos que se me afigura que somos suspeitados. O convento andou hoje todo em confusão; pareciam olhar-me

[1] Virg. Eneida. I. 409. E pelo andar mostrou que era na verdade uma deusa.

enviezadamente; recommendaram grandes cautellas aos serviçaes; e agora, quando sahi, afigurou-se-me que andava gente rondando para o lado do pomar de baixo. Partamos, que me parece que morrerei de medo aqui.

—Serenai, senhora—replicou Simão d'Ornellas—tende animo, que estais em boa companhia, e em poder de quem morrerá gostoso em vosso serviço. Agora vos peço que falleis a Luiz de Camoens, meu grande amigo e de Diogo Botelho, que por seu grande amor que nos tem, nos quiz servir de companheiro n'esta empreza, e aqui está a vosso serviço...

A dama voltou a cabeça para onde Ornellas lhe apontava, e onde Luiz de Camoens aguardava de chapeu na mão e com todo o aprumo cortesão da epoca, que ella se voltasse para elle, e lhe fallasse.

—Ah! senhor, perdoai, que vos não tinha visto com este grande susto em que estou. Dou-vos as graças por tamanha mercê, e folgo com vos conhecer.

—Senhora, todo eu sou vosso, e aqui estou a vosso serviço, e para dar a vida por vós se tanto cumprir—respondeu elle com grande mesura.

—Beijo-vos as mãos—volveu a dama, toda tremula—Mas, por nossa Senhora, vos peço, senhor Simão d'Ornellas, que saihamos d'aqui sem mais delongas. Afigura-se-me que só ficarei socegada, quando de todo me achar fóra d'este carcere.

—O' senhora, escusai esses temores—disse Luiz de Camoens, apoiando farfantemente a mão esquerda no punho da espada, e aprumando com altivez a cabeça, sobrê a qual havia collocado o seu grande chapeu, um pouco inclinado sobre a orelha direita—escusai esses temores, que estais em guarda de tais dois homens, que são até para defender-vos de toda uma algara de mouros, se tanto a vosso serviço cumprir.

—*Ut venti inagmine facti*...—principiou Simão d'Ornellas. Mas, cahindo em si, atalhou-se, dizendo—Ora, sus, vamos, Luiz de Camoens. A senhora D. Beatriz tem razão; razão por seu medo, e razão porque já agora nada mais aqui temos que ver.

Os tres puzeram-se logo a caminho, e em breve chegaram ao logar do muro, d'onde pendia a escada.

—Sobe tu adiante, Luiz—disse então Ornellas—para tomares a senhora D. Beatriz, e segural-a em cima do muro, até que eu desça para fóra, e m'a passes.

Luiz de Camoens subiu immediatamente, e bifurcou-se sobre o muro. Mas logo exclamou:

—Por vida! A escada não está cá. Alguem de certo a roubou, e somos descubertos.

Apenas havia acabado de dizer estas palavras, soou do lado fronteiro ao muro uma voz, que dizia, de dentro de um bosque de carvalhos, que bordava a estrada:

—Estai quedo; não deis mais um passo, que assim cumpre ás ordens que tenho, ou, pelo sangue de Christo, que vos mando de presente ao diabo.

—Ah! dom malsim, e tão ousado sois...—exclamou em voz abafada de colera o moço Camoens, voltando ao mesmo tempo as pernas para o lado de fóra do muro.

Immediatamente viu-se arder uma escorva, soou um tiro, e o chapeu do moço voou para dentro da cerca.

—Ah! perro, como sois desgeitoso!—ouviu-se dizer ao mesmo tempo outra voz, como que raivando por a bala ter acertado na aba do chapeu, e não na cabeça do dono d'elle.

Este, porém, mal ouviu o tiro, e sentiu no chapeu a rija pancada que lh'o fez voar para distancia, soltou um rugido de indizivel ferocidade,

e lançou-se de um salto do muro abaixo. Em seguida arrancou n'um relance a espada, e arrojou-se, cego de furor, para o logar d'onde soavam as vozes.

Apenas entrou no carvalhal, achou-se cercado por cinco homens, tres d'elles armados com espadas e dois com partasanas.

—Aqui morrerás, tredo, refece escallador de conventos—bradou o mais dianteiro, arremeçando-se a elle com uma espada na mão direita e na esquerda uma rodela—Aqui morrerás, e para a tua ilha não voltará senão essa alma villã, se alma tens por ventura, para lá annunciar, penando, como aqui se castigam infames.

Assim dizendo, os cinco arremetteram de roldão a Luiz de Camoens, que corria cego como um toiro para elles, e que, pela desenvoltura dos modos e pela impetuosidade com que se lhes lançou no meio, mostrára, logo ao primeiro olhar, que não só era de genio azado para taes lances, mas ademais avezado e mais que muito habituado a elles.

Assim, taes foram as cutiladas e tal a velocidade com que as jogava para a direita e para a esquerda, que dos cinco homens os quatro pararam a distancia de respeito, e só o que fallara é que ousou cerrar immediatamente com elle. A este, porém, não lhe correu a felicidade á medida da coragem. Ao primeiro bote que fez, Luiz de Camoens furtou-lhe o corpo n'um relance, e assentou-lhe em cheio sobre o bacinete uma tal cutilada que o fez cahir roncando para o lado. Em seguida, tomou com igual desembaraço a rodela, que o derribado largara do braço; e com ella embraçada, arremetteu sem perda de tempo para os quatro, que, ao verem tombar o companheiro, haviam titubeado e recuado alguns passos.

Mas tanta ousadia n'um só homem era affronta

escandalosa para quatro. A sanha despertou-lhes o esforço; e Luiz de Camoens achou-se immediatamente accommettido por duas espadas e duas partasanas que lhe visavam rancorosamente ao peito e á cabeça. Era desigual a briga, não só em razão do numero, mas sobre tudo pelo comprimento das duas ultimas armas. A coragem, porém, e a desenvoltura do moço estudante emparelhavam com a difficuldade do lance. Cobrindo-se, pois, com a rodela, e fazendo girar em veloz e temeroso rodizio a espada, recebeu-os galhardamente, furtando com admiravel presteza o corpo aos botes, que lhe jogavam. Mas os quatro não cediam um só passo, redobrando o rancor do accommettimento, e amiudando os golpes de forma, que o moço viu-se por fim obrigado a reduzir-se á defensiva. O caso tornava-se cada vez mais apertado. D'aquella forma era impossivel resistir muito tempo; e Luiz de Camoens, apezar de toda a sua coragem e apezar da sua comprida espada, de um palmo a maior da marca legal [1], pagaria de certo cara a temeridade, se Gomes Vicente, aquelle mal encarado servente de Simão d'Ornellas, não apparecesse de subito ao lado d'elles, armado de uma espada de ambas as mãos. Mal de si deu copia na briga, fez logo voar com uma cutilada o ferro de uma partasana; e em seguida, assentando a espada no hombro de um outro aggressor, rompeu-lhe um forte caçote de

[1] D. João III, por ordenação de 20 de fevereiro de 1539, prohibiu que as espadas tivessem maior comprimento que cinco palmos, incluindo o punho e a maçã. Esta lei, para ser de alguma forma executada, precisou, como quasi todas as nossas antigas leis, de ser reforçada pelo alvará d'el-rei D. Sebastião, de 3 de agosto de 1557, pelo qual prohibiu com graves penas, que os armeiros fizessem taes espadas. Apezar d'elle o abuso não findou inteiramente.

canhamaço, que trazia vestido, e chegou-lhe com o ferro ao osso. O ferido largou immediatamente a espada, e soltou um tal berro, que espavoriu os companheiros, e todos quatro lançaram-se logo a fugir, sem curar do que ficava derribado.

O ardor da refrega impellia Luiz de Camoens a seguir-lhes o encalço. Gomes Vicente susteve-o, porém, por um braço, e disse-lhe em voz que assemelhava a de um cão de fila a rosnar:—

—Basta por agora; cumpre acudir ali.

O ali, a que se referia, era Simão d'Ornellas, que, bifurcado sobre o muro, segurava com o braço esquerdo D. Beatriz, e com a mão direita tratava de ferrar no lombo da parede as unhas da escada, que havia passado para o lado de fóra, e que outro creado segurava da parte debaixo.

O moço estudante correu pois em auxilio do companheiro, e com a ajuda dos creados conseguiu fazel'o descer a salvo com a freira.

Mal poz pé em terra, Simão d'Ornellas exclamou ancioso:—

—Estás ferido?

—Nem arranhado — volveu galhofeiramente Luiz de Camoens—graças a Gomes Vicente que chegou a tempo.

—Mas já lá achei por terra o que fica derribado—rosnou o rufião com ares de quem retribuia o comprimento.

—Ai, senhor, que susto!...—suspirou D. Beatriz.

—Agora te digo que foi milagre—acudiu Simão d'Ornellas. E, apanhando do chão um chapeu, que jazia a pouca distancia, continuou com elle nas mãos.—O chapeu eil'o aqui, que o lancei por cima do muro antes de subir. Vê como o esfarrapou o pelouro! Algum santo, e grande santo, deves ter de certo a rezar por ti, Luiz de Camoens. Forte maravilha! Se não tem um palmo de aba, eram-te uma vez os miolos. Mas ficou

para nunca mais. Ora, para me fazer mercê! largar-mo-ás, e tomarás este meu que é novo do trinque...

—Por Deus, Simão d'Ornellas, não tens pejo de assim me apoucares deante de uma dama...—atalhou altivamente Luiz de Camoens, estendendo a mão ao esfarrapado chapeu.

—Aqui não ha que apoucar, e perdoe-me a senhora D. Beatriz—acudiu Simão d'Ornellas—Bem sei que tens alma mais larga que as abas do teu chapeu. Mas este não o tornarás a pôr na cabeça, que o quero levar comigo para a ilha para perpetua memoria, *namque erit ille mihi semper Deus*, d'este grande milagre, e de a quanto por meu amor te arricaste. Ora não mais—continuou, pondo a mão na bocca do amigo ao mesmo tempo que lhe punha na cabeça o chapeu, que da sua tirara.—E tu, Gomes Vicente, chega para cá o rufião derribado, e vejamos quem é o rico-homem.

—Ai, senhor Simão d'Ornellas, por nossa Senhora...—exclamou D. Beatriz a tremer e toda pallida.

—Senhora, perdoai, mas assim cumpre a vosso serviço—respondeu elle inexoravelmente.

Entretanto Gomes Vicente trouxe, puxado pelas pernas, para junto do amo o corpo do homem derribado. Em seguida tirou-lhe o bacinete, e deixou ver o rosto de um velho venerando e alguma cousa escalvado na fronte, cujas barbas estavam empastadas pelo sangue, que a pancada lhe fizera lufar pelo nariz.

—Ah, esse é!—disse friamente Simão d'Ornellas, ao pôr-lhe os olhos, interpondo ao mesmo tempo o corpo para que D. Beatriz o não podesse ver.

—Meu pai!—exclamou ella que ainda o pôde relancear.

—Senhora, sinto-o — volveu Ornellas — mas agora não ha remedio.

Apezar de toda a energica imperturbabilidade, que Simão d'Ornellas não deixára estremecer um só ponto, durante os perigosos lances porque esta aventura correra até aqui, a voz do moço soava levemente commovida ao dizer estas palavras. O generoso estudante sentiu bater no coração toda a afflictiva agonia, que devia soffrer uma filha ao ver estendido o pai por morto no chão. O gesto, pois, de D. Beatriz entrára-lhe para dentro da alma, como primeira expansão d'aquella angustia suprema; e elle commoveu-se. Simão d'Ornellas enganava-se porém a respeito do verdadeiro sentido d'aquella exclamação da amante de Diogo Botelho; mas as seguintes palavras, com que ella lhe sahiu á consolação, por elle offerecida, desilludiram-n'o immediatamente:

—Oh! senhor Simão d'Ornellas—exclamou pois D. Beatriz, agarrando-se-lhe ao braço, e erguendo as mãos com significaçoens de espavorida—fujamos d'aqui... por nossa Senhora, fujamos d'aqui. Elle pode erguer-se, e se aqui me acha... Pela Virgem nossa Senhora, fujamos... fujamos...

—Dizeis bem, senhora D. Beatriz; é preciso fugir, é preciso que nos não demoremos—replicou seccamente Simão d'Ornellas.

E deu em seguida alguns passos para a frente, com ella dependurada do braço.

—E assim deixaremos aqui este homem, Simão d'Ornellas? — exclamou em tom desabrido Luiz de Camoens, que não despegára ainda um só passo de junto do corpo amortecido de Alvaro de Moura.

Simão d'Ornellas parou, e voltou-se para o amigo.

—E que outra cousa podemos nós fazer por agora, Luiz de Camoens?— respondeu-lhe com a fria impassibilidade, que é propria dos caracteres decididos e energicos nas occasioens de perigo. —Quererás tu que nos ponhamos a curar d'elle, e

que entretanto esses rufiãos fugidos cheguem ahi com a ronda, e essa nos dê a cadeia por ponto final da nossa empreza? Assim, não ha que lhe fazer. *Sic erat in fatis* Se é morto, ahi virá ámanhã a cleresia de Coimbra, e lhe fará magnifico sahimento com seu trintario cerrado ao uso antigo, que grande fidalgo é e abastado: se é vivo, e Deus quer que não morra, fia d'elle que lhe deparará quem o encontre, e o leve para onde lhe façam o que a nós nos não cumpre por agora fazer. Assim, é dal'o a Deus, e vamos-nos que será grande falta de siso o demorarmos-nos mais. Ora sus, Gomes Vicente, continuou, dirigindo-se ao creado—tu e Pero cavalgai, e ide por ahi ao longo da estrada, para que, se a ronda já vier em caminho, cuide pelo tropear que somos nós, e vos siga. Ide depois ao longo do rio, e esperai á entrada da Figueira, na matta de Pero de Andrade. E vós, senhora, perdoai, mas cumpre á vossa segurança que nos mettamos a pé por estas devesas, para assim chegarmos ao rio sem sermos detidos. Luiz de Camoens—accrescentou, dirigindo-se de novo ao amigo, que ainda não tinha sahido de junto de Alvaro de Moura, e parecia indeciso na resolução que devia tomar—Luiz de Camoens, és uma grande e nobre alma; mas agora nada podemos fazer. Lembra-te que acima de tudo está a honra que nos obriga a velar pela segurança de uma fraca mulher, que acabamos de roubar de um convento.

Assim, dizendo, voltou as costas, e dirigiu-se ao espesso arvoredo que, a pouca distancia, principiava a erguer-se e a emmaranhar-se. Luiz de Camoens ainda lançou um olhar indeciso sobre o corpo do pobre velho; depois traçou por cima do hombro esquerdo o manteu que trazia coberto, e seguiu apressado apoz elles.

Caminharam muito tempo sem dizerem palavra. Simão d'Ornellas, distrahido e sem se lem-

brar que levava de braço uma dama, assobiava uma cantiga favorita dos estudantes de então; D. Beatriz suspirava de quando em quando, lançando ao mesmo tempo olhares curiosos para todos os logares, que se lhe offereciam á vista, de forma que os suspiros mais pareciam meio de fazer-se lembrada e provocar conversação, do que desafogo de magoas que a opprimissem; Luiz de Camoens, esse, ia taciturno e cabisbaixo, como que absorvido no pensamento que intimamente o agitava, e que, de quando em quando, o fazia relancear rapidamente ora Simão d'Ornellas ora D. Beatriz.

Por fim, depois de muitas encrusilhadas e desvios, chegaram a pouca distancia do ultimo lanço da Couraça de Lisboa, por onde, em linha recta, se desce para o rio. Ahi Simão d'Ornellas despertou, deu uma gargalhada, e disse:—

—Eh! que bons homens que estamos para cartuxos, Luiz de Camoens! Ora vê o que de tais dois cortesãos irá agora cuidando comsigo a senhora D. Beatriz! E, á fé, que tem mais que razão.

Luiz de Camoens estremeceu, como se fôra colhido de subito em flagrante delicto de um mau pensamento.

—E de veras que é assim!—exclamou—Senhora D. Beatriz—continuou depois de brevissima pausa—ora fazei-me mercê de dizer: não tendes pena de deixar este ceu tão puro e tão estrellado, este ar tão doce e tão embalsamado da terra, onde nascestes, e onde fostes creada?

—Ai, senhor, não me digais tal—respondeu ella, soltando uma gargalhada leviana—Bem se me dá a mim d'isso. Diogo Botelho tem-me dito que a ilha da Madeira é um verdadeiro paraizo de amores.

—E não tendes saudades da vossa cella—volveu o moço—da cella onde passastes tantos dias de innocencia, onde sonhastes tantos sonhos?...

—Por Deus! não m'a recordeis, senhor—atalhou ella rispidamente—Ninguem chora pelo seu carcere.

—Pois nem ao menos—insistiu elle com bem pronunciado acinte—pois nem ao menos deixais n'ella uma imagem de nossa Senhora, por quem sintais verdadeiras saudades, cuja memoria leveis no coração...

—Ah! senhor, quanto sois poeta!—replicou ella com nova gargalhada—Ora sabei que eu não posso ter saudades d'aquelles santos, porque elles nunca me attenderam ás lagrimas que tantas vezes aos pés lhes chorei. Que se fiquem, portanto, muito nas boas horas. Nenhuma falta me fazem. Por ventura que haverá lá na ilha outros santos mais cortezes do que elles.

E dizendo, repetiu a gargalhada, agora porém mais cascalhada e contente, como quem via no rio, a cujas margens se ia chegando, a segurança da satisfação dos desejos, por cuja realisação viera sobresaltada e receosa até ali.

Luiz de Camoens destraçou de golpe o manteu, e embrulhou-se n'elle com modos sacudidos e de enjoado. A conversação tornou a descahir, e os tres foram avante outra vez silenciosos.

Por fim chegaram á margem do rio, e dirigiram-se a uma barca, que ahi estava presa a terra, toldada e tripulada por quatro remeiros.

—Senhora—disse Simão d'Ornellas—esta é a barca que nos vai conduzir á Figueira. Fazei mercê de entrar n'ella.

E, dizendo, saltou para dentro da barca, e d'ahi estendeu a mão a D. Beatriz.

—Senhor—disse ella então, voltando-se para Luiz de Camoens, e fazendo-lhe profunda mesura—agradeço-vos as tantas mercês que vos devo. Vêde se de mim ordenais alguma cousa, que em tudo vos desejarei sempre contentar e servir. E agora dai-me licença, e ficai-vos com Deus.

O moço estudante não respondeu palavra. Desembuçou-se, tirou o chapeu, e fez um profundo comprimento. D. Beatriz entrou logo para dentro da barca. Segundos depois, Simão d'Ornellas saltou outra vez fóra d'ella.

—Luiz de Camoens—disse então em voz ligeiramente commovida e tomando-lhe a mão—não sei quando, nem mesmo se nos tornaremos a vêr algum dia; todas as vezes porém que te lembres de Simão d'Ornellas, recorda-te que tens n'elle um amigo para a vida e para a morte.

—Simão d'Ornellas—respondeu o moço estudante, igualmente commovido—não sei o que me diz que ainda nos havemos de encontrar n'este mundo, e por ventura em tal azo que muito precisemos das recordaçoens d'estes bons e saudosos tempos da mocidade. Até lá lembra-te sempre de Luiz de Camoens como do amigo e companheiro dos melhores cinco annos que tens de viver n'este mundo.

—Para a vida e para a morte—balbuciou Ornellas, lançando-se nos braços do amigo.

—Para sempre—rumorejou este em voz abafada, apertando-o com força contra o peito.

Assim estiveram alguns minutos.

—Adeus!—disse por fim Simão d'Ornellas.

Luiz de Camoens susteve-o pela mão, que lhe tinha aferrada, e esteve alguns segundos sem dizer palavra e com os olhos fitados no chão. Por fim prolongou-se com elle, e disse-lhe a meia voz ao ouvido:

—Simão d'Ornellas, essa mulher não tem coração. Pobre Diogo Botelho, mau fado o espera!

Simão d'Ornellas fitou n'elle um olhar rapido e scintillante, como vivamente impressionado.

—Talvez—disse por fim em voz grave e melancolica. Depois sorriu-se, sacudiu-lhe a mão, e continuou galhofeiramente:

Quos ego... sed motos præstat componere fluctus

Adeus. Não te esqueças de dizer a mestre Diogo de Teive, que é este o derradeiro latim, que fallarei em dias de vida.

E, abraçando de novo o amigo, saltou ligeiro para dentro da barca. Os barqueiros afastaram-n'a então da margem, e ella principiou a deslisar na corrente pelo rio abaixo, occultando-se aqui e ali nas abobadas verdejantes, formadas pelos ramos que os salgueiros e os choupos debruçavam sôbre a agua.

Luiz de Camoens ficou por algum tempo com os olhos fitos na barca. Por fim embuçou-se no manteu, subiu apressado a Couraça, e entrou para dentro do arco de Balcouce. Dez minutos depois chegava á porta da casa, em que, na rua dos Estudos, moravam os Latinos.

Já passava das onze horas da noite.

III

O que vale o saber e a larga idade
Gastar do estudo vão na subtileza?
Se eu, vendo d'esta noite a esplendideza,
Não sei quem causa tanta novidade?

PAULINO CABRAL.

Na esquina da rua dos Estudos, ao voltar para o Collegio das Artes, vulgarmente conhecido pelo nome de Pateo, havia, em 1543, uma casa de dois andares, cada um com duas janellas sobre a rua, e quatro para o lado do Collegio. Esta casa era habitada por tres estudantes, conhecidos, na giria academica, pela alcunha dos *Latinos*.

Estes tres estudantes, distinctissimos como cursantes de jurisprudencia e já então vantajosa-

mente conhecidos como eruditos no mundo das letras coimbrãs, chamavam-se Diogo Mendes de Vasconcellos, Miguel de Cabedo e João de Mello de Sousa.

Os dois primeiros eram primos, filhos de duas irmãs de D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Vizeu, tantas vezes embaixador de D. João III em Espanha, em França e em Roma. Miguel de Cabedo era de mais a mais filho do famoso jurisconsulto Jorge de Cabedo, desembargador do paço e author de umas *Decisiones*, ainda hoje estimadas como fiel e copioso repositorio de importantes e curiosissimas noticias para a historia dos nossos costumes e organisação politica d'outros tempos. João de Mello, esse, não era parente dos dois primos; mas era, no affecto, ainda mais que se o fôra, não só em razão da diuturna e fraternal convivencia, mas tambem por ser filho de uma familia illustre de Torres Novas, intimamente ligada á familia d'elles.

Os nomes d'estes tres moços, que todos, no decorrer dos tempos, exerceram importantes cargos da republica, lêem-se commemorados com honrosa menção na historia da litteratura portugueza: Diogo Mendes como poeta e sobre tudo como antiquario; Miguel de Cabedo como poeta, e João de Mello de Sousa como author de elegantes poemas latinos, entre os quaes sobresahe a sua magnifica parafrase do Livro de Job, modelo por ventura de trabalhos litterarios d'aquelle genero. Em 1543, já eram apreciados, em grande numero, os epigrammas vertidos do grego em versos latinos por Diogo Mendes; admirava-se a bella traducção latina do *Pluto* de Aristophanes, feita por Miguel de Cabedo; e João de Mello, com apenas vinte e quatro annos de idade, já havia escripto o seu poema philosophico *De miseria hominis*, e levava quasi no cabo o *De reparatione humana*, em que descrevia por epocas a historia da humanidade, des-

de Adão até Christo, segundo as tradicçoens do Genesis e as verdades evangelicas. Era um retalho do pensamento, que inspirou a *Legende des siècles* de Victor Hugo, advinhado, nos meados do seculo XVI, por um poeta portuguez, admirador de Virgilio, de Horacio e de Ovidio.

Estes eram os Latinos. A alcunha não lhes adviera, porém, da circumstancia de elles escreverem em latim. O grego e o latim eram então vulgarissimos na Universidade; e a moda da admiração dos classicos fizera quasi abuso o uso d'aquellas duas linguas. Não era, por tanto, natural que d'ellas lhes brotasse a alcunha. A origem era outra. Possuiam os tres amigos caracter estudioso, vasta erudição e sisuda compostura de porte. Estas qualidades, reunidas ao não menos apreciavel incidente de terem os dois primos frequentado a Universidade de Tolosa, para onde os mandára estudar o bispo D. Gonçalo, n'uma das occasioens em que estivera por embaixador na côrte de França, dava-lhes um certo ar de gravidade, cercava-os de uma certa auréola de sabios, que os travessos estudantes, na sua instinctiva e engenhosa inventiva de alcunhas, haviam traduzido no epitheto de Latinos.

A casa dos Latinos era o centro de tudo o que havia de mais estudioso, de mais grave e de mais intelligente na Universidade. Nos dias lectivos, n'ella se reuniam, depois das aulas, os philosophos, os medicos, e os juristas; e ahi se discutiam os mais graves pontos de controversia, que eram assumptos das liçoens, que iam correndo. Nas vesperas de feriado, depois que anoitecia, enchia-se a casa de poetas e de litteratos, e travava-se, pela noite adiante, illustrada palestra, na qual os Latinos procuravam fazer preponderar as questoens de bellas-letras, as leituras poeticas e as discussoens philologicas e de alta philosophia. E' preciso que se saiba que estes saraus não ficavam

baratos aos tres estudantes. Eram elles naturalmente generosos e francos de caracter, e por isso largos e opulentos em tratar os hospedes. E podiam-no fazer; porque não só recebiam abastadas mezadas que os habilitavam a hombrear com os filhos dos mais poderosos fidalgos da côrte; mas D. Gonçalo Pinheiro, que se desvanecia com a boa reputação dos sobrinhos, ajudava-os tambem do seu farto bolsinho com muitos cruzados e dobras de oiro, que não só davam aos Latinos os meios precisos para terem uma casa airosa e commodamente mobilada; mas punham-n'os a prumo de despender lautamente em doces e vinhos generosos, com que agasalhar os amigos. Esta ultima circumstancia, sobre tudo, fazia litteratos muitos rapazes, que, sahindo as portas d'aquella casa para fóra, não se lembravam mais das letras, nem queriam saber mais de Virgilio nem de Homero, senão quando nova vespera de feriado lhes avivava a recordação da dedicada e profusa homenagem, que, em casa dos Latinos, costumavam pagar em tal dia aos deliciosos flavores dos vinhos do Douro, de Caparica e do Seixal; e aos alfitetes, mirrastes, marmeladas e doces de toda a especie, admiraveis primores das confeitarias dos conventos de Coimbra.

Vamos pois em cata de Diogo Botelho a um d'estes saraus.

Estavam para dar onze horas da noite. Na vasta e espaçosa sala, que occupava toda a frente do primeiro andar da casa habitada pelos Latinos, via-se uma grande e comprida meza de carvalho, forrada de panno verde, acairellado de fita de lã vermelha. Sobre esta meza, redonda nos cantos, ardiam dois candieiros de metal amarello, de quatro bicos cada um. Estes dois candieiros estavam collocados nas duas cabeceiras da meza. No centro via-se uma esplendida serpentina de prata, lavrada a bastioens, nos braços da qual ardiam qua-

tro velas de cera. Esta serpentina fôra mandada a João de Mello pelos pais n'um anniversario natalicio d'elle; e as más linguas, que frequentavam a casa dos Latinos, rosnavam que tão faustuoso presente fôra assim a modo de despique, tomado pelos velhos fidalgos de Torres Novas, do muito dinheiro que o bispo D. Gonçalo mandava escusadamente aos sobrinhos, apoucando-lhes com aquella largueza o filho, com quem elles não repartiam as rendas com a mesma prodigalidade.

De redor d'esta meza estavam sentados quatorze ou quinze estudantes todos moços, todos de aspecto mais ou menos grave, e todos escholarmente vestidos. Entre elles aqui achamos por fim Diogo Botelho, meditabundo e triste, e não de couraça e espada cingida, como o vimos nos Palacios Confusos, mas agora com seu barrete redondo na cabeça, loba cerrada e manteu sem capello, segundo o mandava Sua Alteza, el-rei D. João III, em sua carta de lei de 24 de janeiro de 1539.

Por detraz d'estes quatorze ou quinze estudantes, os quaes todos estavam sentados em cadeiras de alto espaldar, forradas de couro imprensado com sua cravação de latão amarello, viam-se muitos outros, uns de pé e outros sentados, e todos pretendendo introduzir-se o mais que podiam para dentro do grupo, que rodeava a meza.

Reinava silencio grave e profundissimo. Fallava de pé um moço alto, magro e de aspecto severo e doutoral: e pelo colorido demasiado das faces, pela aspereza mal contida da voz e pela luz irritada dos olhos, via-se que se achava embrenhado em renhidissima questão, na qual era violentamente contrariado por contradictor obstinado e audacioso.

—Senhores — dizia elle, forcejando por não desmanchar-se um ponto do apurado primor cortesão, que convinha á sua natural gravidade—a esta opinião me atenho, e do snr. Alvaro Mendes

não ouvi razoens, que d'ella me façam descer. Do que concluio por logica que se tão extremado engenho não achou outros argumentos para m'a contrariar, ella não póde ser racionalmente controvertida. Assim direi, e re-direi sempre — a sciencia da physionomia é a base de todos os estudos, o fundamento de todas as sciencias. Sem ella as demais são impossiveis. *Physionomia*—diz o grande Michael Scoto, o immortal *rerum naturæ perscrutator*, no seu admiravel livro *De physionomia sive de secretis naturæ*—*physionomia est doctrina salutis et electio bonis et vitatio mali, comprehensio virtutis et prætermissio vitiorum.* [1] E assim é, *probo*...

—Ah! senhor, desculpai—atalhou de subito um outro estudante, que o escutava, recostado, com certa insolencia de porte, ao espaldar da cadeira, e com os labios encrespados por um sorriso de ironia e os olhos luzentes fitos no orador. —Ah! senhor, desculpai, mas vêde que vos afundais com tal authoridade. Michael Scoto!... Por vida vossa! Michael Scoto, que ahi mesmo, no proemio d'onde citaes, diz *in fine*—*Si prudentiam, si sanitatem, si cautelam, si fiduciam, si denique hominum mores ac domesticorum animalium naturalium naturas scire cupis Michaelem Scotum legito!* [2] Isto se diz! Isto se escreve! Ha hi maior

[1] M. SCOTI. *De physionomia, sivè de secretis naturæ* (no proemio)—A Physionomia é a doutrina da saude e a eleição do bem e a evitação do mal; o perfeito conhecimento da virtude e a omissão dos vicios.—Miguel Scoto foi escocez, e viveu no seculo XIII. Pertenceu áquella ordem de sabios, que, na idade media, possuiam tudo o que então se sabia de todas as sciencias, e a cujas lucubraçoens e pertinacia estudiosa deve a Europa os primeiros trabalhos de desbravação da ignorancia, em que as invasoens germanicas afogaram a civilisação romana.

[2] M. SCOTI. *De physionomia* etc. (no fim do proe-

audacia e maior farfanteria do que esta! Michael Scoto!.. Um *Petrus in cunctis et nihil in omnibus;* um outro Paracelso, de quem vós, senhor Diogo Mendes, nos contastes que, em Bale, lhe ouvistes dizer, da cadeira abaixo, que Hippocrates, Galeno, e Avicena eram indignos de lhe atarem as correias dos sapatos! E isto se cita! E tal homem adduzis para abonar vossa opinião!

O estudante, assim apostrofado, que se chamava Fernão Peres da Veiga, e era sobrinho do lente de vespera de medicina Thomé Rodrigues da Veiga, empallideceu, mordeu os beiços, e ficou alguns segundos calado, como que para dar tempo a que se lhe dissipassem as fumaças da colera, que aquella interrupção audaciosa lhe incendiara na cabeça.

—Snr. Alvaro Mendes—disse por fim com bem figurada serenidade—perdoai-me, mas vós não tendes razão no que dizeis. Michael Scoto foi um grande homem, um profundo pensador, um sabio; e, pelo ser, querido e estremado de um tal imperador como Frederico II da Allemanha e de um tal rei como Eduardo I de Inglaterra. O logar, que adduzis, nada prova contra o seu grande saber e engenho. O sabio tem direito a chamar pára si a attenção das multidoens ignorantes.

...... *Aut virtus nomen inane est,*
Aut decus et pretium recte petit experiens vir [1]

como diz o lyrico. E que a sciencia da physiono-

mio) Se quereis ter prudencia, saude, cautela, confiança, se em fim quereis conhecer os costumes dos homens e as qualidades naturaes dos animaes domesticos, lêde Miguel Scoto.

[1] Horat. Epist. Lib. I. epist. XVII. 41. Ou a virtude é um nome vã, ou o sabio tem direito a pedir gloria e recompensa.

mia é a base de todas as sciencias, *omnis scientia est a physionomia*, como diz o grande Scoto, *probo*...

—Olhai, senhor, olhai o que fazeis—atalhou Alvaro Mendes, avivando cada vez mais o seu sorriso de escarnecedora ironia—Vêde que Michael Scoto viveu ha perto de tres seculos, e que as sciencias têem caminhado, depois d'elle, a passo de gigante para a frente. Vós que vos authorisais com Horacio, não deveis esquecer o

Insanit veteres statuas Damasippus emendo [1]

e desculpai.

A esta zargunchada insolente, Fernão Peres da Veiga entalou, e fitou no zargunchador um olhar terrivel, metade de homem de espada e metade de questionador academico. Por fim encolheu os hombros desdenhosamente, sorriu-se com ironico despreso, e disparou-lhe com ar triumphante esta bordada latina:

—*Multum autem veteres etiam conferunt, quanquam plerique plus ingenio quam arte valuerunt... Œconomia quoque in his diligentior quam in plerisque novorum erit, qui omnium operum solam virtutem sententias putaverunt* [2], diz Quintiliano.

E, desviando d'elle os olhos como quem o tinha em pouca conta, continuou, dirigindo-se á assembleia:

[1] Horat. Satyr. Lib. III. Satyr. III. 64. Ensandeceu Damasippo a comprar estatuas velhas.

[2] Quint. Inst. Orat. Lib. I. Cap. 8. Porém os antigos são tambem de muito proveito, posto que a maior parte d'elles valeram mais pelo engenho, do que pela arte... Tambem se achará n'elles distribuição de materias muito mais cuidada do que na maior parte dos modernos, que julgaram que a unica virtude de todas as obras estava nas sentenças.

—Que *physionomia est scientia naturæ, et omnis scientia est a physionomia*[1], como diz o grande Michael Scoto, *probo*. Punhamos um caso, e seja o do homem iroso, pois que d'elle ha pouco fallamos. Abri o immortal livro de Scoto, e n'elle, *pars secunda*, *caput quadragesîmum primum*, achareis todos os signaes, por onde, pela simples vista, podereis conhecer um tal homem. O' poder da physionomia! O' sciencia immortal! O' grande Michael Scoto! *Cum cholera nimis abundat*—diz o mais vasto engenho que o mundo tem produzido até hoje—*accidit in facie color citrinus, amaritudo in ore, asperitas in gula, sitis multa, pauca saliva, lingua sicca et aspera*[2]...

— *Nego* — atalhou Alvaro Mendes, pondo-se aqui subitamente de pé—De algum bebado, má hora, será o retrato, que não o do homem iroso, por vida minha! O homem sanguineo e aquelle sobre que impera o signo de Leo é naturalmente iracundo e irritavel, e todavia não se dão n'elle os signaes que o vosso Michael Scoto apregoa. Portanto, senhor Fernão Peres,

Ad populum phaleras. Ego te intus et in cute novi[3]

—perorou em tom escarnecedor.

Fernão Peres da Veiga fitou no adversario um olhar grave e sereno, e assim esteve alguns segundos sem responder palavra.

[1] A physionomia é a sciencia da natureza, e toda a sciencia deriva da physionomia—são passagens de Scoto no proemio do livro citado.

[2] M. SCOTI. *De physionomia, sivè de secretis naturæ.* cap. XLI. Par. II. Quando a bilis abunda demasiadamente, a côr do rosto torna-se citrina, amarga a bocca, apparece aspereza na garganta, ha muita sede, pouca saliva, lingua secca e aspera...

[3] Persio. Satyra III. 30. Ao povo essas negaças. Eu conheço-te por dentro e por fóra.

—Ah! senhor—disse por fim —vós confundis acinte a questão, e, para levar a vossa opinião por d'avante, esqueceis o preceito do orador romano, que diz: *Qui igitur adipici veram gloriam volet, justitiæ fungatur officiis.* [1] Vós os medicos sois todos assim.

—E vós os philosophos não vêdes as cousas senão pela rama —exclamou rijamente Alvaro Mendes—Pois lá diz o rethorico: *In omnibus fere minus valent præcepta quam experimenta* [2] Meditai bem este aphorismo, que faz muito ao vosso caso.

A questão azedava-se a olhos vistos. Os dois contendores calaram-se depois d'estas duas lufadas de colera mal represa, e ficaram-se olhando com olhares enviezados e scintillantes. Para os despartir, ergueu-se então um moço de estatura mediana, cabellos louros e figura bondosa e discreta, mas um tanto ou quanto radiante de gravidade pedagogica.

Era Miguel de Cabedo. Levantou a voz, e exclamou, sorrindo, e estendendo os braços para a frente como para os separar:

—Paz, senhores, paz. Lembrai-vos do que diz o comico latino

Et errat longe, mea quidem sententia,
Qui imperium credat gravius esse aut stabilius,
Vi quod fit, quam illud quod amicitia adjungitur [3]

[3] Terent. Adelphi. Act. I. Scen. I. E erra muito, segundo penso, quem accredita que é mais forte e estavel o imperio que se alcança pela força, que o que se adquire pela amizade.

[2] Quint. Inst. orat. Lib. II. Cap. 5. Em quasi todas as cousas a experiencia vale mais do que a theoria.

[1] Cir. De off. Lib. II, Cap. 13. Quem quizer alcançar a verdadeira gloria, cumpra com as obrigaçoens da justiça.

A presuasão não se apostolisa a vozes; a convicção não se alcança com rigores. As letras repugnam com as armas; e as polemicas letradas, por mais refertadas que sejam, devem sempre findar como as questoens entre namorados, dos quaes diz o lyrico:

In amore hæc sunt mala: bellum,
Pax rursum [1]

Assim, senhores, se me dais licença, agora vos direi o que de vosso muito saber me foi licito colher n'esta sabia polemica; e com isto, se vos parecer, daremos por finda a contenda. A mim se me afigura que vós ambos tendes razão: vós, senhor Fernão Peres, argumentando com a regra geral; e vós, senhor Alvaro Mendes, batalhando pelas excepçoens. Assim, n'um só ponto vos arredais um do outro; e avir-vos-eis logo, se o quizerdes fazer desapparecer, admittindo um a regra geral e o outro as excepçoens a ella. E a mim quer-me parecer que o deveis fazer; porque vós, senhor Alvaro Mendes, não podeis desconhecer que o que Michael Scoto chama sciencia da physionomia, e que nós não podemos chamar de outra maneira, porque

.... *nec nostra dicere lingua*
Concedit nobis patrii sermonis egestas. [2]

já era conhecido dos antigos poetas, que, segundo ella regulavam os movimentos dos rostos dos

[1] Horat. Satyr. Lib. II. Satyr III. 267. No amor este é o mal; guerra, e depois da guerra outra vez a paz.

[2] Lucret. De rerem natura. Lib. V. 831. A pobreza do patrio idioma não nos concede que o digamos na nossa lingua.

seus heroes; memorada por Aristoteles; e approvada pelo famoso Galeno, de quem Ravisio Textor diz na sua *Officina—Hunc Avicena cœterique omnes medicorum principem fatentur.* [1] E vós, senhor Fernão Peres, tambem não podeis contradizer o não haver regra sem excepção. Ahi está Alberto Magno [2] com o seu livro *Aggregationis seu secretorum naturæ*, e igualmente com o livro *De mirabilibus mundi* a ensinar-n'os um sem numero de segredos, que alteram o curso natural das cousas. E que dizeis tambem dos admiraveis prodigios e monstruosidades, memoradas pelo citado Ravisio, com os quaes tem Deus espantado por vezes os seculos;

[1] Avicena e todos os outros confessam ser elle o principe dos medicos.

Joannes Ravisius Textor é o nome latino de João Tixier de Ravisi, famoso erudito francez que viveu nos fins do seculo XV e principios do XVI. A *Officina vel naturæ historia perlocos* foi a primeira tentativa, conhecida, de uma encyclopedia.

[2] Alberto Magno foi frade dominico e bispo de Ratisbonna. Nasceu nos fins do seculo XII, e morreu, com oitenta e sette annos de idade, no derradeiro quartel do seculo XIII. Foi por ventura o homem mais erudito da idade media, e pertence ao numero d'aquelles corajosos e infatigaveis iniciadores das sciencias de que faz parte Miguel Scoto. Foi elle quem fez conhecida a maior parte das obras de Aristoteles, e teve a honra de ser mestre de S. Thomaz de Aquino, o primeiro philosopho racionalista. A sua grande erudição grangeou-lhe o epitheto de *grande (magnus)*. Apezar d'isso, as suas obras são um mixto de verdades scientificas, e de extravagancias e abusoens, que, hoje, fariam rir o mais assalvajado estudantinho de philosophia natural; são, de veras, como as da maior parte dos seus encyclopedicos contemporaneos, o primeiro clarão do alvorecer das sciencias.

Terruit gentes, grave ne rediret
Sæculum Pyrrhæ nova monstra questæ [1],

como diz o lyrico? E, comtudo, por ellas se terem dado, não devemos dizer que a natureza não tem regras que lhe determinem uniformemente o modo de ser; nem, por essas regras existirem, é bem que se duvide da possibilidade de aberraçoens, taes como as que se têem dado. Portanto, senhores, a mim se me afigura que concordareis facilmente se quizerdes eliminar o só ponto, em que andais controvertidos; e esse ponto, a meu parecer, deveis eliminal-o como homens de tanto engenho e de tamanho saber que sois. Vós, senhor Alvaro Mendes, tende por certo que nada se faz n'este mundo acaso; e vós, senhor Fernão Peres, accreditai que n'elle não ha mais que uma regra sem excepção, e esta é a morte, a que todos estamos sujeitos, ou como diz elegantemente nas Sylvas o author da Thebaida

Quicquid habet ortus, finem timet. Ibimus omnes,
Ibimus: immensis urnam quatit Æacus umbris [2]

Miguel de Cabedo acabou o seu longo arrazoado, feito no tom pedagogico e doutoral, que se lhe tinha pegado da sua reputação de sabio, com um sorriso amavel e cortezão, no qual pretendia esconder a ferula magistral, que havia empunhado.

Fernão Peres ficou silencioso, gravemente aprumado na cadeira, em que estava sentado, com ca-

[1] Horat. Carm. Lib. .I. Ord. 2. Aterrou as gentes com o receio de que se renovasse o triste seculo de Pyrrha, queixosa de nunca vistos prodigios.

[2] Statius. Sylvarum Lib. II. *Epicedion in Glauciam Melioris*, 218. Tudo o que nasce, receia a morte. Iremos todos, iremos: Eaco sacode a urna repleta de innumeraveis sombras.

ra, não de convencido, mas de quem não replicava por cortez. Alvaro Mendes, porém, mais fogoso e menos refolhado do que elle, acudiu logo, dizendo:

—Vós discursastes assisadamente, senhor Miguel de Cabedo; mas, em quanto a Miguel Scoto, tenho a dizer-vos...

—Ora, por meu amor, senhor Alvaro Mendes—atalhou o moço Cabedo, com o sorriso amarello do sabio despeitado que pretende occultar com a amabilidade a ferida, que a contradicção lhe fez no amor proprio—Ora, por meu amor, que deixeis para lá Miguel Scoto. Assim como assim, e por mais que d'elle digais, não podereis negar seu grande saber, nem escurecer os immensos serviços, que fez ás sciencias. Olhai, senhor, diz Lucrecio, e á opinião d'elle se atéem n'este ponto todos os homens que estudam:

.....Deus ille fuit Deus, inclute Memmi,
Qui princeps vitæ rationem invenit eam, quæ
Nunc appellatur Sapientia; quique per artem
Fluctibus e tantis vitam, tantisque tenebris,
In tam tranquillo, et tam̃ clara luce locavit. [1]

E com isto basta, e passemos a outro assumpto, que aqui está João de Mello aguardando que lhe demos logar para elle nos ler o que, desde sabbado passado, compoz do final do seu poema *De reparatione humana.*

Alvaro Mendes franziu descontente os sobr'-olhos, e sentou-se com ar sobranceiro. Seguiu-se

[1] Lucretius. De rerum natura. Lib. V. 8. Deus, aquelle é Deus, inclito Mem[illegible], que primeiro achou razão da vida, que se chama sabedoria; e que por sua arte arrancou a vida do meio de tantas vagas e de tantas trevas, e a poz em tanto socego e claridade.

por alguns segundos profundo silencio. De subito um estudante de cara abregeirada, que estava de pé por traz dos que rodeavam a mesa, rompeu por elle, resmoneando como para si, mas em voz sufficientemente audivel:

—Bem está. Brava referta, por vida! Ora bem cuidei que lhe não veriamos fim. Mas até que, graças a Deus,

...........ægra virorum
Corda labant: nec quæ regio, aut discrimina, cernunt [1]

Era a farça no meio do drama. Este é e foi sempre o verdadeiro espirito academico; misturar o ridiculo com as cousas mais graves. Aos vinte annos, o homem até da morte se ri.

A esta coarctada inesperada e burlesca seguiu-se um frouxo invencivel de riso em todos os circumstantes, os quaes, na maior parte, já tinham bocejado mais do que uma vez durante a erudita polemica. Fernão Peres e Alvaro Mendes rodearam com olhares de altaneiro e irado despreso toda a companhia; e Miguel de Cabedo acudiu logo a atalhar aquella alegria descortez, que de todo o ponto destoava com a sabia gravidade, que era a alma da consideração, em que os Latinos e os seus saraus eram tidos.

—Ora, João de Mello—disse pois, dirigindo-se ao companheiro—se vos apraz, principiai a vossa leitura.

—Então não aguardamos Luiz Vaz de Camoens? —respondeu o futuro author da parafrase do livro de Job—moço alto e reforçado de corporatura, fronte larga e desassombrada e aspecto melancolico e grave, que escutára em silencio e com

[1] Val. Flaccus. Argonanticon; Lib III. 74. Esmorerem os coraçoens sobresaltados dos varoens; não vêem onde estão, nem que perigos correm.

fria e cortez impassibilidade a passada polemica.

—Ah! sim, Luiz Vaz. Já se me olvidava—volveu em gesto e tom de condescendente indifferença Miguel de Cabedo, que no seu orgulho de traductor de Aristophanes, não admittia que, estando elle presente, se desejasse mais opinião ou louvores do que os seus—Mas vêde que a noite já vai adiantada. Por ventura que não virá elle.

—Em tal caso ficará a minha leitura para outro feriado—replicou com glacial serenidade João de Mello.

E fitando aqui firmemente o amigo, continuou segundos depois:

—Vós bem sabeis, Miguel de Cabedo, a grande conta que faço da opinião e dos alvitres d'aquelle grande engenho poetico. Assim desculpai, mas não o escuso; e se não vier, ahi temos em que melhor empregar o tempo que nos resta...

Aqui o relogio da Universidade principiou a bater onze horas.

—São as onze—interrompeu Miguel de Cabedo em tom de quem pretendia justificar a censura da escusada exigencia do companheiro.

Este, porém, retomando o que ia dizendo nas palavras em que fôra interrompido, continuou logo sem alterar a impassibilidade, com que estava fallando:

—Ahi temos em que empregar melhor o tempo que nos resta, do que na leitura do meu poema. Diogo Mendes, que hoje faz annos, compoz a elles um formoso epigramma...

Aqui João de Mello foi interrompido por uma salva de palmas, de vivas e de brados enthusiasticos, que victoriavam Diogo Mendes, e o apodavam affectuosamente, censurando-o por occultar a festa e os versos.

—Ora vêde como estava calado o senhor! E isto se soffre! Esconder o anniversario aos amigos! Não deixar solemnisal-o como cumpria. *Dii*

vostram fidem! Haja descante; vamos arranjar-lhe uma matinada. *Evohé! Pæan*! Viva Diogo Mendes!

E com estes brados e outros similhantes, principiaram logo a abalar-se, para sahir, uns poucos de estudantes dos que estavam de pé, e que, por pertencerem á ordem dos litteratos dos doces de Cellas e dos vinhos do Douro, aferravam soffregamente a occasião, que se lhes offerecia, de acabarem com o sarau das letras, e fazerem repetir o sarau dos alfitetes e mirrastes, que era o que lhes dava coragem para aturarem o outro até o fim.

Mas n'isto soaram est'outros brados:

—Os versos! os versos! Venha o epigramma; queremos o epigramma!

Eram os amantes das letras, que os soltavam; mas os outros, mais em numero e dotados de maior audacia, arremetteram estrepitosamente com a exigencia litteraria, e levavam já de vencida os eruditos, quando entraram na sala dois pagens, que chamados por Miguel de Cabedo, correram a trazer os doces e os vinhos. A reapparição d'estas preciosidades, que haviam desapparecido de sobre a meza ahi pelas nove horas da noite, conciliou a gastronomia com a litteratura. Seguiu-se uma tempestade de brindes e de apostrofes, dirigidas em grego e latim a Diogo Mendes. Este respondia ora n'uma, ora n'outra lingua, e desfazia-se em mesuras e comprimentos de todo o primor cortezão. Nos gestos e nos modos d'aquelle moço de pouco mais de vinte annos de idade, havia já todo o geito do diplomata que, annos mais tarde, havia de assistir ao concilio de Trento como secretario da embaixada portugueza; e uns certos assomos da gravidade austera, de que devia ser dotado o homem, que, na idade madura, havia de ser nomeado inquisidor de Evora pelo cardeal D. Henrique,

A tempestade bacchica duraria até o fim da noite, se os eruditos lhe não fossem á mão, exigindo agora com imprerogaveis brados a leitura do epigramma.

A modestia pedia que Diogo Mendes se escusasse ao principio. Assim o fez elle, aproveitando a occasião de fazer uma allusão lisonjeira á superioridade poetica de João de Mello de Sousa. Por fim a cortesia mandava ceder.

—Ah! senhores—disse então, tirando do bolso da aljubeta um papel—ah, senhores, que hei pejo de tanto me obrigardes por causa de tão pouca valia. O epigramma eil'o aqui; mas, por vida vossa, não accrediteis João de Mello. Vêde que me correrei de o ler, pois que os gabos que elle lhe fez, não são mais que cegueira de amigo...

—Senhor, vós não nos fareis tal affronta, negando-vos a ler a obra, que, para ser boa, basta ser de vosso engenho—exclamou aqui o fogoso Alvaro Mendes—Assim, desculpai...

E, dizendo, arrancou o papel das mãos de Diogo Mendes.

—Bravo! Bravo, senhor Alvaro Mendes! Lêde-o vós, lêde o epigramma—exclamaram uns poucos de litteratos, batendo as palmas.

A lisonja assim e na bochecha era o unico respiradouro do elogio-mutuo d'aquella epoca. O pobrete vivia então atabafado nos corrilhos dos freires jurados ao thuribulo. Não tinha a respiração tão larga como hoje. Faltava-lhe o folhetim, o magno canhão raiado, com que os talentos-mutuos se annunciam, com salvas de polvora pôdre, aos quatro ventos da publicidade.

Diogo Mendes com a modesta cara de author, que sabe que vai ser elogiado, ainda que diga muita semsaboria e escreva muita ignorancia com fumos de erudição (cousa de que infelizmente ninguem se persuade) fez muitos biôcos de inge-

nuo, gemeu, soluçou, exclamou, e terminou por dizer: —

—Ao menos, senhor Alvaro Mendes, não tenhaes vós o trabalho de ler. Olhai que, se o fizerdes, ainda mais me correrei do pouco que vale o meu epigramma. O' Santa Maria! Um nonada que fiz só para meu desporto! Por vossa vida, que m'o restituaes, que á fé, que o lerei...

—Senhor, não me façais tal desaguisado, não me negueis a honra de o ler—acudiu Alvaro Mendes com enthusiasmo—Bem sabeis que voz tenho e boa arte para entoar os versos latinos. Assim, com vossa licença...

—Senhor Deus, misericordia!—exclamou o futuro inquisidor de Evora, cobrindo o rosto com as mãos.

Alvaro Mendes aprumou-se, ageitou o manteu, apurou a voz, e em seguida poz-se a declamar com gravidade epica:—

Salva læta dies, qua primum luminis auras
Hausimus, et vitæ sumpsimus auspicium
Pulchra dies, toto qua nulla est pulchrior anno,
Divorum gemino fulta patrocinio;
Sis felix et fausta mihi, multosque per annos
Majori semper lætitia redeas.
Per te læta viret tellus [1]...

—Bravo! bravo! Oh! como é galante! Isso é que é fallar—soou então de subito e rijamente do

[1] Este bello epigramma, por ventura a melhor das poesias de Diogo Mendes de Vasconcellos, encontra-se a pag. 372 do primeiro volume da collecção dos poetas luso latinos do padre Antonio dos Reis, intitulada *Corpus illustrium poetarum lusitanorum, qui latine scripserunt.* O leitor curioso d'estas antigualhas litterarias, o encontrará copiado por inteiro, em appendice, no fim do romance.

lado da porta; e ao mesmo tempo troaram umas poucas de palmas batidas com valentia.

Alvaro Mendes interrompeu-se de golpe, e todos os olhos se voltaram para a porta.

No lumiar d'ella estava o nosso conhecido Luiz Vaz de Camoens, ou para de todo dizer francamente o que os leitores conheceram desde logo que o fiz apparecer, estava o poeta que, annos mais tarde, se tornou europeu pelo simples nome de Luiz de Camoens—o Homero do mundo moderno, o immortal cantor dos Lusiadas.

IV

> Nove deusas louçãs, tres deusas nuas
> Te abrem thesouros, cada qual te admira
> No verso graças mil, que foram suas:
> Assaz luziu teu estro; a mais aspira,
> E estranho não será que substituas
> A lyra de Marão de Flacco á lyra.
>
> BOCAGE. Son. Liv. I. 62.

Luiz de Camoens tinha então vinte annos de idade.

Desde já previno o leitor que lhe não vou descrever o Camoens do enthusiasmo, da veneração e do orgulho nacional; o Camoens legendario, o Camoens monumento, com um só olho, de coroa de louros na cabeça, de aspecto sisudo e grave: o Camoens mendigo, esquecido pelo rei e pela patria, esmagado pela sorte e pelos homens, que tinha um jau que esmolava de noite o que elle comia de dia, que morreu no hospital, e que foi enterrado na valla commum, embrulhado n'um lençol que lhe deram por caridade.

Este Camoens é o Camoens da poesia, especie de mytho que resultou das trapaças dos poetas e

da influencia exercida por um homem de genio sobre toda uma nação. Mas não é o Camoens da verdade, o Camoens do romance historico, que, para justificar a audacia de resuscitar o passado, tem obrigação de fazer caminhar as epocas e os homens taes quaes ellas e elles foram. O Luiz de Camoens, que vou apresentar aos leitores, é portanto o Camoens da historia; tal qual elle foi ou aproximadamente o que elle foi; tal qual em fim o deixaram descripto os contemporaneos, ainda os seus mais intimos; e elle proprio mostra que foi, não no poema, em que fallando de si, o faz debaixo da pressão da consciencia de que possuia um grande genio, um genio que devia offuscar aos olhos do mundo os desacertos e os desvarios do homem; mas nas cartas, nas poesias ligeiras e mesmo nas comedias, em que se apresenta desassombradamente o escriptor de carne e osso, com as tendencias, com as paixoens, com todo o caracter em relevo e francamente a descoberto.

Eu bem prevejo que este Camoens não ha-de agradar á maxima parte dos leitores d'estas paginas. O desendeusar os penates paga-se caro. O *veritas odium parit* de Juvenal tem aqui applicação litteralissima. Mas eu fio que se os meus leitores deixarem passar as primeiras fumaças do entejo, que lhes ha-de causar o atrevimento de lhes desenfeitarem o seu Camoens tradicional das falsas lentejoulas com que o trazem entrajado, e de que de veras elle não precisa quer como grande alma, quer como grande poeta; e se pensar depois friamente um pedaço, ha-de vir a concordar comigo em que se pode ter dois olhos, ser feio, extravagante, perdulario e cabeça airada, e ser comtudo Homero ou Luiz de Camoens.

O ser cego, ter um olho só ou ser formoso não é predicado essencial do homem de genio; mas o que é infelizmente verdade é que a natureza, talvez por compensação, nega em geral aos gran-

dos talentos o tino necessario para se governarem na vida pratica. O passado e o presente abonam a verdade d'estas asserçoens; e é muito para duvidar que o futuro se encarregue de as desmentir. Assim se os leitores tiverem a bondade de concordar comigo em que nem todos os grandes talentos foram bonitos, e que d'elles em geral se póde dizer que todos tiveram uma ou duas aduelas de menos, fico eu mais senhor de mim e muito mais desafrontado para lhes descrever o Camoens da historia, o Camoens da verdade, o Camoens dos contemporaneos, o Camoens emfim d'elle proprio.

Como acima disse, em 1543, Luiz de Camoens tinha vinte annos de idade.

Era de estatura mediana, grosso de hombros, e refeito e alentado de corporatura como homem de grandes forças. Tinha os olhos castanhos-claros, scintillantes e cheios de vida e de energia; os cabellos eram côr de açafrão; a fronte um pouco carregada; o nariz comprido, alto no meio e grosso na ponta, e a bocca rasgada e sobre o grande. A barba, que usava inteira e elegantemente penteada em ponta aguda, annellava naturalmente e era verdadeiramente ruiva.

Como se vê, o aspecto de Luiz de Camoens, Luiz de Sá de Camoens, ou Luiz Vaz de Camoens, que por todos estes tres nomes se assignou o Homero dos Lusiadas, não se podia chamar bonito. Tinha porém um certo aprumo e desempeno elegante, que lhe davam airosa graciosidade; e quem lhe fitasse o rosto, que era n'elle verdadeiro espelho da alma, sentia-se fascinado por uma certa aureola dominadora, um certo resplandor grandioso, que revelava, logo á primeira vista, aquella grande alma e aquella grande inspiração, d'onde brotaram por fim os Lusiadas, e d'onde lufavam em torrentes os generosos e audazes pensamentos, que o faziam aspirar ás *grandes empre-*

zas e que a regioens tão apartadas o levaram mais tarde. [1]

Luiz de Camoens, fidalgo pelo sangue, tambem nascera fidalgo pela indole. Era cavalheiresco, generoso, magnifico e liberal até á prodigalidade. Na mocidade gostou de trajar com elegancia e luxo; e, moço e velho, em toda a idade, foi grande admirador de mulheres, no que, pelo que parece, não era ruim de contentar. Dotado de grandes forças e de intrepidez quasi temeraria, nunca voltou a cara aos perigos, nunca os mediu a palmos, nunca receiou affrontar-se fosse com quantos fossem. D'esta coragem verdadeiramente heroica e cega, que lhe valeu dos contemporaneos a alcunha do *Trinca-fortes*; e do genio brioso, susceptivel e ardente, de que era naturalmente dotado, originou-se-lhe o ser rixoso, volteiro, e prompto a arrancar a espada e a armar por qualquer palha um arruido. Era o que se chama um verdadeiro espadachim; do que parece que fazia maior alarde e basofia, do que do grande genio e da grande intelligencia, com que Deus o tinha enriquecido. E cumpre observar aqui que isto

[1] Estas palavras são de uns apontamentos manuscriptos, encontrados no convento de S. Domingos de Aveiro, e citados pelo snr. visconde de Jerumenha na sua edição de Camoens, vol. I, pag. 33. N'estes apontamentos, que se diz terem sido escriptos por um fr. João dos Remedios, confessor de D. Catherina de Athaide—não a Natercia do poeta, mas outra de igual nome, que d'ella fôra companheira no paço—conta-se que aquella senhora, sem nunca revelar os segredos dos amores da sua amiga, negava, porém, que elles tivessem sido causa da ida do poeta para a India. *E todalas as vezes*—diz o manuscripto—*que no poeta desterrado por essa razão lhe falava, sempre em resposta havia que assi não era, e que fôra aquella alma grande que para emprezas grandes, e a regioens tão apartadas o levaram.*

n'elle era sestro de familia. Desde o primeiro Camão até o primeiro Camoens; desde o primeiro Camoens até o poeta, derradeiro descendente do segundo filho de Vasco Pires, todos foram assim, não só na mocidade mas até na velhice. Abundam as provas d'esta asserção na historia da familia. De uma porém quero eu dar conta ao leitor, porque a acho de veras graciosa. Saiba pois que a ultima vez que Luiz de Camoens esteve, em Portugal, na cadeia, não foi por victima da inveja e da perseguição dos contemporaneos ao seu grande talento, mas sim por ter acutilado em pleno dia e em pleno campo de Sant'Anna, em dia de *Corpus Christi*, a um certo Gonçalo Borges, creado d'el-rei, *no pescoço por baixo do cabello do toutiço.* [1] Do logar dos ferimentos deprehende-se cabalmente que o nosso Homero, quando dava, dava logo a valer. D'esta prisão, em cuja justiça é forçoso concordar, sahiu elle por perdão d'el-rei e do ferido, oito dias antes de embarcar para a India. Ora quer o leitor saber quem elle teve por companheiro de prisão? O pai, que lá fôra mettido por nada menos do que por ter assaltado e invadido o convento de Sant'Anna de Coimbra, e que foi solto muito poucos dias antes do filho. E' de notar a coincidencia; e de notar é tambem que Simão de Camoens, pai do nosso Homero, era tambem poeta, como igualmente o tinham sido todos os volteiros Camoens até elle.

Para completar a pintura do caracter d'este vulto grandioso da historia litteraria portugueza; d'este poeta, cujo nome foi por tantos annos o

[1] São palavras do alvará de perdão concedido por este facto ao poeta a 7 de maio de 1553. Veja-se sobre isto, e sobre as mais circumstancias da vida de Camoens, o primeiro volume da edição Jerumenha, laborioso repositorio de noticias curiosissimas ácerca do author dos Lusiadas.

unico padrão, que recordava á Europa que n'este canto do extremo occidente existe uma nação chamada Portugal, que foi, no seculo XVI, a infatigavel e audaz iniciadora da civilisação do mundo moderno, resta-me accrescentar que o poeta dos Lusiadas, reunia ás grandes qualidades intellectuaes que possuia, um caracter jovialmente epigrammatico e motejador, e conversava tão peregrinamente que a sua companhia era vivamente estimada e desejada por todos.

Tal foi Luiz de Camoens—a justa e immortal reputação de grande genio, contra a qual marram debalde as pretençoens e as vaidades ridiculas dos Macedos e quejandos:—o unico epico verdadeiramente homerico, que a humanidade tem produzido depois d'aquelle grandioso typo primitivo; homerico pela nacionalidade do assumpto, homerico pela grandeza e pela influencia que teve sobre a civilisação do mundo o facto que lhe serve de thema, e homerico pela magestade das concepçoens e pela grandiosa simplicidade descriptiva, que o seu grande genio lhe inspirou para cantar aquelle momentoso feito.

Tal foi elle, o poeta suavissimo, cujos versos sonorosos correm naturalmente, e sem resaibo sequer de terem sido trabalhados na bigorna dos metrificadores artistas, e sem carecerem do retumbar bocagiano para corresponderem á grandeza da ideia; tal foi elle, o escriptor que levou a lingua á perfeição, em que hoje se acha; o poeta que até é grande nos proprios defeitos, porque soube transformal-os em esplendidas fontes de admiraveis bellezas, diante das quaes se teem extasiado os seculos. E' extravagante, é de veras contrario a todas as regras a mistura da mythologia com o christianismo; mas se não fosse essa extravagante mistura, não possuiriamos hoje formosissimos trechos de admiravel poesia, não possuiriamos a Ilha dos amores, não possuiriamos o

episodio do Adamastor, a mais grandiosa e sublime concepção, de que a moderna litteratura se póde gloriosamente ufanar.

Uma imaginação creadora como a de Luiz de Camoens não pára defronte das barreiras da arte, quando vê para além d'ellas bellezas sem conto, que a sua quasi omnipotencia póde transformar em sublimidades. O Pegaso dos genios como elle, é o Pegaso descripto por Victor Hugo nas *Chansons des rues et des bois*; hippogrifo fogoso e indomavel, que se alguma vez se consegue *mettre au vert*, empina-se, corcoveteia, resalta em galoens e corcovas, e por fim rebenta das mãos de quem o soffreia, e, ao arremessar-se de novo ao espaço—

Son flanc, ruissellant d'etincelles,
Porte le reste du lien,
Qu'on a taché de lui mettre aux ailes
Despreaux et Quintilien.

Sanhudissimos e não menos gravissimos sabios, que obrigaes a sombra do pobre Horacio a montar ás cavalleiras de todos os arrojos da intelligencia humana, de que não falla a epistola *ad Pisones*; enfatuados herdeiros da burlesca sobranceria do pedante Boileau, que escreveu a Arte poetica e a Ode á tomada do Namur; negai ao cantor dos Lusiadas o logar eminente que occupa a par da grandiosa sombra de Homero; chamai mediocridade á reputação europeia de quasi tres seculos; mordei com farfante pedantismo nas irregularidades plasticas da sublime Iliada da descoberta da India, depois ide metter-vós a um canto, onde vos não possam enxergar, para poderdes dormir á vontade, extasiados na leitura da *Henriade*, o mais regular de todos os poemas epicos que se têem escripto até hoje.

Mordei, mordei, que o mundo ri-se de vós ás gargalhadas, e Camoens fica sempre Camoens.

Quando o leitor e os ouvintes do epigramma de Diogo Mendes, voltaram os olhos para a porta, attrahidos pelas palmas e pelos bravos, que de junto d'ella soavam, deram, como já disse, com a pessoa de Luiz de Camoens, que com o rosto todo sorrisos, o chapeu de Simão d'Ornellas reclinado sobre a orelha direita, e o manteu descahido do hombro esquerdo, palmeava, applaudindo estrepitosamente.

—Bravo! Bravo! Oh! como é galante! Isso é que é fallar—dizia elle.

Em seguida dirigiu-se para a meza, cujos circumstantes havia relanceado com um olhar prescrutador; e, ao perpassar por Diogo Botelho, lampejou rapidamente sobre elle um olhar significativo, balbuciando ao mesmo tempo e quasi imperceptivelmente:

—Partiram.

E logo, tomando um pichel de louça da China, encheu-o de vinho, e ergueu festival e enthusiastico brinde aos annos de Diogo Mendes.

Os amadores corresponderam com estrepitosa e profusa dedicação. Applacada aquella nova tormenta, Miguel de Cabedo disse, sorrindo:

—Ah! por fim, é chegado o senhor. Com que anda o vaganão por lá tresnoitado, fazendo das suas—

Tu gravi curru quaties Olympum.
Tu parum castis inimica mittes
Fulmina lucis [1]—

e o tempo precioso a fugir, e os amigos aqui aguardando anciosamente por elle!

—*Pœnitet*—respondeu o poeta, inclinando pie-

[1] Horat. Carm. Lib. I Ode 12 Tu abalarás o Olympo com o pesado carro, e fulminarás raios inimigos sobre os bosques contaminados.

dosamente a cabeça—d'isso me corro, e peço absolvição; que pelo de mais, eu fiador que sou como Cesar Octaviano, de quem diz Suetonio, *Festos et solemnes dies profusissimé, nonunquam jo-culariter celebrabat.* [1] Ora sabei que estive dando uma matraca áquelle chocho e sorna de João Vazeu, que d'esta feita ficou para nunca mais. Mas, sus, não hajam aqui mais parlandas, nem delongas escusadas. Corra o epigramma de Diogo Mendes, que estou morrendo pelo ouvir.

—E tanto vos apraz elle?—disse de lá o author, relanceando um olhar de diplomata sobre o poeta.

Diogo Mendes conhecia-lhe a fundo o caracter epigrammatico e amigo de chancear, e por isso receava-lhe os apódos, abonados como eram por um caracter arrebatado e volteiro, e por uma espada maior que as da marca.

—Se me apraz!—replicou o moço Camoens—O' graciosa pessoa! Ora vos digo, Diogo Mendes, que se tal é no cabo como é no começo, nunca outro fizestes mais galante, nem eu ouvi melhor invenção em dias de vida. Portanto, senhor Alvaro Mendes, fazei-me mercê de continuar, que todo eu sou ouvidos, incluindo coração, bofe, baço, e toda a mais cabedella.

E, dizendo, aprumou com imperturbavel gravidade a espada entre os joelhos, cruzou as mãos sobre a maçã do punho, e recostou sobre ellas a face direita. Depois semi-fechou os olhos, e ficou-se aguardando a leitura, comoque preparado com o profundo recolhimento do entendedor, que não quer perder uma só das bellezas da obra.

Alvaro Mendes desempenou de novo a garganta, e retomando a leitura do epigramma no come-

[1] Suet. De XII Cæsaribus Lib. II. Celebrava os dias feriados e solemnes profusamente, e ás vezes só com brincadeiras.

ço do verso, a cuja metade fôra interrompido, foi avante, crescendo em enthusiasmo á medida que ia avançando pela obra dentro.

A poesia de Diogo Mendes principiava saudando amorosamente o mez de maio, em cujo primeiro dia nascera o poeta, e fazendo votos para que elle se lhe repetisse ainda muitos annos, cada vez mais prospero e festival. Seguia-se uma suave e mimosa descripção dos primores d'aquelle mez, o mez em que a natureza se veste de flores, e que tudo parece fallar de amores; e fechava com uma sentença, que destoava, pela gravidade philosophica e pela chochice do conceito, com a mimosa e delicada aura poetica que rescende do todo da obra. Diogo Mendes, depois de se gabar e dar por feliz por ter nascido no mez das rosas e dos favonios, ergue as mãos e diz com ademanes de beato—«Mas é só verdadeiramente feliz o sabio, que encaminha as epocas da vida ao serviço do supremo Senhor.»

Alvaro Mendes acabou a leitura do epigramma, dando á voz a canonica authoridade, que pedia a sentença final. Ergueu-se logo estrepitosa salva de vivas e de applausos ao author e aos seus annos. Todos, incluindo os domnos da casa, partilharam d'este justo e cortez enthusiasmo; todos excepto Luiz de Camoens, que não se mexia, continuando com a cabeça recostada sobre as mãos e os olhos semi-fechados. Esteve assim por todo o tempo, que durou o frenesim das acclamaçoens. Diogo Mendes principiou então a inquietar-se com o silencio do volteiro e já admirado poeta de tantas cançoens maviosas, e por fim não pôde desfarçar a anciedade no olhar, com que, por debaixo das pestanas, o fitava surrateiramente.

Miguel de Cabedo acudiu aqui como bom parente á anciosa suspensão do author.

—E que diz micer Trinca-fortes á obra?—disse pois em tom jovial e de familiaridade—Ador-

nasceria, por ventura, ou seccar-se-lhe-ia a veia poetica, de que

Non semper imbres nubibus hispidos
Manant in agros [1]...?

A esta apostrofe Luiz de Camoens levantou lentamente a cabeça, meneando-a com muita gravidade. Os que lhe conheciam o genio folgazão e escarnicador, duvidaram desde logo d'aquella seriedade. Elle, porém, sem d'ella se desmanchar um ponto, tomou o pichel, que tinha diante de si, e, erguendo-se com elle empunhado, exclamou:—

—Viva muitos annos Diogo Mendes de Vasconcellos. Senhores, por S. Pisco de pau, que ha aqui muito que applaudir e que admirar. Desde que ha tres mil annos se escreveu o primeiro epigramma, é este até hoje o unico que se tem apresentado de cara lavada e nova. Sus, por Diogo Mendes; *evohé!* pelo primeiro poeta que não praguejou do dia em que nasceu, mau costume safado e chocho, que data da hora tremenda, em que a espada coruscante do anjo poz fóra do paraizo o guloso do pai Adão.

Assim dizendo, esvasiou de um trago o pichel, acompanhado dos *évohés!* dos vivas e das risadas dos que vinham ali só por causa dos doces e dos vinhos, e para quem um gracejo bem apimentado era mais saborosa conversação do que a melhor ode de Horacio e os mais sonorosos versos de Virgilio.

Diogo Mendes, de fronte derrubada, parecia em pontos de soçobrar debaixo d'aquelle temporal desfeito de mal desfarçado ridiculo. Ao vel'o assim, a alma generosa do moço Camoens acudiu

[1] Horat. Carm. Lib. II. Ode IX. Nem sempre das nuvens cahem chuvas sobre as campinas hispidas.

a reparar o mal, que o seu genio gracioso e naturalmente epigrammatico havia involuntariamente causado. Fingindo, pois, não comprehender a damnada tenção dos companheiros, por elles mal disfarçada nas risadas e vivas, que soltavam, continuou, dirigindo-se a Diogo Mendes:—

—Ora vos digo, Diogo Mendes, e sobre isso vos empenho a minha palavra, que o vosso epigramma é obra formosissima e de muito primor. Ali está de veras a formosura do mez de maio, do mez da primavera, do suave natal das flores. Sente-se o perfume das rosas, os beijos suavissimos e embalsamados dos zephyros, os *sorrisos* lascivos das campinas côr de esmeralda, sente-se n'uma palavra o dulcissimo mez dos amores. *Bem* hajaes vós, Diogo Mendes, bem hajaes vós que tão bem comprehendestes as suaves alegrias, que sorriem no universo na epoca do rejuvenecer dos tempos; e as cantastes em versos melodiosos, sem fazer zumbaias a Mecenas, mas franca e *desassombradamente*, agradecendo a Deus o ter-vos feito nascer no meio dos perfumes d'aquellas suavidades. Qualquer outro poeta, mesmo rico e abastado como vós, teria melancolisado o quadro com os queixumes, verdadeiros ou sonhados, das *suas* amarguras e dos seus dissabores...

—Isso é velho—acudiu seccamente Miguel de Cabedo, a quem se afigurou que a allocução do poeta ia aproando outra vez pelo rumo do escarneo—isso é velho.

—E' velho e é novo, mas quasi sempre desgraçadamente verdade—replicou Luiz de Camoens, carregando os sobr'olhos—Disseram-n'o os antigos, e dizem-n'o os modernos; e dizem-n'o, porque ha ahi poucos poetas, que, como vós e Diogo Mendes, sejam filhos de pais abastados, e tenham tios bispos, que dispendam com elles os rendimentos de grossas prebendas. Digo-o sem proposito de vos offender—acudiu aqui com in-

timativa ao ver o sobrecenho de aggravado com que Miguel do Cabedo baixára os olhos para ó chão—digo-o sem proposito de vos offender. Eu sou assim, e assim juro a Deus que hei-de morrer; coração lavado e sem refolhos, lingua franca e desempeçada. Digo pois a verdade; mas n'ella não ha nem vislumbre de offensa para vós; que sè ahi houvera razão para tal... era má! Aqui estou eu para responder pelo que digo — continuou, pondo-se rijamente de pé e poizando a mão sobre o punho da espada—que a ninguem ainda neguei a razão do meu dito, nem voltei as costas jámais, para n'ellas receber as ferretoadas d'aquelles que vingam com a lingua o que não podem vingar com o braço.

Assim dizendo, callou-se de subito, e ficou-se, durante um momento, dominando toda a assembleia com a vista d'aguia, que tinha, agora luzente e coruscante.

—E' velho e é novo, e infelizmente que por ventura assim o ha-de ser toda a vida—continuou um momento depois com carregada melancolia e tornando a sentar-se.—Crêde, Miguel de Cabedo, que houveram e que hão-de haver ahi sempre muitos engenhos, que como aquelle moço do emblema, que me mostrastes, composto por Alciato, vosso mestre, sintam n'um braço azas capazes de os levarem até aos vastos espaços da gloria, e do outro pendente um rochedo, que os não deixa despegar os pés da terra. E' o talento e a pobreza. E como aquelle moço podem tambem aquelles engenhos dizer, sem haver razão de lhes ir á mão por tal dito,

Ingenio poteram superas volitare per arces
Me nisi paupertas invida deprimeret [1].

[1] Alciato. Emblema CXXI. Podera voar com o engenho pelos espaços sublimes, se a invejosa pobreza me não abatesse.

—Já o disse Juvenal—atalhou de lá Alvaro Mendes—

...... Neque enim cantare sub antro
Pierio, thyrsum potest contingere sana
Paupertas, atque æris inops, quo nocte dieque
Corpus eget. Satur est, cum dicit Horatius evohé! [1]

—Ou por ventura assim;

Haud facile emergunt, quorum virtutibus obstat
Res angusta domi [2]...—

accrescentou logo Fernão Peres da Veiga com ares de quinau.

—Mais breve, e por isso melhor,

...... *Probitas laudatur et alget* [3]

—acudiu immediatamente Alvaro Mendes, fulminando o adversario com um olhar triumphador.

—Ah! senhores—exclamou aqui de subito um

[1] JUVENAL. Sat. VII. 59. O poeta, que é pobre, não póde cantar ao abrigo do antro das musas; nem, com a bolça vasia e cheio de necessidades de noite e de dia, póde empunhar o thyrso. Horacio, quando bradava evohé! tinha a barriga cheia.—Esta passagem de Juvenal allude aos seguintes versos da ode XIX do livro II de Horacio:

> *Evohé, recenti mens trepidat metu,*
> *Plenoque Bacchi pectore turbidum*
> *Lætatur. Evohé, parce, Liber,*
> *Parce, gravi metuende thyrso.*

[2] JUVENAL. Satyra. III. 164. Não se levantam facilmente aquelles, cujas grandes qualidades são abafadas pela pobreza.

[3] JUVENAL. Sat. I. 74. A probidade é elogiada, mas bate o dente de fome e de frio.

estudante, rechonchudo e chorumento, com cara de mediocridade estudiosa—ah! senhores, vêde que rimaes totalmente fóra do ponto. A pobreza não é inimiga da sabedoria, antes é tudo muito pelo revez. Lá diz Seneca *ad Lucilium*, epistola XVII, *multis ad philosophandum obstitere divitiæ; paupertas expedita est, secura est*. E por isso como elle logo accrescenta, *licet ad philosophandum etiam sine viatico prevenire* [1]...

A estas palavras o moço Camoens poz-se de um salto a pé.

—Ah! que perraria, por satanaz!—exclamou batendo com o pé na casa—Como tão ousado parvo sois vós, Pero d'Abrantes, que com essa cara chorumenta que tendes, elogieis as delicias da fome? Renego de vós e de Seneca! Ora vos digo que elle não escreveu n'essa epistola senão muita sandice, e só fallou com proposito quando fez dizer ao seu Lucilio *Quantum sat est*, etc. E basta, corpo de Christo!

—*Quantum sat est nondum habeo*—balbuciou de lá o honrado philosopho Pero d'Abrantes, continuando machinalmente a citação, que o poeta apenas apontára, e fitando-o profundamente admirado—*si ad illam summam pervenero, tunc me totum philosophiæ dabo!* [2] Oh! Santa Maria! E isto se diz! Nunca tal pensei ouvir! *Dii vostram fidem!*

E velou o rosto com a capa.

Uma gargalhada estrepitosa acolheu merecidamente a offendida ingenuidade da parvoinha ex-

[1] Sen. Ad Lucilium. Epist. XVII. As riquezas embaraçaram a muitos de se entregarem á philosophia; a pobreza não tem distracçoens, e por isso favorece-a. Cumpre entregarmos-n'os á philosophia, ainda mesmo que careçamos do pão de cada dia.

[2] Sen Ad Lucilium. Epist. XVII. Ainda não tenho quanto me é necessario; se chegar a adquirir aquella somma, então me entregarei todo á philosophia.

clamação doanafado philosopho. A colera de Luiz de Camoens esvaiu-se logo como o fumo; e o poeta deixou-se cahir na cadeira abafado pelo frouxo do riso, que lhe fôra inspirado não só pelo tom admirativo, mas tambem pelo gesto de pudibunda indignação do chorudo elogiador da fome philosophica.

Aquietou-se por fim a cachinada.

—Vós tendes razão, Luiz de Camoens—disse então João de Mello, que assistira até ali silencioso á conversa—mas crede que o mundo foi sempre assim. Já Marcial escrevia a Flacco

Ingenium sacri miraris abesse Maronis,
Neque quemquam tanta bella sonare tuba.
Sint Mæcenates, non deerunt, Flacce, Marones,
Virgilium tibi vel tua rura dabunt. [1]

—Mas deveis accrescentar, João de Mello—atalhou Diogo Mendes—que hoje mais do que nunca se dá a razão de que se queixa Marcial. Como diz Marcello Palingenio no seu *Zodiacus vitæ*, hoje os ricos e poderosos favorecem e cobrem de dadivas a gente de ruim vida, e os lisonjeiros e histrioens; e deixam morrer despresados os poetas. Isto se por ventura dão alguma cousa, como elle tambem accrescenta:

Si qua tamen donunt, dant scurris, dantque cynædis
Dant lænis potius, dant scortis callipareis;
Nemo dabit vati, Musæ spernuntur ubique. [2]

Conheceis este livro, Luiz de Camoens?

[1] Mart. Epig. Lib. VIII. epig. 50. Admiras-te de ter desapparecido o engenho do sagrado Maro, e de que não haja quem cante a guerra em tão sublime tuba. Hajam Mecenas que não faltarão Maros; até da horta te brotará um Virgilio.

[2] O *Zodiacus vitæ*, poema satyrico immerecida-

—Vós mesmo fostes que m'o destes para lêr, Diogo Mendes—respondeu o poeta—Grande livro, de bons versos e de grandes verdades. Ha n'elle carapuças para todas as cabeças, tão bem cortadas e certas, que não ha hi mais que pedir. Mal fez o author em fugir á gloria de o ter escripto, occultando o seu nome...

Aqui o bom philosopho Pero d'Abrantes, que, mal ouvira censurar a falta de protecção, com que os poetas eram acolhidos, ficára pensativo e profundamente abstracto, ergueu de subito a voz, e com cara de quem estava de todo contente de si, interrompeu de chofre o moço Camoens, exclamando em tom funebre, e como de quem tinha achado a ultima palavra da questão:

—*Sit igitur, judices, sanctum apud vos, humanissimos homines, hoc poetæ nomen, quod nulla unquam barbaria violavit. Saxa et solitudines voci respondent: bestiæ sæpe* [1]...

mente desconhecido na actualidade, é uma satyra pungentissima, escripta em magnificos versos latinos contra os vicios e desvarios da sociedade do seculo XVI. Foi seu author Pedro Angelo Manzolli, famoso latinista d'aquelle seculo, que o publicou debaixo do anagramma de Marcello Pallingenio, com o fim de se esquivar ás vinganças dos offendidos, sobre tudo á vingança do clero por elle azorragado sem piedade. Manzolli era uma afiadissima lingua sem freio, que mesmo antes do poema já tinha provocado perseguiçoens, que o obrigaram a acoitar-se á côrte de Hercules II, duque de Ferrara, principe esclarecido e protector de homens illustrados. E' o que se deprehende da carta, em que Manzolli lhe dedica o poema, a qual é já de si um bom pedaço de má lingua. Manzolli era natural de Stellata, perto de Ferrara. O poema intitula-se *Zodiaci vitæ; hoc est, de hominis vita, studio ac moribus optime instituendis, Libri XII.* A citação de Diogo Mendes é do Liv. II. 549.

[1] Cic. Pro Archia poeta § VIII Para vós, juizes,

de Ferrara, ou tal braço e espada como vós, micer Trinca-fortes—perorou, sorrindo com amizade.

Luiz de Camoens correspondeu áquelle sorriso com outro igualmente amavel; mas receioso de provocar dissabores taes como os que estiveram a resultar da leitura do epigramma de Diogo Mendes, fugiu ao novo motivo de polemica, que se lhe offerecia, voltando-se para João de Mello, e exclamando com affectuosa familiaridade:—

—E bem, homem de prol, assim nos deixais ficar de bocca aberta e famintos da continuação do vosso *De reparatione humana*, se é que o continuastes, madraço?

—Vedel'o aqui—respondeu João de Mello, apontando para um gordo cartapacio, que tinha diante de si, e sorrindo agradavelmente, lisonjeado pelo familiar apostrofe do poeta—aqui jaz o que do livro tenho escripto até hoje; mas hei medo que seja já tarde, e que não haja em vós-outros paciencia para tanto...

—Como tarde!—atalhou o moço Camoens—Oh! maravilhosa pessoa! Ora vêde vós como o vaganão pretende colher-me a balravento para me fazer botar ao mar quantas esperanças havia cortado para meu proveito esta noite! Pois não será assim, pelos santos evangelhos; que em vespera de feriado não ha para que fallarem tarde ou não tarde, que ahi está o dia seguinte, todo e inteiriço, para dormir á perna tendida quem assim o tiver na vontade. Bem, pois; que retire quem quizer, que juro a Deus que aqui ficarei até o fim, ainda que a estrella d'alva nos colha em metade do caminho; que pelo gosto que sabeis que levo na leitura de tão peregrina obra, homem sou eu para velar duas noites, se tanto cumprir. Andai, pois, e não se façam mais cortezias, que já ahi as houveram que fartem, *quantum satis* e mais. Assim principiai.

E, dizendo, recostou-se commodamente para o espaldar da cadeira, com os olhos pregados em João de Mello, como que esperando a exigida leitura.

—Pois que assim me obrigueis, seja vossa a culpa do enfado que se seguir—respondeu João de Mello, sorrindo com lisonjeada satisfação.

—Adiante—replicou o Camoens, acenando com a mão um ponto final ás cortezias d'aquella modestia.

João de Mello abriu então o cartapacio, que tinha diante de si; folheou n'elle de traz para diante um momento; e por fim parou em certo logar, bateu amorosa palmada sobre a junctura da encadernação com o fim de conter abertas as folhas do grosso e revoltoso papel; apurou a garganta; relanceou pelos circumstantes um olhar a pedir venia, e principiou.

Durante este pequeno intervallo alguns estudantes haviam-se esgueirado á surrelfa. Não o faça porém, o leitor, que lhe dou a minha palavra de honra que lhe não impinjo a leitura do poema de João de Mello de Sousa. Apesar de ter em conta de muito respeitaveis os desejos dos eruditos-curiosos, que tenham por ventura concebido esperanças de possuirem assim comesinhamente especimens do poema *De reparatione humana*; e apesar igualmente de elle merecer que o desenterrem do esquecimento, em que jaz, por meio de citaçoens, que despertem a vontade de estudar esta secção quasi que totalmente ignorada da litteratura portugueza; ainda assim estou resolvido a ser surdo a todas as representaçoens, e a enviar os supplicantes para o segundo volume da Collecção do padre Reis, onde acharão por extenso, não só este mas todos os outros poemas do mesmo author.

Assim folgai vós, folgai, leitores inimigos do latim e das citaçoens; folgai que d'esta vez não cito

nem á mão de Deus padre. Não cito, e tenho dito; e não cito por que estou aborrecido de tantas citaçoens, a que me tenho obrigado com o fim de ver se ponho de alguma forma em relevo o caracter historico da Universidade d'aquella epoca, em que havia a maldita mania de fallar somente latim. Não cito pois, e está acabado; e não só não cito do poema de João de Mello, mas como o leitor já deve ter feito ideia aproximada das conversaçoens dos litteratos coimbrãos d'aquella epoca, juro até não deixar escapar d'aqui por diante mais citaçoens, excepto aquellas, leitor amigo, que a minha em outro tempo tenacissima memoria, agora rejuvenecida ou antes supreexcitada pelo serviço de citar, a que a tenho até aqui trazido obrigada, nos impingir, ao correr da penna, ou subrepticiamente.

Assim direi unicamente que João de Mello, para satisfazer á fraternal exigencia de Luiz de Camoens, e não menos, a fallar a verdade, para obedecer ao natural amor que todos sentimos pelo que escrevemos, poz-se a lêr o setimo canto da *Reparatione humana*, que era o não somenos fructo do trabalho d'aquella semana. E' este canto, como todo o poema, um composto de magnificos versos, e de passagens ora sublimes, ora excellentes, ora mediocres e até frouxissimas. Aquellas porém abundam em numero sufficiente a dar subido merecimento á obra, da qual um dos principaes defeitos são aquelles baixos desagradaveis a par d'aquelles altos excellentes. Durante a leitura o moço Camoens deu por mais de uma vez signaes de applauso e até de enthusiasmo; e quando o author recitou o ultimo verso, e fechou o cartapacio, em que andava escrevendo, rebentaram de todos os lados sinceros e justos applausos. Apaziguados elles, ficou tudo por um momento em silencio. João de Mello, com os olhos fitos em Luiz de Camoens, parecia esperar que elle lhe dis-

sesse o que lhe parecia o setimo canto. O moço poeta permanecia porém callado, e como que embebido em profundo meditar.

—Dizei-me, João de Mello—disse por fim, rompendo de chofre o silencio—porque não escreveis em vulgar?

Um raio cahido de subito no meio d'aquella capella de eruditos não produziria maior estupefacção. Aquella pergunta era insolito e audacissimo absurdo diante d'aquelles que ainda reputavam o latim a unica lingua digna dos sabios; e quem a fazia, era um homem já tido na conta de excellente poeta lyrico, e dotado de mais a mais de tal genio que era perigoso assestar contra elle a indignação, que tal pergunta provocára.

Ninguem pois respondeu no primeiro impeto.

—Dizei, João de Mello—insistiu elle, muito naturalmente—porque não escreveis em vulgar?

—Em vulgar!—balbuciou embasbacado e com os olhos muito abertos o bom homem Pero de Abrantes—em vulgar! Que blasphemia! *Dii vostram fidem!*

—Olhai, Luiz de Camoens—disse ao mesmo tempo Miguel de Cabedo—parece-me impossivel que taes palavras vos sahissem da bocca.

—E porque?—replicou o moço poeta, por entre um sorriso amavel mas carregando ao mesmo tempo as sobrancelhas—E porque? Pois não versejo eu em portuguez?

—E por tal o dizeis!—exclamou Miguel de Cabedo arrebatadamente—Ora sabei que bons são, á fé, vossos versos, bons e de uma vez; porém crêde que seriam optimos se os escrevesseis na lingua de Horacio e de Virgilio. As linguas modernas não se prestam, por sua pobreza, ás galas que demandam as inspiraçoens dos poetas. O *deus ecce deus* não se entende com as linguas de hoje. Os versos escriptos n'ellas parecem entrajados de andrajos; ao passo que os dos poetas latinos ati-

guram-se cobertos de purpura. Crêde, Luiz de Camoens, que no dia em que esquecer a lingua de Cicero e de Virgilio, a poesia tornar-se-ha impossivel. Podem fazer-lhe os funeraes. Aqui tendes a razão porque João de Mello escreve em latim.

Camoens sorriu-se, meneou pausadamente a cabeça, e, depois de metter umas poucas de vezes os dedos por entre os cabellos açafroados, rompeu d'esta fórma, como que fallando para si:

—E' pena—disse—é pena, de veras! Mas os tempos não param, e o senso commum ha-de finalmente vencer. Errais, Miguel de Cabedo, e errais vós todos os que pensais que a lingua latina é, ainda hoje, a unica lingua em que se póde vasar a verdadeira poesia. Errais, e errais tristemente. Assim foi nos tempos de Horacio e de Virgilio, de Estacio e de Lucano, de Propercio e de Juvenal; nos tempos em que o latim era a lingua vulgar, a lingua que se fallava, a lingua em fim que se fôra informando pelas ideias e pelos pensamentos d'aquella epoca, com os costumes da qual estava tambem de harmonia. Mas os seculos caminharam, e a humanidade foi com elles para a frente. Mudaram os costumes e os habitos politicos, e mudaram igualmente as ideias e as opinioens, que são em grande parte determinadas por elles. A lingua latina, a lingua da epoca, que passára, deixou então de fallar-se, deixou de ser vulgar. Inventaram-se as linguas modernas, as linguas vasadas nos moldes das novas ideias, dos novos pensamentos, dos novos costumes. A latina já não condizia com elles; tornára-se para elles impossivel, tão impossivel como o seriam Cicero ou Catão se por ventura resurgissem agora entre nós. Esta é a verdade das cousas, Miguel de Cabedo. Vós outros luctais contra ella; quereis nos-levar para a epoca de Augusto, a nós portuguezes do reinado de D. João III. Quereis saber

quaes são os resultados dos esforços que fazeis para realizar esta empreza de todo o ponto impossivel? Ahi o tendes bem claro no poema de João de Mello. Ha n'elle versos sonorosos, imagens formosissimas, descripçoens brilhantes, ha n'elle de veras poesia. Mas comparai-o com o mais secco e mais prosaico dos poetas romanos, com o de Valerio Flacco por exemplo; escutai-o attentamente, e bem depressa sentireis os differente effeitos, que produzem. Ao ouvir o poeta latino, conhecereis que estais conversando face a face com um homem, que vos falla muito naturalmente e de rosto descuberto; com o poeta portuguez parecer-vos-á que vos falla de mascara na cara, em falsete e por meias palavras. E é simples a razão de tamanha differença. E' que a lingua latina morreu no dia em que morreram as ideias, as opinioens e os costumes, que a inventaram para manifestar-se. O servir-vos d'ella, é pôr um cadaver de pé, e obrigal'o a fallar: e elle mexe automaticamente os labios, hirtos, seccos, perros, sem enthusiasmo, nem consciencia do que faz, que tudo perdeu no momento, em que lhe arrefeceu o sangue nas veias. Vós ides errado, Miguel de Cabedo...

—Com que assim desterraes para fóra das letras a lingua opulenta, em que tantos primores se escreveram! — interrompeu Miguel de Cabedo, mal podendo desfarçar o despeito do seu contrariado orgulho de traductor de Aristophanes—O mundo das letras desmento-vos porém...

—O mundo das letras!—acudiu subitamente Luiz de Camoens—O mundo das letras! Por vida vossa, Miguel de Cabedo, tal não digaes. Olhai o que se está passando na Europa, e vêde como todos os verdadeiros engenhos se esforçam por apurar as suas respectivas linguas. Ronsard em França, Chaucer em Inglaterra, Dante na Italia...

—E comtudo Dante escreveu em latim a sua

Africa—interrompeu Miguel de Cabedo com um sorriso ironico.

—E na *Africa* cahiu como haveis de cahir vós todos os que escreveis em latim—replicou, de fronte levantada, o moço poeta—Ao mesmo tempo que se fundam em Italia escholas publicas para explicar e popularisar a *Divina Comedia*, a *Africa* já esqueceu, da *Africa* já apenas se recordam aquelles que pretendem abroquelar os proprios erros por detraz da sombra magestosa do gigante.

Aqui interrompeu-se de subito, e, depois de dominar com um olhar fulgurante de genio a assembleia, que o escutava em profundo e recolhido silencio, passou de repente os dedos por entre os cabellos, e, estendendo em seguida o braço com magestoso gesto, rompeu novamente e de chofre:—

—Vós ides errados, vós ides errados; vós, vós outros que pretendeis ainda mais do que fazer parar a humanidade, que pretendeis fazel'a voltar uns poucos de seculos para traz. E nem ao menos—continuou, sorrindo e encolhendo os hombros com chanceadora ironia—nem ao menos vos temeis do que succedeu ao famoso Attico com aquella assomada regateira de Athenas; nem vos receaes que se levante ahi d'entre os mortos qualquer dos mais reles *aquarii* [1] de Roma, e vos faça troar aos ouvidos palavras iguaes em sentido aquellas, com que ella atordoou a soberba scientifica do mais celebre hellenista romano! *Por pouco que não ereis latino, senhor estrangeiro*—dir-vos-á elle, sorrindo. E como respondereis a este sorriso? Affrontar-vos-eis? Como? Pois não vêdes que não ha hi um só, um só, nem mesmo espanhol ou toscano, um só estrangeiro, d'esse grande numero que vive entre nós, que, por me-

[1] Aguadeiros.

lhor que falle a nossa lingua, deixe de revelar logo ás primeiras palavras, que não foi ella a que lhe foi ensinada pelos pais na infancia? Pois se isto acontece com as linguas, com que estamos immediatamente em contacto, que foram moldu-radas pelas ideias que nos dominam, que ouvimos fallar, por assim dizer, todos os dias; como quereis vós que aconteça o contrario com a lingua latina, lingua morta, lingua que só podemos estudar nos modelos, que nos deixaram os seus escriptores, homens de outras ideias e de outros costumes, em tudo tão arredados dos nossos? Mas debalde o pretendeis—accrescentou com soberana authoridade—debalde. A humanidade não anda para traz; as linguas modernas formar-se-ão finalmente; e virá um dia em que o latim só ha-de ser lido nas obras, que apoz de si deixaram os bons escriptores da Roma dos antigos romanos.

Aqui o moço poeta interrompeu-se de novo, e ficou-se com os olhos luzentes abstractamente fitados nos seus silenciosos ouvintes.

—E depois quem é que se ha-de entender?—disse então no meio d'aquelle silencio com velhaca gravidade o futuro inquisidor d'Evora—Se, como o futuriza Luiz de Camoens a lingua latina fôr desterrada do mundo das letras, se d'elle fôr expulsa a lingua commum, a lingua mãe, quem é que se poderá entender no meio de similhante Babel?

—Assim é—acudiu logo Miguel de Cabedo—E vós fazeis mal em desprezardes a lingua latina, Luiz de Camoens; ainda que não seja senão porque d'ella se póde dizer o que Cicero já disse no seu tempo da grega—*Si quis minorem gloriæ fructum putat ex græcis versibus percipi, quam ex latinis, vehementer errat, propterea quod græca leguntur in omnibus fere gentibus: latina suis finibus, exiguiis sane, continentur.* [1]

[1] Cic. Pro Archia poeta § x. Se alguem suppoem

O moço poeta não respondeu logo, mas ficou alguns segundos a sorrir escarnicadoramente, já fitando um, já outro primo.

—Eu cuido—disse por fim—que vós não dizeis isso de siso, mas acinte e só para me ouvir. Pois julgais que o estudo das linguas modernas seja vedado de nação para nação; e que, logo que ahi appareça um Homero ou um Virgilio, não poderão logo ser trasladados em todas as linguas, em que os quizerem possuir?

—E ademais — exclamou Miguel de Cabedo, sem attender ao que Luiz de Camoens acabava de dizer—e, ademais, tão soberbo sereis vós da pobreza das linguas modernas que ouseis affirmar que são proprias para n'ellas se cantarem grandes e notaveis feitos? Seria para ver, por exemplo, o celebrar-se em lingua portugueza o assumpto de que tantas vezes nos tendes fallado, a descuberta do novo caminho da India...

Luiz de Camoens não o deixou continuar. Ao ouvir-lhe aquellas ultimas palavras, poz-se de um salto a pé, com os labios contrahidos e tremulos, os olhos scintillantes e os cabellos a tremularem-lhe sobre a fronte, agitados pelo Deus fogosissimo, que de subito se apoderára d'elle.

—Callai-vos, Miguel de Cabedo, callai-vos—exclamou rijamente, batendo com o pé na casa—callai-vos que não sabeis o que dizeis. A descuberta da India, a grande obra dos nossos pais, a gloria do nome portuguez, cantada em outra lingua que não seja a portugueza e portugueza de lei, como é portuguez o feito que fez Portugal a nação mais illustre do mundo! A gloria portu-

resultar dos versos gregos menos colheita de gloria do que dos latinos, erra grandemente, porque os gregos entendem-se em quasi todas as naçoens, e os latinos não passam para fóra das suas fronteiras, que são de veras limitadas.

gueza cantada no latim de Augusto; a grande façanha que abriu as portas do Oriente, que descubriu as fontes da civilisação do mundo antigo, que rejuvenesceu a velha Europa, que lhe imprimiu energia sobrehumana... por Deus! este feito nunca feito celebrado na lingua que se fallava em Actium e na Pharsalia! Cuidais vós, Miguel de Cabedo, que a navegação do Gama foi a peregrinação de Eneas ou a viagem de Jason? Pensais que a nau *S. Rafael* era a barca de Julio Cesar? Crêde, senhores, que a lingua latina não tem a magestade necessaria para tanto, e que no momento em que apparecer o Homero, que hade cantar aquelle sublime feito...

—Por ventura sel'o-eis vós—resmoneou Diogo Mendes com mal desfarçada ironia.

O moço Camoens callou-se de golpe, e fitou firme o motejador com a fronte franzida com soberana magestade. De subito os olhos chisparamlhe vivas centelhas de inspiração, e a corporatura pareceu dilatar-se-lhe magestosamente. Estendeu então o braço solemnemente para a frente, e disse com grandiosa serenidade:

—Prouvera a Deus que assim acontecesse! Por tamanha ventura como a de poder aspirar á gloria de celebrar os altos feitos da minha amada terra natal, soffreria de bom grado a miseria toda a vida. E crêde, Diogo Mendes, que se para isso fosse unicamente preciso o mais acrysolado amor da patria, e espiritos capazes de arremetterem impavidamente com as difficuldades de tão alterosa empreza, crêde que nada me faltaria para ser o poeta predestinado a cantar a mais nobre e gloriosa façanha, que o mundo tem presenciado até hoje. E comtudo—exclamou de subito, empallidecendo e com o olhar cada vez mais scintillante de luz sobre-humana—e comtudo... a descoberta da India ha-de ter um Homero... Quem sabe quem elle será? Oh! se Deus se amerceára tanto de mim

algum dia... que... Oh! vós o verieis, Diogo Mendes, vós o verieis... então...

As armas e os baroens assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana;
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram:

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
D'Africa e d'Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Aqui o moço poeta callou-se de golpe.

Estava com o braço estendido para a frente, a corporatura magestosamente aprumada, e a fronte sublime de genio e de inspiração. Reinava silencio profundissimo. Todos os que o ouviam e o fitavam, pareciam, com os olhos espantados n'elle, como que reduzidos a estatuas da fascinação e do pasmo pelo raio sublime da luz do genio, que de subito relampejára sobre elles.

De repente soaram de junto da porta estas palavras:

—Guarde-vos Deus, senhores: desculpai.

O moço Camoens rodou machinalmente sobre si, e voltou-se na direcção d'onde partira aquella voz. Os olhos de todos os outros seguiram para o mesmo logar, como que de subito despertados de um sonho.

No limiar da porta estava o doutor Pero Mendes Sacoto, conservador da Universidade.

—Senhores, perdoai-me o vir interromper a vossa douta palestra. Mas em fim...—disse elle, rodeando os olhos pelos estudantes que circulavam a meza.—Mas em fim—continuou, descortinando Diogo Botelho, e dirigindo-se para elle—Miguel de Cabedo, Diogo Mendes, senhores, sinto-o gravemente; mas em fim... Diogo Botelho, mancebo—accrescentou, dirigindo-lhe a palavra—sabereis que raptaram do convento de Cellas, agora ha poucas horas, D. Beatriz, filha de Alvaro de Moura; e este, que está muito e mal ferido, achaca-vos a vós tal feito...

—E por isso vindes prender-me, senhor conservador? E' honrar-me muito—atalhou Diogo Botelho, fazendo profunda cortezia.

—Diogo Botelho! E' falso. Diogo Botelho está comnosco desde as nove horas e meia da noite—bradaram todos os estudantes á uma.

—Senhor, sêde bem vindo—disse então Miguel de Cabedo, carregando com severo descontentamento o aspecto—sinto grandemente que por tal motivo me honreis a pousada. N'outro tempo asseverar-vos-ia eu tambem que Diogo Botelho está innocente, porque ha já bem tempo que aqui se acha comnosco; mas agora não, porque vejo que já somos de tão pouca valia para os officiaes da Universidade...

O conservador carregou aqui o sobr'olho.

—Senhor Miguel de Cabedo—disse com ligeira entoação de offendido—bem sabeis que o conservador da Universidade não é o official, a quem estão encarregadas as prisoens dos culpados. Ora, se em logar de mandar o escrivão d'armas e o meirinho a vossa casa procurar Diogo Botelho, accusado de tão grave successo, vem elle só e desaccompanhado, afigura-se-me que n'isto dá prova cabal do grande apreço em que tem a

vossa gravidade de comportamento, é igualmente o muito que deseja mostrar aos sobrinhos do snr. D. Gonçalo Pinheiro...

—Senhor, estou prompto. Mandais que me recolha immediatamente á cadeia?—atalhou Diogo Botelho, ancioso por despartir aquella referta, de que involuntariamente era causa.

O moço Camoens empuxou-o então com força para o lado, e metteu-se entre elle e o conservador.

—Senhor conservador—disse no tom peremptorio e decidido dos homens volteiros por indole—attendei bem ao que eu digo. Juro-vos por minha fé que Diogo Botelho está innocente do roubo de D. Beatriz e do acutilamento de Alvaro de Moura.

—Ah! ahi sois dom Garcilasso?—respondeu o conservador com um sorriso de affectuosa predilecção—Ahi ereis vós, e não vos via! Tão manso que sois, á fé!... Mas em fim... Ora pois; como abonais vós o juramento que fazeis?

Luiz de Camoens desembainhou n'um relance a espada.

—Com esta—exclamou em tom violento—e com a minha palavra de honra, de que ella jamais deixou duvidar impunemente.

Pero Mendes Sacoto cravou no sobrinho querido do chancellario da Universidade um olhar severo, e que lampejou ao mesmo tempo com uma certa desconfiança, que aquellas palavras lhe levantaram de golpe no espirito.

—Ora, moço—disse, depois de o fitar severamente um momento—fazei por haverdes mais siso em vossas cousas. Já hoje tunanteastes quefarte, e de forma que D. Beltrão vosso tio se não haverá, á fé, por bem servido, se por ventura o vier a saber. Pena é que assim desbarateis em doudices esse grande engenho que tendes.

—Por Deus, quedai-vos—exclamou com afflic-

ção Diogo Botelho ao ouvido do irascivel Camoens, mettendo-se entre elle e o conservador.

Este continuou, voltando-se para o amante de D. Beatriz:

—Em quanto a vós, Diogo Botelho, vós me dais a vossa palavra de que não fugireis, e de que ámanhã vos recolheis ao carcere, não é verdade?

—Senhor, sim.

—E' portanto escusado entrar hoje para lá. Ide dormir a vossa casa, e entrareis ámanhã de manhã. E folgo, mancebo, que tenhaes tão boas testemunhas, que abonem a impossibilidade de terdes commettido o crime, de que sois suspeitado. Miguel de Cabedo, Diogo Mendes, senhores, perdoai; mas bem vêdes que não podia ser de outra maneira. Ficai-vos com Deus.

E, dizendo, dirigiu-se á porta, fez uma mesura, e sahiu.

—Por satanaz! — exclamou Luiz de Camoens, afogueado de colera—porque me não deixastes dizer a verdade áquelle ribaldo?

—Diogo Botelho—disse então Miguel de Cabedo—sinto que vos fizessem tal affronta em minha casa: mas em fim, bem sabeis que não tenho poder para o estorvar. Pelo demais, contai comigo em tudo e para tudo!

—E comigo. E comigo. E comigo—bradaram todos os estudantes á uma.

—E comigo—disse tambem João de Mello de Sousa, levantando-se e vindo apertar a mão de Diogo Botelho.

—Graças, senhores—respondeu este profundamente commovido—Mister hei de veras de me encommendar em vossa guarda, porque é de crer que Alvaro de Moura, sanhudo como está contra mim, intente damnar-me por todos os modos. Portanto provei de remedio no caso, que eu tudo fio de vós. E com isto dou-vos a Deus, e tende boa noite.

Assim dizendo, cortejou, e sahiu.

Luiz de Camoens apanhou n'um relance o manteu, que lhe havia escorregado dos hombros, lançou-o no braço, e correu immediatamente pela escada abaixo apoz elle.

V

> Nós o seguiremos, té ver onde isto pára; porque se n'este caso lhe accontecer algum desastre, não seria bem ficar homem fóra d'elle.
>
> MORAES. *Palmeirim.*

Tinham passado trinta e tantos dias depois da prisão de Diogo Botelho.

Durante os tres ou quatro primeiros, o processo academico, de si naturalmente summario, correu regularmente e com notavel favor para o preso. Ao fim d'elles, a actividade do conservador começou a emperrar, e elle a mostrar-se secco, e logo depois aborrecido para com os amigos de Diogo Botelho. Seguiram-se um sem numero de devassas e outras investigaçoens judiciaes, como que imaginadas acinte para prolongar o processo; e logo estas protrahiam-se indefinidamente, como que dando a entender que o conservador estava resolvido a deixar apodrecer o preso no carcere. Debalde a influencia da gravidade dos Latinos instava pela innocencia de Diogo Botelho; debalde o impassivel e alentado João de Mello de Sousa tinha ido fallar com o conservador, e com aquella sua glacial serenidade, certa fiadora de se fazer o que se diz, lhe tinha delicadamente deixado antever que estava decidido a despertar com a ponta da espada o somno acintoso, com

que a justiça de Diogo Botelho lhe dormia sobre a banca: e debalde até o volteiro e decidido Camoens lhe havia espancado os creados, acutilado a ronda debaixo das janellas, e pregado na porta pasquins comminatorios e aprazados. Tudo era baldado! Tal era a influencia que adormecera Pero Mendes Sacoto, que até nem uma carta de instante recommendação do bispo D. Gonçalo Pinheiro fôra poderosa para mais do que para o fazer ir á cadeia entreter esperanças a Diogo Botelho com airosas e engrinaldadas promessas. O processo continuava a dormir a somno solto, e o caso e o preso principiavam, por fim, a cahir em esquecimento.

A isto porém parecia reduzir-se a vingança de Alvaro de Moura. Os Latinos e Luiz de Camoens haviam receado, ao principio, alguma tentativa de assassinato na cadeia, e em consequencia d'esse receio tinham tomado as medidas convenientes para o impedir. O Camoens e João de Mello, acompanhados por outros estudantes, capazes de qualquer empreza de espada, tinham por muitos dias rondado e vigiado o carcere. Por fim vieram a suppôr que Alvaro de Moura sentira de mais a cutilada que levara na noite do rapto da filha, e que por isso preferira a velhaca vingança da chicana juridica, á muito mais nobre da rasgada franqueza da espada.

Assim, pois, estavam as coisas trinta e tantos dias depois da prisão de Diogo Botelho.

Dê-me o leitor agora licença de o conduzir ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, magestosa instituição do homem que nos fez nação. N'aquelle tempo, nos meados do seculo XVI, o convento já não era a fundação primitiva. Era-o porém a igreja, na qual já existiam, acabados de pouco, os dois magnificos tumulos para onde el-rei D. Manoel havia feito trasladar Affonso Henriques, fundador do mosteiro e fundador da monarchia

portugueza; e Sancho I, filho d'este e aperfeiçoador da grande obra de um dos maiores homens, de que a historia do seculo XII faz menção. Templo veneravel, templo verdadeiramente nacional, dentro do qual, e como que rescendido por entre as fisgas d'aquelles dois tumulos, parece ainda volitar um não sei que da aura sublime, que inspirava os pensamentos homericos, que presidiram á epoca, em que o genio e a espada de um grande politico e de um grande guerreiro separou do esplendido manto do imperio hispanico esta meia duzia de palmos de terra, que se chamam Portugal; e lhe insuflou a coragem e os brios, que o fizeram mais tarde a nação mais emprehendedora da Europa, e a mais benemerita da civilisação do mundo moderno. Das portas d'aquelle velho templo para dentro ha assumpto mais que bastante para uma epopea grandiosa. Os seculos, porém, têem passado por alli, como que sem dar por isso. O reinado da economia vai-o agora deixando cahir em ruinas. E comtudo dorme alli dentro o eterno repouso um homem verdadeiramente illustre, um homem sem o genio e a espada do qual Portugal jámais seria nação. [1]

Nos meados do seculo XVI a formosissima cerca de Santa Cruz ainda não possuia os aprasiveis primores d'arte, com que os abastados conegos a aformosearam mais tarde. O magestoso lago e aquella admiravel muralha de cedros, que o rodea, ainda não existia. O sitio, onde elle hoje se vê, se era, porém, inferior pelo lado artistico, era por ventura superior pelo pittoresco da natureza. Ali se ajuntava então uma grande bacia d'agua, uma como que vasta lagoa natural, formada pelas aguas dos muitos regatos, que em differentes direcçoens regavam a quinta, e que, reunidas, a

[1] E' pensamento do snr. A. Herculano na Hist. de Port. Liv. II. *in fine*.

cousa de cincoenta passos distantes, em grosso ribeiro, assim vinham até áquella bacia, por onde se espraiavam, e d'onde sahiam por fim tambem em ribeiro para irem fertilisar outros logares da cerca.

Aquelle era um sitio admiravel e surprehendentemente aprasivel; e os conegos tinham-n'o aproveitado com agradavel simplicidade. Imagine o leitor: á beira d'agua as margens cobertas de violetas, de carvalhos da India, de jasmins, de milhares de variadas flores, que brotavam espontaneas do solo; e logo do lado de cá, da banda do convento, um bosque de medronheiros, de pereiras, de macieiras e outras arvores de fructo, por sobre as quaes se debruçavam, aqui e acolá, os lilazes. Depois, um tosco pontilhão de madeira, com a balaustrada formada de cortiça bruta, pelo qual se passava por sobre a lagoa para o lado d'além; e lá um vasto e formosissimo bosque de carvalhos seculares, cortado por um sem numero de ruas e de avenidas enlabyrintadas, que todas desembocavam n'uma larga clareira, que lhes servia de centro, e no meio da qual havia uma grande meza de louza cercada de bancadas de cortiça.

Tal era n'aquelle tempo o local, onde hoje se vê o famoso lago. E' para lá que vou conduzir o leitor.

São cinco para as seis horas da tarde de um dia calmoso dos meados de junho. Apezar do calor estivo do dia e da hora ser mais propria para os frades sestearem, do que para andarem por entre carvalhaes e medronheiros, na vasta clareira da banda d'além da lagoa via-se então um conego regrante, ora passeando de um lado para o outro, ora sentando-se n'um dos bancos de cortiça, com um livro aberto na mão, umas vezes lendo, outras reflexionando profundamente concentrado no que lia, e fazendo ambas as cousas em voz sufficientemente audivel.

Este conego era D. Beltrão de Camoens, tio do futuro author dos Lusiadas, prior do mosteiro, e *ipso facto* chancellario da Universidade—digo *ipso facto*, porque por contracto celebrado entre elle e el-rei D. João III, as rendas do priorado haviam sido annexadas á Universidade, e, em compensação, o logar de chancellario fôra dado para todo o sempre aos prioes.

O vestuario de D. Beltrão era o habitualmente usado pelos conegos, quer dentro do convento, quer nas poucas vezes que sahiam fóra d'elle. Constava de uma tunica de panno preto, sobrepeliz de linho, e murça tambem de panno preto, que lhe chegava até mais de metade do peito: na cabeça um barrete de clerigo.

D. Beltrão era homem de perto de sessenta annos de idade; alto, e reforçado de corporatura. Tinha os cabellos castanhos sobre o aloirado, os olhos vivos, o nariz grosso, e a bocca regularmente rasgada. O rosto, nem muito gordo nem muito magro, carregava-se levemente com authoridade monastica; mas quando se animava, os olhos, segundo o motivo inspirador d'aquella animação, assim atraiçoavam ou o caracter volteiro ou o espirito chanceador dos Camoens. Era homem de grande talento e profundamente letrado; mas estas grandes qualidades estavam n'elle infelizmente emparelhadas com uma certa leviandade de apreciação, ou antes com uma certa falta de bom senso litterario, que lhe desluzia o merecimento, e o fazia baixar a excentricidades mediocres e a reparos extravagantes e pouco em harmonia com a sua intelligencia e boa reputação de homem de letras. De resto, era generoso e cavalheiresco quer nos pensamentos quer nas acçoens. De todos os Camoens era o mais vaidoso da sua antiga fidalguia, vaidade que a sua dignidade de prior de Santa Cruz lhe dava azo a espairecer convenientemente, quer pelos meios de

que dispunha, quer pela altura e importancia da posição que occupava.

Para completar-lhe o retrato, basta dizer que D. Beltrão era secco de condição, e totalmente despido de affeiçoens e de apegos, excepto a dois respeitos, que eram—o seu excessivo enthusiasmo pela poesia, e o seu entranhado e cego affecto por Luiz de Camoens, seu sobrinho, em quem tudo lhe parecia optimo, e deante do qual se chegava a transformar de forma, que ás vezes se esquecia da sua gravidade de prior de Santa Cruz de Coimbra, e se reduzia a rapaz folgazão e travesso.

Tal era D. Beltrão, conego regrante de Santo Agostinho, mas Camoens acima de tudo. Resava regularmente no côro a todas as horas canonicas, sem nem uma só vez se dispensar de o fazer, apezar da sua qualidade de prior lhe dar direito a isso: mas escrevia tambem eclogas, cançoens, odes e sonetos amorosos, como qualquer poeta profano. Era humilde e pacifico como verdadeiro monge; mas, se fosse preciso, puxaria da espada do seu antecessor D. Theotonio, e usaria d'ella ainda por ventura com mais energia do que elle. Era grave e sisudo como devia ser um prior de Santa Cruz, chancellario da Universidade; mas, se vinha a talho de fouce, desenrolava uma trovoada de epigrammas chistosos, fazia chover uma seraivada de chanças motejadoras, e espicaçava com ferina escarnicação o ridiculo, que, como verdadeiro Camoens, farejava a leguas de distancia.

Como eu disse, D. Beltrão andava lendo n'um livro. Este livro era a *Divina comedia* do Dante. O prior de Santa Cruz era grandemente affeiçoado á poesia italiana, que era então a mais da moda na Europa.

Ouçamol'o, pois, que está agora de pé, passeando de um lado para o outro, lendo em voz alta e accompanhando o compasso do rithmo com o dedo indicador da mão direita. A passagem, que

*

está lendo, é o final do canto XXVIII do *Inferno*, em que o sublime e carrancudo gibelino fez, com todo o relevo descriptivo que lhe era proprio do genio, aquella pavorosa pintura do terrivel e medonho supplicio do famoso conde de Hautefort, o feroz e rude trovador Bertrand de Born. Diz assim:—

Io vidi certo, ed ancor par ch'io 'l veggia,
Un busto senza capo andar, si come
Andavan gli altri della triste greggia.
E'l capo tronco tenea per le chiome,
Pesol con mano, a guisa di lanterna,
E quei mirava noi, e dicea: o me!
Di se faceva a se stesso lucerna:
Ed eran due in uno, e uno in due:
Como esser puo, quei sa, che si governa.
Quando diritto appié del ponte fue,
Levo'l braccio alto, con tutta la testa
Per appressarne le parole sue,
Che furo......

Chegando aqui, D. Beltrão fechou o livro sobre o dedo pollegar da mão esquerda, que ficou marcando a pagina, levou a direita á cabeça, recuou um pouco o barrete, coçou o topete, coçou a testa; por fim abriu outra vez o livro, e repetiu a passagem copiada com profunda concentração de espirito e pausadissimamente.

Acabando de ler, tornou a fechar o livro, e continuou a passear por mais alguns minutos, totalmente concentrado e abstracto. Por fim sentou-se n'um banco, ficando casualmente n'uma posição, d'onde enfiava a vista por uma avenida, que ia direita ao pontilhão, e ahi permaneceu por mais de dez minutos, inteiramente alheio a tudo o que o rodeava, com a vista fitamente lançada n'aquella direcção, e a barba fincada na palma da mão direita.

—Por Santa Maria!—disse por fim, abrindo o livro sobre o joelho, e batendo nas folhas uma palmada de despeitado—por Santa Maria! é esta a duodecima vez que leio este livro, e nunca atinei em como isto possa ser. Um homem com a cabeça na mão, e ella a servir-lhe de lanterna! Mas de lanterna a que? Á cabeça? Mas então a tal lanterna alumiava-se a si propria! Por vida minha!—continuou, resmoneando e batendo nova palmada no livro—por vida minha!..

E ficou, durante alguns minutos, a esfregar distrahidamente a mão pela pagina do livro e a bambolear ao de leve o corpo sobre a perna esquerda, por cima da qual tinha cruzada a direita. De subito os labios encresparam-se-lhe com a ironia escarnicadora, que, no capitulo antecedente, tantas vezes vimos assomar nos labios de Luiz de Camoens, bamboleou-se com mais força, e por fim resmungou, avivando mais o sorriso—

—Ora esta! E bem—

Ed eran due in uno, e uno in due.

Ah! sim, isto entende-se. Mas em todo o caso, é como o milagre da Senhora Santa Catharina, que, com respeito seja dito, fallou já com a cabeça fóra dos hombros. E' que lá no inferno tambem ha milagres. Ah! Alighieri! Alighieri!..

...quandoque bonus dormitat Homerus.

Mas vamos ávante.

E, dizendo, abriu o livro, e continuou a ler d'ondè havia interrompido a leitura.

Che furo: or vedi la pena molesta,
Tu, che spirando vai veggendo i morti:
Vedi s'alcuna é grande come questa:

E perche tu di me novella porti,
Sappi ch' i' son Bretram dal Bornio, quelli,
Che diedi al re Giovanni i ma' conforti.
Io feci 'l padre e'l figlio in se ribelli:
Achitofel non fe' piu d'Absalone,
E di David co' malvagi pungelli.
Perch'io partii cosi giunte persone,
Partito porto il mio cerebro, lasso!
Dal suo principio, ch'è'n questo troncone.
Cosi s'osserva in me lo contrappasso [1]

Acabando de ler, D. Beltrão ficou por alguns minutos silencioso e meditabundo; por fim rompeu, dizendo:—

—O caso é intrincado, e tal que estou em dizer que nem todo um claustro de doutores da Universidade viria a cabo de o destrinçar. E comtudo, ha aqui muita verdade, e sobre tudo gran-

[1] Eu vi certo, e ainda me parece que estou vendo, um corpo caminhando sem cabeça, da mesma forma que caminhavam os outros d'aquelle triste bando. Segurava pelos cabellos a cabeça decepada, pendente da mão á maneira de lanterna, e ella olhava para nós, e dizia, ai de mim! De si fazia lampião a si mesmo: e eram dois n'um e um em dois, como póde ser quem tem a consciencia de que se governa. Quando chegou direito junto da ponte, levantou o braço ao alto com a cabeça empunhada, para aproximar de nós as suas palavras, que foram—Ora vê a pena tormentosa, tu que vivo andas visitando os mortos; vê se ha hi alguma tamanha como esta. E para que tu leves novas de mim, sabe que sou Bertrand de Born, aquelle que dei maus conselhos ao rei João. Eu fiz inimigos mortaes o pai e o filho. Achitofel não fez mais de Absalão e de David com as suas malvadas instigaçoens. E, porque eu separei pessoas tão conjunctas, trago separarada a cabeça do seu principio (*a medula espinal*) o qual jaz aqui no tronco. Assim se vê executada em mim a pena de talião.

de prova de quão portentoso era o engenho, que imaginou tão subtilissimo meio de punir um grande crime, tão em conformidade com o caracter descommunal e mysterioso que têem as cousas do outro mundo. Oh! aquelle Dante Alighieri era de veras um sublime e prodigioso genio! Digo que déra agora muito do meu para ter aqui aquelle subtil Garcilasso do senhor meu sobrinho, para ver como elle esmiuçava esta admiravel meada, que o florentino tão habilmante enredou.

Ao dizer estas palavras, calou-se de chofre, e as feiçoens carregaram-se-lhe severamente. Lembrara-se de que o airado e ingrato sobrinho o não viera visitar, havia já muitos dias. Esteve assim alguns segundos, sem se mover e com os olhos fitados no chão. De subito estendeu a vista pela avenida, que lhe ficava fronteira, espalmou a mão por cima dos olhos, estendendo-os fitamente por ali fóra.

No pontilhão, que atravessava a lagoa, assomava n'aquelle momento um donato, que caminhava com os olhos curiosamente cravados no carvalhal, com ares de quem procurava descortinar alguem pelas boccas das avenidas enlabyrintadas do formosissimo arvoredo. D. Beltrão collocou-se logo mais a descuberto, e tossiu. O donato, mal deu com os olhos n'elle, apressou o passo, e encaminhou pela vereda, em frente da qual elle se achava. Mal chegou a tres ou quatro passos distantes do prior, curvou a cabeça, crusou os braços sobre o peito, e disse em voz submissa:

—*Fac mihi dicendi veniam, reverendissime domine...*

—*Do veniam*. Que pretendeis, Paio Pires?

—Senhor—respondeu o donato sem se desageitar da humildosa posição que tomára—vosso senhor sobrinho ahi é á porta, pedind) para vos fallar...

—Hein! ahi é elle o vaganão!.. o marinello!—

exclamou de chofre D. Beltrão, com os olhos scintillantes de suprema alegria, mas apparentando grande irritação nos gestos —E não lhe dissestes vós que não quero mais vel'o, que não quero mais fallar-lhe, que não seja tão ousado que volte a procurar-me? Hein? hein?...

—Senhor, assim fiz como ordenastes—respondeu o donato—mas elle não quer partir embora, aporfia em que de grado ou de força vos ha-de fallar, e affirma com grandes juramentos que me cortará as orelhas se lhe não abrir a porta, isto apezar de eu dizer uma e muitas vezes que vós não mais o quereis ver, que já agora sois seu inimigo mortal...

—Ah! doidarrão, e isso lhe dissestes! Que sou seu inimigo mortal! Como, dom sandeu! E tão ousado sois vós que tal lhe affirmastes! Hein! hein!—atalhou de golpe D. Beltrão, correndo irritado para o donato e desaprumando-o com um bem puxado empurrão—Ah! dom gargantão aleivoso, seu inimigo... eu? E isso ousastes dizer! Viu-se nunca tal mentira, tal blasphemia! O' Santa Maria, que estou para fazer em vós tal estrago, que fiqueis para sempre curado de vossa maldade, e não mais torneis a dizer tal descortesia a um Camoens e meu sobrinho. Ora andai d'ahi; ide pedir-lhe perdão de vossa grande ignorancia, e dizer-lhe que aqui estou aguardando por elle. E vós avisai-vos—continuou, sacudindo violentamente pelo hombro o pobre donato—avisai-vos que outra vez que ahi torne meu senhor sobrinho, não tenhais a ousadia de lhe dizer que sou seu inimigo, e que o não quero ver. Andai... despachai-vos...

O donato estava como que abobado a olhar para o iracundo prior de Santa Cruz. E o caso não era para menos. Como já disse, havia mais de trinta dias que Luiz de Camoens não viera visitar o tio, e este, irritado por aquella falta, que se lhe

afigurava esquecimento de quem tanto lhe queria, havia dado ordem de o despedirem logo que ahi viesse, e de lhe dizerem que elle o não queria mais ver. O donato havia cumprido a ordem que recebera, e em razão d'isso, o pobre diabo não podia comprehender a razão porque havia incorrido no desagrado do irascivel prior, cuja sanha contra o sobrinho se havia desvanecido como o fumo, mal soubera que elle estava ali á portaria do mosteiro, e era vindo para o ver e visitar.

O triste donato não tinha razão, por que não tinha justiça. Esta estava da parte de D. Beltrão, que como superior tinha o posso, o quero e o mando á sua disposição, e por isso o direito de dizer e desdizer-se ao mesmo tempo. Na sua simplicidade de donato, o pobre homem não sabia que o mundo andaria ás avessas, se os priores não tivessem razão e a tivessem os donatos. O direito da força á a suprema razão das razoens. O ser prior era uma força; logo o donato era um asno por admirar-se de que o prior o quizesse espancar por elle lhe ter obedecido. Tal era a vontade do prior, e acabou-se.

O donato partiu, e minutos depois Luiz de Camoens assomou á entrada do pontilhão da lagoa. Vinha agora gravemente vestido de academico, com seu barrete redondo, o collar chã e sem nenhum d'aquelles feitios de rendas, bicos, trancinhas e outras guarniçoens, das que n'aquelle tempo se usavam, e a aljubeta de panno liso e comprido mais de tres dedos abaixo dos joelhos.

Mal o avistou, D. Beltrão deixou logo ver no rosto todo o grande affecto, que lhe tinha. Os olhos scintillaram-lhe milhares de sorrisos, e os gestos do grave prior de Santa Cruz de Coimbra desmancharam-se em meneios de alegria quasi pueril. Fugiu de repente de defronte da avenida, que enfiava até o pontilhão, e, depois de lançar rapidamente os olhos derredor de si, como rapaz

travesso que busca logar onde se esconder, correu a sentar-se de encontro á parede verdejante de trepadeiras, que se enroscavam pelos troncos das arvores da clareira, de forma que Luiz de Camoens, ao entrar, ficasse, logo aos primeiros passos, de costas para elle.

E assim aconteceu.

O moço poeta, ou porque effectivamente não tinha enxergado o tio, ou porque desejava dar logar a expandir-se aquelle affecto, com que sabia que era estremecido por elle, mal entrou na clareira, lançou os olhos para a frente, e em seguida dobrou para o lado direito, isto é, em direcção opposta áquella em que D. Beltrão estava sentado.

—*Quo te Mœri, pedes?*—exclamou este em tom jovial—Onde vai o senhor cabeça de vento assim tão distrahido que passa por um homem, e não o vê?

O moço poeta voltou-se de golpe.

—Ah! senhor tio, ahi sois vós?—respondeu, dirigindo-se a elle—Senhor, desculpai, que vos não via. Ora deite-me elle a sua benção, e diga-me como vai de sua saúde.

Assim dizendo, ajoelhou, e estendeu a mão para tomar a de D. Beltrão. Este engatinhou sobre a cabeça do sobrinho uma benção velozmente feita, e depois tomou-o pelos hombros, fitou-o todo sorrisos, e assim ficou alguns minutos, como que embellezado de alegria a contemplar o rosto do mancebo, que estremecia como filho.

—Como vou de minha saúde!—exclamou por fim, franzindo o sobr'olho e engrossando a voz—E elle que se lhe dá bem de como passa o tonto do velho, que em logar de fazer pôr fóra da porta o sobrinho ingrato, que passa trinta e dois dias sem d'elle se importar, o deixa entrar para dentro d'ella, e ainda por cima o recebe com os braços abertos, em logar de o receber com uma adaga pelos peitos. Ah! doidarrão! marinello! Agora

te tenho, e tu m'as pagarás. Onde está a canção que me promettestes? Onde o soneto que falla de ventura? Onde a glosa aos versos de Boscon, que principiam

> *Justa fue mi perdicion;*
> *De mis males soy contento—?*

Onde as voltas áquella cantiga, que diz

> Na fonte está Leonor,
> Lavando a talha e chorando?

E as voltas ao motte, que te dei, e que diz

> Menina dos olhos verdes,
> Porque me não vedes—?

E os sobre a tenção de Miraguarda? e os do motte

> Saudade minha
> Quando vos veria—?

E mais

> Coifa de beirame
> Namorou Joanne—?

Ora bem; agora o verás, que aqui experimentarei quanto tens vaganeado, e se terás arruinado teu engenho e subtileza a maganear, doidarrão! Ouve, pois.

E dizendo, abriu n'um relance a *Divina Comedia*, e leu, com rapidez pouco artistica, a pintura do supplicio de Bertrand de Born, que acima fica transcripta. Acabada a leitura, exclamou:

—E bem, isto como se entende? Como póde ser caminhar um homem com a cabeça dependurada da mão *à guisa di lanterna?* E alumiar-se com ella;

> *Di se faceva a se stesso lucerna?*

Que embrulhada é esta agora—

Ed eran due in uno, e uno in due
Com'esser puó quei sa che si governa—?

E que tem que ver uma cabeça separada do corpo com o crime de embrulhar o pai com o filho, e faze-los inimigos mortaes? Vamos, quero ver se desbarataste o grande engenho, que Deus te deu, por esses arruidos e maus feitos, em que andas mettido, vaganão; quero ver se ainda és o mesmo, subtil, engenhoso, perspicaz... Anda, despacha-te.

Luiz de Camoens, sabedor como era do caracter e do affecto que lhe tinha o tio, aguentou sem pestanejar esta bordada de perguntas encontradas e extravagantes, que elle lhe disparou á queima-roupa. Assim que elle se callou, respondeu com todo o socego:

—Ora, senhor, a mim se me afigura que, pelo que respeita aos versos de Alighieri, vós fallais só para me ouvir; que, pelo de mais, seria querer ensinar o padre nosso ao vigario...

—Ah! não me fugirás; não cuides que me foges assim—atalhou vivamente D. Beltrão, lançando-lhe a mão á aljubeta—Pensas que me atarracas com essas rebolarias? Para aqui, já para aqui; é fallar, prestes, nada de delongas... Mas sus, é verdade: os versos, onde estão os teus versos, as cançoens, os sonetos, os motes, em fim os meus versos, os versos que me prometteste? Para cá, para cá com elles...

E, dizendo, D. Beltrão acenava com as mãos como quem chamava para si os versos promettidos.

O moço poeta metteu, sorrindo, a mão no bolço da aljubeta, e tirou d'elle um masso de papeis, d'entre os quaes escolheu seis ou sete, que em seguida entregou ao tio, dizendo com ares de mimoso aggravado:

—Os versos, que lhe prometti, senhor, aqui são. Nenhum falta como elle verá; e assim se convencerá que não me esqueço eu tanto d'elle, como em sua muita injustiça de mim faz conceito. Mas é que, senhor, não se vai a Roma n'um dia; e para tamanha obra como vós me talhastes d'esta feita, mister houve de tempo...

—Ah! aleivoso! —interrompeu de chofre D. Beltrão, apparentando-se indignado, mas todo risos e contentamento—E isso me ousas tu dizer a mim? Que vagaroso que é o senhor, elle que, no simples voltear de uma veleta, é capaz de fazer quatro sonetos e dois villancetes. Mas sus—continuou, fitando os olhos no resto dos papeis, que Luiz de Camoens mettia como que acinte com todo o vagar na algibeira—isso que é? São versos? Versos teus...versos teus?—accrescentou, levantando-se a meio corpo e estendendo a mão para a papelada, como quem se queria arremeçar sobre ella.

O moço poeta deu subitamente uma meia volta, e mergulhou de golpe os papeis na algibeira. Depois respondeu com toda a fleugma:

—Versos são de veras, e meus, senhor, e não dos peiores que tenho feito; sobre tudo um soneto que sei que muito vos ha-de contentar, e uma canção que principia

> Vão as serenas aguas
> Do Mondego descendo,

que a bofé, é a melhor de quantas fiz até hoje.

—Então damos, damos; quero vel-os, damos para cá—exclamou D. Beltrão sem se levantar, mas curvando-se como que a preparar-se para aferrar de salto a presa que tanto cubiçava.

O moço poeta cruzou as mãos sobre o peito, e disse, fitando o tio com fria e provocadora serenidade:

—Senhor, não; perdoai. Mas estes não vol-os darei, senão...

—Senão que?—atalhou D. Beltrão, batendo com o pé na terra e com os olhos scintillantes de toda a força do desejo, que a negação do sobrinho lhe despertára.

—Senão se me prometterdes fazer uma mercê que tenho a pedir-vos—terminou o poeta, sem se desmanchar um só ponto da glacial serenidade, que havia assumido.

D. Beltrão fitou-o um minuto, sorrindo ironicamente e meneando a cabeça como quem o comprehendia. Depois levou a mão á algibeira da sotaina.

—Senhor, perdoai—exclamou de repente o moço poeta, dando dois passos para a frente, e atalhando com o gesto, que fez, o movimento com que a mão do tio caminhava para a bolça—perdoai, mas por agora não se trata de dinheiro. A mercê que tenho a pedir-vos é de muito mais valia do que elle.

A estas palavras D. Beltrão ficou como que embobado.

—Ah!—exclamou prolongadamente, fitando os olhos espantados no sobrinho.

Este *ah* era sobejamente rasoavel e significativo.

Luiz de Camoens nunca até alli fallára ao tio em cousa alguma grave e importante. Tudo o que com elle tratava, eram puras frioleiras de poeta ou de rapaz extravagante, e todos os enredos, que lhe armava ao affecto e á benevolencia, tinham por unico fim haver d'elle dinheiro. D'esta forma, D. Beltrão chegou a convencer-se de que o moço poeta não tinha outros cuidados nem pensava em outra cousa mais do que em imaginar os meios mais astuciosos de lhe sugar, para extravagancias, as dobras e cruzados d'oiro, que a elle lhe rendia o priorado, ou antes a chancelaria da

Universidade. Assim as inesperadas palavras do moço, revirando-lhe á força e de golpe a opinião em que estava, foram como que um raio cahido de subito junto d'elle. D. Beltrão de Camoens ficou, e com sobejos motivos, como ficaria o cego de nascimento, se apparecesse de repente com vista perfeita.

O moço poeta não o deixou permanecer muito tempo debaixo da oppressão do atordoamento d'esta surpreza.

—Senhor tio—disse-lhe com serenidade, mas em voz tão firme e tão decidida como o prior de Santa Cruz jámais lhe ouvira até ali—agora me disseram que vós protegeis Alvaro de Moura n'este caso de Diogo Botelho, e que é por vosso poder que o perro do conservador fez adormecer o processo. Ora, senhor, eu venho dizer-vos que sou amigo como que irmão de Diogo Botelho; e assim venho pedir-vos, pelo muito amor, que me tendes, que hajais por bem não mais favorecer aquelle aleivoso velho, e soltar toda a vossa valia a favor do triste encarcerado.

D. Beltrão de Camoens carregou severamente os sobr'olhos, e ficou alguns momentos sem dizer palavra, e com a vista mal assombrada fitamente pregada no sobrinho. Este, de braços cruzados e de pé deante d'elle, não o desfitava nem mostrava receio de qualidade alguma, dando-lhe por esta maneira occasião para fazer mais outra descuberta, isto é, para conhecer que o moço, que até ali reputava azado somente para fazer doidices e versos excellentes, era tambem capaz de se contrastar face a face fosse com quem fosse, sem arredar um só passo, nem sequer abaixar os olhos um momento.

—Sobrinho—disse por fim o prior com rispidez—pasmo de veras de tamanha ousadia. E bem! Não te pejas de te dizeres amigo de um vaganão devasso e deshonesto, e de fallar tão más pala-

vras contra um tão honrado fidalgo como Alvaro de Moura? Por Santa Maria! E assim cuidas que D. Beltrão de Camoens é homem capaz de ser capa de infames e covardes raptadores, que não se pejam de levar a deshonra ao seio das familias honestas, seduzindo-lhes as filhas, das quaes, por seus votos d'ellas, nem ao menos podem fazer espozas?

Ao ouvir aquellas injurias contra o amigo, o poeta sentiu referver-lhe nas veias o sangue naturalmente irritavel. A indignação scintillou-lhe rapidamente nos olhos; mas conteve-se porque aquelle era emfim D. Beltrão de Camoens, o tio que o estremecia como filho dilecto.

—Senhor—disse pois em voz ligeiramente tremula, mas serena—asseguro-vos que Diogo Botelho está innocente.

—Innocente!—bradou D. Beltrão, batendo irritado com o pé no chão, e com toda a colera dos Camoens a saltar-lhe pelos olhos fóra—Innocente, por satanaz!..—E parou, abafado pela irritação que o dominára, e que dava, de quando em quando, ao pacifico prior de Santa Cruz de Coimbra o aspecto de assomado e rixoso rico-homem de outros tempos.

O rosto do poeta assombrou-se de golpe com tinctas iguaes ás do tio; de forma que ficaram um momento a fitar-se um ao outro, como dois verdadeiros Camoens, isto é, como quem sentia correr-lhes nas veias o sangue mais brigoso do mundo. Quem assim os visse, não duvidaria um momento de que eram de veras parentes, e parentes muito chegados.

—Innocente!—continuou momentos depois D. Beltrão—E como! Tão sandeu te faz a cegueira, que te liga a esse ribaldo, que ouses tentar enganar-me, faltando á verdade? Não te pejas negar assim com tal aprumo um facto, que é bem sabido de todos?

—Senhor tio, repito-vos, e sobre isso vos empenho a minha honra: Diogo Botelho está innocente—replicou placidamente o moço, que conseguira vencer totalmente a colera.

D. Beltrão ficou um momento sem responder, com os olhos severamente fitos n'elle.

—Um Camoens nunca faltou á sua palavra, sobrinho—disse por fim com orgulhosa rispidez —Na nossa familia presou-se sempre mais a honra que a vida. Por ella sacrificou nosso bisavô Vasco Pires tudo quanto possuia, preferindo ficar pobre honrado, a ser traidor opulento e poderoso, seguindo o partido do mestre de Aviz contra o da filha d'el-rei D. Fernando, em cujas mãos prestára menagem de a reconhecer herdeira da corôa. Luiz, estes exemplos não te devem esquecer; e por muito grande que seja o motivo que te obrigue o affecto, poem sempre muito e muito acima d'elle a honra do teu nome e a palavra dos Camoens.

E depois de um momento de silencio, continuou:—

—Tu empenhas a tua honra pela innocencia de Diogo Botelho; e comtudo não é de todos bem sabido que foi elle que assaltou o convento de Cellas, que roubou D. Beatriz, que acutilou Alvaro de Moura? Como ousas, portanto, atirar despejadamente a tua palavra de encontro á verdade dos factos, á verdade que todos sabem, que todos palpam, e que te desmente tão em cheio e com tanta deshonra para ti?

—Vós e todos estaes enganados—replicou serena mas carregadamente o poeta—Torno a dizer-vos, e sobre isso vos dou por fiadora a minha palavra. Diogo Botelho não foi quem raptou de Cellas D. Beatriz de Moura.

—Como, dom ribaldo!.. Por satanaz! Então quem foi?

—Fui eu.

—Tu!.. tu!

E, dizendo, D. Beltrão fitou a vista espavorida no poeta. Um momento depois carregou severamente o aspecto, baixou os olhos para o chão, e ficou alguns minutos sem dar palavra, deixando ver claramente no rosto o quanto lhe desagradara aquella revelação do sobrinho. A primeira impressão d'ella espavorira-o, porque o accreditára, e viu n'um relance todas as consequencias de um crime d'aquella ordem; a segunda indignara-o, porque passado o primeiro impeto, veio-lhe a suspeita de que aquellas palavras nada mais eram do que um artificio para lhe captar a protecção; e o prior de Santa Cruz reputava-o villão, não só pela velhacaria com que visava sem consideraçoens algumas ao fim, que pretendia alcançar, mas tambem por ter sido garantido e asseverado pela honra, de quem tinha a consciencia do que ella valia diante da verdade.

—Sobrinho—disse, portanto, passados minutos—isso é de veras descaro, que nunca de ti pensei. Ora sús, moço, deu-te Deus um grande engenho e uma grande alma; vejo com dôr que as más companhias t'e tem quasi que de todo derrancado. Aviso-te, que se vais por esse caminho serás um dia a deshonra do nome dos Camoens.

A estas palavras o moço poeta não pôde conter-se mais. Havia já muito que a colera lhe acachoava ferozmente no peito; mas os desejos que tinha de alcançar a protecção do tio para Diogo Botelho, e a demais, a consciencia de que todas aquellas carrancas haviam por fim de parar em D. Beltrão fazer o que elle quizesse, deram-lhe até aqui a força precisa para elle sopitar a indignação. Mas a ultima affronta apanhou-o de todo desprevenido. Nunca o imaginara na bocca do tio. Ao ouvil-o, portanto, Luiz de Camoens, soltou um brado de raiva, cerrou convulsivamente os

punhos, e fitou um momento os olhos chammejantes no prior de Santa Cruz de Cambra.

—Pelo inferno!—rouquejou por fim—outro que não fosseis vós... Mas já vos disse; Diogo Botelho não foi quem roubou D. Beatriz. Fui eu, fui eu... por satanaz! fui eu. E se mais ousais duvidar da minha palavra, juro-vos pela vida de meu pai, que vou d'aqui direito a casa do conservador, e lá direi toda a verdade, que hei-de provar, e provar-vos, tambem, que Luiz de Camoens nunca faltou á sua palavra.

O poeta disse isto com a violencia do desespero de quem não póde satisfazer em obras a colera.

Ao ouvil'o, D. Beltrão espavoriu. Conheceu que o sobrinho fallava verdade, e receou-se de que o caracter arrebatado o não fizesse correr a casa do conservador. Assim, apenas elle acabou de fallar, arremeçou-se sobre elle de golpe, aferrou-o pela aljubeta, e fel'o sentar a par de si, dizendo-lhe atrapalhadamente:

—Luiz, sobrinho, que é isso? Ensandeceste? Ui! homem. Como! não vês que estou zombando? Vá, dom Roldão, socega, socega, que tudo se fará como desejas. Mas diz, diz para ahi; por que malditos quinhentos te metteste tu n'esta embrulhada de Alvaro de Moura?

E, ao dizer estas palavras, passou-lhe o braço direito por cima do hombro, e tomou-lhe com a mão esquerda uma das d'elle, com as mais vivas e irrecusaveis significaçoens do entranhadissimo affecto que lhe tinha.

O moço Camoens serenou em poucos minutos. A gratidão, que o procedimento do tio lhe inspirava, foi poderosissimo calmante d'aquelle accesso de colera.

—Senhor tio, perdoai—disse por fim—mas eu não fui poderoso bastante para mais me conter; porque, senhor, vós me dissestes o que ninguem

me ousara dizer, e que eu jámais receei ouvir da vossa bocca. Mas emfim pesa-me do que disse, e perdoai, que bem sabeis que homem sou eu para me deixar matar por vosso amor...

—Não mais, sobrinho, não mais—atalhou D. Beltrão—não mais fallemos em tal. Aguas passadas não moem moinho, e dê-m'os ao démo pezares, que não ha hi no mundo cousa bastante para te eu querer mal algum dia. Tu bem o sabes, marinello. Mas, sus, como é que te achaste mettido...

—Senhor, desculpai—acudiu o poeta, interrompendo-o—mas antes que fallemos, quero fazer penitencia das ruins palavras que ousei dizer diante de vós...

E, mettendo a mão na algibeira, tirou d'ella um papel dobrado, e depois de o abrir e examinar, entregou-o ao tio, dizendo:

—Ora eu estava determinado a não vol-a dar senão depois de alcançar de vós o que pretendo. Mas, pois que vos anojei, quero que espaireçais por ella o nojo que involuntariamente vos dei.

D. Beltrão, mal viu o papel nas mãos do sobrinho, filou-o, e levou-o aos olhos de golpe.

—Uma canção! Versos... versos teus!—exclamou.

E em seguida, com os olhos brilhantes de enthusiasmo, poz-se a ler, com amor e com toda a perfeição da cadencia necessaria ao metro, aquella bellissima canção da author dos Lusiadas, que principia

> Vão as serenas aguas
> Do Mondego descendo,
> E mansamente até o mar não param.

Ao acabar de lel'a, D. Beltrão poz-se arrebatadamente de pé. Depois voltou ao principio da obra, declamando os versos cada vez com mais

enthusiasmo. Por fim deitou-se aos abraços ao sobrinho, bradando:

—Isto é que é ser Petrarca e Garcilasso! Isto é que é ser Boscon e João de Mena! Tudo o al é nada! Isto é que é ser poeta!

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo...

E que me venham cá depois com o Dante! E eu lhes direi—um poeta é isto! Isto é que é poesia! Aqui está a graça, aqui está a belleza, aqui estão as musas, aqui está o grande, o verdadeiro engenho! O Dante! Por Santa Maria!

Ed eran due in uno, e uno in due:
Com'esser puo quei sa chi se governa.

Ora tomai-vos lá com estas embrulhadas! Agora te digo, sobrinho, que tal canção como esta ainda se não escreveu em dias do mundo. Sonorosa, doce, poetica, prefeita emfim de uma vez...

—Assim, vêde vós o que ella seria—atalhou aqui maliciosamente o poeta—se aquelle perro de Alvaro de Moura me não trouxesse tresnoutada a cabeça com este negocio de Diogo Botelho.

—Como Alvaro de Moura!—exclamou arrebatadamente D. Beltrão—Pois aquelle gotoso, com suas cousas, será causa de se te embotar o engenho! Por Santa Maria, que o afundo! Viu-se jámais cousa como esta! Pois por um perro tinhoso de um velho sandeu ha-de perder-se um tal poeta como tu! E isto se soffre! Não póde ser. Vamos; quero saber como é que andas mettido n'este caso de D. Beatriz. Isto ha-de remediar-se por força.

—Senhor, antes de tal vos dizer—replicou o poeta—dai-me licença para, em poucas palavras,

vos dar verdadeira conta do caso de D. Beatriz e de Diogo.

E depois de um momento de pausa, continuou:

—Vós deveis saber, senhor tio, que Diogo Botelho pertence á familia dos Botelhos da ilha de S. Miguel...

—Olá!—atalhou aqui o prior em voz e gesto de quem lhe reconhecia a alta fidaguia da origem.

—Como descendente que é—seguiu o poeta—de um varão d'aquella casa, que veio casar á ilha da Madeira com uma dama muito nobre e muito rica. Descende, portanto, do famoso Pero Botelho, commendador mór da ordem de Christo, que na batalha de Aljubarrota, vendo a pé o grande condestavel D. Nuno Alvares, lhe deu o cavallo, em que cavalgava, ficando a pelejar a pé com grave perigo de sua pessoa. Já vêdes, senhor tio—perorou o poeta, sorrindo—que pelo lado da fidalguia Diogo Botelho nada fica a dever a Alvaro de Moura, apesar d'este ser parente do valido d'elrei...

—Adiante—disse D. Beltrão, fazendo com a mão um gesto de assentimento.

—Ora pelo lado dos haveres...—continuou com ironia o poeta—Até se me afigura que é peccado fallar d'isso. Diogo Botelho é grande proprietario na ilha da Madeira; possue terrenos sem fim, e é senhor de muitos engenhos e grande numero de escravos. Além d'estas riquezas, que todas lhe vieram por seus pais, é presumptivo herdeiro de seu tio Pero Botelho, de quem de certo haveis de ter ouvido fallar como um dos homens mais ricos do mundo. No futuro, Diogo será um Cresso, um Lucullo. E que é Alvaro de Moura? Um pobrete sem leira nem beira, como eu que o digo, proprietario do dia e da noite, e herdeiro forçado de sete palmos de terra no cemiterio. Queira Deus que breve lhe chegue a herança! Vive do que come, segundo se diz; e o que come, segundo os coscovilheiros, pro-

vem-lhe das prebendas, das reitorias e das demais mercês, de que o conde de Cantanhede lhe deixa dispôr á vontade, em razão de certos favores recebidos, em outros tempos, da mulher do sobredito... Mas, sus, lingua de trapos, que te importa que o conde de Cantanhede pague com as prebendas do reino os favores que lhe fez, em sua mocidade, a mulher de Alvaro de Moura? Lá se avenham com isso, como poderem, que para o que vos quero dizer, basta saber-se que, nem pela fidalguia nem pelos haveres, Alvaro de Moura póde nem sequer boquejar diante de Diogo Botelho.

—E bem: adiante—disse aqui D. Beltrão, um pouco desgostado com a má lingua do irascivel e volteiro poeta.

Luiz de Camoens ficou alguns momentos sem dar palavra, fitando o tio a sorrir-se e com um olhar distrahido. Por fim rompeu de golpe, dizendo:

—Diogo Botelho, senhor, desde que veio para Coimbra, foi sempre um mancebo modelo. E d'isso não deslisava um ponto. Estudioso, grave, pacifico, e grande amigo da poesia; e nada mais do que isto. Vivia, mas não irmanava com os volteiros, rixosos e amotinadores da meia noite, como nós outros, em bem seja dito. E isto não era por que lhe faltassem nem forças nem animo; que rijo é como Sansão e esforçado como Milão de Cortona. Mas era de genio. Todo elle era volver a Instituta, fallar Papinano, ou declamar, em casa dos Latinos, Homero ou Virgilio O resto do tempo passava-o a espairecer-se pelas formosuras dos arredores de Coimbra, a contar as folhinhas das flores dos montes de Santa Clara, ou a admirar extatico a suavidade com que se derivam, as aguas do Mondego, fazendo tremular docemente os ramos dos salgueiros e dos choupos, que sobre ellas se debruçam. Era de veras um exemplario. Todos o admiravam; e de mim vos sei dizer que por mais

de uma vez estive determinado a esperal-o de noite, e pregar-lhe uma sova de cutiladas, para ver se lhe despertava a alma, porque tinha para mim que era cousa de muito pesar o ver tamanhas forças e tão grande coragem a desgastarem-se sobre o gothico das Pandectas ou a olharem embasbacadas para o Mondego e para as flores...

—Ah! madraço! madraço!—exclamou aqui o prior, fitando com apparente indignação o sobrinho.

—Tal era elle—continuou o poeta, sorrindo—que lhe pozeram o *contemplativo* de alcunha. Ora, senhor tio, haveis de dizer comigo, que moço assim é muito para ser cobiçado para genro; e para quem não tem onde cahir morto, é então tal mercê de Deus, que cumpre que homem faça dos pés duas mãos, para ter quatro com que a agarrar, e ainda assim não são muitas. Grande moço de veras para tal feito! D'ali sahia por força um excellente marido, um marido para trazer a mulher *ao* cólo e o pobrete do sogro sobre o cachaço. E depois, senhor, um homem assim tão pacifico e manso de condição, não é verdade que merecia a Deus uma vida tão serena e tão placida como as aguas do Mondego, de que é tão excessivo admirador?

—A' fé que sim, se tal é; mas adiante—respondeu D. Beltrão.

—Pois, senhor, foi tudo muito pelo revez—volveu o poeta—Vêde vós lá como o diabo as arma... o diabo não, Alvaro de Moura com aquella perra alma aleivosa que o diabo lhe deu. Estava, um domingo, Diogo Botelho ouvindo missa na Sé, *na* frente do magote do povo, agglomerado sobre a porta lateral. N'isto sente grande reboliço atraz de si. Olha, e vê um velho de cara soberba e iracunda, abrindo caminho, com um bordão, que trazia na mão, atravez da arraia miuda. Não se *con*tentou muito Diogo Botelho d'aquella soberba ali na casa de Deus. Por isso fez logo fincapé na re-

solução de se não arredar para dar passo áquelle soberbo. Este breve chegou a par com elle, e, vendo que elle se não mexia, tocou-lhe não muito de manso no braço com o bordão para o despertar. Diogo voltou-se azedo mais que nunca.

«—E bem, mano, que mandais?—disse-lhe seccamente sem se mexer.

«—Mano, mano a mim! a mim Alvaro de Moura!—respondeu o outro, voz em grito e fazendo-se negro de colera—Ora arredar, villão, e prestes que quero passar. Despachai, ou, por satanaz, que vos aligeiro a pauladas, rufião descortez!

«—Ah! quereis passar!—volveu Botelho.

—E, tomando o soberbo pelo cabeção do pelote, levantou-o em cheio ao alto, e levou-o para a frente alguns passos.

E levantou-se com isto grande motim na igreja. Os estudantes riam, riam as mulheres, e o povo; ladravam porém os velhos e os padres, e ladrava tambem aqui e alli um capa-em-colo, d'estes que se presam de bem aparentados. Mas não faziam mais que ladrar, que pelo que toca a passar de obras de lingua para obras de braço, n'isto a Deus misericordia, que não ha hi de veras duas tamanhas e tão difficeis cousas no mundo como são prometter e dar. E vós que dizeis a isto, senhor tio?

—Digo—respondeu D. Beltrão carregadamente—que mal e mui mal se portou Diogo Botelho, que as cans de um velho devem conter e impôr respeito a todo o homem bem nascido.

—Assim é, senhor—respondeu no primeiro impeto Luiz de Camoens—mas é quando essas cans se fazem respeitar por sua authoridade, como as vossas. Que um velho por ser velho, ieramá, não tem direito a ser descortez, nem a espancar e a affrontar de palavras os moços.

Aqui interrompeu-se de chofre. A expressão carregada que ia ensombrando cada vez mais o

rosto do tio, fel-o cahir em si, e reconheceu a necessidade de não continuar pelo caminho, que o seu genio naturalmente prompto e pouco soffrido havia imprudentemente tomado. Assim, revirando de golpe a conversa, continuou seguidamente por esta maneira:

—Ora vêde vós como o demo é capaz de as armar! Aqui tendes um moço socegado e pacifico em pontos de se perder como qualquer volteiro e rixoso! E o peior foi que d'esta pendencia é que se originou depois todo o mal. Assim foi o caso.

Aqui o poeta interrompeu-se um momento para apanhar o barrete, que lhe cahira das mãos.

—Passados tempos, encontrou, ahi para as bandas de Coselhas, umas poucas de moças nobres, que andavam folgando a retouçar por sobre as flores de uma campina. Todas lhe pareceram bem, e n'isto não ha que achacar-lhe, porque mau mez para homem de bom sangue, a quem a vista de damas não contente e alegre os olhos, e não faça pular o coração. Taes homens, se os ha, não são, a bofe, para feito de prol; e sobre isto me matarei com qualquer doidarrão que ousar dizer o contrario.

D. Beltrão sorriu-se, meneando com assentimento a cabeça, e o poeta foi avante.

—Todas pois lhe pareceram muito bem, e como cumpria; mas uma entre todas lhe roubou a alma, e d'ella se assenhoreou de todo o ponto. Tratou de saber quem ella era. Era D. Beatriz de Moura!

—Por Nossa Senhora!—exclamou D. Beltrão, dando um pulo sobre o banco, em que estava sentado.

—Ora vede vós como o fado persegue o bom do moço! D. Beatriz de Moura!—continuou o poeta—Era mesmo como quem diz apaixonar-se por uma bombarda carregada até á bocca, e com o bombardeiro a ponto de lhe pegar o fogo. O bom

do Diogo bem o sentiu, coitado! E assim bem quiz olvidar aquelle encontro, e aquella affeição; mas deu-se o caso que a moça é ousada, e que se namorára d'elle de forma que o não deixava descançar um momento com cartas e recados. Diogo Botelho viu que não havia n'isto que fazer, e logo o que emprehendeu foi ver se conquistava por todos os meios a amizade de Alvaro de Moura. Mas aquella empunhação pelo cabeção do pelote na sé, era como que ferro em braza a arder sem cessar poisado sobre a soberba do perro do velho. Por fim de contas Diogo Botelho quiz cortar cerce a difficuldade. Pediu-a para esposa. Que farieis vós em tal caso se fosseis Alvaro de Moura, senhor tio?—perorou de chofre o poeta, fitándo D. Beltrão com firmeza.

—Eu... eu—balbuciou D. Beltrão atrapalhado —eu sei lá o que faria! Homem, isso da empunhação é cousa forte; e depois ha hi casos que podem mais do que as leis...

—Eu cá—continuou o poeta, fingindo não ouvir o tio—eu cá, se fosse Alvaro de Moura, pobre e sem ter que deixar a minha filha mais que a miseria, bradava—O' almas, dai-me vinte mãos; e aferrava com as duas, que tenho, o bem, com que Deus me visitava, de forma que muito rijo havia de ser o varão, que d'ellas se me podesse escapar. Isto, a meu parecer, era andar assisadamente. Pois, senhor, o tonto do velho fez tudo muito pelo contrario. Alevantou ahi um grande arruido, poz grades á filha, espancou-a, peitou rufioens para matarem Diogo, e por fim de contas, vendo que mais dia menos dia, ella faria a sua vontade, que não era outra cousa do que casar-se com o homem que amava, alcançou, pelo conde de Cantanhede, um breve do legado do papa, e fez entrar a filha por freira no convento de Cellas, sem noviciado! Viu-se ahi jámais maior ribalderia, maior crueldade do que esta?

*

—Como!—bradou aqui D. Beltrão estupefacto—pois elle fez isso?

—Senhor, sim—replicou com os olhos chammejantes de indignação o poeta—assim foi como vos digo. D. Beatriz entrou á força, e sem noviciado no convento de Cellas. Alvaro de Moura preferiu que ella fosse infeliz e freira mendiga, a que fosse venturosa e esposa de Diogo Botelho. Por satanaz!—bradou aqui o poeta, pallido como um cadaver e pondo-se de um salto a pé—por tudo quanto ha de mais sagrado no ceu e na terra, que, a ser comigo, eu teria despedaçado aquelle villão, aquelle pai desnaturado e infame, em tantos pedaços que d'elle nem mesmo ficaria memoria no seio da terra. E vós, senhor, e vós—accrescentou, sentando-se e fazendo por de todo refrear a grande raiva que dentro d'elle estuava.

D. Beltrão havia, pouco a pouco, carregado gravemento o aspecto.

—Olha, sobrinho—disse por fim—tu ajuizas do caso apaixonadamente, e como moço que és e amigo do Botelho. Ora bem; suppoem que és ancião, já alquebrado e sem forças, e que encontras um homem mancebo e reforçado, que te empunha pelo cabeção, e te affronta publicamente, e com grande deshonra para tua pessoa? Que farias?

—Matava-o—bradou impetuosamente o poeta, pondo-se de pé.

—Agora que és moço e valente—volveu com serena gravidade o prior de Santa Cruz—mas se fosses velho e sem forças, ou peitavas rufioens para o matar, ou ensandecias, mordendo-te de raiva e de odio.

D. Beltrão callou-se um momento; mas vendo que o sobrinho não respondia continuou em seguida:

—Ora este odio cegar-te-ia para todos os interesses do mundo; e, ainda que fosse um rei o homem que te tivesse affrontado, se lhe visses a felicidade dependente da felicidade de tua filha,

o teu odio havia de preferir matares o futuro d'ella, comtanto que o fizesses a elle para sempre infeliz. Isto não devia ser assim, não: Jesus Christo ensinou de veras outra doutrina. Mas que queres? Tal é a humanidade. Regem-n'a as paixoens, da mesma forma que o instincto rege os brutos. Assim não ha que achacar a Alvaro de Moura pelo que fez. Nada mais fez do que o que todos os homens fariam; e por tal não lhe devemos pôr culpa, porque como diz Terencio, no *Heautontimorumenos—Homo sum, humani nihil a me alienum puto.* [1] Toda a censura cabe, mas é a Diogo Botelho, que, affrontando, por um mero nonada, um velho honrado e doente, fez o que não devia, como tão fidalgo que é; e veio assim, por seu castigo, a ser causa da sua propria infelicidade e da infelicidade de D. Beatriz.

A estas palavras, o poeta cravou abstracto os olhos no chão, e ficou alguns minutos sem dizer palavra.

—Senhor—disse por fim, tirando da algibeira um papel dobrado—á fé, que deveis estar cançado de tão larga conversação sobre proposito tão alheio de vossa arte. Ora, por me fazerdes mercê, lêde essa ode, que fiz ha dias, e que por ventura vos desenfastiará...

—Ah!—exclamou D. Beltrão, mudando repentinamente de aspecto e filando ao mesmo tempo o papel, que o sobrinho lhe apresentava.

Em seguida ergueu-se, e poz-se a ler. Era a bella ode que principia

> Aquelle moço fero
> Nas Pelethronias covas doutrinado
> Do Centauro severo etc.

[1] Ter. Heaut. Act. I. sc. I. Sou homem, e, como tal, não me reputo isempto de nenhuma das fraquezas da humanidade.

Acabando de lel-a, ia a voltar, segundo o seu costume, de repente e sem interrupção, ao principio, para fazer segunda leitura, quando o poeta o atalhou, dizendo:

—Senhor, essa ode escrevi, como vêdes, com os olhos no caso de Diogo Botelho. E assim digo que se desculpais Alvaro de Moura de ter morto para sempre a felicidade da filha, dementado pelo odio que lhe causou a affronta de Diogo Botelho, tambem deveis desculpar este de ter amado D. Beatriz, porque, senhor, o amor é cousa muito forte...

—Porém menos que o odio, quando este tem tamanha causa como a que deu o teu amigo Botelho—atalhou D. Beltrão com um olho no sobrinho e outro na ode—Assim, Luiz, fica resolvido...

—Resolvido o que, senhor?—atalhou impacientemente o poeta.

—Que me deixes ler a tua ode, e me não tornes mais a fallar no Botelho—acudiu D. Beltrão com igual impaciencia.

—Maldita ode!—rosnou mentalmente o poeta —Mas, senhor attendei—continuou em voz alta —agora o caso já não é com Diogo Botelho; agora é comigo; porque, senhor, deveis saber que eu e um amigo, vendo que aquella crueldade do perro do velho não era coisa para soffrer-se, e, ademais, vendo o pobre Diogo a finar-se de pura magoa por causa de uma sem-razão que brada ao ceu, resolvemos ir roubar D. Beatriz a Cellas. E como o resolvemos, assim o fizemos, que não somos nós homem, para deixar á lingua todo o trabalho, o d'ella e o dos braços..

—Pois tal fizeste, Luiz!—exclamou D. Beltrão, cravando no sobrinho os olhos cheios de afflicção.

—Senhor, sim—volveu o poeta—e, á fé, que não me corro nem arrependo do que fiz: antes

cuido que andei como quem sou e como devo á honra do nome de meu pai. Mas agora ouvide. O conservador está de todo o ponto contrario a Diogo Botelho; e tanto, que nem o proprio bispo D. Gonçalo Pinheiro o pôde demover do seu proposito. Vós só o podeis fazer, se quizerdes: de outra sorte Botelho será condemnado. Ora por isto é que eu vinha pedir-vos a mercê de o protegerdes, e, tão esperançado vinha de que facilmente alcançaria de vós cousa tão justa, que já aqui trazia este soneto, que tenho pelo melhor de quantos fiz...

E, dizendo, tirou do bolço um outro papel, e com elle na mão, continuou:

—Porque em fim, senhor tio, se Diogo Botelho fôr condemnado por um crime, de que o verdadeiro culpado sou eu, e de que elle está de todo o ponto innocente, pede a minha honra, pede o brio do sangue dos Camoens (e vós me direis se assim é ou se não) que eu vá logo ter com o conservador, e lhe diga toda a verdade, e como se passou...

—Que dizes, louco!—exclamou D. Beltrão, arremeçando-se ao sobrinho de todo espavorido.

—Ora vêde primeiro esse soneto—atalhou o poeta, entregando-lhe o papel—e depois me dareis vosso parecer.

Tal era a impressão desagradavel, que havia feito em D. Beltrão a ideia do sobrinho se ir denunciar ao conservador, que d'esta vez tomou o papel machinalmente, e sem nenhuma d'aquellas demonstraçoens de enthusiasmo, que costumava dar em taes lances.

Depois abriu-o, e lançou os olhos sobre a escripta. A's primeiras linhas o rosto resplandeceu-lhe de alegria; depois continuou a ler com as mãos e os labios tremulos, e os olhos humidos de lagrimas. Em seguida saltou aos abraços ao poeta.

O soneto era dirigido a elle.

D. Beltrão esteve alguns minutos abraçado com o sobrinho, depois aprumou-se de golpe, e principiou de novo a ler, mas agora em voz alta e com amplo enthusiasmo.

O soneto, que é de veras a puerilidade mais semsaborona, que sahiu dos bicos da penna do Homero portuguez, e tanto que bem merecia que o tivessem deixado de todo apodrecer no esquecimento, em que jazeu até ainda ha pouco tempo, dizia assim:

A ti, senhor, a quem as sacras musas
Nutrem e cibam de porção divina,
Não as da fonte delia caballina,
Que são Medeas, Circes e Medusas;

Mas aquellas em cujo peito infusas
As estão, que as leis da Grecia ensinam,
Benignas no amor e na doutrina
E não soberbas cegas e confusas,

Este piqueno fructo produsido
Do meu saber e fraco entendimento
Uma vontade grande te offerece.

Se fôr de ti notado de atrevido,
D'aqui peço perdão do atrevimento,
O qual esta vontade te offerece. [1]

Apesar do soneto ser cousa de pouca monta, e inferiorissimo a tudo o que o grande poeta portuguez nos deixou para prova do quanto o seu genio era capaz de amoldar-se a todos os assum-

[1] Este soneto, inedito até ser publicado pelo senhor visconde de Jerumenha na sua edição de Camoens, é a dedicatoria de uma elegia tambem inedita, que o poeta dedicou ao tio.

ptos, ainda os mais pueris e de mais somenos importancia, soube elle tão bem a D. Beltrão, que o leu quatro vezes sem tomar folego, e entre grandes e enthusiasticas exclamaçoens, com que levantava o sobrinho sobre todos os poetas passados e presentes.

—Então, senhor tio — disse por fim o poeta, atalhando-lhe de golpe a quinta repetição da leitura do soneto, a que, com enthusiasmo cada vez mais incendiado, se ia cegamente arremeçar—então, senhor tio, que me dizeis? Devo ou não ficar certo de que não foi debalde que me antecipei com esse soneto, e que de vós alcancei a mercê de não mais ajudardes Alvaro de Moura...

—Como, dom ribaldo atrevido! — exclamou aqui D. Beltrão, interrompendo de golpe a leitura, e fitando o sobrinho com os olhos incendiados—Como! E tão ousado sois vós, que me julgueis capaz de dar força a um perro velho sandeu, a um tonto marrano villão que, tudo por mero capricho de alma damnada, matou para sempre a felicidade da sua propria filha d'elle! Ah! por Santa Maria! que estou para fazer em ti tal estrago, que não mais ouses fazer tal conceito de um homem como eu. Ora sus, é correr d'aqui a Diogo Botelho, e dizer-lhe que seja de bom animo...

Aqui interrompeu-se de chofre, e principiou a declamar, voz em grito e com indisivel enthusiasmo:

—A ti, senhor, a quem as sacras musas
Nutrem e cibam de porção divina...

Ah! perro Alvaro de Moura, que agora te afundo!

Não as da fonte delia cabalina
Que são Medeas, Circes e Medusas...

Por Santa Maria! Viu-se jámais ahi cousa como esta! Sobrinho, agora te digo, que nem Garcilasso, nem Petrarca, nem o Mena... E dizer-se que aquelle velho aleivoso ha-de, por sua má alma, ser causa de perder-se um engenho tão excellente! Eu t'o direi, eu t'o direi!

Mas aquellas em cujo peito infusas
As estão, que as leis da Grecia ensinam...

Que as leis da Grecia ensinam! O' maravilhoso conceito! O' engenho raro e peregrino!... Velho maldito, tu as pagarás, Herodes de tua propria filha... Saturno, Thyestes, Satan... ***Abrenuntio! Vade retro!***

Benignas no amor e na doutrina
E não soberbas cegas e confusas...

Ah! Ha hi mais Homero e mais Virgilio! Quem nunca de tal se lembrou senão este maravilhoso rapaz! *Benignas no amor... benignas!...* Ah!

Este piqueno fructo produzido...

Piqueno! Parvo! Que mal te conheces!

Do meu saber e fraco entendimento...

Fraco! Isto se diz! Isto se escreve! Ah! gargantão aleivoso! Assim te ousas apoucar tão sem vergonha e falsamente! Mas lá diz S. Bernardo ***Multi multa sciunt, et seipsos nesciunt. Alios inspiciunt, et seipsos deserunt*** [1]

Uma vontade grande te offerece...

[1] S. Bern. Lib. de Anima. Cap. I. Muitos sabem muitas cousas, e não se conhecem a si. Estudam os outros interiormente, a si abandonam-se.

Aqui D. Beltrão engoliu em secco. Aquelle *offerece* era para elle um verdadeiro argumento *ad hominem*, a que não podia resistir. Continuou, pois, tartamudeando:

Se fôr de ti notado de atrevido...

Atrevido! Pois não!

D'aqui peço perdão do atrevimento,
O qual esta vontade te offerece.

Esta ultima palavra apenas se lhe ouviu; por que, mal chegou a ella, deitou-se a chorar nos braços do sobrinho, cobrindo-o de beijos e de abraços.

Por fim, serenou, e esteve alguns minutos sem dizer palavra, com os olhos baixos, e a embrulhar vagarosamente e com todo o amor o soneto, que metteu no peito da loba, por debaixo da sobrepeliz e da murça. Luiz de Camoens deixou-o com toda a paciencia dar livre expansão áquelle enthusiasmo, contente, a mais não poder ser, da completa victoria que havia alcançado.

—Sobrinho—disse por fim D. Beltrão—agora te digo que, a não ser por este grande poema, que me offereceste, mui mal ficaria comtigo, e por ventura te não quizera ver mais, por me deixares andar até hoje n'este engano! Por Santa Maria! Eu, D. Beltrão de Camoens, joguete da velhacaria de quatro tontos sandeus, de todos os quaes se não póde tirar a centesima parte de um poeta! Eu capa da grande maldade de um perro devasso de um velho, que matou deshumanamente a felicidade da filha, que lhe sacrificou cruamente toda a vida ao seu odio e á sua vingança! E isto é ser homem? Isto è ser christão? Bem diz Eusebio Emissenio: *Non prodest igitur judæo, non prodest hæretico et hypocritæ crucem porta-*

re... *Vis sequi Christum? esto humilis, patiens, misericors. Esto sine odio et simulatione.* [1] E elle, Alvaro de Moura, perro aleivoso, com os pés na cova, a fazer a filha infeliz, tudo por aquella má alma odienta, incapaz de perdoar uma offensa, e de esquecer uma injuria! Ora como diz S. Thomaz *Dicitur I Joan.* 3: *Omnis qui odit fratrem suum, homicida est. Sed homicidium est gravissimum peccatorum inter ea quæ committuntur in proximum: ergo et odium.* [2] Pois quem o havia de dizer d'aquelle velho tão fidalgo, tão honrado, tão bom e tão temente a Deus! Mas em fim, está bem claro que, como diz S. Gregorio Magno, elle é um dos que *mundi actiones fugiunt, sed nullis virtutibus exercent,* e isto por que *caput non in lapide sed in terra posuerunt.* [3] E eu a servir de capa ás maroteiras d'estes servos de... de... de satanaz! Oh! que de gargalhadas não terão dado á minha custa o gargantão do tropego e ribaldo deão da sé, e aquelle falso aleivoso Pero Mendes Sacoto! Mas eu me vingarei! Ah! Alvaro de Moura, que agora te afundo.

Aqui parou de golpe, e ficou um momento me-

[1] Euseb. Luis. *In natali unius martyris.* Homilia prima.—Nada aproveita ao judeu, ao hereje, e ao hypocrita o trazer a cruz. Queres seguir a Christo? sê humilde, paciente e misericordioso. Sê sem odio e sem dissimulação.

[2] S. Thomaz. Summa totius theologiæ. Secunda secundæ quæst XXXIV. art. IV.—Diz S. João, epist. I. cap. 3. 15: Todo aquelle que odeia seu irmão é homicida. Ora o homicidio é o peccado mais grave entre todos os que se commettem contra o proximo; logo o odio é um dos peccados gravissimos.

[3] S. Greg. Mag. Liber moralium in beatum Job. Lib. V. cap. 22. Fogem as acçoens do mundo, mas não se exercitam em nenhumas virtudes.

Não pozeram a cabeça sobre a pedra, mas sobre a terra.

bitabundo, e como que a recopilar mentalmente as citaçoens canonicas, com que pretendia abonar a sua reviravolta deopinião. Por fim pareceu completamente satisfeito com aquelles argumentos; voltou-se para o sobrinho, e ficou-o a fitar silencioso um minuto.

—Bem pois—rompeu finalmente e de chofre—

> A ti, senhor, a quem as sacras musas
> Nutrem e cibam de porção divina...

E cibam! O' perfeição de palavras conceituosas! O' engenho peregrino! Luiz, sobrinho, *jacta est alea*, resolvida está de todo a questão. Aqui não ha mais que accrescentar-lhe. Por tanto vai dizer a Diogo Botelho que esteja de bom animo, que dentro em quatro dias será fóra do carcere, ou não serei eu D. Beltrão de Camoens, prior de Santa Cruz de Coimbra e chancellario da Universidade.

—Senhor, beijo-vol-as mil vezes—exclamou o poeta, arremettendo a beijar as mãos do tio—eu vou d'aqui já a Diogo Botelho...

—Sus—acudiu D. Beltrão, aferrando-o por um braço—demora um instante, que não quero que vás assim tão a secco...

E dizendo, metteu a mão na algibeira, e tirou-a cheia de moedas de ouro e prata.

—Acode aqui com o barrete, Luiz—continuou sorrindo—mas cuidado, que se não maganeiem ellas tão prestes...

—Senhor, perdoai—atalhou o poeta, já em acto de quem se lança para partir rapidamente—mas por agora nada mais tomarei de vosso amor, que a grande mercê que me prometteis...

—O dever de um Camoens é proteger o fraco contra o forte e a justiça contra a sem-razão—disse D. Beltrão, carregando severamente as sobrancelhas—E o prior de Santa Cruz não paga com o

cumprimento do seu dever os favores que recebe de alguem. E' tomal-o, pois—accrescentou, estendendo a mão com o dinheiro—e prestes. Não hajam ahi mais refertas, que as não tolero.

—Ah! senhor!...—exclamou o poeta, mettendo o barrete por baixo da mão do tio, que sobre elle se abriu, deixando cahir o dinheiro.

Depois, o poeta colheu o barrete pela bocca, apanhou-o á laia de sacco, e, erguendo-o ao alto, bradou:

—Ah! senhor, se me pondes na rua Diogo Botelho, eu fiador que vos escreverei um milhão de odes, de sonetos, de eclogas, de elegias... um oceano de versos, um parnaso todo inteiro...

—Ah! marinello! assim tu cumprisses por metade a tua promessa!

—Como, senhor! Duvidais! Pois juro a Deus, que vos hei-de chegar a enfadar com tantos versos, que vos hei-de... forrar de versos por dentro e por fóra. Em fim, por vós farei das nove Musas noventa.

Aqui o donato appareceu de subito junto d'elles.

—Senhor—disse, depois de pedir a devida venia—á porta está Alvaro de Moura, pedindo para vos fallar.

—Ah! elle é!—exclamou D. Beltrão, pondo-se de pé, com os olhos scintillantes de indignação. Depois voltou-se para o sobrinho, e disse:

—Luiz, corre a Botelho, e diz-lhe o que passaste comigo. Pelo demais... Ah! perro velho maldito, tu vais principiar a pagar-me a zombaria que tens até agora feito de mim.

Luiz de Camoens arremessou-se sobre a mão do tio, e deu sobre ella um milhão de beijos.

—Senhor—exclamou por fim—Cautella com a besta. Olhai que é a do Apocalipse. Exorcismai-a primeiro. Depois excommungai-a, fulminai-a, reduzi-a a pó; que eu, se tanto fôr preciso, mandar-

vos-ei n'um soneto a aguia de Jupiter com todos os raios de seu amo. Adeus.

E, dizendo, tornou a cubrir de beijos a mão do tio, e depois lançou-se, ligeiro como um gamo, pelo pontilhão fóra, e desappareceu entre as sombras do arvoredo fronteiro.

D. Beltrão compoz então grave e authorisadamente o aspecto, e, voltando-se para o donato, disse em voz de prior de Santa Cruz:

—Fazei entrar Alvaro de Moura para a cella grande.

O donato partiu.

D. Beltrão ficou ainda alguns minutos no mesmo sitio, onde o sobrinho se despedira d'elle; depois tomou a *Divina Comedia*, e, com ella na mão, dirigiu-se gravemente para o pontilhão.

—Ah! velho aleivoso—ia elle rosnando—e assim ousas apresentar-te diante de mim! Ora, juro a Deus, que agora te afundarei de uma vez.

VI

Tal é o mundo,
Tal a gente que agora vive n'elle.
J. CORTE-REAL. *Nauf. de Sepulveda X.*

Luiz de Camoens, sahindo de Santa Cruz de Coimbra, correu á rua dos Estudos, a casa dos Latinos.

Mal chegou, subiu logo, e foi dar com Diogo Mendes, na sala das palestras, a passear agitadamente de um lado para o outro, com as mãos atraz das costas e a fronte derrubada e meditabunda.

—Ah! chegastes por fim—disse este, apenas avistou o poeta—Mas, por Deus, onde estivestes até agora? Anda ahi tudo n'uma roda viva em vos-

sa procura. João de Mello acaba agora mesmo de sahir...

—Venho do mosteiro de Santa Cruz...

—Ah! E d'ahi?

—D. Beltrão meu tio—replicou o poeta—deixa desde hoje de favorecer Alvaro de Moura, e prometteu-me que, dentro em cinco dias, Diogo Botelho sahiria da prisão.

—Grande nova de veras e boa—volveu Diogo Mendes com significaçoens de contentamento, mas não com o enthusiasmo, com que Luiz de Camoens esperava que elle receberia a noticia—grande nova de veras e boa, mas já hoje de não tanta importancia como ainda hontem pensavamos que era.

—Sim! E porque?—disse o poeta, carregando um pouco despeitado os sobr'olhos.

—Eu vol-o direi—respondeu Diogo Mendes—Tivemos hoje por noticia de exacto conhecimento e sciencia certa que não é o chancellario a principal pessoa de que se serve Alvaro de Moura para obrigar o conservador...

—Então quem é?—atalhou o moço Camoens, com aspecto cada vez mais de aborrecido.

—E' o deão da sé.

—O deão! — balbuciou o poeta, ficando com os olhos fitos em Diogo Mendes, não já com o olhar despeitado, mas agora vago e como de quem de subito se retrahira para dentro de si mesmo, e procurava recordar-se de alguma cousa.

Por fim exclamou:

—Ah! por S. Pisco de pau! Por isso meu tio me disse... Mas, qual a razão por que Pero Mendes Sacoto se vê assim obrigado a obedecer áquelle gotoso?

—Deve-lhe mil e duzentos cruzados d'ouro—disse friamente Diogo Mendes.

—Pelos evangelhos!—exclamou Luiz de Camoens, cravando no companheiro os olhos arro-

galados do espanto, que lhe produzira a noticia d'aquella divida enormissima para aquella época.

—E' como vos digo—volveu Diogo Mendes—Deve-lhe mil e duzentos cruzados d'ouro.

—Mas então, o que havemos de fazer?—replicou o poeta, ainda debaixo da oppressão d'aquelle assombro.

Diogo Mendes, passeando sempre, não respondeu durante alguns segundos. Por fim rompeu de chofre, e encolhendo os hombros:

—Eu sei lá o que havemos de fazer? O que sei é que Pero Mendes Sacoto deve mil duzentos cruzados d'ouro ao deão da sé, e, por isso, este o obriga de tal forma, que nem a carta de meu tio D. Gonçalo, nem outras que de Lisboa temos feito vir de grandes pessoas, têem prestado para cousa alguma. O caso passa-se assim—continuou enviezando sobre o enthusiasta, franco e audacioso poeta um olhar de quem pretendia apreciar bem a fundo o effeito que a noticia havia produzido n'elle — O caso passa-se assim. Pero Mendes Sacoto deve mil duzentos cruzados d'ouro ao deão da sé; Alvaro de Moura prometteu uma mitra ao deão, se este obrigar o conservador a condemnar Diogo Botelho, apesar de estar evidentemente demonstrado que não foi elle que roubou D. Beatriz. O chocho do velho, que deseja morrer bispo, e sabe que el-rei está por tudo o que quer o conde de Cantanhede, e o conde por tudo o que quer Alvaro de Moura, exige tambem que o conservador faça o que elle quer, promettendo-lhe que no dia em que elle deão aferrar a mitra, aferrará elle Sacoto a obrigação da divida de mil duzentos cruzados. Assim todos os dias, á noitinha, Alvaro de Moura vai ter com o deão á sé, e na crasta passeiam até se fechar a noite, fallando de mitras, fallando do conde, e concertando o que o conservador deve fazer no dia seguinte. Mal este rompe, Pero Mendes sahe de casa, e vai confessar-se

á sé ao deão; e ahi, no confessionario, recebe as ordens do aleivoso do velho, e dá-lhe conta de todos os passos e de todos os meios que empregam os valedores de Diogo Botelho para o obrigarem a fazer justiça. Aqui tendes vós como a cousa se passa—perorou Diogo Mendes, enviezando outro olhar sobre o poeta, de novo a observar o effeito, que o que dissera com toda a pausa e com todas as accentuaçoens convenientes, havia produzido n'elle.

Luiz de Camoens tinha-se no entretanto sentado, e escutára-o attentamente, com o cotovelo direito fincado no joelho e a barba poisada na mão. Quando Diogo Mendes acabou de fallar, poz-se a passar ao de leve a mão pela barba ponteaguda, com a vista um pouco vaga e abstracta, e o aspecto ligeiramente carregado. Por fim principiou a dizer ainda não de todo senhor de si:

—Então com que, á noitinha... na crasta... Alvaro de Moura... Ha! ha! ha! E Pero Mendes ao romper d'alva... no confessionario. Pélos santos evangelhos! Que maravilhosas almas não poz Deus dentro d'esses tres grandes villoens aleivosos, que assim se colligam contra um pobre innocente desvalido! Mas, sangue de Christo! que não será assim... não será assim! E vós o vereis, Diogo Mendes, vós o vereis... Mas sus—exclamou de golpe e como quem pretendia desviar a conversa—e bem; que grandes noticias são essas de que me fallastes quando entrei...

—E' verdade; e já se me olvidavam!—atalhou Diogo Mendes—Ora sabei que veio ahi o moço do carcereiro a dizer-nos á puridade que, esta noite, Alvaro de Moura está determinado a assaltar o carcere com dez até quinze criados, e que o perro do amo lhe deu ordem, de que, entre as onze e as doze, tenha aberta a porta da cadeia para entrarem por ella quatro rufioens, que hão-de matar Diogo, entretanto que os outros lhe

farão costas no largo, para o caso de alguem apparecer que suspeite do feito, e lhe queira valer...

—Ah! isso passa! Sangue de Christo!—bradou o poeta, pondo-se de um salto a pé, esverdeado de colera e com os labios lividos como os de um cadaver—Já mandaram dizer alguma cousa a Diogo Botelho?

—Ainda não.

—Nem se lhe diga. Onde está João de Mello?

—Como vós não apparecieis, foi procurar-vos, e avisar João Mendo, de Tomar...

—Bem pois; quando voltar, dizei-lhe que serei aqui dentro de duas horas. Que me aguarde. Ah! infames ribaldos! Juro a Deus que d'esta feita levareis tal lição que a haveis de mentar toda a vida!

Assim dizendo, embrulhou-se na capa, e sahiu, descendo a correr a escada.

A voz do moço poeta tinha a entoação firme, decidida e imperativa do homem corajoso e resolvido, que, no meio dos grandes perigos, encontra de relance os meios que deve empregar, e fica desde logo com a consciencia de que não ha cousa que seja capaz de lhe superar a energia, a resolução e o esforço, com que os emprega. Esta consciencia é desde logo meia victoria ganhada.

Ao vel-o sahir d'aquella maneira, Diogo Mendes, apesar da sua natural gravidade, deu um pulo de creança extremamente contente, e, esfregando as mãos, deitou a correr pela escada que levava para o segundo andar.

Chegando lá, abriu uma das portas, que davam sobre o patamar, e entrou exclamando:

—Ora sus, primo Miguel, levantai a mão do que estais escrevendo, que ahi esteve Luiz de Camoens, e a bofé que mais confiança devemos ter n'elle, do que na petição que estais compondo

para Affonso do Prado, por melhor que seja o latim, em que a façais.

Miguel de Cabedo, que estava escrevendo a uma banca, sentado n'uma grande cadeira espaldar, voltou-se a estas palavras a meio corpo, e, com a penna ainda supensa entre os dedos, replicou:

—Ahi esteve elle?

—Ahi esteve, e d'ahi acaba de sahir como um corisco. Vêde vós o que não haverá em Coimbra, esta noite, com trezentos brigoens no meio da rua, todos de espada em punho e com elle na frente! Pois se o visseis? Sahiu, jurando ao sangue de Christo, que este feito seria...

—Bem pois—atalhou gravemente Miguel de Cabedo, atirando com a penna—aguardemos.

Meia hora depois da scena, a que o leitor acaba de assistir, a noite cerrou totalmente. Vamos agora em cata do que fazia a esta hora Diogo Botelho, que estava no Aljube, que era então provisoriamente prisão dos estudantes.

Mal anoiteceu o carcereiro Gonçalo Nunes, por alcunha o *mausinho*, entrou-lhe no quarto, que era no andar superior para o lado da rua, trazendo um candieiro de ferro de um só bico, no qual ardia uma torcida, mergulhada em azeite.

—Que novas, Gonçalo Nunes?—preguntou Diogo, erguendo-se da cama, onde estava deitado, e vindo para diante de uma mesa de pinho, onde o carcereiro poisára o candieiro.

—Senhor, nenhuma de grande—respondeu elle—Dizem por hi que breve chegará o reitor fr. Diogo de Murça...

—Deus o traga—atalhou Diogo—a ver se este meu negocio se desencanta por fim...

—Por ventura que d'elle não hajais mister para isso—volveu o carcereiro, sorrindo—e que mais breve, do que pensais, chegue fim a vossas cousas. Ora ficai com Deus.

E, dizendo, sahiu fechando a porta com a chave, o que não costumava fazer.

Diogo Botelho, ao sentir rodar a chave na fechadura, estranhou o acto, e levantou a cabeça, fitando um momento a porta com ar desconfiado. Depois encolheu os hombros, sentou-se á meza, e abriu um folio encadernado em pergaminho, que sobre ella jazia.

Eram as *Rimas de Petrarca*, então um dos livros mais da moda em Portugal e mesmo em toda a Europa neo-latina.

Os olhos cahiram-lhe casualmente sobre aquelle bello soneto—o XXX (257) *in morte de M. Laura*—que diz assim:

Quando io mi volgo indietro a mirar gli anni
C'hanno, fuggendo, i miei pensieri sparsi,
E spento 'l foco ov'agghiacciando i'arsi,
E finito 'l reposo pien d'affanni;

Rotta la fé degli amorosi inganni,
E sol due parti d'ogni mio bien farsi,
L'una nel cielo e l'altra in terra starsi;
E perduto 'l guadagno dé miei danni;

I'mi riscuoto, e trovome si nudo
Ch'i'porto invidia ad ogni estrema sorte:
Tal cordoglio e paura ho di me stesso.

O mia stella, o fortuna, o fato, o morte,
O per me sempre dulce giorno e crudo,
Como m'avete in basso stato messo! [1]

[1] Quando me volto para traz a olhar os annos, que, fugindo, espalharam ao vento todas as minhas imaginaçoens, que gastaram o fogo em que eu ardia tremendo de frio, e acabaram o meu descanço cheio de cuidados; que quebraram a fé que eu tinha nas minhas illusoens amorosas, e dividiram em duas par-

Diogo Botelho leu como que machinalmente o soneto. Depois ergueu a cabeça, e ficou a olhar pensativo e abstracto para a parede fronteira. Em seguida ergueu-se vagarosamente, e veio sentar-se á janella do carcere, que dava sobre a rua.

A noite estava escurissima, e bem em harmonia com os pensamentos do pobre Diogo, cuja tristeza d'alma o desalento do soneto do poeta italiano havia cruelmente avivado.

Não eram os rigores do encarceramento, nem os possiveis resultados da má vontade do conservador, que lhe suffocavam o coração. Aos vinte annos,—idade felicissima!—taes ideias não denegrecem mais que uma vez em cada quarenta oito horas o rosado ceu das vagas esperanças de um rapaz. E ainda assim, quando apparecem, duram apenas o espaço de um lampejo. Os pensamentos, que o opprimiam, eram de especie muito outra; e as taboas do carcere sentia-as sómente, quando elles esbarravam de encontro a ellas o vôo, ao abrirem as largas azas para se arremessarem a espaços a muita distancia d'ali.

A saudade, esse

> ...... gosto amargo de infelizes,
> Delicioso pungir de acerbo espinho,

que repassa o intimo peito

> Com dôr que os seios d'alma dilacera,
> Mas dôr que tem prazeres;...

tes todo o meu bem, fazendo ficar-se uma na terra e outra no ceu, perdendo-me assim o fructo de todos os meus males; volto então sobre mim, e acho-me tão abandonado e triste, que invejo ainda o estado mais desgraçado: tal é a dôr e o mêdo que tenho de mim proprio. Ó minha estrella, ó fortuna, ó fado, ó morte, ó para mim dia ao mesmo tempo grato e cruel, como em tão baixo estado me haveis precipitado!

esse anhelo indefinivel, mistura de lagrimas e risos, que arremessa a alma em poz da imagem de ser desejado e querido, que vê como se presente fôra, mas em torno do qual doideja sem lhe poder tocar, como a borboleta em torno do globo de vidro, dentro do qual arde a luz, que a fascina, e na qual se consummirá por fim, logo que lhe possa chegar: a saudade, essa dôr deliciosa, com a qual se morre a sorrir, punha-lhe diante dos olhos D. Beatriz, e fazia-o esbarrar de encontro ás grades do carcere, no empenho de se lançar atraz d'aquella sombra querida, que a realidade, ao levantar-se, lhe fazia desapparecer de diante dos olhos, e que, ao desvanecer-se pouco e pouco no espaço, elle via a estender-lhe os braços, chamando por elle e sorrindo de amor por entre as as lagrimas.

Ao escurecerem de todo as visoens, que aquella verdadeira nostalgia do coração lhe desenrolava de quando em quando diante dos olhos, Diogo Botelho erguia-se, rugindo como uma fera, e blasphemando de Deus e da hora, em que havia nascido. Depois o coração incendiava-lhe de novo a imaginativa; os primeiros rubores d'aquellas auroras beatificas começavam a arrebolar o horisonte do negro ceu d'aquella alma; e o pobre rapaz sentava-se, fincava os cotovelos nos joelhos, mergulhava a cabeça entre as mãos, e assim ficava até de todo desapparecer a deliciosa visão, até exhaurir a derradeira gota d'aquelle *gosto amargo de infelizes*, com que ia enganando e torturando o amor, que dentro d'elle vivia.

A par d'este sentimento levantava-se um outro, que tinha o condão de desvanecer de golpe aquellas doces visoens, e que até muitas vezes as supprimia de todo. Era o ciume: ciume, se por ventura assim se póde chamar o receio vago, o sentimento indefinido de raiva, a nuvem que sem que nem para que lhe cobria de subito e a

espaços o coração; o sobresalto indeciso, timorato, inquieto, uma cousa sem nome, que se desvanecia de golpe, mal a razão a chamava a contas, mas que ás vezes se apoderava d'elle de forma, que o punha de repente a dois passos distante do suicidio.

Esse sobresalto assenhoreára-se d'elle desde o momento, em que dissera o ultimo adeus a Simão d'Ornellas, ao despedil-o com D. Beatriz para a Madeira. Aquellas palavras *mas é que deveras se me afigura que te não tornarei a ver* já foram n'aquella hora a expansão do primeiro rebate, que elle lhe deu no coração. Desde então nunca mais se largou d'elle. Vinha-lhe quando mal o pensava, velando ou dormindo, pensando ou orando, quando ria ou quando chorava, quando scismava em D. Beatriz ou quando meditava nas probabilidades da época do seu livramento. Vinha-lhe de subito, inesperado, á traição, em fim como verdadeiro sobresalto que era. E se o pobre Diogo não tinha tempo de acudir com a razão a abafar-lhe aquelle poder vago e indefinido que possuia; se não chamava logo para diante de si as nenhumas rasoens que tinha para aquelles temores, ai d'elle, que não ha hi éculeo que iguale em torturas as que são produzidas pelo ciume sem causa real, o ciume vago, o ciume que brota espontaneo do coração, a loucura do ciume n'uma palavra.

Tal era a vida que vivia Diogo Botelho. De dia a companhia dos amigos, a quem a influencia do bispo D. Gonçalo Pinheiro facilitára, durante sol nado, accesso ao preso, suffocava quasi de todo estas temerosas ancias. No ardor das polemicas, no barulhar dos ditos chistosos, Diogo redemoinhava atordoado no turbilhão, em que volitavam naturalmente aquelles alegres espiritos sem cuidados. Se a conversação descahia um momento, e a natural indolencia da melancolia começava a

fazer levantar n'elle ou aquellas visoens ou aquelles sobresaltos, acudiam logo a abafar-lh'os, ora os Latinos suscitando questoens litterarias, ora Pero d'Abrantes lufando pela bocca fóra tolices philosophicas, ora o medico Veiga pondo tudo em confusão com os palavroens gregos, ora o teimoso Alvaro Mendes sustentando paradoxos e negando tudo o que os outros asseveravam. E logo saltava sobre todos Luiz de Camoens, já azorrogando com o ridiculo as tormentas scientificas, já descantando á viola tonadilhas e cançoens escholares, já improvisando facilmente vilhancetes e voltas ou recitando sonetos, odes, cançoens e todas as demais poesias lyricas, que ia diariamente compondo.

Mas de noite, quando os amigos eram obrigados a deixal-o, e elle se achava a sós comsigo, de noite é que o pobre Diogo se debatia, sem remedio, n'aquelle seu tormentoso inferno. Se tentava dormir, a imaginação espancava-lhe o somno, que fogia espavorido diante do sem numero de peripecias, com que ella aporfiava em variar aquellas visoens tormentosas. Se recorria ás *Rimas* de Petrarca, seu livro predilecto, os versos escriptos nos tempos felizes dos amores do poeta evocavam logo a saudade de D. Beatriz, e esta transformava-se em breve no desespero que lhe inspiravam as cadeias, unicas peias que lhe embaraçavam o voar para junto d'ella. Se lia os versos escriptos depois da morte de Laura, o lento desespero da melancolia do poeta italiano incendiava-lhe a desesperada impaciencia, que d'elle se havia apoderado, e mergulhava-o em negros pensamentos e agonias indiziveis. Assim tudo o demais, com que tentava destrahir-se; tudo, porque em tudo a imaginação encontrava sempre um ponto, por onde principiar a laborar o incendio, que lhe ia lentamente consumminds as potencias da alma.

N'aquella noite, pois, em que de novo o apresento ao leitor, Diogo Botelho, indo sentar-se á janella, depois de ler aquelle soneto de Petrarca, procurou ver se achava, no que se passasse na rua, distracção para os negros pensamentos que aquella leitura melancolica lhe havia despertado.

A noite, porém, estava escura, escura a mais não poder ser; e no largo, em frente do Aljube, não transitava viva alma, e era tudo silencio sepulchral.

Alguns minutos depois, Diogo Botelho ergueu-se, e poz-se a passear a todo o comprimento do quarto. Passeou, passeou, ao principio a passo regular; e logo a passo rapido, rapido, cada vez mais rapido, á medida que as ideias negras lhe iam acachoando cada vez com mais fogo dentro do cerebro.

Por fim parou, levou as mãos ao peito, e tirou d'elle um longo e prolongado ai, com o violento e cançado resfolego, de quem levanta com a respiração uma montanha. Passou então a mão pela fronte, e ficou alguns minutos com o olhar vago e negro fitado abstractamente nas grades da prisão. Depois dirigiu-se á cadeira, arrojou-se para ella, fincou os cotovelos na meza, mergulhou a cabeça entre as mãos, e poz-se de novo a ler.

Assim esteve um quarto de hora com as faces incendiadas, os olhos luzentes e a estremecer violentamente a espaços, como quem fazia poderosos esforços para conter-se. Em seguida arremessou o livro, ergueu-se de golpe, e ficou de pé, rodeando o quarto com um olhar de verdadeira insania. Depois poz-se de novo a passear com violencia, resmoneando rugidos e palavras inintelligiveis e entrecortadas. Parou por fim, e ficou de novo extatico e sem se mover, com a vista fitada na janella. Passados minutos dirigiu-se a ella, encostou-se ao parapeito, e poisou a cabeça sobre as grades. A frescura do ferro e o ar fino da noite,

augmentado por uma aragem do norte que passava de quando em quando, fizeram-lhe bem. As lagrimas começaram então a cahir-lhe a pares pelas faces abaixo.

Esteve assim meia hora, se tanto. Por fim voltou-se para dentro, rodeou os olhos melancolicamente pelo quarto, e sorriu-se com um sorriso tristissimo, o sorriso da resignação que tem pena da pobre figura que o desespero nos obriga a fazer. Depois dirigiu-se á luz, apagou-a, e lançou-se vestido como estava sobre o catre, que ficava em frente da janella, cujas portadas deixou abertas de par em par.

O frio da noite, levado pelo norte para dentro do quarto, e por ventura que tambem o quebranto produzido por aquella violenta suprexcitação do desespero, chamaram-lhe o somno. Mas que somno! O somno que nos tira de todo a consciencia da vida; o somno de que se desperta com a sciencia exacta de que até o corpo esteve morto durante o tempo que elle durou. O despertar d'aquelle somno é quasi que uma resurreição.

Diogo Botelho tambem despertou d'elle, mas não naturalmente. Acordou, ao estrondo violento produzido pela porta do quarto ao ser levada de golpe para fóra dos gonzos. Ao mesmo tempo um homem entrou de repellão.

Dentro da cadeia sentia-se um grande arruido; e no largo, em frente d'ella, uma pavorosa briga de muitas cutiladas entre pragas e gritos de afflicção.

—Diogo... Diogo Botelho!—bradou o homem que havia entrado, dirigindo-se ás apalpadellas para o catre.

Diogo Botelho, estremunhado, lançou-se de um salto ao meio da casa.

—Quem é? Quem me chama?—bradou espavorido por ainda mal desperto.

—Sou eu, João Mendo, de Thomar — respondeu o outro a meia voz.

—Esse és?—volveu o preso—Então que me queres? Que significa este ruido? Que briga é essa ali fóra?

—Não é nada; torna a ti—replicou João Mendo — Os aleivosos queriam matar-te esta noite; mas eu cortei-lhes os voadouros com esta, que trago na mão, e os outros estão a acabar de depennal-os lá fóra no largo. Agora, sus, é aproveitar a occasião, e fugir.

N'isto sentiu-se uma grande grita na rua, e logo muita gente correndo em differentes direcçoens. Em seguida ouviram-se passos apressados subindo a escada. O arruido dentro da cadeia havia já acabado de golpe, e como se fôra lufado pela porta fóra sobre o largo.

O caso passára-se assim:

Luiz de Camoens, sahindo de casa dos Latinos, correra em procura de cinco ou seis dos mais volteiros estudantes que havia em Coimbra, e deralhes parte do premeditado assassinato. Estes pozeram logo de pé uns vinte e tantos taes como elles, e ficaram desde logo á disposição do esforçado poeta.

A's nove horas o moço Camoens appareceu, segundo promettera, em casa dos Latinos. Levava uma couraça vestida e um bacinete na cabeça. João de Mello, igualmente armado, já estava aguardando por elle.

Os dois combinaram então n'este plano de campanha.

A turba dos estudantes, commandados por João de Mello, iria esconder-se em duas casas visinhas do Aljube, uma do lado da rua das Colchas, e outra da parte de cá do arco chamado actualmente do Bispo. Quando chegassem os rufioens de Alvaro de Moura, que haviam de ficar no largo, a fazer costas aos que entrassem dentro da cadeia pa-

ra perpetrarem o assassinato, os estudantes, a um signal de João de Mello, haviam de cahir de repente sobre elles, e acutilal-os de forma que escapasse com vida o menor numero que fosse possivel. A cousa, já se vê, era combinada á estudantina; era dar a matar.

Em quanto aos quatro, que haviam de entrar na cadeia, e ao carcereiro, que os havia de levar á prisão de Diogo, esses reservou-os o poeta para si e para o seu amigo João Mendo, de Thomar, outro como elle no que toca a forças e temeridade.

João de Mello duvidou um momento do bom exito d'esta ultima parte da empreza, em razão da desigualdade do numero.

—Perdei o cuidado—respondeu-lhe o denodado poeta—Eu e João Mendo entraremos primeiro do que elles no Aljube, que assim o acabo de ajustar com o servente do carcereiro; depois deixai-os comnosco, que eu vos fio que os poremos de forma, que não ficarão para contar da façanha. Tende-me vós mão nos que ficam no largo; que, pelos evangelhos, o feito ha-de ser relembrado por seculos em Coimbra.

E como o convencionaram, assim o pozeram em pratica.

Das dez para as onze horas principiaram a convergir, á formiga, sobre o largo do Aljube, muitos homens embuçados, que ás onze em ponto estavam reunidos em numero de vinte e dous sobre a porta da cadeia.

Eram os sicarios de Alvaro de Moura.

Passados alguns minutos, que estiveram cochichando uns com os outros, um d'elles bateu ao de leve na pórta da prisão. Esta abriu-se logo, e para dentro entraram quatro homens.

—Pela morte!—disse um d'elles ao carcereiro, principiando a subir as escadas—porque não trouxestes luz?

—Porque nos podia denunciar aos outros presos—respondeu—Não tenhais receio; vinde apoz de mim que sei bem os andaimes.

E continuaram a subir em silencio as escadas.

Mal o carcereiro, que caminhava na frente, ia a pôr o pé no derradeiro degrau dos que subiam para o primeiro patamar, o portão da rua fechou-se de subito, troando medonhamente ao esbarrar com toda a força no batente. Ao mesmo tempo sentiu-se um grito pavoroso, o baque de um corpo que tombava resaltando de uns para outros corpos, e logo uma tormenta de cutiladas no alto da escada, o ruido dos homens a lançarem-se por ella abaixo, e em seguida, ao sopé d'ella, uma tempestade de golpes, igual á que soava no alto.

O caso fôra assim:

O carcereiro, ao pôr o pé no primeiro patamar, sentiu-se aferrado pelo pescoço. Em seguida uma espada passou-o de lado a lado pelo peito, e logo o cadaver foi sacudido para cima dos quatro rufioens que subiam. Estes, mal haviam sentido o cadaver resvalar de cima d'elles para o chão, quando principiaram a sentir uma saraivada de cutiladas, tão vastas e tão duras, que não haviam rodelas, que d'ellas se podessem anteparar. Por serem dadas ás escuras, parte d'ellas cahiam no chão e nas paredes, mas as que acertavam, partiam as rodelas, e as laminas dos caçotes, com que os rufioens vinham armados.

Surprehendidos por esta fórma, os homens levantaram grande grita apavorada. Depois lançaram-se a fugir pela escada abaixo. Ao chegar porém á ultima escada foram recebidos com igual salva de cutiladas, tão vastas e tão pesadas, como as que os zurziam da parte de cima.

No alto da escada achava-se João Mendo, de Thomar; no baixo Luiz de Camoens.

Apertados assim entre dois tão temerosos fogos, e elles ás escuras e sem saberem o que haviam de

fazer, os rufioens soltaram novo grito de covarde pavor.

—De ponta—ouviu-se então bradar cá de baixo.

As cutiladas cessaram, e dois homens cahiram varados por duas estocadas. Os outros dois soltaram um grito medonho de terror, atiraram-se ás cegas para a frente, esbarraram de encontro á porta, abriram-n'a, e sahiram a bradar espavoridos.

Atraz d'elles sahiu immediatamente outro homem acutilando-os. Era Luiz de Camoens. João Mendo subiu no entretanto ao quarto, onde estava fechado Diogo Botelho.

A briga cá fóra travou-se com menos desigualdade de posição. Ahi haviam dezoito homens contra vinte, e o logar da peleja era um largo.

Assim, mal a porta da cadeia havia troado sobre o batente, espantando os dezoito rufioens que á bocca d'ella ficaram, e que não sabiam como explicar aquelle caso, quando se ouviu o som prolongado e argentino de um apito, e logo as duas companhas dos estudantes cahiram de espada em punho e como dois vagalhoens encontrados sobre a turba dos assassinos.

Estes, tomados de sobresalto, desuniram-se ao primeiro impeto do accommettimento; mas logo fecharam-se n'um só corpo e cerraram galhardamente com os briosos e esforçados assaltantes.

Travou-se a briga bem accesa e bem ferida. Os estudantes tinham a vantagem das armaduras e do brio; os outros o habito de assassinarem traiçoeiramente. As cutiladas resoavam ininterrompidas por entre os gritos, as pragas e as maldiçoens. Pouco e pouco foram cahindo alguns homens. Então alguns rufioens principiaram a aproveitar as abertas, que casualmente achavam, e fugiam covardemente. Os outros principiaram a pelejar, defendendo-se, com gritos apavorados, e

desunidos, oscillando, e quasi em pontos de fugir.

N'isto a porta do Aljube abriu-se de repellão, e os dois rufioens, que haviam escapado da tormenta da escada, appareceram fugindo, perseguidos pela terrivel espada do poeta. Os dois miseraveis não trataram de reunir-se aos companheiros, mas partiram, correndo a quanto podiam os pés, pelo largo de S. João abaixo em direcção á rua das Covas.

O poeta, esse lançou-se logo no coração da refrega, e desandou ás cutiladas com a galhardia costumada.

Depois d'isto a briga durou um minuto se tanto. Os assassinos, já acovardados pelo que lhes ia pouco e pouco acontecendo, ao sentirem os gritos dos companheiros que fugiam, e o novo reforço que chegára aos escholares, soltaram um grito pavoroso, abalaram-se, oscillaram um momento, e partiram em fim a fugir em todas as direcçoens, bradando á d'el-rei espavoridos.

Os estudantes seguiram-lhes o encalço, correndo por aqui e por ali em cima d'elles. O genio naturalmente volteiro do moço Camoens inspirou-lhe fazer o mesmo; mas João de Mello, que ficára e que o reconheceu, lançou-lhe a mão, e chamou-lhe de novo a attenção para Diogo Botelho.

Os dois subiram então as escadas do Aljube, e foram ter com elle ao quarto, onde entraram no momento em que João Mendo o convidava a aproveitar a occasião, e fugir.

—Fugir!—disse Diogo Botelho, ouvindo aquellas palavras do amigo.

—Fugir, sim; e porque não?—exclamou o moço Camoens, que entrava n'este momento no quarto.—E' bater a aza, e voar, Diogo; e voar para bem longe, para as ilhas, para a ultima das ilhas. Veremos depois o que fará esse aleivoso Pero Mendes Sacoto. Haverá que rir a fartar.

Diogo Botelho, que estava sentado na borda do catre, baixou a cabeça, e ficou alguns minutos pensativo e silencioso.

—Então, homem, perdeste a falla?—exclamou galhofeiramente o poeta, sacudindo-o por um braço—Acorda. Por S. Pisco de pau! é preciso não perder tempo. De pé, de pé e andar.

Diogo Botelho levantou a cabeça com expressão melancolica.

—Luiz de Camoens, não—respondeu com serenidade triste.—Eu bem quizera ver-me livre d'este carcere, e ir respirar a felicidade dos ares da minha terra natal. Mas que diriam de mim se o fizesse? Que diriam d'aquelles que por mim têem intercedido até hoje? Depois, um valido tem sempre os braços compridos, e o conde de Cantanhede chegaria portanto á ilha com os d'elle. E tu bem sabes que Alvaro de Moura póde muito com o conde de Cantanhede.

—Diogo Botelho falla assisadamente—disse aqui João de Mello de Sousa.—Quem está innocente não foge. O fugir é indicio de culpa.

O poeta ficou um momento callado e meditabundo.

—A' fé, que sim—irrompeu finalmente—Não fujas, não, Diogo. Tu deves sahir d'aqui como homem fidalgo e de prol, e não como galeote fugidiço e covarde. E depois para que?—continuou jovialmente—Meu tio D. Beltrão jurou que te faria sahir da cadeia dentro em cinco dias; e pelo que me toca—accrescentou sorrindo significativamente—voto a Christo que o hei-de ajudar bravamente a cumprir seu juramento.

N'isto ouviu-se arruido de gente armada no largo.

O moço Camoens correu á janella.

—Ora sus, é despejar e sem perda de tempo—disse de subito—Ahi está o escrivão d'armas com todo o poder da Universidade. Uhi! Que de

Roldoens ahi vem sobre nós! Pelos evangelhos! Que de cutiladas de lingua não vão ahi agora haver n'esse largo...

Aqui ouviu-se dizer em voz de commando:

—Meirinho, fazei chegar as lanternas, e vêde que homens derribados são esses que jazem ahi.

Luiz de Camoens levou comicamente as mãos á cabeça.

—Senhor Deus, misericordia!—bradou com burlesco pavor—E o conservador... e Pero Mendes Sacoto com elles! Sus, aqui não não ha mais que fazer. Diogo, cá te avem como poderes. Agora é que é ver qual de nós é que tem melhores calcanhares.

Assim dizendo, atirou para debaixo do catre com o bacinete, que tinha na cabeça, tomou o chapeu de Diogo Botelho, e sahiu acompanhado por João Mendo e João de Mello de Sousa.

Minutos depois, o servente do carcereiro fechava sobre os tres estudantes a porta falsa do Aljube, por onde os havia introduzido.

O conservador entrou em seguida para dentro da cadeia. A's tres horas a diligencia estava terminada. Tinha-se providenciado ácerca dos mortos e feridos, e inquerido severamente Diogo Botelho, que negou a pés juntos que tivesse reconhecido as pessoas que lhe arrombaram a porta do quarto, negativa que se tornava muito verosimil, em razão de elle não ter aproveitado a confusão do arruido para fugir.

Acabada a diligencia, o conservador despediu o escrivão d'armas, e este o meirinho e a ronda. Como morava perto d'ali, na rua das Cozinhas, Pero Mendes partiu só e desacompanhado para casa.

Ao subir a rua de S. João, encostado á enorme e pesada bengala, o conservador ia meditando melancolicamente nas tristes consequencias

da sua divida de mil e duzentos crusados ao velho deão da sé.

Por fim chegou quasi sem dar por isso, á esquina da rua onde habitava. Ao voltal-a, um feito extraordinario e inesperado fel-o tornar de golpe e desagradavelmente á consciencia da nesga do mundo, onde n'aquelle momento punha os pés.

Foi o caso que, ao revirar a esquina, um homem sahiu do outro lado de chofre, e atracou-se de um salto com elle, cingindo-o pela cintura com um braço que parecia um cinto de ferro, e pondo-lhe ao mesmo tempo uma adaga sobre os peitos.

O aggressor era homem de estatura mediana, reforçado e espadaudo de corporatura. Trazia vestida uma couraça e á cinta uma comprida espada. Na cabeça tinha um chapeu com pluma, e sobre o rosto atado um lenço, que lh'o occultava dos olhos para baixo.

O chapeu era reconhecidamente o de Diogo Botelho; o aggressor era portanto o volteiro e audacioso Luiz de Camoens.

O conservador, ao sentir a ponta da adaga passar o gibão e tocar-lhe na pelle, dobrou-se todo para traz sobre o robusto braço do poeta.

—Vêdes vós, dom perro aleivoso, vêdes vós? —disse então este, engrossando pavorosamente a voz—Olhai que de males não resultam da vossa refalsada injustiça para com o pobre Diogo Botelho!

—Virgem do Rozario, valei-me!—tartamudeou Pero Mendes Sacoto, sem se poder dobrar mais e entalado entre o braço de ferro do poeta e a ponta da adaga, que sentia picar-lhe na pelle do peito.

—Ah!—continuou sempre em voz temerosa o poeta—ah! falso ribaldo, que não sei porque vos não mato aqui como um cão... Pelo sangue de

Jesus Christo, que estou para vos arrancar a alma a punhaladas, e mandal-a d'aqui de presente ao diabo com os mil e duzentos crusados, de que sois devedor áquelle sandeu gargantão e tinhoso da sé.

E, dizendo, fez-lhe sentir cada vez mais, porém muito ao de leve, o punhal.

O medo fez acreditar a Pero Mendes, que já tinha o coração passado de lado a lado.

—Confissão! Confissão!—balbuciou elle, quasi apopletico, em voz cavernosa e com os olhos esgaseados.

—Mas, pela morte de Judas!—exclamou em voz de raiva concentrada o golhofeiro e brigoso poeta—porque não matarei eu este perro juiz refalsado, que se vende a dinheiro, e nega aos innocentes justiça só para fazer a vontade a poderosos!

E depois de um momento de silencio, continuou em voz temerosa:

—Mentai bem o que vos digo. Se depois de ámanhã Diogo Botelho não fôr solto do carcere, juro a Deus, e que ao inferno vá parar a minha alma se não cumprir meu juramento, que vos deite fogo á negra da casa, onde viveis, e n'ella vos asse com todos os feios cachorros, de que sois pai, dom cão villão e ribaldo!

Assim dizendo, sacudiu-o violentamente de si, e desappareceu no meio das trevas espessas, que a noite fazia n'aquella estreitissima rua.

Pero Mendes, assim sacudido, foi cahir estatelado e de barriga para baixo no meio de um charco immundo, que os despejos das casas visinhas tinham formado no meio do becco.

Esteve assim sem se mexer bem meia hora, se não mais. Quando voltou a si, ergueu-se como pôde, e encaminhou, derreado e gemendo, para casa.

Quando poisou o pé no limiar da porta ia

maldizendo a divida dos mil e duzentos cruzados, o deão e o seu officio de conservador.

No dia seguinte não foi confessar-se á sé, como tinha de costume. Ficou de cama, e pediu os sacramentos.

A molestia, porém, não era de cuidado. Era apenas uma grandissimo susto.

VII

Sou mui grande encantador,
Faço grandes maravilhas,
As diabolicas silhas
São todas a meu favor.
Farei cousas impossiveis,
Mui terriveis,
Milagres mui evidentes
Que é para pasmar as gentes,
Visiveis e invisiveis.

GIL VICENTE. *Exhortação da guerra.*

A's seis para as sete horas da tarde do dia seguinte áquelle em que tiveram logar os factos narrados no capitulo antecedente, Alvaro de Moura, recostado sobre o punho de oiro de uma magnifica bengala de bambu asiatico, atravessava vagarosamente o largo da Sé velha de Coimbra, e entrava pela porta lateral da igreja, que estava aberta de par em par.

A'quella hora, os devotos e beatas d'aquelle tempo costumavam agrupar-se nas igrejas para findarem santamente o dia, rezando estaçoens e entoando ladainhas, que se encerravam, ao toque do sino da oração, com as tres Ave-Marias do estylo, resadas a toda a pressa. A derradeira badalada do sino de colher já os apanhava de portas de casa a dentro, perfilados com a mesa da ceia,

a abençoal-a, de olho arregalado para a borraxa do vinho, que impava de cheia, e para o succulento naco de salpimentado presunto, que fumegava diante d'elles milhares de appetites.

Alvaro de Moura era homem alto, secco de carnes, largo de hombros, de apparencia musculosa e de forma, que bem demonstrava, que devia ter possuido grandes forças na mocidade. Agora, porém, curvava um pouco, e caminhava com passos pouco firmes, como quem ou era victima dos terriveis effeitos da senilidade precoz, ou estava soffrendo as consequencias de uma grave molestia em idade avançada. Tinha apenas setenta annos de idade, mas o rosto apparentava extrema velhice. Os cabellos, as barbas e as sobrancelhas eram da côr da neve: os cabellos e as barbas usava-os compridos á portugueza antiga, e as sobrancelhas eram admiravelmente crescidas e espessas. A velhice tinha-lhe retrahido os olhos para dentro das orbitas, e cercado estas de rugas profundissimas, e iguaes ás que lhe arregoavam todo o rosto. A côr d'este era pallida, mas d'aquella pallidez terrea e tostada, que tinge a pelle escabrosa da extrema velhice. O conjuncto de todas estas circumstancias phisionomicas davam-lhe um aspecto de soberba provocadora e de severidade sanhuda e repellentemente intratavel.

Trazia na cabeça um barrete de velludo preto, e vestia um pelote tambem do mesmo velludo, com os golpes das mangas e do peito abrochados com fitas de seda com ponteiras de oiro. As calças eram de contrai, rufadas e golpeadas na parte que vestia o tronco do corpo, mas prefeitamente justas ao longo das pernas. Calçava borzeguins de carneira preta, apospontados a retroz da mesma côr.

Entrando na igreja, Alvaro de Moura ajoelhou junto do arco cruzeiro, persignou-se, e poz-se a rezar.

Mal elle entrou, assomou logo na porta que dava para a crasta um outro velho, que, já antes de elle chegar, havia apparecido alli umas poucas de vezes, lançando olhares anciosos e investigadores por toda a igreja. Este velho tinha vestida uma comprida sotaina de panno preto com sua murça do mesmo, e trazia na cabeça uma touca tambem de panno forrada de arminhos. Abordoava-se a uma forte bengala, e pelo tremulo das mãos e dos pés, e pelo aspecto do rosto verdadeiramente senil e de todo barbeado, mostrava ter avançadissima idade. O aspecto porém era duro, soberbo e provocadoramente carregado; o que juncto á corporatura reforçada e espadaúda demonstrava claramente que aquelle velho, agora de todo abatido pela extrema velhice, devia ter sido na idade viril homem de grande coragem e grandemente valido de musculos.

Aquelle homem era D. Lourenço Viegas, deão da Sé de Coimbra.

Para que o leitor possa fazer ideia perfeita d'este personagem, de que já por mais de uma vez a minha historia tem feito menção, deve saber que D. Lourenço era filho segundo de uma casa nobre da Beira, e que antes de ser padre e deão de Coimbra, fôra cortesão e soldado.

Chamado muito novo a Lisboa por uns parentes de sua mãe, que d'alli eram naturaes, D. Lourenço alcançou desde logo ter moradia entre os pagens do paço. Tinha dezesseis annos quando Affonso V rompeu a guerra com Castella por causa da successão de Henrique IV. Como pagem seguiu el-rei por todos os episodios d'aquella campanha por tantas razoens desgraçada; e depois acompanhou-o igualmente na sua imprudente viagem a França. Achando-se mais tarde complicado, sem o pensar, na celebre conspiração do duque de Vizeu contra D. João II, fugiu para Hispanha, e alli serviu valentemente os reis Fernan-

do e Isabel nas guerras de Granada. A subida de D. Manoel ao throno deu-lhe de novo entrada em Portugal. Achou-se em seguida com Pedro Alvares Cabral na descuberta do Brazil; e acompanhou o marechal D. Francisco Coutinho na fatal e desgraçada jornada de Calecut. Depois ficou na India dezoito annos compridos. Ao cabo d'elles achou-se com uma boa porção de cicatrizes no corpo; mas com outra incomparativamente maior de mil cruzados na algibeira.

Apezar de rico, D. Lourenço era infelicissimo. O antigo pagem de Affonso V era dotado de desmarcada ambição; não da ambição do dinheiro, mas sim da do poderio e importancia social dos grandes cargos do estado. A fortuna porém, que capricha em trazer todas as cousas do avesso n'este mundo, abriu-lhe o caminho das riquezas, e cerrou-lhe de todo o caminho das honras. N'este ponto o triste D. Lourenço nunca deixou de ser um homem sem importancia—por sua incapacidade diziam os invejosos dos muito mil cruzados que elle possuia; por desfortuna apregoava elle desesperado.

O que é certo é que, para ver se melhorava de sorte, D. Lourenço passou-se, a si e aos seus mil cruzados, da India para Portugal. Mas a contraria fortuna continuou a seguil-o. Emquanto a honras foi o mesmo. Em Lisboa achou muitos admiradores do seu oiro, mas do seu talento nenhum. Estava já velho, mas a ambição tinha-lhe recrudecido com a idade e com os desfavores da ventura.

Ao cabo de dois annos estava como tinha chegado: D. Lourenço, o ricouço, a seccas. Tentou então o extremo recurso, fez um esforço de desesperado. Fez-se padre; mas, ai, sempre a mesma sorte! Por fim, ao cabo de muito batalhar, conseguiu cavalgar a fortuna, alcançou ser provido

no deado da Sé de Coimbra. Custou-lhe a brincadeira vinte mil cruzados.

E em deão se ficou ahi até aos oitenta e cinco annos, em que o leitor trava relaçoens com elle. Debalde sonhou durante elles com o chapeu vermelho e com a tiara: ao menos uma pobre mitra! Mas qual tiara nem qual mitra! Ninguem se lembrava d'elle senão para lhe pedir dinheiro emprestado. O desespero começava já a ennovelar-lhe a alma a toda a pressa, quando a sorte lhe deparou Alvaro de Moura com o caso de D. Beatriz. A esperança arraiou-lhe então radiosa no horisonte côr de barro. D. Lourenço Viegas estendeu a mão, e encontrou por fim a promessa, a sombra de uma mitra.

Tal era o velho deão da Sé de Coimbra.

D. Lourenço, chegando á porta que dava para a crasta, lançou por toda a igreja um olhar que revelava afflictiva inquietação e desassocego de espirito. Ao deparar com Alvaro de Moura ajoelhado junto do arco cruzeiro, serenou um pouco de semblante, ficou como quem procura pessoa, de quem tem o destino instantemente pendente, e que a encontra por fim depois de afflictivo barafustar em busca d'ella.

Assim ficou o velho deão, e assim permaneceu cinco ou seis minutos com os olhos invariavelmente fitados em Alvaro de Moura. Este continuava rezando com grande devoção. Por fim D. Lourenço tossiu de impaciente. Alvaro de Moura nem sequer se mexeu. Seguiu-se um lampejo de raiva insoffrida nos olhos do velho sacerdote, e logo uma tosse pertinaz de segundo a segundo. Ao cabo de trinta tossidellas, pelo menos, Alvaro de Moura fez profunda mesura para o altar mór, benzeu-se devotamente, e, apoiando-se com força sobre a bengala, conseguiu finalmente fazer rodar as enferrujadas articulaçoens dos joelhos, e pôr-se de pé. Em seguida dirigiu-se com passos

incertos e tardos para a porta da crasta, para dentro da qual se havia retrahido o deão, apenas o viu tomar aquelle caminho.

Os dois velhos encontraram-se por fim.

—Guarde-vos Deus, D. Lourenço—disse Alvaro de Moura.

—Seja elle comvosco, Alvaro de Moura—respondeu o deão.

E depois d'estas palavras, os dois enfiaram silenciosos pela magestosa crasta fóra, a passos tremulos e arrastados, e como que fazendo-o machinalmente e por habito em que estavam d'aquelle passeio.

Ao cabo de alguns minutos D. Lourenço havia enviezado á surrelfa uns quantos olhares anciosos sobre o companheiro. Este caminhava sem dizer palavra, carrancudo, cabisbaixo, e como violentamente oppresso de espirito.

—Que novas, Alvaro de Moura?—disse por fim o deão.

—Más novas, D. Lourenço—replicou o Moura melancolicamente.

—Não vos afflijais. Quererá Deus que não seja nada. Pero Mendes sarará...

—Como sarará! São está elle...

—São!...

E os dois velhos estacaram, voltando-se um para o outro; o deão com os olhos espantados em Alvaro de Moura, e este fitando o seu velho companheiro com olhares entre surprehendidos e admirados.

—Por Santa Maria!—disse por fim Alvaro de Moura—pois não sabeis...

E calIou-se, fitando prescrutadoramente o velho deão.

—Sei—continuou este cada vez com significaçoens de mais admirado—sei que Pero Mendes jaz de cama, ferido de tal enfermidade, que pediu sacramentos, e até foi ungido...

—Ora!—atalhou com brutal impaciencia Alvaro de Moura—Qual molestia ou qual diabo! Pesar de mouros! Um grande susto e nada mais, se por ventura não vai ahi tambem de mistura uma grande manha e grande traição, que nos arma.

E dizendo, continuou a andar para a frente, sem fazer caso do deão.

Este seguiu apoz elle, tremelicando e com os olhos cada vez mais espantados no companheiro.

—Mas, por nossa Senhora, Alvaro de Moura—disse por fim D. Lourenço, estendendo a mão tremula para elle, e aferrando-o por um braço—que quereis vós dizer com isso! Por Deus, que vos não entendo. Explicai-vos, ou ensandecerei...

Alvaro de Moura parou, e tornou a fital-o com um olhar de prescrutadora desconfiança. Não havia porém que duvidar. O espanto de D. Lourenço tinha mais que as precisas significaçoens de sincero.

—Por vida vossa!—disse por fim com admiração igual á d'elle—pois será verdade, D. Lourenço! Pois não sabeis...

—Que hei-de eu saber, senhor—atalhou-o impacientemente o deão—se o conservador mandou-me pedir perdão *in articulo mortis*, e eu com ninguem fallei até agora...

—Por S. Barrabás!—exclamou aqui de golpe Alvaro de Moura, batendo com o conto da bengala violenta e irritada pancada no lagedo—o perro está zombando de mim e de vós, e cuida que zombará a seu sabor e sem perigo, porque sabereis...

Aqui a raiva abafou a palavra ao velho fidalgo, que para lhe dar vazão, deu a andar pela crasta fóra, a quanto a frouxidão das pernas o podiam arrastar a passo tremelicado e quasi apopletico.

O velho deão seguiu-o a um passo de distancia, com o braço estendido para elle, os olhos espantados e os labios entreabertos e tremulos.

—Com que...—balbuciou por fim, impaciente do silencio encasmurrado do Moura.

—Com que—replicou este, parando de repente —com que deveis saber que aquelle aleivoso de D. Beltrão de Camoens...

Aqui parou outra vez e de chofre, e, revoltando á roda sobre si mesmo, deu a andar para traz sobre os passos que dera até ali. O velho deão fez custosamente uma meia volta, e seguiu apoz elle, agora porém mais distanciado.

Alguns minutos depois, Alvaro de Moura pozse a bradar rijamente e fóra de si:

—D. Beltrão de Camoens é um tredo e aleivoso villão, que falta á sua palavra atraiçoadamente...

—Mentes!—eccoou aqui pelà abobada da crasta um brado em tom pavoroso e funerario.

Alvaro de Moura callou-se de golpe, e os dois ficaram a olhar espantados um para o outro.

—Quem é que nos está escutando, D. Lourenço?—disse por fim Alvaro de Moura, carregando desabridamente o sobr'olho.

—Ninguem—replicou este, lançando em derredor de si um olhar impavido e ameaçador—ninguem. A crasta estava só quando desci, e eu fechei a porta sobre mim.

—Comtudo fallaram — balbuciou Alvaro de Moura em tom descontente.

—Vamos vêr—replicou o deão.

E o velho soldado da India, seguido pelo corajoso Alvaro de Moura, deu a andar pela crasta fóra, apoiando na bengala os passos tremidos e arrastados, mas com impavidez impreterrita, e que era clara significação do que fôra no seu tempo.

Ao cabo de meia hora os dous velhos acharamse outra vez no logar, d'onde tinham partido. Haviam percorrido as quatro galerias da crasta, espiando audazmente por toda a parte; mas ninguem haviam encontrado. A esta hora a luz es-

plendida da lua cheia havia totalmente offuscado os ultimos claroens do dia, introduzindo-se por entre as arcadas ogivadas, sobre que estavam firmadas as vastas abobadas, debaixo das quaes elles andavam passeando.

—Bem vêdes que não ha ninguem—disse carregadamente o deão.

—De veras; com tudo fallaram—replicou Alvaro de Moura.

—O ecco seria—volveu D. Lourenço—a não ser engano dos nossos ouvidos. Vós dissestes *atraiçoadamente*...

—E elle respondeu *mente*—atalhou Alvaro de Moura, sorrindo como que em satisfação á offensiva suspeita que tivera do companheiro.—Ora vêde vós como o maldito do ecco é poeta! E com tudo, mente mas é elle, que emquanto a D. Beltrão, torno a dizer-vos, faltou-me como não devia e atraiçoadamente...

—Mentes!—tornou a soar do lado opposto da crasta.

Os dois callaram-se de novo.

—Outra vez—disse o deão, sorrindo.

—Afigurou-se-me que disse *mentes*—volveu Alvaro de Moura em tom de despeitado.

—*Mente* disse, e não *mentes*—retrucou o deão—E al não póde ser, porque o ecco não accrescenta letras, e ahi, como vistes, não ha ninguem para as accrescentar.

Alvaro de Moura fitou abstractamente o companheiro durante alguns segundos. Depois balbuciou:

—Maravilha de veras!

E em seguida, batendo com a bengala uma forte contoada no lagedo, exclamou em voz rija e encolhendo desdenhosamente os hombros:

—E que importa, por satanaz!

E logo seguiu, dizendo:

—Sabei que D. Beltrão de Camoens, apesar de

tudo o que me prometteu até aqui, despediu-me hontem como quem despede um villão, affrontando-me de palavras, e dizendo-me que Diogo Botelho está innocente, e que ha-de por força sahir da cadeia esta semana.

—Isso disse... o aleivoso!—exclamou D. Lourenço com os olhos a fusilarem de raiva, e mexendo-se impacientemente sobre os tropegos pés e sobre a bengala.

—Isso—replicou Alvaro de Moura—A' noite houve ahi não sei que arruido junto do Aljube, o qual quizeram dizer que era ordenado por mim para metter rufioens na prisão, e haver á mão o Botelho morto ou vivo. Acudiu Pero Mendes com o meirinho e com a ronda. Recolheram alguns mortos e feridos; e depois, quando elle ia para casa...

—Escapou elle escorreito da briga?—acudiu aqui anciosamente D. Lourenço.

—Se escapou! Pois não sabeis que o Sacoto não é homem que entre em arruidos...

—Mas em fim... alguma cutilada perdida...

—Como perdida, senhor! Se quando chegou, já tudo era desfeito...

D. Lourenço respirou desopprimido.

—Quando ia para casa, é que á esquina da rua lhe sahiu não sei que rufião fugidiço, que o espantou com uma adaga, e jurou que lhe deitaria fogo á casa se não libertasse Diogo Botelho...

—Oh graciosa façanha!—exclamou o deão, soltando uma gargalhada —Feitos do chancellario, por vida!...

—Ou do perro aleivoso do sobrinho—atalhou Alvaro de Moura, cada vez mais irritado—O negregado trovista é ainda para mais que taes factos; e como é grande amigo e matalote d'aquelle desavergonhado ilheu, e ademais volteiro e rixoso...

—Tá, tá, agora caiho n'ella—exclamou o deão —E Pero Mendes tomou o caso a serio?

—Tão serio, que esteve toda a noite em suores mortaes, e, indo eu lá esta manhã visital-o, pediu-me por Deus que não mais lá tornasse, e disse que ia largar de mão este caso de Botelho, porque não queria sacrificar seus filhos á raiva d'aquelle rufião, que, a acredital-o, não ha hi maior Endriago ou Leviathan, tal foi o medo que lhe poz.

D. Lourenço Viegas deu aqui uma risadinha saltada e de ironia ameaçadora. Depois tossiu violentamente. A velhice não se ri com impunidade.

—Com que—disse por fim, depois de conseguir acalmar a tosse—com que Pero Mendes Sacoto, diz que lhe não volteis mais a casa... que não quer saber mais do caso de Diogo Botelho?...

E aqui nova risada e nova tosse.

—E a minha mitra! E os meus mil e duzentos cruzados?—accrescentou em seguida.

—Em quanto aos mil e duzentos cruzados—replicou Alvaro de Moura—isso é lá comvosco. Em quanto á mitra, d'essa tenho grandes novas a dar-vos. Vós sois mais feliz do que eu em vossos negocios, D. Lourenço.

A estas palavras, o velho deão enguliu duas ou tres vezes em secco, depois apertou com a mão tremula Alvaro de Moura pelo pulso direito, e, fitando n'elle os olhos reluzentes e humidos de satisfação, balbuciou...

—Com que... por fim consegue-se...

—O conde escreveu-me, e aqui está a sua carta—replicou Alvaro de Moura, tirando da algibeira um papel dobrado—N'ella me diz que teve novas de Roma, nas quaes lhe fazem saber que o bispo do Porto D. frei Balthasar Limpo está muito inimisado com o papa, de forma que falla em resignar. Ora a mitra do Porto é grande cousa, D. Lourenço; e o conde manda-me dizer que vós a tereis em logar da de Targa, se D. frei Balthasar resignar effectivamente. A troca vale bem o aguardar alguns dias pela nomeação.

—Oh! se vale!— tartamudeou D. Lourenço, arremessando milhares de perdigotos, porque a satisfação enchera-lhe a bocca de saliva—Oh! se vale! Alvaro de Moura, senhor, beijo-vos as mãos por tantas mercês, e vós as beijai por mim a vosso parente, e fazei-o certo que por muito que viva, lhe serei sempre agradecido.

—Não tendes que nos agradecer, D. Lourenço—atalhou aqui Alvaro de Moura—O conde e eu folgamos cordialmente com as vossas boas andanças, porque bem sabemos quanto vós folgarieis com as nossas, se por ventura as tivessemos.

—Ah! e isso dizeis por causa do Sacoto?—exclamou D. Lourenço.

—E que por outra cousa póde ser, senhor?—replicou Alvaro de Moura—Agora que elle está contra nós determinado...

—Ora que dizeis, Alvaro de Moura!—atalhou o deão, sorrindo e tossindo—Pois não sabeis que Pero Mendes me é devedor de mil e duzentos cruzados de oiro?

—Mas é que o medo que elle tomou á adaga do perro d'aquelle trovista...

—Ora não digais isso, senhor. Pois cuidais que uma adaga, posta de noite aos peitos de um homem, seja cousa mais fera do que uma obrigação posta em juizo contra quem nada mais tem de seu que a casa onde vive, elle e os filhos?

—Assim é, D. Lourenço; porém...

—Porém Pero Mendes Sacoto, quando vir o meirinho entrar-lhe pela porta dentro com a minha obrigação em punho, para o pôr a elle e aos filhos fóra de casa, ha-de esquecer a tal adaga e todos os trovistas do mundo. Ficai certo d'isto.

Assim dizendo, cachinou uma gargalhada muito tossida, e os dois continuaram a passear em silencio ao longo da crasta por mais dous ou tres minutos.

—Se vós o mandasseis chamar...— balbuciou por fim Alvaro de Moura.

—Deixai-o comigo—replicou o deão, sorrindo. —A mitra do Porto e os vossos favores valem muito mais do que um negregado susto de uma perra toga covarde. Olhai—accrescentou, parando e pondo a mão sobre o peito de Alvaro de Moura—logo lá mandarei o pagem a dizer-lhe que se venha de por força confessar ámanhã; e no confissionario o salvarei d'esta sorte:—«Pero Mendes Sacoto, se dentro em tres dias Diogo Botelho não estiver condemnado, ponho em juizo a minha obrigação dos mil e duzentos cruzados, e tiro-vos a camiza do corpo, a vós e a vossos filhos...

—Mas elle vos dirá—acudiu Alvaro de Moura —que não póde ser d'essa forma por tal e por tal...

—E eu logo: «Sus, homem, aqui não ha que refertar. Pero Mendes Sacoto, se dentro em tres dias Diogo Botelho não estiver condemnado, ponho em juizo a minha obrigação dos mil e duzentos cruzados, e tiro-vos a camiza do corpo, a vós e a vossos filhos.» Que me póde elle responder a isto?

—Que teme que o matem; que lhe deitem fogo á casa; que o chancellario...

—E eu logo: «Pero Mendes Sacoto, se dentro em tres dias Diogo Botelho não fôr condemnado, ponho...

—Com essa insistencia .. póde ser que alguma cousa se faça—volveu Alvaro de Moura, como quem batia em retirada da teima, em que estava.

—Ah! já acreditais! Então bem vêdes que...

—O peior é o chancellario. O logar é forte cousa, e mil e duzentos cruzados são nada para elle...

—Isso foi tempo, senhor. D. Beltrão, com as suas manias de letrado, matou as grandezas dos

priores de Santa Cruz. Aquelle contracto feito com el-rei, pelo qual as rendas do priorado foram annexadas á Universidade a troco do logar de chancellario e seu rendimento, reduziu a menos de um terço o poder dos antigos priores. Demais Simão Vaz desperdiça-lhe metade das rendas: o sobrinho um terço ou mais, e elle gasta o resto em livros e em remunerar poetas. Crêde, senhor; D. Beltrão não póde juntar ceitil.

—Senhor, assim é—volveu Alvaro de Moura—comtudo ser-lhe-ha facil juntal-os de emprestimo.

—Antes que o consiga, Diogo Botelho será condemnado—atalhou peremptoriamente o velho deão.—Não darei mais que tres dias a Pero Mendes Sacoto, e a minha obrigação dos mil e duzentos cruzados já a tenho ha quatro annos no cofre.

Os olhos de Alvaro de Moura fusilaram um lampejo de profunda satisfação, e os dois continuaram a caminhar vagarosa e arrastadamente, sem dizerem palavra um ao outro.

—D. Lourenço—disse por fim Alvaro de Moura—beijo-vos as mãos por tamanhas mercês...

—O' senhor, escusai agradecimentos—atalhou cortezmente o deão—para mais do que isso quizera prestar-vos, que mais vos devo eu já, e ainda mui mais espero de vosso amor.

—Perdei o cuidado—volveu o Moura—sobre isso não ha mais que fallar. Sêde certo que farei saber ao conde o quanto vos devemos, e elle fará por vós o que deve, e o que sua muita nobreza lhe manda fazer. Porque emfim, D. Lourenço, este caso do Botelho é de honra e de brio para toda a nossa familia, e se vós conseguirdes lavarnos da mancha que nos ennodoa, por vida vossa! que não ha hi n'este mundo com que vos significarmos toda a gratidão em que vos ficamos.

—Senhor, ficai certo que assim se fará por sem duvida. Pelo demais, fazei saber ao senhor conde,

que eu em tudo me deito nas suas mãos; e que em quanto á mitra do Porto, se essa fôr...

—Ou por ventura a de Braga, quem sabe?—atalhou aqui com ar mysterioso Alvaro de Moura.

—O' senhor, não falleis n'isso—exclamou D. Lourenço, sorrindo e de lagrima no canto do olho—não falleis n'isso, que para tanto não hei eu valia. Arcebispo de Braga!.. primaz das Hispanhas!.. Senhor, seria um sonho...

—Ora, D. Lourenço...—atalhou Alvaro de Moura, encolhendo os hombros, como quem se não deixava surprehender por aquella modestia de tão reconhecido talento.

Ao dizerem estas palavras chegaram defronte de uma pequena porta, que estava apenas cerrada.

Alvaro de Moura parou.

—Senhor, são horas de me retirar—disse então.—Assim ficamos entendidos. Vós mandareis chamar Pero Mendes Sacoto...

—Oh! se mando—acudiu com intimativa o deão.—A'manhã aqui se virá confessar á sé, e d'aqui por dois dias, não mais, o Botelho será condemnado. Os meus mil e duzentos cruzados hão-de lavrar a sentença, ficai certo d'isso.

—Amedrontai-o bem, D. Lourenço—retrucou o Moura—Não vos esqueçais de assim o fazer. Olhai que o homem está com grande medo da adaga do trovista, e, pelo que suspeito, tambem já demovido pelo chancellario...

—Andai, andai, perdei o cuidado—atalhou o deão, sorrindo confiadamente e sapateando amigavelmente o companheiro no hombro direito.—Uma obrigação de mil e duzentos cruzados de oiro tem mais poder que um milhão de adagas sobre o peito; e todos os chancellarios do mundo não valem um meirinho a entrar pelas portas dentro com um mandado de penhora nas mãos.

—Senhor, dou-vos as graças—disse Alvaro de

Moura, empurrando a piquena porta, em frente da qual estava.—Eu tudo fio do vosso amor, e com isso vou satisfeito.

—Perdei o cuidado, perdei o cuidado—replicou o deão—Gomes Paes! Gomes Paes!—continuou, chamando para dentro da pequena porta—accorrei, accorrei, vinde alumiar ao fidalgo. Vós, senhor, sêde certo que o vosso caso se ha-de decidir como desejais. Dentro em dois dias sereis desaggravado. Ora vá Deus comvosco—accrescentou, ao ver apparecer o sachristão com um brandão na mão, na bocca do corredor sobre que abria a porta.

—Senhor, elle fique em vossa guarda. Tende boa noite—disse Alvaro de Moura, entrando para dentro da porta.

—Boa noite, boa noite—replicou o deão.

E logo, mettendo a cabeça para dentro da porta, bradou:

—Olhai; não esqueçais escrever ao senhor conde...

—Hoje mesmo o farei, e emquanto ao Sacoto, cuidado com elle...

—Perdei o cuidado, perdei o cuidado. E se entenderdes que cumpre fallar-lhe mais afincadamente no negocio de Braga...

—Assim se fará, assim se fará. Boa noite, boa noite.

Estas palavras já foram ditas a distancia. Apoz ellas, o clarão da tocha desappareceu totalmente; e, em seguida, o deão voltou para a crasta, fechando a pequena porta sobre si.

Arrastou então tres ou quatro passos para a frente, e parou. Esteve assim alguns minutos com a fronte derrubada e profundamente abstracto. Por fim endireitou-se a toda a altura do corpo, ergueu a cabeça gravemente carregada, e levantando o braço com a bengala empunhada, á laia de baculo, exclamou;

—Arcebispo de Braga! Arcebispo de Braga! E isto por mil e duzentos cruzados! Parvos! Mal sabeis o que vale um desejo aos oitenta e cinco annos de idade.

A esta mesma hora, Alvaro de Moura ia-se interiormente sorrindo de escarneo, por ver aquelle velho asneirão tão soffrego de pôr uma mitra sobre a cabeça,que era tudo o que razoavelmente se podia suppor que ainda lhe restava de fóra da cova.

D. Lourenço, depois de dar expansão ao enthusiasmo d'aquella esperança, começou a arrastar-se tropegamente para a frente em direcção á grande porta, que se abria na galeria fronteira, e subia para o alto dos paços da sé.

A longa duração d'aquelle passeio havia fatigado o pobre velho. O passo foi-se-lhe portanto fazendo mais tardo e mais arrastado, de forma que ao chegar á segunda galeria da crasta, teve de descançar, encostando-se á parede. Esteve assim alguns minutos; mas como dentro d'aquelle corpo cançado vivia ainda alguma parcella do espirito do antigo soldado da India, fez por fim um esforço, e continuou ávante com admiravel vigor, mas sempre ao longo da parede.

Antes de chegar á esquina, que fazia esta galeria, dobrando para a outra, havia uma d'aquellas pequenas capellas que, em outros tempos, os homens poderosos costumavam mandar construir nos claustros das sés e dos mosteiros para jazigos de familia. Estas capellas eram sustentadas á custa dos descendentes dos instituidores, que para esse fim lhes vinculavam certos bens, que iam passando de pais a filhos na linha dos primogenitos. A capella, de que fallamos, era uma d'essas. D. Lourenço, que a conhecia perfeitamente, como quem era, havia vinte annos, deão da sé de Coimbra, ia a passar por ella sem nenhuma daquellas significaçoens de curiosidade, com que

nós homens de hoje as encaramos, quando visitamos as crastas dos venerandos templos de outras eras. Na cabeça remexia-se-lhe a gloriosa esperança do baculo primacial de Braga, ou pelo menos da pingue mitra do Porto.

De repente a gradaria de ferro, que fechava a capella funeraria, abriu-se, um homem appareceu rente com a umbreira, estendeu-se um braço, e D. Lourenço foi recolhido arrebatadamente para dentro. Dizem que, no alto mar, os grandes polvos costumam lançar inesperadamente fóra da agua um dos braços enormes e arrebatar com elle para o fundo os marinheiros, que encontram nas vergas. O velho deão foi da mesma forma arrebatado por aquelle braço para dentro d'aquelle antro funerario.

A capella era uma pequena quadra, alumiada por uma alampada de bronze, que n'aquelle momento se achava apagada. Em frente da porta havia um altar com um retabulo de S. Thiago. Do lado do evangelho, via-se um magnifico sarcophago, encostado á parede, e levantado do solo sobre dois lioens prostrados. Este sarcophago era de marmore branco, todo lavrado de figuras de meio relevo. Nos cantos havia duas figuras maiores, empunhando escudos brazonados. Os brazoens eram em campo verde um pescoço de serpe de oiro, sahindo de entre duas rochas de prata toucadas de vermelho: por timbre tinham o mesmo pescoço. Sobre o tumulo jazia a figura de um cavalleiro armado de todas as peças, com um montante nas mãos e um rafeiro deitado aos pés.[1]

[1] Assim descreve Manuel Severim de Faria o tumulo de João Vaz de Camoens, bisavô do poeta, famoso cavalleiro do tempo de Affonso V e por elle corregedor da comarca de Coimbra, d'onde era natural. Na capella, fundada por João Vaz para jazigo da sua familia, é onde deviam existir os restos de

D. Lourenço Viegas foi, pois, arrastado para dentro d'esta capella pelo braço do homem, que assomou entre as sombras do lumiar d'ella, da mesma forma que é arrastado para o fundo do mar o marinheiro que é suprehendido pelo braço do polvo nas vergas.

—E vós, dom sandeu gargantão—ouviu-se logo dizer em tom de ironia raivosa—cuidaveis que os mortos não tinham ouvidos?

E logo o tropego D. Lourenço, apezar de principiar a referver dentro d'elle a coragem de outros tempos, achou-se prostrado diante do magnifico sarcophago, que havia na capella.

—Sabeis quem jaz aqui?—bradou colericamente o homem, que o havia colhido para dentro da capella, batendo ao mesmo tempo uma rija palmada sobre o tumulo.

D. Lourenço estremeceu, e sentiu a coragem gelar-se-lhe no peito.

—Oh! ninguem melhor do que vós o deve saber, dom tredo, dom falso ingrato. Aqui jaz João Vaz de Camoens, o homem que para vós alcançou d'el-rei D. Affonso moradia no paço; o homem que, na tomada de Arzila, vos salvou a vida com risco da sua; o homem em fim que vos emprestou o dinheiro necessario para poderdes fugir para Castella, quando, dom ribaldo, vos misturastes

Luiz de Camoens, se por ventura tivesse morrido em Coimbra, ou a pobreza lhe não embaraçasse a familia de o trasladar para lá. Ao tempo em que Faria escrevia, isto é, pelos meados do seculo XVII, a capella já se achava quasi que de todo tapada por uma parede de tijolo, em razão de se achar abandonada por faltarem os descendentes do instituidor. O derradeiro foi o author dos Lusiadas. Se algum dia apparecer ahi um governo que tenha a patriotica curiosidade de esquadrinhar todas as memorias que dizem respeito a este grande homem, lá se ha-de encontrar nos claustros da sé velha de Coimbra.

na traição do *Corpus Christi* contra a vida d'el-rei D. João.

Ao chegar aqui callou-se de golpe. D. Lourenço não dizia palavra.

—E bem, dom homem de prol, não sabeis vós que D. Beltrão é neto d'este homem... do homem a quem tanto deveis, do homem...?

Aqui soltou um grito de raiva terrivel, e recuou dois passos atraz.

—Ah!—bradou por fim por entre os dentes cerrados—que não sejaes vós homem em idade de empunhar uma espada, e que haja em mim tanto nojo de sujar as solas dos sapatos a esmagar sevandijas... Pelo sangue de Christo!...

Assim dizendo, encostou-se ao tumulo a tremer como se estivera azougado. D. Lourenço tremia tambem como varas verdes, mas tremia de pavor e de susto. Tudo o que aquelle homem dizia era verdade. Os abusoens supersticiosos, com que fôra embalado, faziam-lhe pois acreditar que tinha diante de si o phantasma do proprio João Vaz de Camoens.

Estiveram assim durante alguns minutos. O velho deão de Coimbra estava já quasi que morto de medo.

—Ouvide—disse por fim o homem da capella—vós promettestes, ha pouco, de mandar chamar Pero Mendes Sacoto, para o obrigardes a sentenciar Diogo Botelho a sabor de Alvaro de Moura. Bastava lançar-vos dois dedos á garganta, e, em dois segundos, ficarieis aqui para sempre, aos pés d'este tumulo, para testemunho de como a justiça de Deus castiga ingratos. Não o farei porém. Tenho pejo de pôr as mãos em cousa tão fraca como é a extrema velhice! E demais faz riso tanta sandice! Como, dom parvo, quereis uma mitra! E esperais alcançal-a!...

Aqui soltou uma gargalhada atroadora, que foi resaltando pavorosamente pelas arcarias ogivadas

da crasta. E ficou depois alguns momentos em silencio.

—Olhai, D. Lourenço—continuou por fim em tom compadecido—peço-vos perdão. Eu não devia rir-me de vós. Diz o adagio que duas vezes somos meninos; e vós sois chegado á idade, em que não podeis deixar de o ser. Assim perdoai-me.

Callou-se aqui um momento, e logo, batendo com o pé violenta pancada no pavimento, exclamou:

—Juro a Deus, que se tivesseis menos vinte annos de idade vós não vos portarieis assim. Não, por satanaz! João Vaz de Camoens foi um leal e esforçado cavalleiro. O homem, portanto, cuja mocidade elle protegeu tão afincadamente, não podia ser um tonto villão. Não, mil vezes não. E' a idade, e só a muita idade; a não ser ella vós não pensarieis assim.

Aqui interrompeu-se de novo um instante, e em seguida continuou em tom affectuoso:

—Pois não vêdes, honrado velho, que já sois idoso de mais para tão grave e perigoso cargo para a alma como é uma mitra! Pois não vêdes que não ha ahi rei nem ministro que, a não ser por capricho, faça bispo um velho ignorado com oitenta e cinco annos de idade! Pois não vêdes que Alvaro de Moura anda a burlar de vós, abusando do vosso desejo senil, para vos levar a que obrigueis Pero Mendes Sacoto a perder um innocente! Dizei-me D. Lourenço; dizei-me, vós que estais a resvalar por instantes para a sepultura, dizei-me, não tendes receio de em tão breve ter de apparecer diante de Deus com a condemnação de um innocente, e com o tremendo crime de ser causa d'essa condemnação o vosso poder sobre um desgraçado, a quem, com mais do que uma adaga sobre o peito como ha pouco dissestes, obrigastes a fazel-o, para satisfazer a vingança villã de um pai desnaturado, de um infame que

por capricho matou a felicidade da filha; e para satisfazer igualmente o vosso desassisado desejo de uma mitra, que na vossa idade, não seria mais do que um meio de vos metter no inferno, mitra com que aquelle infame vos acena, como o matador acena ao toiro no curro, sorrindo ao mesmo tempo escarnecedoramente de vós?

De novo parou alguns minutos profundamente commovido.

—D. Lourenço—disse por fim—eu sou amigo como que irmão de Diogo Botelho; mas sou tambem Luiz de Camoens, bisneto do homem, que jaz dentro d'este tumulo, e que foi o vosso protector, o vosso como que pai. Quando aqui entrei, eu vinha só inspirado pela minha amisade por Diogo Botelho, vinha com o intento de vos esmagar; mas agora... não sei o que sinto dentro de mim, parece-me ouvir a voz de meu bisavô a pedir-me por vós... Erguei-vos, D. Lourenço, erguei-vos, senhor; recolhei-vos ao vosso aposento, chamai em vosso auxilio o vosso coração e a vossa razão, e vêde se será de justiça que um innocente seja condemnado. Eu deixo a decisão ao vosso brio e ao vosso juizo de outro tempo. Mas sêde certo—continuou, levantando duramente a voz —e juro-vol-o pela alma de João Vaz de Camoens —e dizendo, arrancou a adaga n'um relance, e bateu com ella rija pancada sobre o tumulo—e juro-vol-o pela alma de João Vaz de Camoens, que, se Diogo Botelho fôr condemnado, vós não vivereis duas horas depois da sua condemnação.

Assim dizendo, deitou-lhe os braços aos sovacos, e levantou-o em cheio. D. Loureuço estava, porém, de tal forma tomado de movimentos, que se não podia sustentar nas pernas, e nem mesmo endireitar completamente a cabeça.

A esta vista, o moço e generoso poeta commoveu-se afflictivamente. Tomou-o em cheio pela

cintura, ergueu-o de todo, e bradou-lhe com anciedade:

—D. Lourenço, senhor, voltai a vós. Um velho soldado da Africa e da India não deve succumbir a um nonada. Não queiraes morrer como um villão junto do tumulo de João Vaz de Camoens. Não façaes tal affronta ao bisneto d'aquelle que foi vosso dedicado protector e que vos estremeceu como pai...

A estas palavras, o velho deão mexeu-se convulsivamente, e aguentou-se tremelicando de pé.

—Saihamos d'aqui—disse então, agarrando-se ao braço do moço poeta.

Este conduziu-o para fóra da capella. D. Lourenço passou por junto do tumulo, curvou-se sobre elle, e poisou os labios tremulos sobre as mãos crusadas da effigie do fallecido João Vaz de Camoens. Ao mesmo tempo desceu-lhe uma lagrima pelas faces abaixo.

D'ahi a pouco os dois caminhavam silenciosos e vagarosamente pela crasta fóra em direcção á grande porta, que subia para o alto dos paços. Ao chegar a ella, o velho poisou a mão tremula sobre as mãos do poeta, e chegou-lhe os labios á fronte, onde deixou um beijo e uma lagrima. Em seguida balbuciou:

—Moço, fazei-me a mercê de me conduzir aos meus aposentos, que eu não tenho já forças para tanto.

Luiz de Camoens, commovido quasi que até ás lagrimas, lançou o braço direito de redor da cintura do pobre velho, e estendendo o esquerdo para elle se apoiar com as mãos, levantou-o quasi que em cheio, e assim o conduziu pela escada acima.

Chegaram por fim defronte de uma porta que estava no alto do patamar de uma outra escada interior, por onde haviam tomado. Ao chegar ali, o deão disse em voz cançada:

—E' aqui.

Luiz de Camoens empurrou a porta, e entrou para dentro de um quarto de cama commodamente mobilado ao uso da época. Entrando, conduziu o velho para uma poltrona, que estava a pequena distancia.

Este sentou-se, e descançou por muito tempo d'aquella custosa caminhada, sem proferir palavra. Luiz de Camoens conservou-se, durante todo este tempo, de pé, defronte d'elle, a olhal-o com afflictiva anciedade.

—Luiz de Camoens, senhor—disse por fim D. Lourenço—vós dissestes-me a verdade. Dou-vos as graças por me terdes tirado do grande peccado em que estava mergulhado. Moço—exclamou aqui, animando-se—vós sois uma grande e nobre alma, vós sois digno do sangue que vos corre pelas veias, que é o sangue que correu em outro tempo nas do mais leal e honrado cavalleiro do mundo.

—Senhor...—balbuciou o poeta estupefacto e dando machinalmente um passo para elle.

—Ide, Luiz de Camoens, ide—disse, sorrindo com affecto o velho deão—ide, e sède certo que o vosso amigo ha-de sahir ámanhã para fóra do carcere.

Luiz de Camoens ficou sem se mexer de pé diante d'elle, visivelmente commovido e fitando-o com o olhar um tanto vago e alheado. Por fim cahiu-lhe de joelhos aos pés.

—Honrado e santo velho—exclamou agitadamente—eu não devia dizer-vos o que vos disse. Perdoai-me...pela alma de João Vaz de Camoens.

A estas palavras, os olhos de D. Lourenço lampejaram instantaneamente, e elle endireitou-se como que se fôra tocado por uma faisca electrica. Tomou entre as mãos tremulas a cabeça do moço poeta, cubriu-lhe a fronte de beijos, e em seguida exclamou, levantando os olhos para o ceu:

—O' meu santo bemfeitor, eu o abençôo em vosso nome. Deus assim o quer, porque Deus é

bom—continuou em voz debil—Um Camoens foi a estrella que me arraiou o alvorecer da vida, um outro surge agora para me allumiar o resvalar para o occaso. Abençoado sejaes vós, moço, abençoado sejaes vós que fizestes entrar no meu espirito a paz da velhice, que já cheira ao tumulo. Luiz de Camoens, honrada e pobre alma, que as derradeiras preces de um pobre velho caiham sobre vós como densa chuva de bençãos do Senhor.

Assim dizendo, tornou-o a beijar sobre a fronte. O moço poeta osculou-lhe commovidamente uma e duas vezes a mão, e sahiu vivamente agitado.

No dia seguinte, ás onze horas da manhã, a prizão de Diogo Botelho achava-se atulhada de estudantes, que todos tratavam de lhe destruir a melancolia com invençoens e chistes cada qual mais galhofeiro e mais folgazão. Luiz de Camoens, sentado na beira da cama, e com o manteu descahido do hombro esquerdo, cantava alegremente á viola o seguinte mote com suas voltas:

Mote

Não sei se m'engana Helena
Se Maria, se Joanna,
Não sei qual d'ellas m'engana.

Voltas

Uma diz que me quer bem,
Outra jura que m'o quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se ellas não crêem?
Não posso não crer a Helena,
A Maria nem Joanna;
Mas não sei qual mais m'engana.

Uma faz-me juramentos
Que só meu amor estima,
A outra diz que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
Tambem mentirá Joanna;
Mas quem mente não m'engana.

—Alto!—bradou aqui jovialmente um dos estudantes, meneando estouvadamente o barrete—Justiça contra este poeta desleal, contra este falsario d'amor! Aqui ha mais que bigamia, ha trigamia, ha mais que infracção dos canones...

—Que me importam a mim os canones!—replicou voz em grito Luiz de Camoens—Um pero de breu para elles. Os canones do amor não conhecem a arithmetica. Por S. Pisco de pau! Ahi vai uma quarta para arredondar o numero em par.

E, logo, fazendo de novo soar a viola, poz-se outra vez a cantar:

Mote

Com vossos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coração Mendes.

Volta

Eu sou boa testemunha
Que amor tem por cousa má,
Que olhos que são homens já
Se nomeiem sem alcunha;
Pois o coração apunha,
E diz, olhos, pois vós tendes,
Chamai-me coração Mendes.

—Bravo! Bravo!—exclamou voz em grito a turba dos estudantes.

—Sabeis quem é a tal Gonçalves?
—E' a Mari-Affon Gonçalves, da rua do Corpo de...
—Sus! Calluda!
A este grito de silencio, appareceu como que por encanto o escrivão d'armas da Universidade á porta da prizão.
—Guarde-vos Deus, senhores—disse elle, entrando para dentro e desbarretando-se.
—Ah! esse sois? — exclamou Luiz de Camoens, com os olhos irradiando subitamente extraordinario enthusiasmo — aposto que vindes prender-me por algumas trovas...
O escrivão d'armas sorriu-se significativamente para elle, e atalhou-o, dizendo a Diogo Botelho:
—Senhor, dou-vos os meus emboras muito do coração. Sabei que éstais livre; desde agora podeis sahir para onde quizerdes, que já intimei a ordem da vossa soltura ao carcereiro. O senhor vice-reitor acaba de assignal-a em vista da sentença que deu sobre vosso caso o senhor conservador, o qual vos julgou livre e isempto de tudo.
Um *viva* trovejante e estrepitoso ensurdeceu, durante um momento, a prizão e os seus arredores; e o escrivão, erguido de subito nos braços, passeou em collos de estudantes quatro vezes de redor do quarto. Puzeram-n'o por fim no chão, no meio de infernal vozeria, em que iam misturados os abraços, os emboras e os beijos em Diogo Botelho.
Luiz de Camoens, como se a cousa não fosse com elle, continuava sentado na beira da cama, tangendo a bom tanger na viola, e cantando não sei que motete, que o barulho não deixava ouvir.
O escrivão, aproveitou aquella reviravolta do enthusiasmo sobre o Botelho para se pôr na rua. Ao perpassar por Luiz de Camoens disse, sorrindo:—

*

—Senhor, D. Beltrão, vosso tio, recommendou-me mui afincadamente que vos dissesse que vos lembrasseis do parnaso que lhe promettestes.

—Ah! Por S. Pisco de pau!—exclamou o poeta, cessando de chofre o tanger, e batendo rija palmada sobre a caixa—Á fé que o farei, e mais accenderei dois cirios amarellos a certos dois santos da minha devoção, que *torto collo* metti no meu caso.

O escrivão sorriu como quem o entendia, e sahiu. O poeta foi então lançar-se nos braços de Diogo Botelho, e fazer côro com o enthusiasmo festival de todos os dedicados amigos d'elle.

Aqui João de Mello de Sousa entrou correndo para dentro do quarto. Dirigiu-se a Diogo Botelho, cingiu-o nos braços, apertou-lhe com força a mão, e exclamou com enthusiasmo, que de todo destoava com a fria gravidade que lhe era natural:

—Parabens, mil parabens, Diogo Botelho; recebei-os, que vol-os dou com toda a alegria do meu coração; e taes e tantos vol-os mandam tambem Miguel de Cabedo e Diogo Mendes, que ahi ficam na rua dos Estudos aguardando por vós com o jantar. Ah! senhores—continuou, erguendo a voz—qual de vós nos fará a affronta de recusar um logar na nossa meza, hoje n'este dia de verdadeira festa para todos? Ora, pois, a todos vos dou já por convidados em nome de Diogo Botelho para casa dos Latinos. Mas sus—accrescentou, erguendo-se em bicos de pés, e rodeando a vista por cima da multidão que o cercava—onde está elle? Senhores—continuou—sabeis quem foi que alcançou o grande milagre da soltura de Diogo Botelho? Por Santa Maria, não cuideis que assim nos haveis de escapar...

E, dizendo, aferrou pela capa Luiz de Camoens, que, ao ver a volta que o enthusiasmo do amigo ia tomando, atirára o barrete ao ar, soltando um

viva estrepitoso com o fim de provocar a algazarra do enthusiasmo, e com ella lhe abafar a palavra.

Mas o expediente empregado por João de Mello inutilisou-lhe totalmente a intenção; e o poeta, arrastado por elle, viu-se no meio da clareira formada pelos estudantes, que, surprehendidos pelas palavras do author da *De repatione humana*, haviam machinalmente recuado para os lados para deixar apparecer o heroe, que inesperadamente lhes cahia das nuvens.

—Luiz de Camoens—disse então João de Mello, vivamente commovido—sois de veras uma grande e nobre alma, um verdadeiro amigo...

—Que, por satanaz, homem!—atrapalhou aqui estouvadamente o poeta—Que embrulhadas estais vós a tecer! Pelos evangelhos, perdestes o siso...

—Senhores—atalhou João de Mello, levantando a voz—sabei que Luiz de Camoens foi o principal author do livramento de Diogo Botelho. Foi elle quem demoveu de tal arte o chancellario que ha tres dias nada mais faz que enredar este mundo e o outro a favor de Diogo; foi elle que metteu tal medo ao conservador que está, ha dois dias, a pedir sacramentos e a maldizer-se do cargo por causa d'este caso; e foi elle em fim que obrigou o velho deão D. Lourenço a fazer sahir Pero Mendes d'aquelle susto para passar sentença a favor de Diogo Botelho.

O poeta tentára por mais de uma vez interromper o amigo, mas sem resultado. Ao chegar, porém aqui, João de Mello não pôde continuar. Um brado de enthusiasmo sahiu de todos os labios, e o poeta achou-se de repente levantado nos braços, e passeado em triumpho em roda do quarto.

Tal qual como o escrivão d'armas! Pobrissima imaginativa a do homem! Inventada uma vez a

manifestação de uma paixão ou de um sentimento, não ha para que esperar d'ella nova invenção sobre o mesmo assumpto. Se as riquezas da creação não fossem infinitas como é infinita a omnipotencia do Creador, o *nisi sub sole novum* dos latinos seria totalmente verdade.

O triumpho de Luiz de Camoens foi pois igual ao triumpho do escrivão d'armas. O poeta não era porém homem para se deixar passear em espectaculo. Apenas se pôde assenhorear, atirou-se como um toiro por cima dos seus admiradores, e, mal pôz pé em terra, plantou-se herculeamente, e bradou com os punhos cerrados:

—Ah! marinellos, e cuidais vós que menino sou eu para jogardes a pella com elle? Pelos evangelhos!...

Aqui Diogo Botelho lançou-se-lhe commovido nos braços, e rompeu, abraçado com elle, em soluços abafados pelo excesso da gratidão que sentia.

O moço poeta succumbiu a esta manifestação d'aquelle sentimento generosissimo. Os dois ficaram portanto alguns momentos abraçados sem dizerem palavra. Por fim Luiz de Camoens soltou-se dos braços do amigo, e, voltando-se para o author da *De reparatione humana*, exclamou ainda com as lagrimas nos olhos:

—Ah! João de Mello, vós m'as pagareis! Mas, por satanaz, que outra cousa havia a esperar de vós? Se vós sois d'aquelles que ainda versejam em latim!...

VIII

> Nenhuma cousa ha n'este mundo, em que se deva ninguem muito de fiar; que aquella grande segurança, em que Bimnander estava em logar tão ermo, lhe não póde durar, como agora vereis.
>
> B. RIBEIRO. *Menina e Moça.*

Dê-me o leitor licença de dar um salto de dois mezes de espaço e de cento e sessenta leguas de extensão.

Ainda bem que nós os novellistas não sômos obrigados a reconhecer o jugo tyrannico das tres unidades fataes, porque de outra sorte teria de embarcar o leitor em casquinha de ovo, e fazel-o percorrer, como bruxa, em minutos os dois mezes decorridos desde os acontecimentos narrados nos capitulos anteriores; e igualmente as cento e sessenta leguas que medeam entre a ilha da Madeira e o continente portuguez.

A' ilha da Madeira vamos portanto. E' lá que temos de presencear o seguimento dos successos, que tenho historiado até aqui.

Creio que é escusado dizer ao leitor que, em 1543, a feracissima e abençoada ilha não tinha ainda attingido a grandeza e a celebridade, que hoje possue. Apezar, porém, dos rochedos e penedias que lhe bordam as costas, e do sem numero de montes e collinas pedregosas que lhe desigualam o solo quasi todo salão, a amenidade do clima e a admiravel fertilidade d'aquella terra massapez, preta e ruiva, de que disse com razão um historiador portuguez que cada palmo vale o

seu pezo em oiro[1], havia desenvolvido grandiosamente a colonia, e coberto de população aquella pyramide de dezesete leguas de terreno vulcanico, estendida de leste a oeste sobre o occeano occidental.

Quando a 2 de julho de 1419, o celebre navegador João Gonçalves, o Zarco de alcunha, poz pé pela primeira vez n'aquella terra, que havia tantos annos que estava fazendo biôcos á emprehendedora actividade dos portuguezes de então, assimilhando, sobre o mar, immensa nuvem de espessa fumaceira, de que os navegantes fugiam a todo o poder das velas, dizendo que era ali a grande chaminé do inferno, a ilha da Madeira era apenas uma enorme floresta de arvores seculares e de gigantesca vegetação, cercada por uma rude e alta muralha de rochedos e penhascos, que se lhe eriçavam quasi que ininterrompidos sobre as costas. Era impossivel viver-se no meio d'aquelle espessissimo arvoredo; e tanto, que em todas as dezesete leguas que aquella pyramide tem de comprido, desde as seis leguas da base até ás quatro que tem ao chegar-se para o vertice, isto é, desde a ponta do Pargo até á ponta de S. Lourenço, não encontraram os descubridores folego vivo. Para remediarem portanto aquelle grande inconveniente, largaram-lhe o fogo. Principiaram logo a estalar as arvores seculares, o fogo começou a enredar-se na enorme floresta, a lavareda ergueu-se por fim ao de cimo d'ella, e o oceano reflectiu, a muitas leguas de distancia, o afogueado clarão das titanicas linguas de fogo, que açoutavam, bramando, o espaço, e ameaçavam incendiar o infinito.

Durou, segundo dizem, sete annos o incendio. Ao cabo d'elles, d'aquelle salão, requeimado pela enorme lavareda, começaram a brotar mi-

1 Cordeiro. Hist. Insul. P.e III. Cap. 7.

lhares e milhares de flores, que formaram em torno da ilha uma atmosphera embalsamada; a canna do assucar principiou a fructificar com feracidade igual á da America; os vinhedos côr de esmeralda rivalisavam com os vinhedos mais productivos da Europa, e a antiga *chaminé do inferno* transformou-se n'um verdadeiro paraizo, que dava saude e riquezas áquelles que o iam habitar.

Em 1543, isto é, cento e trinta e quatro annos depois, a ilha da Madeira era já um como que jardim formosissimo, sobre o qual se levantavam aqui e ali as cidades, as villas e as aldeias. Umas corriam já para o pleno desenvolvimento, outras principiavam ainda; tudo porém denunciava o terreno abençoado por Deus, que, seculos mais tarde, devia de ser a mais rica, e de todas as perolas, que engastam a coroa portugueza, a mais invejada pelas naçoens da velha Europa.

A villa da Calheta distante, tres a quatro leguas da cidade do Funchal, capital de toda a ilha, era apenas uma povoação de duzentos a trezentos visinhos. Sobre os penhascos, que a prumo bordam as margens do rio, que junto d'ella deslisa, enredavam-se as trepadeiras e os ramos das vinhas, misturando, ao findar do estio, os cachos das flores com os cachos das uvas. Immensas fazendas e quintas, cobertas de frondosos e extensos cannaviaes, avultavam aqui e ali, ora cercando um palacio meio fortificado, ora tendo por centro uma casa de modesta apparencia, e ás vezes até uma pobre e mesquinha arribana. Por toda a parte appareciam signaes do acachoar da actividade dos povoadores, e por toda a parte o solo respondia opulentamente ao appello que o trabalho e a energia humana fazia para elle.

A pouca distancia do mar, e sobre uma das pittorescas agglomeraçoens de rochedos que a natureza havia juntado sobre as margens escabrosas da

ribeira da Calheta, havia então uma casa afortalezada, cuja apparencia denunciava logo a opulencia do dono. Circumdava-a uma magnifica quinta, coberta de vinhas e de uma verdadeira floresta de cannas de assucar, a par das quaes se expandiam aos esplendidos raios do sol as flores, as fructeiras e os vegetaes mais mimosos da Europa. A' margem do rio, e tocadas pelas aguas d'elle, viam-se dois grandes engenhos de assucar, que serviam de perfeito complemento áquelle magnifico quadro agricola.

Esta casa, esta quinta e este engenho eram propriedade do nosso já muito conhecido Simão d'Ornellas, o amigo intimo de Diogo Botelho e de Luiz de Camoens, que havia conduzido furtivamente D. Beatriz de Moura para a ilha da Madeira. Era por esta casa e por estes ares que elle suspiràva em Coimbra; e pede a justiça que se diga que tinha razão de sobejo para arrenegar, em nome d'aquellas suavidades, a pezada erudição de Diogo de Teive, e até a excelsa Minerva da Universidade toda e inteiriça desde os pés até á cabeça. E, deveras, que valia um pyrrichio, um spondeu ou um dicolos distrophos para quem sentia os pulmoens com saudades do ar embalsamado da Madeira, e os olhos anhelando por descançarem sobre o musgo côr de esmeralda, que vestia as penedias enfloradas da ribeira da Calheta?

Simão d'Ornellas era pois um dos proprietarios mais abastados da villa, e aquelle que possuia a mais pittoresca propriedade d'ella. A casa fôra, como disse, edificada sobre uma pequena elevação de granito volcanico, na qual apenas vegetava aqui e ali uma ervinha amarellecida. A aridez e o escabroso d'aquelle morro contrastavam singularmente com a amenidade da quinta, a que elle servia de centro. Uma vasta e espaçosa escada, aberta toscamente na rocha, levava em caracol até á porta do palacio. Para dentro d'elle tudo se trans-

formava completamente. Havia ali o que o mais apurado luxo da civilisação d'esse tempo tinha de mais faustuoso e de mais bello. Aquelle era um verdadeiro palacio de Armida; era um eden de commodidades, em que não sei qual primava mais, se as elegantes demonstraçoens da opulencia e do bom gosto do proprietario, se as grandiosas sumptuosidades, com que da parte de fóra aquella casa estava rodeada.

Eram perto das onze da manhã. Simão d'Ornellas acabava de chegar de dar as ordens convenientes para a boa administração e para o bom amanho da pingue e extensissima industria, da qual se achava senhor. Voltava pois, e dirigia-se para uma das salas do seu palacio fortificado, cantarolando descuidadamente e como quem tinha plena paz de corpo e de espirito.

Simão estava mais nutrido do que na occasião em que d'elle nos despedimos em Coimbra. Os ares puros da ilha, a independencia de ricouço, e o desafogo d'aquella vida que tanto se quadrava com a natural soltura e liberrima actividade do seu espirito inquieto, haviam-lhe feito bem. Simão d'Ornellas era, portanto, o que se chama um homem perfeitamente feliz. N'estas magnificas disposiçoens de espirito é que elle se dirigia para a sala, onde agora o vamos encontrar.

Esta era um amplo espaço quadrado, ricamente mobilado com todos os donaires da caprichosa opulencia da época. Era uma especie de sala d'armas dos antigos castellos. Pelas paredes viam-se dependurados, de cabides, arnezes antigos e modernas couraças, espadas e achas d'armas, béstas e arcabuzes. Aos cantos viam-se lanças e alabardas, e aqui e ali magnificas cannas de pesca, feitas dos ricos bambús que a ilha produzia.

No meio da casa havia uma grande e bella mesa de pau preto, com as faces lavradas de excellentes e aprimorados lavores, e as pernas retorci-

das em bem cinzelados espiraes. Simão d'Ornellas dirigiu-se para ella com as mãos mettidas na petrina e cantarolando. Depois lançou um olhar indeciso sobre o sem numero de objectos venatarios, que sobre ella jaziam, e por fim deitou mão de uma pequena rede de malha de seda, que ahi se achava misturada, e poz-se a desenredal-a com toda a pachorra, e sempre a cantarolar por entre os dentes.

Estava assim, havia mais de um quarto de hora, todo embebido no seu trabalho, quando a porta se abriu ruidosamente, e um homem entrou para dentro a passo apressado e estrepitoso.

Simão d'Ornellas estava n'aquella occasião de costas para a porta. Assim estava e assim ficou. Revocado a si por aquelle inesperado estrepito, voltou-se de golpe, e olhou.

Um instante depois o rosto, que até ali rutilava a suprema felicidade da paz interior, estava pallido como o de um cadaver, os olhos scintillavam-lhe cheios de excruciante anciedade, e os labios entreabertos e descorados davam com o demais sufficientes significaçoens de quanto era afflictiva a impressão, que a chegada, do recem-vindo lhe causara.

Este era Diogo Botelho—Diogo Botelho, que, apenas sahira da cadeia de Coimbra, correra ao Porto para se embarcar para a Madeira, e que, apoz esperar alguns dias que a embarcação acabasse de aprestar-se, havia partido e chegado, depois de longa e trabalhosa jornada, á terra onde D. Beatriz vivia aguardando por elle.

—Diogo!—balbuciou Simão d'Ornellas depois de dominar o primeiro abalo d'aquella surpreza.

O tom da voz não revelava, porém, a expansão enthusiastica do affecto de quem ha muito tempo se não vê. Havia n'elle antes a extrema anciedade a custo disfarçada. D'ella ficava de todo o ponto incontrovertivel que a chegada de Diogo Bo-

telho era reputada por Simão no conceito de suprema calamidade.

Diogo Botelho sentiu-o profundamente, sentiu-o como golpe de adaga, que de subito e inesperadamente lhe entrasse para dentro do coração. Assim, em logar de se lançar nos braços do amigo que dera dois ou tres passos para elle e parára, o pobre moço deixou-se cahir com desalento sobre uma cadeira, fitando ao mesmo tempo n'elle um olhar apavorado e com o rosto totalmente sem pinga de sangue.

Simão d'Ornellas continuava silencioso, e como que fascinado sem o desfitar.

—Simão d'Ornellas, são então verdadeiras as novas malditas que tive?—irrompeu por fim Diogo Botelho por entre um grito abafado no coração.

—E que novas tiveste?—balbuciou.

—A quarenta leguas ao mar encontramos um galeão, que seguia rota de Portugal. Deu de subito a calmaria comnosco ao perpassar um pelo outro. Soffregos por termos noticias da patria, fizemos lançar o esquife ao mar, e dirigimos-nos a elle. Encontrei n'elle Telmo Paes, o velho feitor de meu tio Pero Botelho. Não sei o que senti em mim quando o vi. Perguntei-lhe noticias da terra, e o que ia fazer a Portugal. Respondeu-me que ia, por ordem do amo, a Lisboa comprar donaires e enfeites para uma certa dama, que tu trouxeste de Coimbra para a ilha, e que estava agora vivendo de amores com meu tio...

Ao dizer estas palavras, Diogo Botelho interrompeu-se de golpe, e ficou com o olhar espavorido fitado em Simão d'Ornellas. Este continuava silencioso, e sem descravar os olhos d'elle.

—Simão d'Ornellas: quem é essa dama?—bradou, por entre um grito de afflicção, Diogo Botelho.

—E' D. Beatriz.

—D. Beatriz!... D. Beatriz!... Então é verdade...

—E' verdade.

Ao ouvir estas ultimas palavras ditas com glacial severidade, Diogo Botelho ficou durante alguns segundos a olhar abobado o amigo. De repente soltou um grito pavoroso, levou os punhos cerrados ao peito, e cahiu sobre a cadeira com as faces medonhamente injectadas de sangue e a vista esgazeada e vaga.

Simão d'Ornellas correu a elle.

—Diogo Botelho—disse então em voz forte e poisando-lhe a mão sobre o hombro—recupera-te, amigo. Aquella mulher era indigna de ti.

Diogo não respondeu durante alguns minutos. Por fim escondeu o rosto nas mãos, e assim ficou por muito tempo. Quando o descubriu, estava pallido e sereno da serenidade que é resultado d'aquella insania, com que as grandes calamidades atordoam muitas vezes o homem.

Ao cabo de alguns minutos levantou-se, e encaminhou-se direito e hirto para a porta.

Simão de Ornellas atravessou-se de relance diante d'elle.

—Aonde é que vais assim, Diogo?—disse-lhe com authorisada gravidade.

—Deixa-me passar, Simão d'Ornellas. Vou matar aquella mulher—replicou Diogo Botelho com serenidade glacial.

Ornellas fitou-o silencioso durante um minuto; depois aferrou-o por um braço, levou-o de novo á cadeira, e disse:

—Ouve primeiro esta historia de torpezas; e depois decidirás se a mulher, que nasceu com a alma de uma barregã, merece que um homem bem nascido se lembre mais d'ella.

Diogo Botelho deixou-se levar machinalmente, e ficou silencioso a olhar abstractamente para o amigo. Este sentou-se defronte d'elle, e, depois

de alguns minutos de silencio, principiou assim:

—Deves saber, Diogo Botelho, que desde que sahi de Coimbra nunca mais me deixaram de soar aos ouvidos estas palavras, que foram as ultimas que ouvi a Luiz de Camoens: «Esta mulher não tem coração! Pobre Diogo Botelho!» Durante o caminho tive occasião, por mais de uma vez, de suspeitar que o nosso poeta fallára verdade. Assim, mal desembarquei no Funchal, tratei logo de recolher no convento de Santa Clara essa mulher que nós, por nossa grande loucura, transportamos de Portugal para aqui. Em seguida fui ter com teu tio Pero Botelho, como pessoa que tão grande teu amigo se apregoou sempre, e communiquei-lhe, em confidencia e á puridade, que aquella dama que eu recolhera em Santa Clara, estava jurada comtigo, e que tu ficavas alguns dias atraz para melhor disfarçar a fugida.

Simão d'Ornellas, parou aqui um momento, e continuou em seguida:

—Ao ouvir esta confissão, Pero Botelho embiocou o semblante com sobrecenho descontente. Depois inquiriu-me sobre quem e quem ella era, e por fim disse-me que iria no dia seguinte a Santa Clara verificar se ella era ou não digna de que elle lhe offerecesse a sua valia e a sua protecção. Assim foi como me disse, e eu n'essa mesma tarde fui ter com elle para saber se sim ou não lhe podia confiar o cuidado d'ella, pois que me urgia a necessidade de partir para aqui, onde me aguardava a herança de meu pai, á espera das determinaçoens que eu, como seu legitimo successor, quizesse dar.

—Teu tio—continuou Ornellas — mostrou-se contente com a tua escolha, e disse-me que proveria em tudo o que fosse necessario a D. Beatriz como teu verdadeiro amigo que era. Em seguida, dizendo-me a sua opinião ácerca d'ella, declarou-me que a achava formosa e com geitos de

*

bem nascida, mas que lhe parecia leviana demais para fazer a felicidade de toda a vida de um homem.

«—N'uma palavra, Simão d'Ornellas—finalisou assim—a moça é fera e de boa cara; mas a mim se me afigura que aquelle doido Mancias de meu sobrinho metteu de portas a dentro um gallo airado que toda a vida lhe ha-de cantar sobre o cachaço.

—Estas palavras—seguiu dizendo Simão d'Ornellas— fizeram-me profundo abalo. Teu tio dizia em muitas o que Luiz de Camoens dissera em poucas. E, cousa singular! ambos combinavam em fazer de D. Beatriz um conceito que nós dois jámais haviamos sequer aventado. Por fim parti para aqui, para a Calheta. Durante os primeiros cinco dias, os meus muitos afazeres particulares deslembraram-me de todo de D. Beatriz e do Funchal. Ao quarto mandei um correio a teu tio Pero Botelho, a perguntar-lhe por D. Beatriz e a saber se de mim necessitava para alguma cousa. Teu tio respondeu-me que D. Beatriz estava boa, agradecendo-me em seu e teu nome os meus cuidados e os meus offerecimentos. Durante os primeiros vinte dias seguintes mandei, dia sim dia não, um proprio ao Funchal. Ao principio teu tio respondia-me por escripto, depois as respostas vieram vocaes, e por ultimo principiaram a ser tão enredadas e fóra de proposito, que de muitas não percebia palavra, e de outras se me afigurava que se queria fazer zombaria de mim. A ultima, que recebi, era tal, que não pude deixar de bradar ao meu homem:

«—Mas, por satanaz, quem foi que te deu esse recado?

«—Senhor—respondeu elle—da bocca da propria senhora D. Beatriz o recebi...

«—D. Beatriz!... Mas que D. Beatriz?

«—Ai, senhor! Aquella dama formosa e moça,

que estava em Santa Clara... Vós bem o sabeis.

«—D. Beatriz... que veio comigo de Portugal?

—O serviçal esgazeou os olhos espantados para mim, e em seguida balbuciou:

«—Pois não o sabeis!...

«—Mas, sangue de Christo! o que?

«—Pois não sabeis que Pero Botelho trouxe D. Beatriz para sua casa, que é ella quem lá manda e re-manda, que tudo lá são folganças e festas de noivos, de tal arte que dizem os seus moços que não ha hi mais paraizo de amores na Madeira?...

«—Pelo inferno! Apparelha-me immediatamente um cavallo; sus, n'um relance.

—Armei-me, e d'ahi por meia hora corria a toda a brida pela estrada do Funchal.

—Quando cheguei á cidade, o sol ia já a descer para o occaso. Descavalguei á porta de Pero Botelho, e disse a um criado que lhe fosse dar parte de que eu estava ali. Mandou-me entrar immediatamente para o escriptorio onde costuma aviar seus negocios, e onde n'aquella occasião o fui encontrar. Recebeu-me sentado por detraz de uma secretária, com os cotovellos fincados n'ella, e o rosto mergulhado entre as mãos. Desconheci-o. Estava mais que usualmente embrincado de trajes; mas a natural expressão de soberba tinha um não sei que de raiva e desespero satanico que punha dó; os olhos luziam-lhe como dois carvoens accesos; a fronte avincava-se-lhe extraordinariamente, e as faces estavam pallidas e apanhadas pela violencia da lucta que lhe ia na alma.

«—Pero Botelho—disse-lhe eu violentamente agitado pela paixão em que ia—disseram-me que D. Beatriz está vivendo comvosco, e que...

«—Silencio!—atalhou-me elle por entre os dentes cerrados, e estendendo os braços hirtos e convulsos por cima da secretária—silencio! Ha quatro dias que ando luctando com o pejo de vos

mandar chamar, e com o desespero da necessidade de o fazer. Simão d'Ornellas, se fostes algum dia de veras meu amigo, pelo amor de Deus! livrai-me d'esta mulher.

—Era tal a expressão de desespero que reluzia no semblante de teu tio, que fiquei sem poder dizer palavra, a olhar estupefacto para elle.

«—Porém, senhor—balbuciei por fim—que significa isto? Como é que...

«—Como é que me deixei illaquear por ella? —atalhou-me em voz sumida por entre os dentes cerrados, e cada vez mais convulso—Como é que me deixei illaquear por ella? Eu sei lá! Nunca ouvistes fallar das sereias, d'esses seres, meio peixes meio mulheres formosissimas, que, no alto mar, seduzem com as formas e com a voz os marinheiros, e depois os atrahem para o fundo, onde os despedaçam? Dizem que meu pai foi victima d'uma mulher d'essas. Simão d'Ornellas, pelo amor de Deus, pela alma de vosso pai, livrai-me d'essa rapariga, já, immediatamente, ou, passados mais alguns dias, já será tarde, sinto que já será tarde, que já o não consentirei...

—Aqui soltou um grito tremendo, e mergulhou o rosto entre os braços, que tinha hirtos e estendidos por sobre a meza da secretária, batendo n'ella, ao mergulhal-a, rija pancada com a cabeça. Aquella allucinação cada vez maior abalou-me profundamente. Eu não sabia como explicar aquillo, e achava-me envolvido n'aquelle turbilhão vertiginoso, pelo qual era arrastado sem saber como nem para onde. Fiz então um esforço supremo contra a estupefacção que me dominava, e assenhoreei-me por fim.

«—Pero Botelho—disse-lhe pois duramente—eu não sei o que quereis dizer no que fallais, nem comprehendo como é que um homem de quarenta annos, de um caracter como o que tendes, e

que tanto mundo tem visto como vós, possa d'essa forma ser assenhoreado por uma mocinha quasi que de peito, e que acaba de sahir de um convento. O que sei é que essa moça estava jurada com vosso sobrinho Diogo Botelho, que foi a mim que elle a confiou para a trazer para aqui, que eu a entreguei á vossa honra e ao vosso brio, e que vós...

«—Pelo inferno, callai-vos!—atalhou-me elle, soltando um grito medonho e batendo violenta punhada sobre a meza—não sabeis como isso podesse succeder? Nem eu. O que sei é que fostes vós que trouxestes para a Madeira essa moça... a minha desgraça; que fostes vós que m'a atirastes ao meu caminho, porque eu não a conhecia; que para vos fazer mercê e cumprir com o que vos prometti, ia vel-a todos os dias a Santa Clara... e que ella sorriu-se para mim, fallou-me, fitou-me, dous, tres, quatro dias, de tal forma, que por fim... Eu não sei como isso se passou; foi como que um turbilhão que me colheu entre as azas e me fez revoltar á roda sobre mim mesmo em milhares de vertiginosos giros; e ao cabo... acheime louco, perdido de amores por ella; achei-me a pertencer-lhe de corpo e de alma, achei-me com todas as potencias do espirito encadeadas por ella, de todo dominado, cego, com apenas um tibio raio da razão que me fez ter pejo do que fiz, e com um continuo e feroz rebater do instincto, que me punge como espinho permanente, e que me apavora, bradando-me de continuo dentro da alma que essa mulher será a minha desgraça, a minha ruina, que por ella morrerei infamemente...

—E, dizendo, soltou novo grito, e mergulhou de novo a cabeça entre os braços. Eu não sabia o que havia de fazer nem dizer; mas, no fundo, estava firmemente resolvido a reduzir a questão áquillo que verdadeiramente era, isto é, a não ver n'ella mais que a traição que aquelle homem

e aquella mulher haviam feito, e a vingal-a n'elle com a espada e n'ella com a adaga que trazia no cinto.

—Passados minutos, teu tio ergueu a cabeça de golpe, e bradou de todo allucinado:

«—Simão d'Ornellas, livrai-me d'essa mulher, salvai-me, mas já, já, sem perda de tempo...

«—Que é o que quereis que eu faça?

«—Ide ter com ella, fallai-lhe... dizei-lhe... fazei o que quizerdes, mas levai-a... levai-a, arrastai-a comvosco. Sou rico, muito rico, bem o sabeis. Disponde das minhas riquezas, gastai d'ellas o que quizerdes, mas salvai-me, livrai-me d'ella... já, já, immediatamente... já, já, ou, passados mais alguns minutos, será tarde... sinto que será tarde, não o consentirei...

—O desgraçado dizia estas palavras em voz ferozmente assobiada, com os olhos a saltarem-lhe para fóra das orbitas, e a agarrar-se com as mãos convulsas ás esquinas da secretária, por traz da qual estava sentado.

—Permaneci indeciso alguns minutos sem saber o que havia de fazer; por fim tive dó d'elle. Voltei-lhe as costas, fechei a porta sobre mim, e subi ao andar superior, bem determinado a fazer sahir D. Beatriz d'aquella casa, ainda que fosse levando-a de rastos pelos cabellos. Ao sahir, ainda ouvi durante alguns segundos os rugidos abafados e as punhadas de desespero, que o triste allucinado batia ferozmente sobre a secretária.

—Alguns minutos depois estava diante de D. Beatriz. Uma escrava moura, que lhe é favorita, tentou embaraçar-me o passo. Quer-me parecer que tinha recebido ordem de me repulsar. Saltei por cima de tudo, e, por fim, cheguei, como te disse, até onde ella estava.

—Ao empurrar de repellão a porta do aposento, D. Beatriz, que se achava junto de uma ja-

nella a gozar a aragem refrigerante do mar, volveu-se de golpe e com ares de amedrontada:

«—Ai, senhor Simão d'Ornellas, que medo?—exclamou com desembaraçado descaro.

«—E pejo, não?—retorqui severamente e quasi com nojo.

«—Pejo! E de que?—volveu ella franzindo o sobr'olho.

«—De terdes trocado o amor que deveis a Diogo por um logar de barregã no leito de Pero Botelho.

—Ao ouvir estas palavras, D. Beatriz soltou uma gargalhada muito cascalhada, batendo as palmas e deixando cahir a cabeça para o recosto da cadeira.

«—Por isso o dizeis?—exclamou por fim suffocada pelo riso.—Ora, senhor, tão menina de peito me julgais, que me deixe illudir por biôcos e palavras vasias e vãs?

«—Senhora, não vos entendo!—exclamei verdadeiramente surprehendido, porque de veras a não entendia.

—Ella soltou nova gargalhada, e disse em seguida:

«—Ora, senhor, vós bem sabeis que não nasci para freira; e se Diogo Botelho me tirou do convento de Cellas de Coimbra para me metter no de Santa Clara do Funchal, não valia deveras a pena atravessar o mar só para mudar de prisão. Pelo demais, senhor Simão d'Ornellas—continuou com nova gargalhada—vós bem sabeis que, em razão dos meus votos, eu não posso ser mais do que sou. Ou freira e captiva, ou livre e isto que vêdes; e, a sel-o, vale mais que me perca por Pero Botelho, galhardo e louçã cavalleiro, que ama os saraus, e as festas, do que por um mancebinho barbiponente, todo enfrascado em poesia, que vê o modelo da felicidade no arrular de dois amorosos pombinhos na solidão do ermo. Ai cuidados! Que

vida para quem ama o ruido, o buliço, as danças, as festas e os prazeres!..

—E, dizendo, cachinou nova gargalhada.

«—E assim estais aqui de vossa muito livre vontade, sem força de qualidade alguma?..—balbuciei eu, impando de indignação.

«—Senhor sim. Aqui é que está a felicidade para mim.

«—E a recordação de Diogo Botelho já nada vos inspira! Nada vos já lembra o amor extremoso que vos dedica; nem os muitos e grandes trabalhos que passóu, e está ainda passando por vós?

—A estas palavras, D. Beatriz curvou a cabeça, e ficou pensativa um momento.

«—Senhor Simão d'Ornellas—respondeu finalmente—crêde que sinto grandemente o muito que por mim tem passado Diogo. Se á custa da minha vida fôra possivel fazer desapparecer a realidade de todos esses soffrimentos, sêde certo que de todo o coração a dera para isso. Mas não póde ser, e eu tenho de viver quer queira quer não. Ora, para viver feliz é de todo o ponto impossivel o viver com Diogo. Senhor, juro-vos pela minha salvação, que o amei, e amei muito. Quando o vi pela primeira vez, quiz-me parecer que estava n'elle talhado o homem para me fazer feliz; o homem na companhia do qual a vida seria para mim um formoso festão de flores, enredada no qual eu me embalaria até o tumulo entre perfumes e boninas. Depois fui-me desenganando pouco e pouco, e o desengano foi-me pouco e pouco despedaçando no coração aquelle amor. Diogo, vós bem o conheceis, é um sorumbatico, um imaginativo, tão avarento da propria felicidade que não quer que os outros lobriguem d'ella sequer um lampejo. Para ser perfeitamente feliz, preciza de ter a mulher, que ama, mettida n'uma arca, cuja chave elle traga de continuo ao pescoço.

Diogo não entende outros amores que não sejam os dos poetas; o amor das rolas e o dos pombos, como ha pouco vos disse. Ora, senhor, eu sou precisamente o contrario. Para mim a felicidade não está só na certeza de que sou amada; mas está, e talvez que ainda mais, em correr ao lado do homem, que amo, por tudo o que a vida tem de festival e de ruidoso. Já vêdes que entre nós o amor é impossivel. Que me esqueça portanto. Ha outras mais mulheres n'este mundo, e d'ellas algumas que entendem como elle a felicidade no amor. Que as busque...

«—Assim, senhora—atalhei eu, abafando de indignação—vós entendeis que se póde mudar o amor como quem muda um vestido velho, ou que nos não vai bem ao semblante! Para vós a felicidade não está nos gozos do coração, mas nos gozos do corpo, no turbilhão vertiginoso, que revolteia em milhares de gyros tresloucados aquelles que pensam que a vida é uma perpetua mocidade!

«—Senhor, não vos entendo; mas affirmo-vos que a vida, tal qual a sonha Diogo, seria peior do que uma cella para mim.

«—Assim elle é hoje de todo indifferente para vós?

«—De todo.

«—E amais Pero Botelho?..

«—Com todo o coração, com todas as veras, para a vida e para a morte...

—Tive tentaçoens de lançar aquella mulher pela janella fóra, Diogo; para o não fazer foi-me necessario dar vazão á indignação que me acachoava no cerebro, passeando agitadamente e muitas vezes a todo o comprimento do quarto. Por fim parei, e disse-lhe:

«—Senhora, é preciso sahir d'esta casa.

«—Quem? Eu?—replicou ella, sorrindo.

«—Senhora, sim.

«—E quem o ordena?

«—Eu.

«—E quem sois vós para o ordenardes.

«—Sou o homem que vos trouxe de Portugal para aqui; sou o homem, a cuja honra vos entregastes em nome do amor que dizieis ter a Diogo Botelho; sou o homem a cuja amizade elle vos confiou como thesouro de infinito valor; sou emfim o homem que por vossa causa commetteu um grande crime, a que pelo menos quer poupar o desaire de dar em resultado o haver mais uma barregã na Madeira.

—A estas palavras D. Beatriz mediu-me com escarneo e com desprezo.

«—Estou em minha casa, e no meio dos meus —replicou por fim,carregando estas palavras com entoação acintosa—podia dar-vos resposta condigna, e por ventura que bem a merecieis pela descortezia com que ousais fallar a uma dama. Mas não o farei assim. Senhor—accrescentou serenamente—vou chamar a escrava para vos guiar até á porta. A nossa conversação já vai longa de mais. Guarde-vos Deus.

—E, dizendo, estendeu a mão ao apito de prata,que tinha sobre a meza. Não lh'o deixei porém tomar. Antes d'ella chegar com a mão a elle, tomei-a eu em cheio e de subito nos braços, e assim me dirigi á porta.

—Mas ella resvalou-me de cima dos braços, endireitou-se com a rapidez da onça, e, arrancando da manga uma pequena adaga, disse-me em voz ligeiramente tremula de raiva:

«—Vós sois um villão. Ora andai, sahi, ou, por vida de meu pai, que chamo os criados, e vos faço lançar em pedaços por aquella janella. Andai, e para que não volteis, sabei, que prefiro ser toda a vida barregã do louçã cavalleiro Pero Botelho, a ser uma hora esposa do sorumbatico poeta Diogo. Andai, sahi.

—A estas palavras senti-me abafado pela colera, e de todo perdi a vista dos olhos. Lancei-lhe a mão á adaga, desarmei-a, e ia por ventura arrojal-a por terra para a esmagar com a sola da bota, como quem esmaga um reptil immundo, quando a porta da sala se abriu de repellão, e Pero Botelho entrou de espada em punho para dentro.

—Ao vel-o, cruzei os braços com nojo e com despreso. Elle deu dois passos para a frente, e desceu como que envergonhado a vista para o chão.

—Esteve assim alguns segundos, depois disse-me com notavel serenidade:

«—Simão d'Ornellas, é tarde, é já muito tarde. Esqueci o que vós disse.

—Em seguida, dirigiu-se á janella, e lançou por ella fóra a espada. Depois voltou-se para mim, e disse-me:

«—Senhor, fazei-me a mercê de sahir de minha casa, e não mais vos lembreis de voltar a ella. Esquecei-vos até do meu nome.

—A estas palavras, senti encresparem-se-me os labios com um sorriso de ironia e de nojo.

«—Vós sois a escoria das mulheres perdidas—exclamei então, dirigindo-me a ella—E vós—continuei, voltando-me para elle—vós a deshonra dos homens bem nascidos.

—E fiquei á espera do que elle quereria fazer em vista de tamanho insulto.

—Nada porém resultou de tudo isto. Pero Botelho cruzou os braços, encostou-se, pallido como um cadaver, á umbreira da janella, e ficou immovel e com os olhos cravados no chão. Ella soltou uma gargalhada bem cachinada de escarneo, e correu a abraçar-se com elle.

—Sahi então, arremeçando a porta com força sobre o batente. Ao sahir, ainda ouvi o som dos beijos, que ella lhe dava por entre as gargalhadas estouvadas, com que fazia zombaria de mim.

Ao chegar aqui Simão d'Ornellas interrompeu-se alguns minutos. Diogo Botelho escutava-o sem o desfitar e sem dizer palavra, immovel e pallido como o reu, a quem estão lendo a sentença de morte.

—Um homem e uma mulher assim—continuou finalmente Simão d'Ornellas—são indignos que um homem de bem se lembre mais d'elles. Foi o que eu fiz. De todo deslembrei aquellas duas creaturas tão abjectas e tão deveras dignas uma da outra. Nunca mais quiz saber d'elles, nem os procurei vêr. Uma vez, porém, que fui a negocios á cidade, encontrei-os correndo a trote rapido no meio de lustrosa cavalgada. Ao perpassarem por mim, ella e elle sorriram-se, como que atirando-me á cara com a felicidade, de que estavam gosando. Ao cahir da tarde, porém, encontrei-me com Pero Botelho, quando atravessava a praça. Mal me avistou, encaminhou-se direito a mim, e perfilando-se comigo, disse-me com entoação rancorosa e por entre os dentes cerrados:

«—Simão d'Ornellas, vós fostes que trouxestes aquella mulher á Madeira; sois portanto a causa primaria da minha desgraça. De hoje por diante tende-me na conta do vosso maior inimigo.

—Diogo Botelho—perorou por fim Simão de Ornellas depois de alguns minutos de silencio—foi assim que D. Beatriz se passou para o poder de teu tio; e foi assim igualmente que aquelle homem soberbo, e até hoje tão melindroso em pontos de honra, se deixou cahir de rojos e como um villão diante de uma paixão ignobil. Vê agora se dous infames como aquelles merecem sequer que um homem bem nascido se lembre mais d'elles.

Diogo Botelho não respondeu por muito tempo, e continuou a fitar o amigo silencioso e com o olhar vago e abstracto. Por fim ergueu-se, e dirigiu-se como que machinalmente para a porta.

—Aonde é que vais d'essa forma, Diogo?—

disse Simão d'Ornellas, atravessando-se diante d'elle.

—Vou matar D. Beatriz de Moura, vou pedir-lhe contas estreitas da minha felicidade—respondeu elle com serenidade glacial.

—Louco, não vês que te cobres de eterna vergonha? Não vês que todo o sangue d'aquella mulher não vale uma passada sequer de um homem de brio?

Diogo Botelho ficou a olhar silencioso para elle.

—Simão d'Ornellas—disse por fim—fazes por ventura ideia perfeita do que eu fico sendo de hoje por diante?

—Deves ficar Diogo Botelho, fidalgo pelo sangue e pelos espiritos, superior a todas as villezas por mais fundas que ellas te firam na alma...

Diogo Botelho sorriu-se aqui com um sorriso de ironia tão melancolica, que Simão d'Ornellas interrompeu-se de golpe, e não pôde ir ávante.

—Tu não comprehendes bem o amor com que amei aquella mulher—disse por fim Diogo Botelho.—Eu tinha resumido n'ella toda a felicidade da minha vida, todas as minhas aspiraçoens do futuro, todo o meu ser, toda a minha alma. A prostituição d'ella despenhou-me de uma altura infinita. Sinto-me morto, sinto que de hoje ávante não sou mais do que um cadaver que anda.

E depois de um momento de silencio, continuou por entre os dentes cerrados e apertando convulsivamente os punhos:

—Deixa-me passar, Simão d'Ornellas, deixa-me passar. Resta-me ainda um raio da luz, que me illuminou, n'outro tempo, o caminho da vida, e antes que elle se apague de todo... Deixa-me passar, Simão d'Ornellas, deixa-me passar. Pelo inferno! Não me roubes ao menos a estupida paz do nada, a que fico reduzido no mundo, fazendo com que eu entre n'ella com a consciencia espicaçada pelo fero remorso de que essa mulher fica

atraz de mim labutando no lodaçal de immundas torpezas, para que eu proprio lhe mostrei o caminho.

Assim dizendo, rompeu arremeçada e allucinadamente direito á porta, e da mesma forma sahiu por ella fóra

Era tal a expressão de desespero concentrado, que se entoava nas ultimas palavras de Diogo Botelho, que Simão d'Ornellas não se atreveu a replicar-lhe. Deixou-o pois partir sem opposição, e ficou silencioso e immovel com os olhos abstractamente pregados na porta, por onde elle havia sahido. De repente ouviu-se o veloz tropear de um cavallo, que arrancava a toda a brida do pateo da casa. Simão d'Ornellas voltou a si, chamou um pagem, deu-lhe ordem para que mandasse apparelhar um cavallo, armou-se, e, um quarto de hora depois, corria como o vento atraz de Diogo Botelho pela estrada que da Calheta levava ao Funchal.

IX

> E de minha triste sorte
> Já não tenho outra guarida
> Mais que sustentar a vida
> Nas esperanças da morte.
>
> F. RODRIGUES LOBO. *Primavera.*

O leitor já de certo que está impaciente por conhecer mais de perto a pessoa de Pero Botelho. Ao principio, o titulo d'este livro inspirou-lhe por força a imaginação de que era elle o heroe da novella, o centro em torno do qual girava todo o enredo. Esta ideia, espicaçada de fresco pelo papel um tanto exquisito que o vê representar no capitulo antecedente, ha-de ter-lhe enfurecido a

curiosidade. Tem de veras razão o leitor, e eu passo desde já a satisfazel-o como devo e como posso.

Antes porém de o fazer, peço licença para o desenganar a respeito do heroe d'esta minha novella.

Eu embirrei sempre de heroes de romance. Quer-me parecer que um homem, por maior que seja, é ainda assim pequeno de mais para que as paixoens ou os feitos d'elle valham a pena de servirem de centro a trezentas ou quatrocentas paginas de impressão. Por isso é que tratei sempre de fazer que as minhas novellas não tivessem heroe. E' este o seu grande defeito, bem o conheço. A maior parte dos leitores de romances gostam de ter um *quidam* certo com quem rir ou chorar. A curiosidade mexeriqueira, a vontade de saber das vidas alheias é tanto do nosso natural, anda-nos tanto na massa do sangue, que até nos personagens de pura imaginação deseja fartar a soffreguidão da sua natureza. Assim novella sem heroe é novella sem prestimo. Eu bem o sei e bem o conheço, mas não posso vencer-me. E sinto-o, porque o meu desejo era agradar á maior parte dos leitores. Mas por mais que faça, por mais tratos que dê á penna, não posso conseguir fazer um heroe; e todos os meus personagens me sahem puros meios de pintar uma época, machinas todos de tanto valor umas como as outras, que faço funccionar com a regularidade que sei e que posso para o completo desenvolvimento e desenlace da acção.

Esta novella não tem, pois, um heroe. Com magua o digo, mas não ha remedio senão confessar a verdade. Pero Botelho não passa, portanto, de ser n'ella um personagem como outro qualquer, que concorre igualmente como todos os outros para o andamento do enredo e para a pintura da época. E' uma grande desgraça, bem o sei; mas,

repito-o, não posso vencer-me a sacrificar uma época a um homem, a vida do todo á vida individual.

Agora passo a apresentar Pero Botelho ao leitor.

Pero Botelho era filho segundo de Mendo Botelho, um dos fidalgos mais illustres e mais opulentos da ilha da Madeira. Apezar de filho segundo, era por ventura ainda mais rico que o primogenito. A razão d'isto era o ser Pero Botelho filho de um segundo matrimonio, e o ser a mãe d'elle unica filha e herdeira de um fidalgo portuguez, tambem filho segundo, mas que tinha militado muito tempo na India, onde fôra capitão de algumas fortalezas, d'aquellas de que os capitaens costumavam sahir encadernados em oiro e em diamantes.

O ser filho de um segundo matrimonio fazia tambem com que elle estivesse muito distanciado em idade do irmão primogenito, que era o pai de Diogo. Em 1543, Pero Botelho ainda não tinha quarenta annos de idade. Era alto e de corporatura airosa e elegante. O rosto, de belleza perfeitamente varonil, revelava a dureza e a soberba, que tinha por condição natural. Tinha os olhos escuros e scintillantes, e os cabellos e as barbas negras, e naturalmente annelladas. A' belleza physica Pero Botelho reunia qualidades de enorme valia n'um homem de alta sociedade. Possuia a sciencia do mundo, como quem o tinha viajado durante os primeiros dez annos da mocidade; era conversador agradavel e despretencioso; e tratava todas as armas com a maxima perfeição dos cavalleiros da época. Com estes grandes predicados, e sendo, como era, senhor de muitos mil cruzados, e de muitos engenhos de assucar, cuja lavoura era dirigida cuidadosamente por elle, Pero Botelho devia ser, como effectivamente era, um dos homens mais respeitados da ilha. A grande

soberba e a natural rudeza de condição tornavam-n'o porém aborrecido aos grandes e odioso aos pequenos. Assim podia-se bem dizer que, apezar das suas grandes qualidades e das suas grandes riquezas, Pero Botelho não tinha um amigo sincero em toda a ilha da Madeira.

A casa em que vivia, estava situada á entrada da cidade do Funchal, junto da costa do mar, e servindo de cabeça a uma das mais ricas e opulentas propriedades da ilha. Era a casa um verdadeiro paço acastellado, em torno do qual alvejavam os engenhos e as casinhas e arribanas dos mesteiraes e dos escravos d'aquella grande lavoura. A parte interna d'ella era um verdadeiro eden de tudo que o luxo e a commodidade póde inventar. Pedro Botelho nada tinha de avaro; e, como não sabia ser rico só para o prazer de enthesourar, transplantára para a casa da sua habitação na Madeira tudo o que vira de melhor, de mais commodo e de mais opulento nos paizes por onde tinha viajado.

Entremos pois para dentro de uma das salas, que davam para o lado do poente. Das tres janellas sacadas, que tinha, avistava-se a curta distancia o mar, estendido em magestoso e formosissimo panorama. Ao sopé ficava-lhes o pittoresco jardim do palacio, aformosentado por um grande numero de estatuas e de fontes, que jorravam de mil maneiras a agua, e adonairado por milhares de flores e de arbustos aromaticos. Este jardim era rodeado por dois renques de copadas laranjeiras, que formavam, ao meio, uma verdadeira galeria perfumada, e cujos ramos gigantes se estendiam até ás paredes da casa, e muitos d'elles se intromettiam pelas grades dos balaustres de ferro doirado, que parapeitavam as varandas.

A sala estava adornada com luxo e opulencia verdadeiramente asiatica. Um magnifico tapete da Persia alcatifava totalmente o soalho. Os

moveis, cinzelados de lavores admiraveis, eram das mais excellentes madeiras da India, e alguns de carvalho, arvore de que os nossos antepassados sabiam fazer maravilhas. As paredes estavam forradas de velludo roixo, bordado a oiro, e os reposteiros e cortinas, que cobriam as janellas, eram de setim, lavrado de magnificas ramagens de seda e oiro, e egualmente eram de oiro as corrediças, que por ellas tiravam.

A uma das janellas estava uma mulher de costas voltadas para a sala, com o cotovello poisado sobre o balaustre, a face recostada á mão, a contemplar, rodeada pelos perfumes que rescendiam das flores e das laranjeiras, o delicioso mergulhar do sol no oceano, no meio de um formoso encastellamènto de nuvens transparentes e apavonadas, que affiguravam milhares de figuras phantasticas, trajadas de amplos mantos roçagantes e fimbrados de oiro, que o vinham acompanhar e despedir ao occaso.

Esta mulher trajava um magnifico roupão de seda branca, lavrado a estrellas de prata, no centro de cada uma das quaes havia uma perola; e que se apertava na cintura por um cingidouro ou largo cordão de oiro e azul, em cujas borlas rutilavam a granel os diamantes. Tinha o cabello penteado em crenchas singellas, presas de redor da cabeça por uma estreita fita, a modo de diadema, coberta de rubins e saphiras; e ao pescoço tinha uma esclavagem de magnificos diamantes, esmeraldas e perolas. Calçava chapins de marroquim vermelho com saltos de puro oiro.

Esta mulher contemplava o pôr do sol immovel e em dulcissima abstracção. O rosto formosissimo, radiante de um sorriso angelicamente mavioso, reflectia a mais doce poesia d'alma, o mais suave extasi de sensaçoens espirituaes. Dir-se-ia que a alma se lhe tinha desprendido surrateiramente do corpo, e andava a brincar, doidejando,

por entre as pregas dos mantos transparentes e deliciosamente apavonados dos meigos e suavissimos phantasmas, que serviam de cortejo ao occaso do sol, nos quaes ella tinha firmemente cravados os olhos.

Por fim o sol mergulhou de todo no mar, as nuvens escureceram, o espaço entenebreceu, e a brisa, refrescando de subito, ramalhou estrepitosamente as flores e as arvores. A bella contemplativa passou então a mão pela fronte, ficou ainda um momento com os olhos fitados no mar, depois voltou-se para dentro, soltando um suspiro. Deslisava-se-lhe então pelas faces abaixo uma lagrima furtiva.

Era D. Beatriz.

Mal entrou para dentro da sala, foi lançar-se n'uma poltrona, estufada e forrada de velludo azul franjado de oiro, que estava collocada a alguns passos de distancia da janella, mas embocando de lado com ella. Poisou então o cotovello esquerdo sobre o braço da cadeira, recostou a mão á face, e ficou de novo a olhar contemplativamente o mar. Assim decorreu mais de meia hora, durante a qual D. Beatriz solevantou com mais de um suspiro o peito opprimido por aquella melancolia dulcissima. A noite chegou finalmente, e o clarão da lua cheia começou a argentar o mar, os rochedos da costa, os verdes cannaviaes e as flores.

A porta da sala abriu-se então, e uma escrava moura entrou para dentro, trazendo na mão uma magnifica serpentina de oiro. Era uma formosissima rapariga, de desseis a desoito annos de idade, pequenina, de côr morena e transparente, brevissima bocca, lindissimo nariz e olhos pretos e cheios de vida. Na cabeça trazia uma pequena trunfa de seda branca sobre os escuros cabellos annellados e soltos pelas costas abaixo. Vestia uma aljubeta de seda azul, por cima de um cor-

pete abrochado com cordoens amarellos; e uma fraldilha curta, que deixava ver a descuberto, de meia barriga da perna para baixo, umas calças largas, tambem de seda azul, que apertavam, rufando, sobre os cannos dos borzeguins de carneira vermelha, apespontados a preto, em que trazia mettidos os pés pequenissimos. Era uma houri fugida do paraiso de Mahomet para vir viver doidejando em torno de D. Beatriz.

—Zahara, elle já chegou?—disse docemente D. Beatriz, voltando-se com afago para ella.

—Senhora, não—replicou a escrava.

E, poisando o candelabro em cima de uma das mezas, veio acocorar-se aos pés da ama, com o rosto formoso e meigo voltado para ella.

D. Beatriz poz-se a passar destrahidamente os dedos por entre os negros cabellos da sua formosa favorita.

—Tão tarde!—balbuciou por fim e como que machinalmente—tão tarde! Que succederia?

—Não estejais com cuidado, minha linda ama—replicou a escrava, erguendo-se nos joelhos, e afagando e beijando as mãos de D. Beatriz.—Já da outra vez assim aconteceu. Quando o anno passado a armada dos piratas francezes se aproximou da costa, já o senhor Pero Botelho se demorou muito na cidade, e até lá ficou alguns dias. Ouvi dizer que estivera no paço em conselho com o governador. Agora de certo que não fica por lá—continuou, sorrindo e beijando as mãos da ama.

D. Beatriz não respondeu. Curvou a cabeça para a escrava, puxou o rosto d'ella para si, e beijou-a com doçura e com affecto em ambas as faces.

E aquellas duas mulheres formosas ficaram em seguida muito tempo com as mãos entrelaçadas, e os olhos fitos uma na outra—os de D. Beatriz revelando uma certa abstracção anciosa e melan-

colica de espirito, e os da escrava a excruciante impaciencia da anciedade, com que espiava a profunda tristeza da ama.

—Diz-me, Zahara—rompeu por fim D. Beatriz —porque é que o apparecimento da armada dos francezes ao largo dá causa a tamanho arruido, como é o que vai na cidade, desde que ella assomou esta ante-manhã, no horisonte?

—Porque, senhora!—exclamou com vivacidade a escrava. Mas, logo como cahindo em si, continuou, sorrindo e serenamente.—Olhai, minha boa senhora, já não é esta a primeira vez que os francezes nos vem visitar, mas de todas teem ido por onde vieram, bem escarmentados e pouco contentes. A' parte algum salto que têem feito em logares abertos e desamparados da costa, e á parte tambem alguns pescadores que têem captivado ao largo, têem sempre sido escorraçados, sem poderem lograr seu intento. Mas, apenas elles chegam de novo, é preciso ficar logo de atalaia, apparelhar as fortalezas, e ajuntar as ordenanças da terra, porque de outra maneira desembarcariam de subito, poriam a cidade a saco, e fariam mau pesar de nós todos...

—Jesus! Maria!—exclamou D. Beatriz, assustada.

—Não tenhais medo, minha querida ama—acudiu com ancioso carinho a escrava.—Desembarcar isso de certo é que elles jámais conseguirão. As fortalezas estão bem artilhadas, e a ordenança bem apercebida de espingardeiros e bésteiros. De mais ha ahi a numerosa fidalguia da ilha, que só essa é capaz de lhes fazer arrepiar carreira, como mais de uma vez o tem feito. Em todo o caso, porém, cumpre estar de sobreaviso, e não dormir descançadamente na fé do respeito d'aquelles villoens. Os piratas teem olhos de lynce, e de medo muito pouco. Uma aberta que por descuido se lhes deixe, advinham-na logo, e apro-

veitam-se d'ella. Parece até que têem vigias e amigos dentro da ilha, que lhes advertem quaes são os logares mal seguros, e onde podem fazer a salvo o seu roubo. Ha dois annos desembarcaram alta noite e de surpreza na ponta de S. Lourenço, incendiaram o pequeno villar que ahi havia, levaram captivos os moços, e puzeram a cutello os velhos e as creanças. E tanta foi sua audacia, que marcharam rapidamente para o interior da terra, de forma que grande estrago fariam de certo, se o senhor Pero Botelho...

—Pois foi elle quem acudiu?..

—Elle, foi, senhora; a elle se deve por ventura o não ter sido destruida toda a ilha. Mal soube da chegada dos piratas, o senhor Pero Botelho reuniu logo os seus homens e apaniguados; e, apenas teve noticia do salto que tinham feito em S. Lourenço, tomou rapidamente aquella direcção, e tanto a tempo que os foi encontrar já a cinco leguas da cidade. Ahi houve com elles uma grande peleja; mas apesar da resistencia dos francezes, o senhor Pero Botelho fel-os recolher com grande destroço de mortandade aos navios. Foi elle que d'esta forma salvou n'aquella occasião a ilha. Por signal que lhe pagaram bem mal; porque, em razão de elle mandar recolher alguns dos francezes, que ahi tinham ficado mal feridos em terra, e do capitão d'elles lhe escrever uma carta com muitos recados e agradecimentos pela humanidade com que lhe mandara curar os seus homens, a arraia miuda principiou por ahi a rosnar á bocca pequena, que elle era traidor e amigo dos piratas, porque de outra sorte os teria tomado todos ás mãos, e impedido que a maior parte se acolhesse, fugindo, aos navios. Foi então que o senhor Pero Botelho jurou pela honra do seu nome que jámais se tornaria a arriscar por semelhante ralé de povo...

A moura interrompeu-se de golpe. N'um dos

fortins, que a distancia se via sobre a costa, scintillou e logo apagou-se um clarão instantaneo, e em seguida ouviu-se o estrondo de um tiro de bombarda. A este seguiu-se logo outro e outro; uma verdadeira descarga. Depois sentiram-se alguns tiros de fusil, mais dous ou tres tiros de peça a distancia sobre o mar, e logo o fortim correspondeu-lhe com nova descarga.

D. Beatriz e a escrava, com as mãos mutuamente enlaçadas, fitavam, com espavorido silencio, o logar onde scintillavam aquelles claroens, e onde estrondeava a artilheria.

—Que será?—balbuciou a medo D. Beatriz.

—Por ventura que tentam os francezes surprehender o fortim—rumorejou a escrava, sem desfitar os olhos do logar indicado.

—Ai, o senhor Pero Botelho!—exclamou com afflicção D. Beatriz—Zahara, ide vêr, ide saber novas.

A moura ergueu-se de um salto, e arremeçou-çou-se ligeira como uma xara pela porta fóra.

D. Beatriz ficou só. Ao principio conservou os olhos fitados com anciedade no logar onde haviam luzido os claroens das bombardas; mas depois o silencio sepulchral em que tudo cahiu de redor d'ella, foi-a pouco e pouco asserenando de todo. Aquelle caracter, naturalmente leviano e versatil, chegou por fim a esquecer totalmente o pavor que tivera. A doçura melancolica da luz do luar, a suavissima poesia que ella derramava por cima d'aquelle formoso panorama, todo perfumes, foi pouco e pouco tomando conta d'ella, e apoderou-se-lhe por fim de tal forma de todas as potencias da alma, que D. Beatriz ficou immovel e extatica; com a face recostada á mão, e de todo absorvida na contemplação d'aquella dulcissima suavidade.

Estava assim, havia já mais de cinco minutos, quando se sentiu ramalhar com mais força uma das laranjeiras que rodeavam o jardim, por debai-

xo da janella, em frente da qual ella se áchava Minutos depois surgiu por entre as folhas o corpo de um homem; um dos braços estendeu-se e aferrou com força o balaustre, e logo o homem, fazendo um balouço, cahiu de um salto dentro da varanda, defronte da amante de Pero Botelho.

Era tão profundamente extatica a contemplação de D. Beatriz, que ella não o sentiu, senão quando o viu diante de si.

Ao dar de rosto com aquelle vulto de homem, que assim lhe surgia de subito no meio da sombra projectada pela casa entre a luz do luar que rebrilhava da parte de fóra, e a das quatro velas da serpentina, que alumiavam a sala, D Beatriz soltou um grito de supremo terror, juntou com desespero as mãos, e ficou a olhar para elle com os olhos esgazeados e fixos.

E deveras as meias tintas da sombra, no meio da qual se levantava aquelle homem, tendo por fundo a luz argentada do luar, e illuminado pela frente pelo afogueado da luz artificial das velas, que lampejavam com torvo clarão na brunida couraça que tinha vestida sobre o pelote, e nos punhos da adaga e comprida espada que trazia no cinto, illuminando da mesma sorte um vestuario todo negro, e um chapeu de grandes abas com pluma preta, de tal forma descahido sobre o rosto, que de todo lh'o assombrava até os olhos, davam áquelle vulto um aspecto tanto ou quanto funerario, que a surpreza da apparição transformava muito naturalmente em pavoroso.

E com tudo aquelle homem era simplesmente Diogo Botelho. O leitor já de certo o adivinhou.

Ao ouvir o grito de pavor, soltado por D. Beatriz, Diogo que a reconheceu immediatamente, ficou por alguns minutos como que fulminado, e collado ao solo da varanda. Depois entrou arrebatadamente para dentro, atirou o chapeu para cima de um tamborete, e ficou de pé e silencioso

em frente da mulher, que o tinha amado. O rosto do moço estava pallido e sereno como o de uma estatua de marmore. Os olhos fitavam-se em D. Beatriz com expressão bem differente d'aquella, com que os costuma illuminar o estuar das paixoens, iguaes áquella com que o vimos sahir de casa de Simão d'Ornellas. Diogo Botelho assemelhava um cadaver posto de pé, a olhar melancolicamente D. Beatriz.

Esta, ao reconhecel-o, soltou um grito de agonia indizivel.

—Diogo!—exclamou, juntando as mãos e fitando n'elle os olhos espavoridos.

—Sou eu, sou, senhora—replicou elle serenamente—eu mesmo, Diogo Botelho, que, não podendo acreditar no que me disseram, desejei vêl-o pelos meus olhos e ouvir da vossa propria bocca a certeza de que o anjo de pureza e de amor, que eu havia adorado em Coimbra, se transformou na Madeira n'uma barregã dissoluta e sem pejo.

Ao ouvir estas palavras, D. Beatriz soltou novo grito, e cobriu as faces com as mãos.

Diogo Botelho contemplou-a assim por alguns segundos. De subito os olhos illuminaram-se-lhe com ferocidade, e o rosto tomou expressão de raiva satanica. Curvou-se então de golpe sobre ella, desviou-lhe as mãos de cima das faces, e bradou por entre os dentes cerrados:

—Sou eu, sou eu mesmo, o homem que jurastes amar por toda a vida, o homem que por vós se perdeu, o homem em fim que acaba de sahir de uma cadeia, onde esteve, por vossa causa muitos dias com a vida arriscada ao veneno e aos punhaes dos rufioens, que de continuo giravam em torno d'elle.

D. Beatriz fitava-o com o olhar espavorido e como que dementada pelo pavor.

Diogo teve-a durante alguns minutos sujeita á pressão d'aquelle aspecto ferocissimo, com que a

fitava. Por fim soltou-lhe os braços, deu arrebatadamente dois passos para traz, e cobrindo o rosto com as mãos exclamou com ancia dilacerante:

—Oh! Beatriz, Beatriz, que mal te faria eu para assim me condemnares a ser desgraçado para sempre!

D. Beatriz soltou um grito de medonha agonia, e resvalou de joelhos para o chão.

Assim estiveram por alguns minutos; elle com a cabeça lançada para traz e o rosto coberto com as mãos, e ella de joelhos diante d'elle, com as mãos convulsamente apertadas uma na outra, a olhal-o como abobada e de todo perdida do tino.

Diogo Botelho assenhoreou-se por fim. Quando descobriu o rosto, tinha-o sereno e melancolicamente impassivel, como quando saltára para dentro da varanda.

—Erguei-vos, senhora, erguei-vos, e escutai-me—disse por fim, tomando-a pelos braços e fazendo-a de novo sentar na poltrona.—Será esta a derradeira vez que nos veremos, e eu precizo dizer-vos tudo o que sinto para poder ir morrer em paz longe d'aqui.

E depois de alguns minutos de silencio continuou com fascinadora serenidade:

—D. Beatriz, permitti que revoque para diante de vós o nosso passado. Cumpre-me fazel-o reviver, para vos poder dizer adeus para sempre. O futuro fica-nos desgraçadamente ligado a elle por tal forma, que não tenho remedio senão fazer sangrar esta chaga dolorosa, para não entrar nas solidoens do nada, a que vós me arremeçastes, alanceado pelo eterno e feroz desespero dos condemnados por Deus. Beatriz, Beatriz—exclamou de subito, e levando com agonia as mãos ao peito—tu mataste-me para sempre a felicidade da

vida, oxalá que me não perdesses a alma tambem!

Ao dizer estas palavras, parou de chofre, e ficou durante alguns minutos a arquejar, em lucta com a tortura que lhe estorcia o coração.

—Senhora—disse por fim outra vez sereno—quando, ha duas horas, sahi de casa de Simão d'Ornellas, vinha firmemente resolvido a tirar-vos a vida. «Eu morri eternamente para o mundo—dizia comsigo mesmo—e assim não devo deixar atraz de mim essa desgraçada a labutar no lodaçal de torpezas, para que eu proprio lhe ensinei o caminho.» Mas durante o espaço de tempo que levei a chegar aqui, senti-me illuminado por um raio da luz de Deus; e vi que pensava erradamente, e que seria juntar um crime a outro crime o matar-vos assim mergulhada na infamia do vosso peccado. Vivereis pois, D. Beatriz, vivereis. O tirar-vos a vida nada mais significaria do que a satisfação da minha vingança; e eu não tenho direito a vingar-me, porque devo acceitar a minha desgraça como justo castigo, com que Deus me quer depurar de meu crime. Escutai-me, pois, escutaime; e depois que Deus se amerceie de vós... e de mim.

Assim dizendo, callou-se suffocado pela agonia, que debalde queria dominar de todo.

—Eu cuido, senhora—continuou finalmente—que vós nunca comprehendestes bem a grandeza do amor que vos tive. Houve tempo que pensei que vós senticis um extremo de amor igual áquelle; por isso nunca tentei inventar palavras com que podesse exprimir tudo quanto sentia por vós. Amei-vos, como se fosseis um anjo todo de puro amor; amei-vos com adoração, com extasis; amei-vos... com toda a alma, com todo o coração, com toda a minha vida... Oh! senhora, eu nem mesmo posso dizer-vos como vos amei. Amei-vos com amor igual ao com que os anjos amam a Deus.

N'aquelle tempo eu nem mesmo sentia a vida; vivia de vós e para vós, vivia do vosso olhar, da vossa voz, do vosso respirar, do bater do vosso coração. Oh! eu amava-vos de tal forma, que sinto agora que não tinha então vida propria, que vivia da vossa vida, que era apenas a sombra da vossa propria existencia. Oh! que amor tu mataste, Beatriz; que amor tu mataste!

E dizendo, cobriu o rosto com as mãos, e ficou, abafado em soluços, sem poder fallar por muito tempo.

—D. Beatriz, vós nunca sentistes um amor assim — disse então tristemente — vós nunca me amastes d'esta maneira, não é verdrde? Este amor não era o amor que imaginaveis, o amor com que desejaveis ser amada. Oh! senhora, Deus não foi justo para comvosco. Dando-vos formas *angelicas*, devia dar-vos por alma um anjo tambem; e vós não passais de ser mulher, e mulher que... Ah! senhora, perdoai-me – irrompeu de chofre, e sorrindo com ironia e tristeza,—eu sou de veras poeta de mais, não é assim? Perdoai-me o ter-me deixado arrebatar pelas recordaçoens da minha pobre fé d'outros tempos; e não zombeis de mim, não zombeis que seria crueldade o zombar do pobre louco, que condemnastes tão sem dó á eterna desgraça. E demais, senhora, eu vou de todo fazer desapparecer de diante de vós a lembrança de um sentimento que vos incommoda. Não zombeis pois, que vou fallar-vos de modo que me podereis entender, e o que ides ouvir da minha bocca, deve ser profundamente meditado por que é a salvação do vosso futuro. Attendei pois.

—Diogo! Diogo!—balbuciou a desgraçada com um gesto de dôr indizivel, atirando-se de joelhos aos pés d'elle, e juntando as mãos com desespero.

Diogo Botelho recuou alguns passos atraz com glacial impassibilidade, e, deixando-a ficar prostrada por terra, continuou friamente:

—Senhora, eu cuido que não foi Deus que nos fez encontrar. Não, é impossivel. Se tivesse sido Deus, então Deus seria capaz de um grande crime. Não, não foi elle. Encontramos-nos, mas foi por um d'esses acasos sinistros, em que elle permitte que redemoinhe a humanidade, para que a razão, de que nos dotou, possa achar cousa no mundo digna de luctar com ella. Nós não pensamos, não consultamos a razão; attendemos apenas ao instincto. Ligamos-nos por amor... Por amor! Mas emfim...—accrescentou sorrindo—por amor; ligamos-nos por amor. Juramos então que seriamos eternamente um do outro; e, em penhor de tal juramento, destes-me vós... Lembrais-vos o que? Um beijo e este annel—continuou, arregaçando de repellão a manga esquerda do pelote, e mostrando o braço nú, circulado por uma trança de cabello, a que estava preso um annel—E eu... eu rompi o peito sobre o coração, e com o sangue, que d'elle corria, escrevi fatalmente a promessa de ser vosso para todo o sempre, vivo ou morto, n'este ou no outro mundo. Eu não sei o que fizestes d'esse pobre papel—continuou com pungente ironia—Naturalmente atirastes-lo já a voar aos quatro ventos do desprezo... E assim foi melhor. Se ainda o conservasseis sobre vós, é natural que achasseis agora esse sangue transformado em fogo, que vos queimasse medonhamente, se por ventura lhe ousasses tocar. E eu não desejo, senhora, não desejo que vos incommodem nenhuma das nossas recordaçoens de outros tempos.

D. Beatriz soltou aqui um gemido dilacerante, e Diogo Botelho continuou com implacavel frieza:

—Um acaso, mas agora um acaso providencial, um puro acerto de Deus; porque, a não ser elle, estariamos hoje casados, e, se fosseis minha mulher, matar-vos-ia sem duvida alguma; um acaso verdadeiramente providencial appareceu então entre nós, e difficultou a prompta realisação das pro-

messas, que mutuamente haviamos feito. Eu tinha tido um louco desaguisado com vosso pai; e, á conta d'isso, elle negou-se a consentir na nossa união. Senhora, vós sabeis o que d'ahi se seguiu. Vós dizieis então que me amaveis, e eu quiz forçar Alvaro de Moura a consentir na nossa felicidade. Para preparar os meios de realisar este intento, tive de sahir por algum tempo para fóra de Coimbra. Vosso pai aproveitou o ensejo, e obrigou-vos a professar no convento de Cellas. Ah! senhora — exclamou aqui Diogo Botelho com os olhos a reluzirem raiva satanica—sabeis por que não assassinei aquelle tonto velho ribaldo, que assim pretendia matar-nos a felicidade? Foi por que acima do odio que me inspirou aquelle infame procedimento, estava a decidida resolução de realisar a todo custo as nossas promessas, e eu sentia-me com alma para vos disputar até a Deus.

Aqui parou um momento, durante o qual o rosto se lhe avincou severamente.

—E assim aconteceu — continuou por fim.— Não respeitei a casa do Senhor, não parei diante da tremenda santidade dos altares do Deus vivo, desprezei os votos que havieis feito, e arranquei-vos, a vós esposa jurada de Jesus Christo, de entre os braços do esposo, a que vos havieis votado. Fiz-vos conduzir para aqui para ser minha. Depois, de dentro das grades da prizão, levantei com audacioso descaro a face, e jurei diante do mundo e pela salvação da minha alma, que estava de todo o ponto innocente do vosso desappparecimento. Vêde a quanto por vós me atrevi! Roubei-vos a Deus, enxovalhei-lhe a honra, e depois jurei falso diante do mundo, menti como mente um falsario, fiz mais do que seria capaz de fazer o mais descarado villão. E como é que me pagastes, tamanhos sacrificios?—exclamou de repente por entre os dentes cerrados e com medonha ferocidade—Como vos houvestes para me

fazer olvidar o meu crime contra a honra de Deus e contra a honra do nome de meus pais? Ah! sim —accrescentou com os labios encrespados por um sorriso de ironia terrivel — portástes-vos como sois de condição natural, como vos devia inspirar a alma villã que traiçoeiramente se occulta lá dentro d'essas formas angelicas. Desprezastes os juramentos pelos quaes me perdi, atirastes com o nosso amor á lama das torpezas infames, fizestes-vos barregã descarada e devassa... Eis aqui o vosso annel, o gage do vosso amor—exclamou de todo dementado, e arrebentando com raiva a trança de cabello que lhe cingia o annel ao braço— Pelo inferno!—e aqui arremeçou-o com força contra o soalho — Pelo inferno! que d'elle não reste nem pedaço, assim como de hoje ávante não póde nem ha de restar signal do affecto traiçoeiro e fingido, de que elle se fez fiador.

Assim dizendo, bateu enfurecido com o pé no annel, que arrebentou em pedaços para o lado.

—Diogo, Diogo, mata-me!—exclamou com indizivel agonia D. Beatriz, cobrindo o rosto com as mãos.

Diogo Botelho ficou por alguns momentos parado diante d'ella, a tremer convulsivamente e a olhal-a com aspecto de ferocidade satanica. Por fim deu a passear agitadamente d'um lado para o outro, a todo o comprimento da sala, com a medonha impaciencia da fera irritada dentro do abreviado terreno da jaula. Ao cabo de alguns minutos parou outra vez defronte d'ella. Tinha o rosto ainda coberto da pallidez do reprobo, que morre amaldiçoando Deus e a hora em que nasceu; mas o aspecto, a voz, e os gestos já tudo estava glacial e sereno.

—Senhora — disse então — com aquelle annel acabou tudo que nos ligava um ao outro; tudo menos a cumplicidade do crime, de que somos reus para com Deus. Vós sois uma freira, que

calcastes os votos que fizestes, para serdes uma barregã devassa; e eu aquelle que vos empurrou pelo caminho da perdição, que vos ensinou a estrada do vicio e do crime. Attendei-me portanto.

E depois de um minuto de silencio continuou com serenidade triste e profundamente dolorosa:

—D. Beatriz, eu morri de todo para o mundo no momento em que vós me atraiçoastes. Desde essa hora, o sol, as flores, e o ruido das multidoens que respiram e se agitam na vida, tornaram-se impossiveis para mim. Vive o corpo, mas a alma adormeceu para sempre; adormeceu e sem a esperança de tornar a acordar n'este mundo. Em torno de mim fez-se a morte de subito n'aquelle momento; senti-me desde logo aferrado pelo nada, senti que devia desde logo dizer adeus para sempre ao direito de viver, senti em fim que ficava para ahi como uma cousa sem nome e ignorada, que existe sem saber que existe, e morre sem saber que morre. No momento, porém, de me resignar de todo a esta vida de pura vegetação, a este nada moral a que irremediavelmente me condemnastes, luziu-me diante dos olhos um clarão subitaneo e tremendo, diante do qual recuei espavorido. A' luz d'elle, reconheci que a alma me ia adormecer para sempre n'este mundo, mas que tinha de acordar no outro; e acordar diante da tremenda justiça de Deus. Tive então medo; tremi, tremi por mim e por vós. Senhora, mentai bem as derradeiras palavras que ides ouvir ao desgraçado cumplice dos vossos desvarios e dos vossos crimes; ao homem a quem matastes para sempre a felicidade d'este mundo... e porventura que tambem a do outro. D. Beatriz, lembrai-vos que a mocidade não é eterna, que a vida tem um prazo fatalmente imprerogavel, e que, se morrerdes mergulhada na vida que estaes vivendo, apparecereis tal qual sois diante da tremenda e implacavel justiça de Deus, freira prejura e desleal,

e barregã infame e dissoluta. Avisai-vos em quanto é tempo, senhora; e recordai-vos que a minha felicidade para alem do tumulo está á vossa fatalmente ligada. Beatriz, Beatriz — exclamou aqui de repente e com expressão de pavorosa agonia —já que me perdestes n'este mundo, não me queiras perder no outro tambem!

Assim dizendo, callou-se de golpe, e ficou a olhar para ella immovel e com olhar fito e melancolico. Por fim deslisou-lhe pelas faces abaixo uma lagrima.

—Adeus, D. Beatriz—disse então tristemente —adeus e para sempre. Que Deus vos illumine, e se amercеie de nós.

E com estas palavras, voltou-lhe as costas, e dirigiu-se lentamente para a janella, por onde havia saltado para dentro da sala.

D. Beatriz soltou um grito de agonia tremenda, estendeu os braços, e exclamou, arrastando-se de rojos apoz elle:

—Diogo, Diogo, perdoai-me. Antes que nos separemos para todo o sempre, dizei-me que me perdoais...

Diogo Botelho girou automaticamente sobre si mesmo, e ficou de face voltada para ella.

—Que Deus vos perdoe — disse em voz sumida e de entoação de indizivel angustia—Pelo que me toca, estaes perdoada. Que elle se amerceie de nós.

E continuou a caminhar lentamente para a janella. De subito, parou, e voltou-se de novo. Esteve assim um momento apenas; em seguida correu para ella, e bradou com dilacerante agonia:

—Beatriz, o annel ahi fica partido, mas esquecia-me restituir-te o outro penhor, que me déste, de que me havias de amar eternamente.

E dizendo, curvou-se para ella, e deu-lhe um beijo sobre a fronte.

Depois correu para a janella, e desappareceu

por entre as larangeiras da mesma fórma que havia entrado.

A'quelle beijo, D. Beatriz ergueu-se a prumo e como um automato. E assim ficou com a vista vaga e esgazeada fita no espaço, por onde vira sumir-se o vulto do homem que atraiçoara.

De repente sentiu-se o tirlintar de espadas entre imprecaçoens e pragas; logo um grito de morte e uma voz pedindo confissão; e em seguida soou um tiro de arcabuz.

D. Beatriz soltou um grito pavoroso, estendeu para a janella os braços hirtos e tezos como varoens de ferro, e cahiu como morta por terra.

D'ahi a pouco a porta abriu-se de repellão, e Pero Botelho entrou para dentro da sala, com o rosto enfuriado, os vestidos em desalinho, e na mão empunhada a espada que trazia partida e apenas com metade da folha.

X

> Eu estou feito um forno de vidro acceso de dia e de noite, onde o meu coração está ardendo nas vivas chammas das mais desesperadas tribulaçoens, que eu nunca imaginei que podiam ser.
>
> HEITOR PINTO. *Dialogo da Tribulação, cap. I.*

O aspecto de Pero Botelho vinha de veras apavorador; vinha rutilante de tudo o que a raiva e o odio tem de mais feroz e satanico.

Trazia a cabeça descuberta e os cabellos em desalinho e como que erriçados e hirtos: o rosto avincado em prégas esverdeadas e rigidas; os olhos scintillantes como os olhos de um tigre en-

furiado, as ventas dilatadas, a bocca semi-aberta, e os labios descorados e tremulos. Bastava relanceal-o para conhecer-se que aquelle homem vinha de todo fóra de si, de todo dementado pela suprema insania da ferocidade da raiva.

Abriu a porta de repellão, e entrou de um salto para dentro da sala, assim com aquelle aspecto, e com o punho esquerdo convulsivamente cerrado, e o troço da espada partida apertada com força na mão direita.

Mal entrou, estacou um momento, e olhou com ferocidade satanica em volta de si. Ao deparar com D. Beatriz estendida por morta sobre o soalho, soltou um grito pavoroso, arremeçou o pedaço da espada que trazia empunhada, e correu insanamente para ella.

Tomou-a nos braços, sentou-a na poltrona, e ficou curvado para ella a fital-a com anciedade verdadeiramente ferina, e sacudindo-a a espaços com raiva e com anceio medonho, acompanhado por surdos rugidos em que eccoava toda a agonia e toda a raiva, que de mistura lhe estuavam na alma.

Ao fim de muito tempo D. Beatriz voltou a si; e voltando, rodeou pelo quarto um olhar abobado, e como demente. Ao deparar com Pero Botelho, soltou um grito abafado, encolheu-se toda cheia de terror, e ficou-se com os olhos fitados n'elle e reluzentes da suprema insania do medo extremo.

Pero Botelho continuava a fital-a com olhar scintillante e expressão medonha de aspecto.

—Senhora—rumorejou por fim em voz assobiada e por entre os dentes cerrados—quem era o homem que saltou por aquella janella?

D. Beatriz não respondeu. Continuava a fital-o; mas o olhar aterrado, com que o recebera, ia-se pouco a pouco tornando vago e alheado, e o rosto pouco e pouco asserenando e compondo-se.

Pero Botelho, curvado ferozmente para ella e sem lhe despregar do rosto o olhar scintillante, aguardava, a tremer de raiva impaciente, que ella respondesse. Ao cabo de alguns minutos, como ella continuasse silenciosa e como que de todo distrahida do que alli se passava, bateu enfurecido com o pé no soalho, e bradou com raiva cada vez mais medonha:

—Quem era aquelle homem? Pelo inferno! quem era aquelle homem?

A estas palavras D. Beatriz estremeceu como quem acorda á força e de subito; aprumou-se, passou a mão pela fronte, e respondeu placidamente:

—Era Diogo.

—Diogo!... Diogo!

E Pero Botelho, como se recebesse no peito um pelouro, recuou de golpe tres a quatro passos, estendeu os braços hirtos para a frente, atirou com a cabeça para traz, cerrou os olhos, e ficou como se o fulminara um raio.

—Diogo! Diogo!—balbuciou por fim.

—Elle era, senhor, elle era—replicou D. Beatriz com grave e melancolica serenidade.

Pero Botelho ainda ficou por alguns segundos immovel e como fulminado; depois correu para D. Beatriz, tomou-a ferozmente por um braço, e bradou com medonha expressão de desconfiado ciume:

—Era elle? E bem; jurai-m'o... Mas pelo que o haveis de jurar? Jurai-o pela cousa mais sagrada que tenhais n'este mundo, senhora

—Seja assim—replicou placidamente D. Beatriz—Juro-vol'o pela doce recordação do amor que me uniu a Diogo.

Pero Botelho bateu com furor o pé no soalho, e soltou uma horrivel blasphemia. Ficou depois alguns momentos a olhar para ella com rai-

va satanica, e em seguida poz-se a passear agitadamente a todo o comprimento da sala.

Por fim parou.

—Senhora—disse então com o sobrecenho rudemente carregado—com que fim veiu aqui esse homem?

—Veiu dizer-me adeus para sempre, e restituir-me o penhor, que eu lhe dera, de o amar eternamente, n'este e no outro mundo. O penhor ahi o tendes partido, sobre o soalho, a par de vós...

Pero Botelho olhou para onde D. Beatriz lhe apontava, baixou-se, e tomou nas mãos o fragmento, que alli jazia, do annel que Diogo havia esmagado e feito pedaços.

Contemplou-o por alguns momentos com aspecto carregado e iracundo; depois lançou-o com desprezo pela janella fóra. Em seguida poz-se de novo a passear a todo o comprimento da sala, agora concentrado comsigo e resmoneando rudemente palavras inintelligiveis.

— Pero Botelho, senhor — disse então D. Beatriz com tristeza e com doçura—haveis de fazer-me uma graça.

—Fallai—respondeu elle rudemente e sem parar.

—Permitti que hoje mesmo me recolha a Santa Clara; e depois dai-me pelo amor de Deus uma esmola, com que possa voltar para o meu convento de Cellas em Coimbra.

Ouvindo estas palavras, Pero Botelho estacou, e cravou os olhos em D. Beatriz com expressão de dilacerante agonia.

—E vós tereis alma para me deixar? — disse por fim.

—Senhor...

—Vós! vós!—continuou com excruciante afflicção—vós, que me perdestes; vós que fizestes de mim um villão!...

E, dizendo, deu machinalmente dois passos para ella, com as mãos apertadas convulsamente uma na outra e o rosto rutilante de medonha tortura da alma. D. Beatriz cobriu as faces com as mãos, e desatou a chorar.

—Senhor, senhor—exclamou entre soluços—não me digaes isso, não me accuseis vós tambem. Deus meu, Deus meu—continuou com indisivel angustia—nasceria eu com o condão de ser a desgraça de todos que se aproximem de mim?

—Eu não sei o condão com que nascestes, senhora—replicou elle:—o que sei é que antes de vos conhecer, eu era um homem honrado e como tal respeitado por todos. Hoje sou a deshonra dos homens bem nascidos, porque por vós abusei da confiança com que vos entregaram á minha honra; porque por vós faltei á minha fé de cavalleiro e atraiçoei a amizade e até os proprios deveres do meu sangue. Eis-aqui tendes, senhora, o que vós fizestes de mim.

Assim dizendo, recomeçou a passear, a passo agitado e rapido, de um para outro lado da sala. D. Beatriz continuou a soluçar, debulhada em lagrimas e o rosto coberto com as mãos.

Assim permaneceram por alguns minutos. D. Beatriz conseguiu por fim assenhorear-se algum tanto da agonia, em que estava.

—Pero Botelho, escutai-me—disse então—ouvi-me, por Nossa Senhora, attentamente, e vereis que, para a paz de nós ambos, cumpre separarmos-nos já um do outro.

—Oh! sim—exclamou elle por entre os dentes cerrados e com pungente ironia—já estais enfastiada dos presentes amores. Quereis buscar outro amante, fazer mais outro desgraçado... Mas, pelo inferno! mulher fingida e desleal, o que é que vos falta aqui, o que quereis mais? Dizei. Gastai, disperdiçai, esbanjai toda a minha fortuna...

—Senhor—atalhou ella com triste dignidade—

vós dissestes que eu sou a causa da vossa desgraça. O mesmo diz vosso sobrinho; e ambos fallais verdade. Sêde, porém, certo que não serei a desgraça de ninguem mais. O que pretendo é recolher-me á infinita misericordia de Deus, porque eu fiquei hoje de todo morta para o mundo.

Era tão resignada e triste a expressão de dignidade, com que D. Beatriz proferiu estas palavras, que o rosto de Pero Botelho cobriu-se, ao ouvil-as, de compadecido anceio, e elle deu machinalmente dois passos para ella, balbuciando:

—D. Beatriz, senhora, perdoai-me...

—Não tenho que vos perdoar, senhor—replicou ella com resignada serenidade—Eu bem sei que desci até muito baixo, e que já agora não tenho direito a que de mim se tenha outra opinião. O que vos peço, senhor, é que me deis alguns minutos de attenção. Sentai-vos ahi, ouvi-me um instante em socego.

Pero Botelho obedeceu automaticamente, tomou um tamborete e sentou-se defronte d'ella.

—Pero Botelho—disse ella então—confesso que sou muito criminosa para comvosco. Surprehendi o vosso amor, deixei-me amar por vós, e cuidei que vos amava igualmente...

—D. Beatriz...—exclamou elle arrebatadamente...

—Senhor—atalhou ella, erguendo a voz—peço-vos que me não interrompais, e peço-vol-o como a um cavalheiro que sois, e pelo respeito devido a uma nobre dama... como eu era antes de ser o que sou.

A estas palavras, Pero Botelho ficou como que verdadeiramente fulminado, e ella continuou, depois de brevissima pausa:—

—Senhor, perdoai-me o ter acceitado o vosso amor, e o ter-vos dito que vos amava. Eu assim de veras o cuidei. Trazia a razão cega e tresvariada. Assim, deslembrava-me que desde o dia em

que me obrigaram a jurar-me esposa e amante de Deus, desde esse dia eu não podia amar ninguem mais. Pobre de mim! Com que louco e desatinado condão eu nasci! Tenho até agora andado de todo o ponto enganada ácerca do mundo, e ha meia hora sómente é que o vejo tal qual elle é na realidade. Eu pensava que a vida era um como que sonho entre flores, que só têem perfumes, e não têem espinhos; e ella tem de vêras mais espinhos do que perfumes!

Assim dizendo, parou abafada por um frouxo de soluços e lagrimas, que de subito a accommetteram...

—D. Beatriz, senhora, arredai essas tristes ideias—exclamou aqui Pero Botelho com excruciante e compadecida agonia...

—Perdoai-me, e ouvi-me em silencio—atalhou ella com serena dignidade—Senhor—continuou depois de um instante de silencio—o primeiro homem que amei n'este mundo foi Diogo, vosso sobrinho. E o unico... Perdoai, mas agora sinto que foi o unico. A louca ideia que eu fazia da vida, cegou-me, porém. Como eu a não via senão de perfumes e de flores, cuidava que se podia doudejar sem perigo por entre ellas, e assim imaginei que tal era a verdadeira felicidade. Diogo porém não nasceu assim; Diogo é uma grande alma e uma grande intelligencia. Conheceu o mundo antes de o experimentar; foi a razão e até o proprio instincto que lhe fizeram saber a fundo o que elle era. A felicidade, portanto, como elle a sonhava era muito outra d'aquella que eu loucamente imaginava possivel. Eu queria a felicidade do ruido; elle nascera para a felicidade interna, para a felicidade que vai de coração a coração, e que não tolera outros auxiliares nem intermedios. A leviandade e a inexperiencia illudiram-me então. O coração sentia-me uma cousa, mas a airada imaginativa figurava-me outra.

E com taes artes o fez, que me deslembrou do coração, e nunca me deu tempo para ouvir o que elle me dizia. Foi assim que me perdi, foi assim que vos amei. Eu cheguei a cuidar que nunca havia amado Diogo, que ereis vós o meu primeiro amor, porque vós simulaveis ver a vida como eu a via, só perfumes e rosas, só festas e prazeres. Como eu crrei, e vós tambem!...

—D. Beatriz! D. Beatriz!...

—E comtudo eu nem mesmo tinha direito a amar o meu pobre Diogo!—continuou tristemente—Não; eu pertencia a Deus, era esposa do Senhor, era freira, tinha jurado não amar homem do mundo. Coitada de mim! Quando me obrigaram a dar aquelle terrivel juramento, não tive valor para bradar que já amava; que jurando, jurava falso a Deus, e que Deus não havia de querer para esposa uma mulher falsaria, e que faltava ás promessas que havia feito! Mas o caso é que jurei... jurei que queria ser eternamente infeliz! Deus ouviu aquelle juramento, e acceitou-o... E eu tornei a perjurar, tornei a ser falsaria... Para que? Para ser vossa barregã; porque amante não o podia ser pelo coração, e esposa não o consentiria nem Deus nem o mundo!

E depois d'um momento de silencio continuou:

—Senhor, eu fiz eternamente infeliz aquelle homem que acaba de sahir d'aqui. Agora é que eu sei quanto sou criminosa, porque sei agora como era o amor, com que elle me amava. Aquelle homem morreu... morreu para o mundo. Eu não sei o que elle fará; mas conheço-o bem. Diogo Botelho está resolvido a expiar o crime de que ambos somos reus; e tem alma e coragem capaz para sacrificar á expiação toda a vida. Senhor, ha entre nós dois um impossivel. E' o juramento com que me devotei a Deus. Se profiarmos em o calcar debaixo dos pés, perderemos a alma no outro mundo, e sem ao menos a triste compensação da

felicidade... porque de hoje ávante é impossivel a felicidade para nós. E depois, senhor, o crime que eu e Diogo commettemos ligou-nos de tal forma o futuro da outra vida, que se um se perder, perder-se-ha o outro tambem. Elle fez-m'o vêr bem ao vivo; e assim é, elle disse a verdade. E eu não quero que elle se perca por minha causa—exclamou de subito, juntando as mãos com expressão de medonha agonia.

E depois de guardar silencio por alguns minutos, accrescentou:

—Pero Botelho, senhor, pelo amor de Deus, consenti em que de novo me recolha ao convento, para ir pedir aos pés de Deus a salvação da alma do homem que tão desgraçado fiz n'este mundo.

Assim dizendo, atirou-se de joelhos diante d'elle, com as mãos apertadas uma na outra com expressão de supplicante agonia.

Durante todo este espaço de tempo, Pero Botelho ouviu-a sem dizer palavra, mas a expressão do semblante fôra-se pouco e pouco tornando tão carregadamente serena, que bem se conhecia que as paixoens acachoavam dentro d'elle como lava, e que, á primeira palavra, rebentaria medonhamente o volcão.

—Acabastes, senhora—disse pois, fitando um momento D. Beatriz com os olhos pavorosamente reluzentes.

—Senhor, pela virgem Maria!...

—Agora ouvi-me—accrescentou por entre os dentes cerrados, e com feroz expressão de semblante.

E, depois de brevissima pausa, irrompeu n'estas palavras com carregada serenidade:

—Vós dizeis que quereis tornar a recolher-vos ao vosso convento para pedir a Deus misericordia do perjurio, com que atraiçoastes os votos que lhe fizestes; do grave peccado que commettestes

contra a salvação da vossa alma. Agora vos chegaram os terrores do outro mundo, senhora! Agora vos chegou a consciencia do crime que commettestes contra Deus! Agora, sim, agora é que descubristes que sois uma freira perjura, uma esposa de Christo que postergou os seus juramentos, e atraiçoou a honra e a fé que devia ao esposo! Perdoai-me, mas isto devieis vós ter considerado antes de transpôr os muros do convento de Cellas; antes de terdes perdido e feito mortaes inimigos dois homens, que tão conjunctos são pelo sangue, e que, antes de vos conhecerem, o eram tambem pela mais sentida e sincera amizade. Agora é tarde, muito tarde, D. Beatriz.

Ao dizer estas palavras, callou-se de golpe, e ficou por alguns minutos com o olhar abstracto fitado carregadamente no chão.

—Senhora—continuou por fim—eu tenho corrido muito mundo. Durante mais de dez annos vivi nas principaes côrtes da Europa, e communiquei com os homens mais sabedores de todas ellas. A diuturna conversação com estes homens despertou a minha razão dos sonhos, em que profundamente nos fazem adormecer na infancia. Examinei então com toda a consciencia as crenças com que me embalaram desde os primeiros annos da vida; e ri-me de mim mesmo, ao ver a cegueira com que acceitava piamente todas as abusoens, que homens como eu, uns por fanaticos mas a maxima parte por velhacos, me ensinaram como certezas de fé indiscutivel. De veras, senhora, se os finados não fallam, se depois da morte ainda ninguem se poz de pé, e nos disse o com que deparou ao cerrar os olhos para sempre, ao resvalar do mundo que se agita para o mundo immovel, para o nada dos mortos; como é que se soube que depois d'este mundo ha um outro, em que se vive uma segunda vida, na qual somos chamados a dar contas dos actos que na primeira praticamos? De-

pois, senhora, entrado o corpo finado nos seus derradeiros sete palmos de terra, passados tempos vós bem sabeis que d'elle nada se encontra, por que até os ossos, com o correr dos annos, se resolvem em pó, se perdem no nada. O que passa por tanto ao tal outro mundo, o que tem de dar contas pelos feitos do corpo, do nada, por que em nada por fim nos resolvemos nós todos? Dizem-n'os isto os padres, homens como nós, e que como nós desapparecem a seu tempo tambem; embalam-n'os nossas mães com estes terrores; e nós cremo-l'os, excruciamos com elles a vida, como o doido se excrucia com os receios, que lhe são inspirados pelos fantasmas, que a monomania levanta diante d'elle. Para rasoavelmente se poder acreditar no outro mundo, senhora, era preciso que a existencia d'elle nos fosse certificada por quem d'elle já fosse habitante, e não consta que até hoje se levantasse finado que testemunhasse o embuste, com que cruelmente nos entenebrecem a vida aquelles que lucram com os nossos imaginarios terrores.

Chegando aqui parou, e ficou durante alguns segundos a olhar para D. Beatriz com os labios encrespados por um sorriso de ironia satanica.

—Senhora—irrompeu por fim carregadamente —eu não creio no outro mundo. Depois de cerrarmos os olhos para sempre; depois de deixarmos de ter movimento para doidejar pelos prazeres e pelas festas, com que podemos enflorar a vida; depois de deixarmos de ter vista para olhar as flores, olfato para lhe sentir os perfumes, ouvido para gosar a harmonia que d'ellas se desprende ao menearem-se aos beijos dos zephiros, eu não creio em nada mais do que na existencia de um cadaver estendido n'um ataúde, e que, depois de entrar para dentro do seio da terra, se resolve, desapparece por fim, e d'elle fica... nada. Assim já vêdes, D. Beatriz—perorou, avivando

ada vez mais o sorriso de ironia satanica—ja vê-es que os vossos terrores nada valem para mim, que não será a vãs e ôcos fantasmas de uma imaginação desatinada que consentirei em sacrificar paz da minha vida, a minha honra e o meu bom iome, que por vós atirei sem escrupulo á lama las grandes torpezas.

—Senhor, senhor, soccorrei-me!...—balbuciou D. Beatriz com as mãos enlaçadas com afflicção sobre o peito e os olhos espantados de terror em Pero Botelho.

Este continuou affectando sorriso prasenteiro, mas sem de todo poder dominar os gestos convulsivos e com as feiçoens illuminadas por medonha expressão, que bem demonstrava o violento estuar do espirito.

—Vós allegais que sois freira, senhora, e que como tal é grande o vosso peccado, porque perjurastes os vossos juramentos, e atraiçoastes os votos que fizestes a Deus. Ha ahi por ventura maior abusão? Ora ouvi-me. Senhora, sabeis o que é ser freira? E' abdicar da felicidade para que todos fomos nascidos; é faltar ao fim para que a mulher foi creada no mundo; é renegar da missão com que passamos na vida cada um de nós, elos da grande cadeia da humanidade; é n'uma palavra corrigir o pensamento do creador, desobedecer na cara a Deus, faltando audaciosamente ao comprimento das leis imprescriptiveis que regulam a harmonia do universo, da qual nós todos não passamos de meios de realisação. Aqui tendes o que é ser freira. E isto se assella com juramento! E isto se promette a Deus de fazer! Ah! senhora, senhora, que não ha maior doidice do que esta. E' precisamente como se a vossa escrava viesse ajoelhar aos vossos pés, e ahi vos jurasse com toda a seriedade e compuncção que havia de fazer tudo ao revez das ordens que lhe acabasseis de dar. Se tal vos fizesse, o que cuidarieis vós d'ella?

Por minha fé, que ou a moura teria ensandecido, ou então levantava-se em revolta formal contra vós. Tal qual o fazeis vós ácerca de Deus com ser freira. Crède, D. Beatriz, peccado commettestes mas foi quando jurastes a Deus que lhe havieis de desobedecer, fugindo ao cumprimento da vossa missão, fazendo precisamente o contrario d'aquillo que o grande pensamento creador exigia de vós que fizesses, pelo facto de vos atar á grande cadeia da vida do mundo. Senhora, isto é o que é ser freira. Entrai em vós, chamai bem alto pela vossa razão, e quando a tiverdes desperta do pesado sonho de abusoens, com que vos fizeram adormecer na infancia, vereis que haveis de ter medo do que fizestes, e rirdes de vós mesma pela sincera convicção, com que pensaveis praticar bem quando praticaveis uma grande doidice. Os conventos, senhora, são um grande crimè contra Deus...

—Pero Botelho... senhor, callai-vos—atalhou aqui D. Beatriz de todo dementada pelo pavor— Vós blasphemais contra Deus... Senhor, senhor, pela alma de vossa mãe, fazei-me já recolher a Santa Clara...

Pero Botelho ficou um momento a olhar para ella com vista satanica, os dentes cerrados e medonha expressão de semblante.

—Não, por satanaz, não—bradou ferozmente por fim—vós não sahireis d'aqui. Vós não zombareis assim de mim, nem me haveis de sacrificar a loucos e absurdos caprichos. Olhai, senhora, o que vos disse é a pura verdade; mas que o não fosse... Sangue de Christo! prefiro o inferno vivendo n'este mundo comvosco, a salvar a alma, se alma por ventura existe, a troco de arredar-me para sempre de vós.

—Senhor... senhor...

—E bem, D. Beatriz, assim pensaveis vós que se podia fazer de um homem honrado um cana-

lha, de um cavalleiro um villão, e depois arredal-o com a ponta do pé como quem lança fóra um roto e velho chapim? E bem, senhora, assim cuidaveis que se podia fazer para sempre a desgraça de um homem, lançar-lhe no coração um amor infernal, illaquear-lhe o corpo á recordação de caricias angelicas, e depois dizer-lhe—vai-te embora para sempre, não mais te aproximes de mim? Não, pelo inferno, não! Vós não sahireis d'aqui. Não me amais? embora. Odeais-me? que importa? Mas sois minha, mas possuo-vos; oiço a vossa voz, vejo a vossa formosura, gozo até os rancores do vosso odio. Não, D. Beatriz, não, por satanaz; vós não sahireis d'aqui! Viva ou morta, sereis minha; viva, ver-vos-ei, sentir-vos-ei, amar-vos-ei até no vosso odio; morta, hei-de disputar á terra o vosso cadaver, vigiarei até ao ultimo instante a dissolução do vosso corpo, e, quando de vós já não restar mais que pó, hei-de empastal-o sobre o coração para ainda então sentir que sois minha. Não, não, mil vezes não; pelo inferno, vós não me abandonareis, vós não sahireis d'aqui!...

Ao dizer estas palavras, Pero Botelho, de todo insano e dementado, media a passos agitados e rapidos todo o comprimento da sala.

D. Beatriz conseguira assenhorear apparentemente o pavor que sentia. Estava pallida como defunta, mas tinha o rosto sereno, e o olhar seguia placidamente todos os gestos e todos os movimentos do irritado Botelho.

Ao elle acabar, disse socegadamente:

—Senhor, vós não fareis isso que dizeis. A honra de cavalleiro...

—A honra!—atalhou rijamente e com furor Pero Botelho—A honra! Pois vós não sabeis que fizestes de mim um infame?

—O respeito devido a uma fraca mulher...

—Pelo inferno! Com que vos sahis agora?...

Pois cuidais que, depois do que por vós eu fiz, ficou em mim vislumbre sequer do brio do antigo fidalgo?

—Senhor, senhor, por Nossa Senhora, pela recordação de vossa mãe, deixai-me sahir d'aqui!

Pero Botelho sentou-se a tremer convulsivamente e soltando uma gargalhada de ferocissimo escarneo.

—Ah! por satanaz! pois não ouvistes o que vos disse? Pois não vos jurei eu já que não sahirieis d'aqui?

D. Beatriz, que se atirara de joelhos, ao dizer as ultimas palavras, ergueu-se com a fronte nobremente severa, e os olhos brilhantes de coragem sobrenatural.

—Senhor—disse serenamente—sêde certo que que hei-de sahir d'esta casa, bem ou mal apezar vosso. Estou firmemente resolvida a cumprir o meu dever; e o meu dever é acolher-me aos pés da misericordia do Senhor a pedir-lhe perdão dos meus grandes peccados.

Pero Botelho fitou-a um momento com olhar carregado, e com um sorriso de escarneo nos labios.

—Então estais resolvida a sahir a meu pezar? —disse por fim ironicamente.

—Senhor, sim.

—E eu digo-vos que o não conseguireis.

—Pero Botelho, olhai que uma mulher quando quer uma cousa, consegue-a por força. Sahirei, só se vós...

—Só se eu que?—exclamou elle, pondo-se de um salto a pé, e fitando-a, alentado pela esperança, e decidido a commetter o impossivel para lhe satisfazer a condição.

—Só se vós me matardes. Oh! fazei-o, fazei-o... Por Deus, por Nossa Senhora, matai-me.

Pero Botelho soltou um rugido pavoroso, e ficou a olhar para ella com vista desvairada e re-

luzente e com os punhos convulsamente cerrados.

—Matar-vos!... matar-vos!... Não, seria perder-vos, seria separar-me de vós... Não vos matarei, e vós não sahireis d'aqui, não sahireis... juro-vol-o por Deus, juro-vol-o por Christo, pelo inferno, por satanaz, por tudo quanto vós mais venerais e temeis n'este mundo...

—Jesus! Jesus!—exclamou D. Beatriz, cobrindo as faces com as mãos, e cahindo espavorida sobre a poltrona.

Pero Botelho ficou alguns momentos a olhar ferozmente para ella; depois disse com terrivel tranquillidade de voz e de gestos:

—Muito bem, senhora, ficamos entendidos. Vós jurastes que havieis de sahir d'esta casa, e eu que vol-o não consentiria. Tomai, pois, bem as vossas medidas para fugir, que eu tomarei as minhas para vos reter. Mas olhai, não conteis com o vosso antigo amante. Vêdes vós este troço de espada, que aqui tenho agora na mão?—accrescentou, tomando do soalho o pedaço de espada que trazia empunhada ao entrar—Partiu-se ha pouco de encontro á couraça de prova, que Diogo Botelho trazia vestida. Eu não o reconheci nem quando elle varou de lado a lado o meu feitor Telmo Paes, nem á luz do tiro de arcabuz que o mouro escravo atirou sobre elle. O cobarde ribaldo fugiu, livrou-se de nós. Mas, pelo inferno! sêde certa que se elle lhe escapou quando espada, não lhe escapará agora que está reduzida a punhal. Mentai isto que vos digo, mentai isto que vos digo...

E com estas palavras arremeçou-se insanamente pela porta fóra, a tremer convulsivamente de raiva.

Cinco minutos depois D. Beatriz foi conduzida por ordem de Pero Botelho para um dos quartos interiores do paço, que nenhuma communicação podia ter com a porta de fóra d'el-

le. Aquelle quarto tornara-se desde aquelle momento prizão da desgraçada filha de Alvaro de Moura. Dentro d'elle só podia entrar Pero Botelho e a escrava favorita de D. Beatriz, que era a pessoa, a quem a chave estava confiada. Pero Botelho imaginou que dentro de casa não tinha ninguem mais fiel e capaz do que ella para ser segura carcereira da amante de Diogo. Zahara fôra comprada por elle em menina, creada até á puberdade como filha mimosa e querida, e depois amante favorita do ricouço até o dia que D. Beatriz lhe entrou as portas da casa para dentro. Pero Botelho fiou pois do ciume e do rancor, que suppunha em Zahara, o que a violenta paixão que o agitava, o não deixava fiar dos seus mais leais homens d'armas e apaniguados.

Enganou-se porém. Zahara odiava, e não amava o seu imperioso senhor; e affeiçoara-se a D. Beatriz como quem via n'ella mais uma victima do mesmo tyranno, que a sacrificara a ella.

Em consequencia d'isso, Simão d'Ornellas recebeu, ao romper d'alva do dia seguinte, um bilhete que dizia assim:

«Senhor. Tende compaixão da desgraçada que trouxestes de Coimbra para aqui. Eu quero recolher-me de novo ao meu convento, para n'elle morrer em penitencia, e para que Deus me perdoe a mim e a Diogo. Pero Botelho não o consente, e tem-me encarcerada. Acorrei-me como fidalgo que sois, senhor; acorrei-me, pela memoria de vossa mãe. Vinde ás onze da noite á porta falsa do jardim, e ahi encontrareis a minha escrava, com a qual combinareis a maneira de me tirardes d'aqui.

BEATRIZ DE MOURA.»

N'esse mesmo dia, Simão d'Ornellas recebeu tambem uma carta de Diogo Botelho. O pobre

moço despedia-se para sempre do amigo, participava-lhe que ia para muito longe viver vida obscura e ignorada, e rogava-lhe que não procurasse saber novas d'elle. Terminava, pedindo-lhe que vigiasse por D. Beatriz de Moura, e lembrando-lhe que a propria honra e a recordação da amizade que os ligára, exigiam d'elle que a não desamparasse. Promettia tambem dar-lhe em breve noticias suas, remettendo-lhe para D. Beatriz papeis importantes, cuja substancia não mencionava.

Estas duas cartas exaltaram o genio cavalheiresco e fogoso do esforçado Simão d'Ornellas. O que d'esta exaltação resultou, o leitor o saberá na sequencia d'esta historia.

XI

> Depois tira-lhe Deus quasi todo o meditar, e fica a alma só arrimada a algumas apprehensoens simplices, e o mais são actos de vontade...
>
> P.^e M. BERNARDES. *Luz e Calor.*

Mal recebeu a carta de D. Beatriz, Simão d'Ornellas expediu logo um correio para a abbadeça do convento de Santa Clara, que d'elle era tia, rogando-lhe instantemente que tivesse tudo apparelhado para, na noite d'esse mesmo dia, poder receber, fosse a hora que fosse, a desgraçada filha de Alvaro de Moura.

Depois mandou armar doze dos seus mais esforçados serventes, armou-se elle tambem, e, ao cahir da tarde, partiu com elles a trote cerrado para o Funchal.

Quando sahiu da cidade, e entrou no arrabal-

de, onde vivia Pero Botelho, o relogio da sé batia dez horas.

A cidade achava-se em violenta agitação. Homens armados corriam de todas as direcçoens para os baluartes e mais fortificaçoens da costa. As casas fechavam-se e afortaleciam-se, e os prantos e gemidos das mulheres e creanças misturavam-se em triste harmonia com ó confuso borborinho dos homens d'armas, que discorriam baralhadamente por aqui e por acolá.

Os piratas francezes continuavam a pairar nas aguas da ilha; e, ao tombar da noite, haviam-se aproximado de fórma que se receava agora mais que nunca que tentassem n'aquelle occasião forçar um desembarque.

Simão d'Ornellas atravessou a cidade sem lhe importar com a confusão, que n'ella reinava. Ia muito preoccupado com os negocios proprios para poder attender aos da população.

Minutos depois chegou a pouca distancia da fazenda de Pero Botelho. O silencio sepulcral, que reinava ahi, contrastava singularmente com a agitação, que conturbava a cidade. Uma ideia de vingança traiçoeira, mas certa, passou-lhe então pela cabeça; e Simão d'Ornellas sorriu-se com diabolica ironia. De veras não eram aquelle silencio e aquelle socego provas cabalissimas de mancommunação com os francezes? Não se affigurava aquella confiança indiscutivel indicio do crime? Ora que mais era preciso para perder Pero Botelho, do que fazel-a notar ás multidoens, que já d'elle tão desconfiadas andavam?

O resultado era infallivel. Pero Botelho seria despedaçado, e Diogo ficaria vingado. Era villã a vingança; mas villão tinha sido tambem o proceder de Pero Botelho, e os caracteres fogosos e irritaveis como o de Ornellas nem sempre têem tempo de medir a palmos os meios, que lhes azam o satisfazerem a indignação e a colera.

Agitado pois por êstes pensamentos, Simão d'Ornellas fez descavalgar os seus homens, e occultou-os entre as sombras de um pequeno arvoredo que ahi se levantava, a curta distancia do muro da quinta. Depois descavalgou tambem, e partiu acompanhado por um d'elles, deixando ordem, aos que ficavam, de cavalgarem e acudirem de subito, logo que sentissem apitar na direcção de uma pequena porta que se via no muro, e para a qual se dirigiu immediatamente.

Chegando a ella, tenteou-a, a ver se encontrava algum indicio de ser esperado. A porta cedeu, mal elle lhe tocou com a mão. Estava portanto aberta.

Simão d'Ornellas deu então ordem ao homem de permanecer ali, e de, se ouvisse ruido de briga da parte de dentro, apitar aos companheiros, e acudirem todos de repente. Depois desembainhou a espada, e, com ella empunhada, entrou com temeraria audacia para dentro do muro da fazenda.

Estava tudo completamente solitario, e reinava silencio profundissimo. Simão d'Ornellas rodeou os olhos em torno de si, e em seguida avançou corajosamente por entre a larga e extensissima avenida parapeitada de medronheiros e lilazes, pela qual fóra se perdia a vista a immensa distancia.

Ao cabo de duzentos passos andados sentiu rumorejar entre os lilazes. Parou um momento, e em seguida aproximou-se do logar do ruido com a rodela embraçada e a espada prompta no punho.

—Sois vós?—balbuciou em voz sumida.

Ninguem respondeu, mas o rumor augmentou surdamente, parecendo que se procurava arredar as folhas dos arbustos para atravez d'ellas se reconhecer quem fallava.

—Se sois vós, apparecei sem receio. Sou eu,

Simão d'Ornellas—disse elle então, sem se mover d'onde estava.

As folhas arredaram-se então de repellão, e uma mulher sahiu do meio d'ellas.

—Entrai para aqui, andai prestes—disse ella, aferrando-o por um braço e fazendo-o entrar para dentro da tufada muralha da folhagem dos arbustos, de dentro da qual sahira.

A alguns passos andados, Simão d'Ornellas achou-se junto da extremidade de um vasto cannavial, já amarellecido pelo outomno.

—Senhor—disse a mulher, parando—eu sou Zahara, escrava de D. Beatriz, e sua carcereira por Pero Botelho.

—Bem pois: que cumpre fazer?—replicou elle, fitando-a desconfiadamente.

—Se vós hoje viesseis já prevenido para a tirar d'este inferno!... Por ventura que nunca melhor azo teremos para isso. Pero Botelho foi chamado a toda a pressa ao Funchal pelo capitão mór, e, ha duas horas, ahi chegou um seu homem a dizer-me que me não deitasse toda a noite, mas tivesse boa vigilancia na minha pobre senhora, por que elle talvez necessitasse ficar na cidade. Assim se viesseis hoje apparelhado para a levar d'aqui...

—Pela minha parte nada falta. Venho acompanhado de homens armados e encavalgados. Ali fóra os deixei de vigia.

—Ah! vou por ella...

E, dizendo, Zahara fez gesto de se lançar ligeiramente para a frente a correr. Mas parou de golpe, e disse para Simão d'Ornellas:

—Mas vós haveis de levar-me com ella.

—Se vos apraz, ireis.

—E nunca me haveis de separar d'ella. Juraim'o.

Simão d'Ornellas ficou um momento indeciso, mas logo replicou com anciedade:

—Porém, moça, isso é de todo o ponto impossivel. D. Beatriz vai d'aqui direita para o convento de Santa Clara, e vós, como moura que sois, não podeis lá ficar.

—Que importa o ser moura?—volveu ella com graciosa impaciencia—O Deus dos christãos é o Deus dos mahometanos, por que Deus é só um para todos. E ademais eu quero ser christã... por que quero viver e morrer na fé que tanto alenta a alma atribulada da minha querida senhora.

—N'esse caso, ide por ella—disse Simão d'Ornellas.

—E vós jurais que jámais nos separareis?

—Juro-o, empenho-vos sobre isso a minha palavra de cavalleiro.

A moura soltou um grito de jubilo indizivel, tomou de subito a mão de Simão d'Ornellas, e cobriu-a de beijos. Depois partiu a correr, ligeira como uma setta, ao longo do cannavial, e por fim desappareceu no meio de uma moita de tufados arbustos.

Simão d'Ornellas ficou só. Apesar da carta de D. Beatriz e da anciosa sinceridade que transluzia das palavras da moura, o corajoso moço não estava de todo seguro, e espiava attentamente e desconfiado de que não fosse aquillo cilada, que Pero Botelho lhe armasse, para se vingar da affronta que d'elle havia recebido. Mas não arredou pé d'onde estava, que não era elle homem para se temer de simples preoccupaçoens da imaginação, diante das quaes já fogem os covardes.

Ao cabo de meia hóra, sentiu rumorejar os arbustos do lado da avenida, que ia direita á porta. Um momento depois a folhagem arredou-se, e a linda cabeça da moura appareceu, sorrindo, atravez d'ella.

—Vinde; aqui somos—disse alegremente.

Simão d'Ornellas arredou de todo os tufos da folhagem, e atravessou para o lado de fóra d'ella.

Ahi encontrou D. Beatriz cuberta de um longo manto de seda preta e com os olhos fitamente cravados no chão.

Simão d'Ornellas estacou sem poder dizer palavra.

—Senhor, tende compaixão de uma desgraçada —disse ella ao cabo de alguns segundos de profundo silencio.

—Senhora—replicou elle gravemente—eu vim aqui a vosso chamado. Assim já vêdes que nenhum rancor me ficou de outros tempos. Vinde pois sem receio. Está tudo preparado em Santa Clara para vos receber; e vou conduzir-vos d'aqui immediatamente para lá.

—Oh! que Deus vos pague!—exclamou ella por entre lagrimas, e forcejando por tomar-lhe a mão, e beijar-lh'a.

Simão d'Ornellas esquivou-se cortezmente a esta prova de gratidão d'aquella triste, e em seguida offereceu-lhe o braço, e, com ella apoiada n'elle, encaminhou pela avenida fóra em direcção á porta. Zahara accompanhava-o ao lado de D. Beatriz, com os olhos scintillantes como os de uma fera que vigia cuidadosamente a vida dos filhos.

Minutos depois sahiram para fóra dos muros da quinta de Pero Botelho.

—Dá o signal—disse Simão d'Ornellas ao homem, que estava aguardando por elle.

Este apitou, e logo sentiu-se irromper a toda a brida de dentro do arvoredo fronteiro os homens que n'elle haviam ficado escondidos.

—Senhora — disse então cortezmente Simão d'Ornellas—bem quizera ter a honra de vos levar sobre o meu cavallo; mas bem vêdes que o logar não é seguro, e que me cumpre acaudilhar esta gente. Assim será o meu feitor que vos levará. Elle cavalga em cavallo seguro e possante. Achais-vos com força de vos segurardes sobre a anca?

—Senhor, não. Quasi que me não posso ter de
;—balbuciou ella a tremer.

—Gomes Nunes, cavalga, para tomar esta da-
a no arção. Attende a que me respondes com a
ida por ella.

O homem cavalgou immediatamente, e Simão
'Ornellas, depois de ageitar sobre o arção o ço-
ime que o homem trazia atravessado sobre elle,
assou-lhe D. Beatriz para os braços.

—Agora vós—disse então Ornellas para a mou-
a—acaso podereis...

—Oh! de mim não tenhais cuidado—atalhou
ella ligeiramente—Mas vêde que nada falte á mi-
nha senhora.

E, dizendo, correu para o homem que lhe fica-
va mais perto, saltou como uma panthera para ci-
ma da anca do cavallo, e disse para o soldado, pas-
sando-lhe o braço de redor do peito:

—Bom homem, fazei-me a mercê de aproxi-
mardes o cavallo para junto do vosso parceiro, que
leva a minha senhora.

O homem d'armas, que já era de idade enca-
necida, revirou a cara para o rostinho infantil e
formosissimo, que lhe fallava por cima do hombro,
e respondeu sorrindo:

—E bem, filha, perdei o cuidado. Tudo se fará
como desejais.

A cavalgada poz-se então a caminho pela es-
trada do Funchal, levando na frente Simão d'Or-
nellas e no centro, a par um do outro, os dois ho-
mens d'armas que conduziam D. Beatriz e Za-
hara.

Ao cabo de um quarto de hora, ao sahir debai-
xo de uma copada avenida de castanheiros, cujos
ramos se enredavam em abobada, escondendo o
ceu totalmente, Simão d'Ornellas parou de gol-
pe, e, apontando para o cimo de uma assomada,
que lhe ficava fronteira, e por onde corria o ca-
minho da cidade, exclamou:

—Acolá vem gente a cavallo e correndo a toda a brida para aqui.

Todos olharam. De feito no alto da collina assomavam n'aquelle momento, correndo a todo o poder dos cavallos e no meio de um turbilhão de poeira, nove ou dez encavalgados, cujos bacinetes e couraças relampejavam milhares de clarões argentados á brilhante luz do luar, que se derramava docemente por cima d'aquelle formosissimo panorama.

Minutos depois, as duas cavalgadas estacaram em frente uma da outra, e ficaram um momento suspensas e como que medindo-se mutuamente.

—Ah! é elle!—exclamou de subito D. Beatriz, soltando um grito de invencivel pavor.

A este grito correspondeu um rugido de ferocidade medonha, sahido da frente da cavalgada que havido chegado; e logo um cavalleiro, de espada em punho, arrojou com dementado furor o cavallo sobre os homens d'armas d'Ornellas. Este esporeou ao mesmo tempo o seu, e sahiu-lhe de golpe ao encontro, bradando por entre os dentes cerrados:

—Ah! esse sois, dom infame!

E aquelles dois grupos de homens armados rolaram immediatamente um sobre o outro, em confusão e bramindo de colera.

Travou-se de subito uma briga bem acceza e bem ferida. O tirlintar das espadas soava apressadamente ao rapido malhar d'ellas sobre os bacinetes e couraças. Alguns homens cahiram por terra, e logo o doloroso bradar dos feridos se misturou em horrivel consonancia com o tinir do ferro e com o surdo rebramar do furor da peleja.

De subito esta concentrou-se n'um só ponto. Simão d'Ornellas fôra, mal seu grado, arredado de Pero Botelho, pelo redemoinhar da briga; mas este, firme no proposito de chegar até D. Beatriz, conseguira, á custa de milhares de esforços, ap-

proximar-se d'ella por fim. Mal chegou, soltou um grito de jubilo ferocissimo, curvou-se todo sobre o cavallo, e sem lhe importar com os golpes que lhe troavam uns sobre os outros na couraça e no elmo de prova, aferrou D. Beatriz com a mão esquerda. Depois atirou com a direita uma estocada ao homem d'armas que a defendia, e, falsando-lhe com a destreza, que tinha, as laminas de ferro do loudel que trazia vestido, enterrou-lhe a espada nos pulmoens.

O homem cahiu, e Pero Botelho soltou um brado de jubillo medonho, ao tirar para cima do arção do seu cavallo o corpo desanimado de D. Beatriz. Não o conseguiu, porém, senão a meio. Ao ver cahir o homem, Zahara saltou, ligeira como o pensamento, abaixo do cavallo em que ia, e abraçou-se com D. Beatriz a meio corpo, dependurando-se d'ella com todo o seu peso. Ao mesmo tempo dois homens d'armas d'Ornellas cerraram rijamente com Pero Botelho, um travando d'elle, braço por braço, e o outro aferrando o quasi cadaver da desgraçada filha de Alvaro de Moura e disputando-o á viva força. Enredou-se sobre isto lucta medonha e encarniçada. Os cavallos empinavam-se uns sobre os outros, encontrando-se em cheio com os peitos, no impeto que faziam para obedeceram ao rijo espicaçar das esporas. Os cavalleiros, á mercê dos corcovos e galoens enfuriados, que elles proprios promoviam esporeando involuntariamente os cavallos, disputavam á punhalada, com raiva, aquella mulher desanimada, que seguravam com encarniçamento. E no meio de tudo isto o corpo franzino de Zahara abraçado e pendendo do corpo de D. Beatriz, a que andava aferrado com presa anciosa e convulsiva, balouçando como um penna ao grado das rapidas oscillaçoens d'aquelle confuso e terrivel marulhar, em que homens e cavallos se revolviam vertiginosamente e cegos de raiva.

A encarniçada referia durava, havia já alguns minutos, quando Simão d'Ornellas logrou chegar junto d'ella. Mal chegou, ergueu a espada, e descarregou com toda a força dois golpes em cheio sobre o elmo de Pero Botelho, Este afocinhou, ergueu-se, afocinhou outra vez, tentou de novo erguer-se, mas recebendo aqui terceiro golpe, abriu os braços, soltou o corpo de D. Beatriz, e cahiu como morto por terra.

Ao vel-o cahir, os seus homens soltaram um brado de pavor, e partiram fugindo em todas as direcçoens. O frenesim da peleja esporeou immediatamente apoz elles alguns dos homens de Simão d'Ornellas. Este porém conteve-os com um brado, e depois de fazer accommodar sobre os arçoens de dois homens d'armas dois outros, dos seus, que estavam feridos por terra, e de mandar cavalgar outra vez Zahara sobre a anca do cavallo, em que viera até ali, tomou D. Beatriz nos braços, e, á frente da cavalgada, despediu a trote largo para o Funchal, sem mais querer saber de Pero Botelho nem dos outros que mortos ou feridos ficavam jazendo ao lado d'elle.

Era perto da uma hora da noite quando a cavalgada chegou á cidade. Ao confuzo vozear, que n'esta reinava havia pouco, succedera no seio d'ella profundissimo silencio, atravez do qual se enfiltrava o surdo e permanente rugido do marulho do mar a distancia. De quando em quando ouvia-se um tiro de peça, e logo um brado d'alarma, que era correspondido por muitos outros, em rapida successão, ao longo da costa, em frente da cidade, até que chegando ao Corpo Santo, se dobravam para o interior e a circundavam até S. Lazaro, outra vez perto do mar, vindo finalisar no seio d'ella em cinco ou seis pontos, nos quaes, n'uns apoz outros, se faziam ouvir. Eram os brados das atalaias e velas, que faziam sentinella e rondavam os baluartes da costa e os dif-

ferentes pontos fortificados da cidade. Os francezes haviam-se feito ao largo, mas, no extremo horisonte, a limpida claridade da luz do luar mostrava ainda os seus navios, uns ancorados, e outros pairando como que em vigia. A tempestade arredara-se portanto para longe, mas ficára roncando ameaçadoramente a distancia ainda visivel.

Simão d'Ornellas, apenas entrou no Funchal, dirigiu-se pela rua de S. Francisco, então a principal da cidade, para o convento de Santa Clara. Estava o convento assentado sobre uma alta e fortissima rocha, a cavalleiro do mar, que diante d'elle se estendia em amplo e magestoso panorama. A pequena cerca, rodeada de um forte muro de granito volcanico, que de todo furtava o mosteiro á vista da terra, corria da costa para o interior da cidade, de forma que, para da portaria do muro se chegar até ao edificio, era preciso atravessar uma vistosa e longa avenida ladeada de arbustos tão artisticamente escolhidos, que se enfloravam por natural vegetação uns apoz dos outros, tendo assim as paredes da avenida sempre perfumadas e cobertas de flores.

Quando a cavalgada parou em frente do portão do muro da cerca, D. Beatriz já ia de todo em seu accordo. O movimento do rapido trotar dos cavallos e a frescura do ar embalsamado da noite revocára facilmente á vida aquelles vigorosos dezoito annos de idade.

Logo que chegou ao convento, Simão d'Ornellas poz com todo o cuidado D. Beatriz em terra, descavalgou em seguida, e, tomando-a pela mão, dirigiu-se com ella para a portaria por onde se entrava para dentro do muro. Zahara saltou immediatamente abaixo do cavallo, e seguiu apoz elle ao lado da ama.

Simão d'Ornellas puxou então pela cadeia de ferro, que pendia ao lado da umbreira direita da

porta. Sentiu-se o badalar de uma sineta, ensurdecida agora por alguns pannos em que acinte lhe haviam envolvido o badalo, e em seguida a porta abriu-se immediatamente, como se do outro lado do muro estivessem aguardando por aquelle signal.

Ornellas dirigiu-se immediatamente para dentro com D. Beatriz e com a moira; mas, apenas poz o pé no lumiar da porta, uma das duas freiras, que assomára a ella, poz-lhe a mão com força nos peitos, dizendo com authoridade:

—Parai, sobrinho; d'aqui para dentro é vedada a homens a entrada.

—Senhora tia—replicou gravemente Simão d'Ornellas—dou-vos as graças pela mercê que de vós estou recebendo. Esta é a dama para que vos pedi tão instantemente guarida; recebei-a pois em vossa guarda.

—Que a benção de Deus entre comvosco, filha—replicou a abbadeça—Ah! essa sois!—exclamou de subito em tom apavorado e recuando dois passos atraz—Vós, vós, senhora!...

—Senhora tia, não sei por que tamanho espanto fazeis...—acudiu Simão d'Ornellas.

—Sobrinho—atalhou a abbadeça, interrompendo-o—sabeis porventura quem é a pessoa que comvosco trazeis?

—Sei, senhora—respondeu elle severamente e carregando descontente o sobr'olho—sei que entrego á vossa guarda uma nobre dama da cidade de Coimbra, que implora a vossa protecção e um canto no vosso mosteiro, onde possa orar em socego ao Senhor, até que se lhe aze occasião de tornar para a terra onde nasceu.

A abbadeça fitou n'elle o olhar sereno e bondoso.

—Simão—disse por fim—seja assim como ordenais; mas queira Deus que não sejais causa de grandes desgraças para nós. Pero Botelho é homem cruel de condição...

Simão d'Ornellas interrompeu-a, soltando uma gargalhada de ironia feroz, e depois exclamou, interrogando-a com cynico escarneo:

—Ah! senhora, sabereis vós porventura dizer-nos se Pero Botelho ainda pertence ao numero dos vivos!

—Jesus! Maria!—exclamou a abbadeça, recuando aterrada diante da satanica expressão, que o rosto do sobrinho tomou de repente.

—Ora, senhora tia—continuou elle com estouvada jovialidade—sabei que os corsarios francezes ahi são sobre nós, e aporfiam em não abandonar as nossas costas. Grande salto trazem elles de certo mentado; e, á fé, que de um dia para o outro nos podem tomar de surpreza, sem lhes nós podermos valer. D'isto é que nos cumpre arrecear, e ácerca d'isto vos avisai, sem de outra cousa cuidar d'esta vida. Ahi vos deixo portanto essa dama e sua criada, senhora; vigiai por ellas, fazei atalaiar bem o vosso mosteiro, por que, por vida vossa, que todos havemos n'esta hora de perigo mister de nos vigiarmos cuidadosamente de tão astuto e atraiçoado inimigo. E com isto lançai-me a vossa benção, e ficai-vos com Deus.

E, dizendo, tomou-lhe de repente a mão, beijou-a, e voltou-se para partir.

—Sobrinho, sobrinho—exclamou a abbadeça, travando-lhe do braço—não nos desampareis, vigiai sobre nós...

—Ah! senhora—respondeu elle, voltando para traz e fallando em tom proprio para a socegar—assim já vós esquecestes que sois a irmã querida de meu pai, e que para mim estivestes sempre no logar da mãe extremosa que ainda tamanino perdi?

—Ai, sobrinho, por essas memorias te peço que nos não abandones em tão apertado lance. E de Pero Botelho vos sei dizer...

—Ácerca d'elle perdei o cuidado. Pensai n'outra cousa, pensai n'outra cousa. E com isto ficai com Deus.

E, dizendo, sahiu, trazendo a porta comsigo, e fechando-a sobre si.

Minutos depois Simão d'Ornellas galopava á frente da cavalgada em direcção á fortaleza de S. Luzia, que ficava sobre o mar, á bocca da ribeira do mesmo nome, e n'uma das extremidades da cidade. Esta fortaleza, que, depois que se levantaram os muros do Funchal, ficou fóra d'elles, ainda que a pequena distancia, chamou-se mais tarde a fortaleza velha em contraposição á fortaleza do Calhau, fundada á bocca da ribeira do mesmo nome, na outra extremidade da cidade, que em razão da época da sua edificação, chamavam a fortaleza nova. Na de S. Luzia é que habitavam os capitaens donatarios da capitania do Funchal, a principal das duas em que era dividida a ilha da Madeira.

A abbadeça, mal sentiu partir a cavalgada que o sobrinho capitaneava, correu cuidadosamente os ferrolhos da porta, e retirou-se a toda a pressa com a sua companheira, seguida por D. Beatriz e Zahara para dentro das grossas portas do mosteiro.

Depois subiu com ellas para o andar superior do convento, e, parando em frente de uma cella, ao cabo de um vasto e extenso dormitorio, disse com carregada severidade:

—Senhora, aqui está onde ficareis, vós e a vossa moça, com a segurança que quererá Deus que tenhamos nós todas. Eu não sei com que proposito vós tornais para o meio de nós...

—Reverenda mãe—atalhou D. Beatriz suffocada em lagrimas, cahindo de joelhos e com a fronte quasi de rojo aos pés d'ella—não repulseis da vossa misericordia a grande peccadora, que vos pede pelo amor de Deus o cantinho mais escuso e

mais pobre da vossa santa casa para n'elle, em penitencia, alcançar do Senhor o perdão dos seus grandes peccados. Lançai sobre mim o manto da vossa compaixão, que mal sabeis vós o quanto d'ella preciso, o quanto sou desgraçada!

Era tão docemente triste e afflicta a entoação da voz d'aquella infeliz, que as lagrimas lufaram de golpe pelos olhos fóra da bondosa abbadeça.

—Filha, e Pero Botelho?...—balbuciou em voz sumida e como que a medo.

—Oh! não me falleis mais n'elle, não me falleis mais n'elle!—exclamou D. Beatriz, cobrindo o rosto com as mãos.

—Mas, senhora, se, como cuido, a desgosto d'elle viestes para aqui...

—Nada temais, nada temais, senhora. A estas horas Pero Botelho jaz diante do severo tribunal de Deus, dando contas de seus grandes peccados e por ventura clamando vingança contra mim.

A estas palavras, a abbadeça respirou, como se lhe desafivelassem de sobre o peito um cinto, com que lhe houvessem arrochado a respiração.

—Assim, pelo que dizeis, é morto?—tartamudeou por fim com mal disfarçado jubilo.

—Senhora, sim—respondeu com triste serenidade D. Beatriz—O desgraçado quiz oppor-se á minha sahida de sua casa, e, encontrando-me no meu caminho para aqui, foi derribado e morto na peleja que com vosso sobrinho sobre isso travou.

—Seja Deus para sempre louvado!—exclamou a abbadeça com desafogada alegria.

Mas logo, cahindo em si, corrigiu aquella falta de caridade, persignando-se e dizendo:

—Por alma d'elle, *requiem eternam*...

E ficou-se alguns minutos resmoneando oraçoens, que estavam de veras pouco em harmonia com a má vontade que ella tinha ao supposto finado.

Depois lançou uma larga benção sobre D. Beatriz, e disse:—

—Que Deus vos abençoe, filha. Ora recolhei-vos á vossa cella, e que elle fique comvosco.

Com estas palavras, voltou-lhe as costas e encaminhou-se, acompanhada pela outra freira, pelo comprido dormitorio fóra. D'ahi a pouco, á luz tibia que de si derramavam as fuscas lanternas que pendiam do tecto, os vultos das duas religiosas afiguravam vagos e mal distinctos fantasmas a caminhar lentamente. Por fim desappareceram de todo, mergulhando nas quasi trevas, nas meias tintas cahoticas, em que confusamente se dissolvia o fundo d'aquella extensissima galeria.

O dia seguinte amanheceu formosissimo. O ceu estava azul, a atmosphera clara e transparente, e a brisa avoejava do mar para a terra, rescendendo perfumes e deliciosa de frescura.

Apenas os primeiros raios do sol esclareceram completamente o dia, um grito pleno de jubilo revoou ao de cima de todos os pontos fortificados da costa. Os que os guarneciam, ao lançarem a vista ao longo do mar, não avistaram um só navio. Em todo o largo horisonte, que circulava a Madeira, não avultava nem sequer a apparencia de uma vela. Os corsarios francezes tinham por fim desapparecido.

Esta noticia entrou logo no seio da população causando indizivel alegria. Os sinos das igrejas principiaram a repicar alegremente, as janellas das casas cobriram-se de damascos e brocados, e os habitantes abraçavam-se, e davam-se mutuamente os parabens.

Todo o dia correu jubiloso e cheio de festas. Durante elle não appareceu um só motivo de arrefecer aquella alegria; e, ao cahir da tarde, uma pavorosa trovoada, que pouco e pouco se fôra agglomerando, de horisonte a horisonte, sobre o ceu

da ilha, poz o fecho áquelle festivo enthusiasmo, porque na presença d'ella a approximação dos francezes era agora de todo o ponto impossivel. Alguns bergantins ligeiros, que tinham sahido ao mar, a espiar o inimigo, e que voltavam agora fugindo á tempestade, asseveravam tambem que em todo aquelle largo horisonte não tinham avistado uma vela.

Ao anoitecer, a Madeira adormeceu portanto em sereno e profundo repouso. A formosa rainha do occeano occidental estava fatigada d'aquella febril agitação de tantos dias; e os habitantes, ao verem por mais uma vez arredado o perigo, que tão amiude e nem sempre tão sem damno os visitava, adormeceram por fim descançados na cama.

A' meia noite reinava sobre o Funchal um silencio verdadeiramente sepulcral. A tempestade, que continuava a emmantilhar o espaço n'um crepe de espessas e tenebrosas nuvens, havia-se calado totalmente; e o mar, como se houvesse feito treguas com ella, acalmara igualmente o furor, com que se rolava em vagalhoens de encontro aos rochedos da costa, e apenas rumorejava surdamente ao estender-se pelos areaes acima. Parecia um leão, extenuado da lucta, estendido a refocilar as forças, tendo diante dos olhos o inimigo igualmente cançado e enfurecido.

Era solemne e apavorador aquelle silencio. A natureza afigurava concentrar-se espavorida de si mesma; e o Funchal assimilhava uma cidade abandonada e deserta. Ao vel-a assim, dir-se-ia que aquella vasta população, que, poucas horas havia, n'ella tulmutuava tão jubilosamente, se havia de golpe mergulhado pela terra dentro, fugindo apavorada aos encontrados furores dos elementos.

De repente ouviu-se um brado temeroso de alarma, e logo a artilheria da fortaleza de Santa Luzia principiou a troar, jogando ininterrompidamente. Momentos depois todos os baluartes e

fortins, que defendiam a cidade fizeram o mesmo, e o Funchal poz-se estremunhado de pé.

N'um relance aquelle profundo e sepulcral silencio transformou-se em tumultuoso e apavorador alarido. O aspecto encarrancado e medonho da tempestade dos elementos, que ainda pairava a prumo sobre a cidade, reduziu-se litteralmente á nullidade total diante da temerosa tempestade das paixoens enfuriadas e pavorosamente concitadas dos homens. A população do Funchal homens, mulheres e creanças, estava toda na rua, e corria dementadamente, chamando uns pelos outros, bradando, chorando, suspirando lastimas ou ululando brados de raiva e de furor bellicoso. D'aqui e d'ali arrebentavam homens armados, e corriam em todas as direcçoens alumiados por fachos de palha ou por achas resinosas, que, do meio das espessas trevas da noite e do fumo caliginoso que evaporavam, derramavam de si uma luz côr de sangue. Troços de cavalleiros corriam por aqui e por acolá, atropellando tudo o que encontravam e não curando dos brados nem dos gemidos dos que apoz de si iam deixando atropellados e feridos. N'uma palavra aquella ingente mole de povo ennovelava-se vertiginosamente, rolando-se em direcção á costa, e bradando a altos e pavorosos gritos:

—A'larma! álarma! Ahi são os francezes!

De facto, os piratas, suspeitando, mais do que deviam, que o seu total desapparecimento houvesse de todo desarmado os madeirenses, haviam aproveitado a escuridão da noite e a serenidade a que estava reduzido o mar, para se approximarem rapidamente da costa, e tentarem um desembarque mesmo nas praias da cidade. Com esse fim navegaram até pouco distante do alcance da fortaleza, e ahi, deitando ao mar as lanchas e bateis que traziam, partiram á voga arrancada para á ribeira do Calhau, com o intuito de lançarem

'ella por vezes trezentos homens armados, e com
lles invadirem de surpreza e inesperadamente
cidade.

Surtiu-lhes effeito o primeiro e segundo lanço; mas, ao terceiro, foram sentidos pela fortaleza e pelos baluartes da costa, que, principiando a arejar o mar e a ribeira, onde os que ahi estaam, ao sentirem-se presentidos, deram inconsileradamente rumor de si, tiveram a felicidade de netter algumas das lanchas no fundo, e de fazer algum ainda que pouco estrago nos inimigos desembarcados.

Mas as lanchas e bateis, que escaparam, continuaram á voga arrancada para a frente, e conseguiram por fim pojar em terra a gente que levavam. Esta, reunida aos que já ahi se achavam, tentaram a invasão em numero de quasi duzentos; e, fazendo-se n'um só corpo, correram corajosamente para os imperfeitos vallos e palanques, que defendiam a entrada da cidade, ainda então desfortificada, entre a fortaleza de S. Luzia e a ribeira do Calhau.

O primeiro impeto foi fatal aos defensores que os guarneciam. Os esforçados e destemidos corsarios saltaram de golpe para dentro dos vallos, e correram para a cidade, levando á espada diante de si os madeirenses. Ao chegar porém em frente das duas primeiras e mais amplas ruas, tiveram de parar. Diante d'elles appareceram vallos e trincheiras de muito maior valia do que aquellas que tinham superado; appareceu a população armada e em massa, que desembocava das ruas sobre o amplo e vasto areal, como o mar, que arrebenta os diques, se espraia em temerosa mole de agua sobre os campos e sobre as cidades, a que elles serviam de defesa.

N'um relance os francezes uniram-se em esquadrão cerrado, e receberam nas pontas das lanças e das espadas aquelle pavoroso turbilhão de

gente, que se arrojára desatinadamente sobre elles. Travou-se um combate sanguinolento e pertinaz. Os francezes, bem cerrados uns aos outros e compactos como reduto semovente, por tres vezes cospiram de si os assaltantes; por tres vezes tambem recuaram, perdendo terreno, sobre a praia; e, á quarta, chegaram um pouco debandados até aos vallos e bastilhão, de que se haviam assenhoreado ao principio. Ahi pararam, fortaleceram-se, e, reforçados pelos companheiros, que no entretanto haviam desembarcado, renovaram com pertinaz esforço o combate.

Os madeirenses, cuja artilheria jogava apenas sobre o mar, porque sobre a terra fôra imprudencia fazel-o em consequencia de estar embaralhado o combate, assaltaram denodadamente as suas proprias fortificaçoens. Sobre ellas se ateou a fogo e sangue a peleja. Os corsarios, apezar de poucos em numero, resistiam com esforço sobrehumano. Alentava-os ágora a desesperação. Bem sabiam que lhes era de todo o ponto impossivel resistir áquella enorme multidão de homens armados, que aporfiavam com encarniçamento e cega temeridade em saltarem para dentro do reduto e dos vallos occupados; mas viam pela retaguarda o mar, e n'elle apenas as lanchas e bateis que os trouxeram para terra, poucos para os levar a todos de uma vez, e a cada momento reduzidos a menos pela artilheria da fortaleza e de um baluarte vizinho.

A desesperação dava-lhes portanto forças sobrehumanas, e o combate continuava com satanica pertinacia e furor. O dia, que se aproximava, ia-lhes de momento a momento peiorando a situação. Os assaltantes já podiam melhor aperceber os logares mais fracos dos vallos, e a artilheria dos baluartes já descortinava melhor os bateis. Era portanto necessario tomar uma resolução. Foi o que fez o capitão, que com-

mandava os piratas. Embarcou parte da sua gente, e ficou-se com o resto a dar calor á resistencia, entretanto que os bateis partiam a todo o poder dos remos, para voltar no menor espaço de tempo que lhes fosse possivel voltar. Entretanto os navios aproximaram-se quanto podiam da costa, fazendo fogo de artilheria sobre os baluartes, que os varejavam sem cessar e causando-lhes gravissimos damnos. N'aquelle tempo a artilheria de mar não tinha o mesmo poder, que hoje tem, sobre as fortalezas que defendiam as costas.

Mas o dia que fizera por fim apavorar os imperterritos corsarios, havia tambem acalorado o furor vertiginoso da população enfurecida. Por tres e quatro vezes se rolou ella, como vagalhão temeroso, sobre o bastilhão por elles defendido; á quarta um homem appareceu de pé sobre o vallo, e, rodeando ás mãos ambas o montante que trazia empunhado, abriu em torno de si larga praça, que foi n'um relance occupada por dez ou doze assaltantes mais. Apoz estes os outros saltaram por centenas para dentro.

Aquelle homem era Simão d'Ornellas, coberto de sangue e de pó, e com as armas aboladas pelos golpes e pelos tiros dos piratas.

Seguiu-se um combate corpo a corpo, desigual e sanguinolento; seguiu-se a carnificina.

Os francezes recuaram em debandada até o mar; ahi uns voltaram-se e fizeram pé de resistencia, outros atiraram-se á agua, e alguns arrojaram as armas de si e pediram misericordia. A população irritada não dava porém quartel. Os corsarios iam cahindo uns sobre os outros a golpes de punhal, de espada e de machado. Entretanto os bateis uns recolhiam os que fugiam a nado, e outros forçavam a arrancada para se aproximarem da praia. A artilheria dos navios fazia já fogo sobre a terra, varejando indistinctamente amigos e inimigos; e

a das fortalezas troava incessantemente sobre elles, varrendo-lhes as amuradas, partindo-lhes os mastros e despedaçando-lhes as velas.

De subito ouviu-se um grito pavoroso; e logo o navio, que estava mais adiantado na fila, cortejou de popa e de proa, e afundou n'um relance nas ondas, deixando sobre si um tão vertiginoso redemoinho de agua que enguliu de repente um dos bateis, que se ia aproximando d'elle. Ao mesmo tempo arredou-se da praia, a todo o poder dos remos, o ultimo batel, e cahiu morto a punhaladas o ultimo francez, que ainda n'ella se via de pé.

A multidão soltou aqui um brado de medonha entoação. Era o ulular do terrivel lobo dos Alpes, que como que apupava os restos fugitivos da preza, que tinha na maxima parte despedaçado entre as garras.

Seguiu-se uma arcabuzaria encarniçada sobre os bateis, e o troar constante da artilheria sobre os navios. O povo apupava ferozmente sempre. Por fim os navios principiaram a mover-se, e conseguiram pôr-se a vento, e sahirem para o largo. A multidão despediu-os com um apupo de pavorosa arrogancia.

Um quarto de hora depois, dos francezes nada mais existia em terra do que os mortos e alguns moribundos que ainda se rebulcavam sobre a areia; e no mar os restos dos bateis despedaçados e os cadaveres mutilados, que se baloiçavam entre as ondas, e que a maré principiou dentro em pouco a arremeçar á praia.

Nos madeirenses, ao jubilo da victoria seguiu-se em breve a consternação produzida pelo que ella havia custado. Minutos depois dos francezes terem desapparecido, a praia, o bastilhão e os vallos, onde mais renhido fôra o combate, cubriram-se de mulheres, de velhos e de creanças, que, espavoridos de agonia, corriam em todas as direcçoens, procurando os maridos, os filhos e os

pais. Aqui via-se um lançado sobre um cadaver, arrancando os cabellos, e ferindo o ceu com gritos lastimosos; acolá outro levantava nos braços um ferido, e unia aos gemidos mal distinctos do moribundo os seus gritos de dôr e de desesperação. Mais alem uns abraçavam-se, outros davam-se os parabens, outros barafustavam farfantemente, recontando a altas vozes os arrojados prodigios do seu esforço. Aqui passavam partidas de feridos em padiolas, escoltadas pelos habitantes lagrimosos e tristes; acolá uns poucos eram acompanhados em triumpho pelas familias jubilosas; mais alem era conduzido a collos de homens um cadaver, a quem uma esposa ou uma mãe queria dar melhor sepultura que a valla commum; mais cá abria-se esta, e principiavam a descer para o fundo d'ella madeirenses e francezes, amigos e inimigos, reunidos todos, agora conformes e socegados, sem repellir a parceria, e como que protestando contra a tragi-comedia humana, em nome da morte, a inexoravel niveladora, que demonstra praticamente que a materia, entregue a si, tem mais senso commum do que quando obedece a esse principio mysterioso, a esse raio não sei de que, a que por convenção chamamos vida.

O capitão-mór, auxiliado pelos principaes fidalgos da ilha, discorria por todo o campo, dando as necessarias ordens para fazer desapparecer o mais depressa que fosse possivel os signaes da passada carnificina. Entre elles via-se o esforçado Simão d'Ornellas, dirigindo uns, animando outros, e dando ordens por toda a parte com a energia e a actividade que tinha por condição natural.

N'um d'estes empenhos, sentiu-se aferrado e tirado com força pelo braço.

Olhou; era Zahara.

—Senhor—disse-lhe ella com os olhos scintillantes de agonia—acorrei, acorrei emquanto é tempo. Entretanto que vós defendieis aqui a en-

trada aos francezes, Pero Botelho escalou o mosteiro de Santa Clara, matou alguns dos serviçaes, e levou comsigo D. Beatriz, maltratando a dona abbadeça, que pretendeu defendel-a.

Os olhos de Simão d'Ornellas reluziram como os de um tigre irritado de subito.

—Ah! senhor—exclamou de golpe e em voz rija e atroadora, dirigindo-se ao capitão-mór que estava a distancia—sabeis porque Pero Botelho não foi aqui na defeza comnosco?

A estas palavras seguiu-se um momento de suspensão e de profundo silencio em todos que as ouviram.

—Ora sabei — continuou Ornellas — que entretanto que nós eramos aqui, defendendo a entrada da ilha aos piratas, o perro traidor assaltava o convento de Santa Clara, levava a cutelo os serviçaes que o defendiam, e procurava dar passagem por ali aos seus amigos corsarios...

—Morra!—atalhou de subito a multidão, soltando um brado pavoroso.

Aquelle grito não tinha cousa alguma com que se comparar n'este mundo. O troar do trovão repentino, que nos estala de subito sobre a cabeça, é menos apavorador do que elle. A voz do trovão não tem a entoação da ferocidade da voz do homem, quando as paixoens lhe offuscam a razão, e o aproximam das feras.

—Morra! — bradou pois a multidão enfurecida.

E uma centena de homens, armados de todas as armas, lançou-se logo a correr para dentro da cidade.

—Homens, ouvide...—exclamou o capitão-mór, querendo contel-os.

—Morra!—bradou Simão d'Ornellas com raiva satanica, correndo a pôr-se á frente da população dementada.

—Morra!—repetiu esta; e abalou apoz Simão

d'Ornellas, soltando uivos medonhos de raiva e de colera.

Em um momento aquella avalancha de homens dementados pelo furor, atravessou a cidade, e arrojou-se pelo caminho, que levava á fazenda de Pero Botelho. Um quarto de hora depois havia galgado, por todos os lados, para dentro dos muros da quinta, e rodeava o paço afortalezado, soltando pavorosos gritos de raiva.

Mas paremos por um momento a narração dos resultados, que teve o enfurecimento da plebe amotinada e enfurecida contra Pero Botelho, e voltemos umas poucas de horas atraz, para dizermos rapidamente o como se passou o facto, que foi causa verdadeira, supposto que ignorada, d'aquelle rancor popular.

Pero Botelho, como o leitor bem sabe, cahiu do cavallo abaixo, de todo fóra do seu accordo em razão dos tres rijos golpes de espada, que Simão d'Ornellas lhe assentou em cheio sobre o elmo de prova, que trazia na cabeça. Voltando a si, e reconhecendo a situação em que estava e a verdade do que se tinha passado com elle, correu cego de furor ao seu paço, reuniu todos os seus apaniguados e homens d'armas, e, á frente d'elles, partiu a toda a brida para o Funchal, esperançado de ainda achar Simão d'Ornellas com D. Beatriz no caminho. A desesperação, que lhe estuava no cerebro, não lhe permittia ver a impossibilidade de se poder dar tal encontro.

Chegando á cidade, descavalgou, e fez descavalgar alguns dos homens, em quem mais confiava, e mandou-os discorrer por differentes partes a ver se encontravam rastos dos fugitivos. Tinha porém passado já tempo bastante para d'elles nem sequer restarem vestigios; de fórma que os homens voltaram, sem poderem dar informação de qualidade alguma.

Pero Botelho revirou então para os seus paços,

blasphemando de desesperação e de raiva. O que passou durante aquella comprida noite excede tudo o que a imaginação satanicamente engenhosa do Dante inventou para pintar pavorosamente o inferno. No dia seguinte expediu grande numero de espioens para a Calheta e para o Funchal. Ao cahir da noite tinha certas e infalliveis informaçoens de que D. Beatriz estava recolhida em Santa Clara.

A resolução, que tomou, foi rapida. Para homem do caracter d'elle um rapto, e á viva força, era de veras o mais bem acceite e o primeiro dos projectos, de que se podia lembrar. Combinou-o pois, e assim o executou como o combinou.

A's onze horas partiu para Santa Clara á frente de trinta dos seus mais esforçados homens d'armas. Quando ia a chegar ás abas da cidade, sentiu os primeiros tiros de artilheria que a fortaleza de S. Luzia disparou sobre os piratas. O tumulto do despertar da população seguiu-se, como o leitor sabe, rapidamente. Pero Botelho, para quem a salvação do Funchal era nada n'aquella occasião, abandonou immediatamente a ideia de atravessar a cidade para ir até ao convento, e, ladeando-a pelo lado de terra, chegou a este sem ser presentido pelo povo, que se arrojava todo para o lado do mar.

Foi-lhe facil o romper para dentro dos muros da cerca; mas a entrada da porta do mosteiro custou-lhe gente, porque a abbadeça com receio, ainda mais d'elle do que dos francezes, fizera ficar de portas a dentro um grande numero de serviçaes da casa, que, suppondo que eram atacados pelos piratas, oppozeram-lhe resistencia tenacissima.

A dura e forte porta do convento desfazia-se pois lentamente aos golpes de machado, com que uma dezena de homens emprehendeu despedaçal-a. Era a obra demorada de mais para quem ardia

em tamanho furor como Pero Botelho. Uma trave, que se achou na cerca, foi pois tomada em collos de homens, e immediatamente jogada de vaivem contra a porta. Não cedeu esta aos primeiros golpes; mas, passados alguns minutos, arrebentou de par em par com os ferrolhos despedaçados. Os assaltantes remetteram então de roldão pela porta dentro. Os homens d'armas espalharam-se por aqui e por ali, arcando em lucta singular com os defensores que lhes resistiam esforçadamente, mas sem ordem. Pero Botelho, esse, arrojou-se logo de espada em punho pela escadaria acima, e subiu aos dormitorios, acceso no intento vago e indefinido de encontrar D. Beatriz, e arrancal-a por força d'ali.

Os primeiros dormitorios, por onde correu, estavam desertos e silenciosos. As alampadas amortiçadas, que ardiam pendentes do tecto, assemelhavam lanternas accesas em vastas catacumbas a allumiar a memoria dos mortos. Pero Botelho corria, corria cego de desesperação e de raiva. Por fim, ao entrar em novo dormitorio, pareceu-lhe sentir ao fundo os sons vagos e indistinctos de uma psalmodia religiosa. Ao mesmo tempo as meias trevas do fundo afiguraram-se-lhe vagamente illuminadas por uma luz tibia e frouxa, que se reflectia de distancia.

Pero Botelho arrojou-se immediatamente n'aquella direcção. Quanto mais se aproximava, tanto mais se augmentava o som da psalmodia, e tanto mais se afogueava a luz. Chegou por fim ao fundo do dormitorio, e viu o que era. De um outro, para onde se dobrava d'aquelle em angulo recto, descia, por uma escadaria abaixo, em direcção á igreja, a communidade em procissão.

Pero Botelho arrojou-se ao meio d'aquellas pobres mulheres vestidas de preto e de branco, com toda a ferocidade do tigre esfaimado, que por fim encontrou um rebanho.

—Onde está D. Beatriz!—bradou em voz terrivel e rodeando o olhar enfuriado por aquellas tristes, todas espavoridas e algumas cahidas por mortas de susto.

Uma freira, a abbadeça, sahiu então da frente e correu a abraçar-se com uma das mulheres que iam no couce da procissão, descalça e coberta do vaso e da almafega das penitentes.

—Virgem Maria—exclamou ao abraçar-se com ella—acorrei-me pelas chagas...

A abbadeça não teve tempo de dizer mais palavra. Ao ver o movimento feito por ella, Pero Botelho cahiu-lhe de um salto ao lado, e arrancou de repellão o vaso, que cobria a cabeça da penitente.

Era D. Beatriz.

Ao reconhecel-a, Pero Botelho soltou um grito de alegria verdadeiramente satanica.

Depois arrancou-a de repellão dos braços da abbadeça, arrojou esta com força contra a terra, e, vendo-se accommettido por um grande numero de freiras que se arremeçaram dementadamente a elle, soltando gritos espavoridos, bradou, apertando o punho da espada e rodeando por ellas um olhar terrivel:

—Arredar, hervoeiras covardes!

E dizendo, arremeçou-se de um salto para a escada, por onde a communidade ia descendo, e correu rapidamente por ella abaixo, levando lançada sobre o hombro esquerdo D. Beatriz, desmaiada.

Ao reconhecer que estava na igreja, Pero Botelho dirigiu-se apressadamente á porta d'ella, descerrou-lhe os ferrolhos, e lançou-se immediatamente na cerca. Em seguida correu á porta do convento, soltou um brado que reuniu de repente em torno d'elle os seus homens, e dirigiu-se depois com elles para onde, fóra do muro, haviam deixado os cavallos.

Passados minutos corria á redea solta em direcção aos seus paços, levando assentada sobre o arção D. Beatriz, privada dos sentidos. N'esta occasião é que os madeirenses tinham conseguido fazer re-embarcar, com grande perda, os francezes. Pero Botelho, como o leitor bem póde imaginar, não ouvia n'aquella occasião nem mesmo o clamoroso trovejar da artilheria.

Hora e meia depois D. Beatriz, voltando a si, achou-se sentada n'uma poltrona, na mesma sala que na casa de Pero Botelho lhe servira ultimamente de prisão. Em pé, defronte d'ella, estava aquelle homem odiado, com os braços cruzados sobre o peito e a vista negra e reluzente cravada n'ella.

—Deus de misericordia, valei-me!—exclamou D. Beatriz, ao assenhorear-se de todo de si e ao reconhecer a situação, em que se achava.

Pero Botelho soltou uma gargalhada de ironia tão feroz e escarnecedora, que mais parecia de um louco furioso do que de um homem em seu inteiro juizo.

—Chamai por Deus ou pelo diabo, chamai—bradou por fim com pavorosa entoação de voz.—Fazei n'isso, em tudo e por tudo, a vossa vontade: mas sahir d'aqui, não, não, que o não quero eu, que vol-o jurei, que vol-o torno a jurar agora...

E parou suffocado de raiva enfuriada e satanica.

D. Beatriz fitou-o ao principio com um olhar vago e sem tino; depois foi pouco e pouco assenhoreando-se, e por fim o rosto resplandeceu-lhe com celestial serenidade, e os labios enfloraram-se-lhe com um sorriso verdadeiramente angelico.

—Pero Botelho—disse então com doce e melancolica placidez—eu pertenço de coração a Deus, já nada temo de vós.

Ao ouvir-lhe estas palavras, Pero Botelho fez-se negro de furor.

—Pois dizei-lhe que vos tire d'aqui! — balbuciou por entre os dentes cerrados e batendo com furor o pé no soalho — pois que tente elle tirar-vos d'aqui! Pelo inferno!...

E parou abafado pela raiva, e supprindo as palavras em que ia a proferir a blasphemia com levantar os punhos cerrados ameaçadoramente para o ceu.

Depois, voltando as costas a D. Beatriz, sahiu agitado por extraordinario enfurecimento, e fechou a porta á chave sobre si.

Meia hora depois a pavorosa e medonha avalanchа humana, que lhe ameaçava a vida, galgou-lhe por cima dos altos muros da quinta, e esbarrou de encontro ás grossas e fortes paredes do paço, deixando atraz de si assollados os cannaviaes, os pomares e os jardins, por sobre os quaes havia passado.

Ao sentir, ainda a distancia, o temeroso rugir da tempestade que progressivamente se aproximava com a rapidez dos furacoens, Pero Botelho correu a uma janella sacada, abriu-a de repellão, e estendeu anciosamente os olhos na direcção d'aquelle tormentoso marulhar. A' luz do sol, que se derramava esplendidamente por sobre a planicie, no meio da qual elle vivia, viu uma espessa e escura mole de gente, que se deslisava rapidamente sobre a terra, como enorme nuvem prenhe de tufoens e de raios, que voa ao rez da face enfuriada do mar, empuxada a toda a força pelo vendaval do oeste.

Pero Botelho não suspeitou, nem por sombras, a razão d'aquella medonha tempestade. Conheceu que aquillo eram homens enfurecidos; e, como em tudo se lhe antolhava D. Beatriz, imaginou que vinha ali Simão d'Ornellas, acompanhado só dos seus, a desforrar-se do insultuoso rapto commettido em Santa Clara.

Em consequencia d'este pensamento, correu

nmediatamente a dar as ordens necessarias pa-
a defender o paço, e repellir os assaltantes. Fez
errar e afortalecer as portas e as janellas, e dis-
oz os seus homens, todos armados de arcabuzes e
éstas, por onde melhor podiam fazer fogo sobre
inimigo.

Entretanto este galgava-lhe por cima dos mu-
os, e esbarrava-lhe, soltando um brado pavoroso,
le encontro aos fortes muros do paço.

Pero Botelho correu de novo á alta sacada,
d'onde espiára, havia pouco, e d'ahi bradou aos
amotinados em voz arrogante e com entoação tro-
vejadora:

—Quem sois, vós outros? Que audacia...

—Morra o traidor!—atalhou a populaça, sol-
tando um uivo medonho de cego e dementado fu-
ror.

E, logo, rolou-se de novo de encontro aos mu-
ros. Principiaram então a sentir-se os golpes apres-
sados de muitos machados que procuravam des-
pedaçar as portas, e viu-se a multidão como que
a estender-se pelas paredes acima, a aproximar
rapidamente das janellas.

—Fogo!—bradou Pero Botelho, correndo aba-
fado pela raiva para o interior da casa.

Uma immensidade de pelouros e de virotes
choveu logo e rapidamente sobre a turba enfu-
riada.

Do seio d'ella sahiu então um como surdo ru-
gir de panthera, que o caçador feriu mas não der-
ribou; e logo as portas cahiram despedaçadas, as
janellas arrebentaram de par em par, e a multidão
enfurecida e dementada espalhou-se por todos os
repartimentos do paço, ululando como lobo es-
faimado, em busca da presa que conseguiu fugir-
lhe e occultar-se.

Seguiu-se uma carnificina deshumana, uma ma-
tança verdadeiramente selvagem, uma carniceria
em fim como a costuma fazer a plebe, a peior de

todas as feras, quando se deixa assenhorear pela suprema demencia do furor.

Os criados e homens d'armas de Pero Botelho, concitados pelo desespero, ainda pretenderam resistir á temerosa avalancha. N'um momento porém aquellas dezenas de homens esforçados, e alguns d'elles verdadeiramente herculeos, sahiram pelas janellas fóra, uns reduzidos a simples membros despedaçados, outros a massas informes e sanguinolentas. Em seguida a turba enfuriada continuou a divagar cega de raiva, por todas as localidades, bramando pavorosamente em busca do senhor da casa.

Este, ao ver invadido tão subitaneamente um edificio tão bem afortalecido, reconheceu, ao primeiro relance, que a questão estava de todo o ponto perdida para elle. A raiva do desespero accommetteu-o então ferozmente. A perda de D. Beatriz deixou de se lhe antolhar o supremo dos males. A figura d'ella levantou-se-lhe diante dos olhos a gotejar sangue por todos os póros, e sangue que ardia como fogo. E então Pero Botelho de todo dementado e abandonado de Deus, lançou-se na direcção do quarto d'ella, com a espada ferozmente apertada no punho e os olhos rutilantes da firme resolução de lh'a mergulhar até os copos no seio.

Assim galgou rapidamente a escadaria, que subia para o andar superior áquelle por onde a populaça divagava enfurecida; e assim se lançou pelo corredor fóra que levava direito á prisão da desgraçada filha de Alvaro de Moura. Ao chegar porém á porta do quarto esbarrou face a face com Simão d'Ornellas, que corria da extremidade opposta guiado por Zahara. A expressão do rosto dos dois era quasi igual. A de Pero Botelho exprimia tudo o que a desesperação e a raiva tem de mais satanico e feroz; a de Ornellas, ao encarar

om elle, reluziu com tudo, que o odio tem de
ɿais implacavel e de mais vingativo.

Ao toparem-se, os dois mortaes inimigos re-
uaram alguns passos atraz, como tigres que se
etrahem para formarem mais validos saltos. Em
eguida arrojaram-se um sobre o outro, rugindo
ɔor entre os dentes cerrados:

——Desbragado villão!

——Refece ribaldo!

Depois as espadas continuaram a dizer o furor,
que lhes acachoava nos espiritos.

Mas as espadas, apezar de toledanas que eram,
não poderam com o pezo d'aquelles rancores. Par-
tiram logo aos primeiros golpes de encontro ás
adargas, com que a destreza dos dois os conseguia
aparar.

Ao verem-se desarmados, os dois inimigos re-
cuaram como que empurrados pela ferocidade
d'aquelles odios contrariados. Fitaram-se um mo-
mento com olhares reluzentes de ferocidade sel-
vagem; depois arrojaram, como por commum
accordo as adargas, e, arrancando os punhaes,
arremeçaram-se de novo um sobre o outro.

Durou momentos apenas a lucta. A populaça,
invadindo o logar de repente, despartiu-a de gol-
pe, apoderando-se n'um relance de Pero Botelho.

—Levai-o—bradou então Simão d'Ornellas por
entre os dentes cerrados e mal podendo fallar
de abafado que estava pelo odio e pela raiva.

—Morra o traidor!—trovejou com pavorosa en-
toação a turba feroz dos dementados.

—A' caldeira! á caldeira!—rebramaram aqui
algumas vozes por cima do trovejar atroador d'a-
quella medonha tempestade.

—A' caldeira!—repetiu a multidão, approvan-
do a ideia com um grito de satanica e feroz alegria.

E Pero Botelho, apezar das suas grandes forças
e da ferocidade selvagem com que se debatia no
poder d'aquelles que o haviam sujeitado, foi le-

vantado de repente ao de cima das cabeças da multidão, e assim impellido com temerosa rapidez por sobre ella a golpes de espada e de punhal. Em um momento appareceu junto de um dos seus principaes engenhos, a bastante distancia do paço e a muito pouca do mar. A despeito das armas de prova, que vestia, o desgraçado já ia quasi que de todo fóra do seu accordo em razão dos muitos golpes que havia recebido, ao passar rapidamente impellido de braço em braço por cima da turbamulta.

A oitenta ou cem passos distantes do engenho havia uma extensa e bem faceada lage de granito vulcanico. Pero Botelho tinha feito cavar n'ella, por mais de quarenta palmos pela pedra a fundo, uma enorme fornalha, até metade da qual estava poisada em rijos varoens de ferro, encravados de parede a parede, uma caldeira gigantesca, que servia para dar a primeira fervura preparatoria a dezoito ou vinte pipas de succo da canna do assucar.

Os escravos e demais mesteiraes do engenho, que não esperavam aquella tumultuosa e terrivel visita do povo amotinado, mal o dia começou a raiar, haviam deitado fogo á fornalha, e enchido a caldeira de liquido assucarado. A' hora, portanto, que o povo ali chegou com Pero Botelho impellido como pélla de braço em braço, a fornalha, cujo fundo distanciava mais de vinte palmos do fundo da caldeira, estava cheia de grandes raizes incendiadas, que levantavam enorme lavareda em torno do gigantesco vaso; e n'elle o succo da canna refervia com temeroso ruido em cachão até á bocca.

A turba dementada, mal avistou a caldeira, soltou um grito pavoroso de alegria feroz e desvairada.

—A' caldeira!—troaram de subito milhares de vozes com medonha entoação de furor.

E Pero Botelho foi então impellido com pavorosa velocidade até junto da enorme panella, cucachão refervia, bramando, em vagalhoens de spuma pardacenta, que lançavam de si uma grande fumaceira esbranquiçada.

—A' caldeira!—tornou a rebramar a multidão ada vez mais insana e sedenta do terrivel espetaculo.

Como disse, Pero Botelho ia já quasi que de odo fóra do seu accordo; mas o calor do enorme razido e a medonha palavra, que tantas vezes lhe eccoara nos ouvidos, despertaram n'elle de subito o instincto da conservação. A multidão ia a lançar para dentro da caldeira aquelle corpo, que já reputava cadaver, quando elle se estirou com força sobrehumana, soltou um grito medonho, e aferrou com presa desesperada dois dos seus sanguinarios algozes.

Seguiu-se uma lucta medonha e desigual. Pero Botelho, dementado pelo desespero, parecia uma fera. Rugia, mordia, e contorcia-se por entre as feras que o queriam sacrificar, aferrando-se aqui a uns, enrolando-se n'outros acolá, deslisando como serpente por entre aquelles, e debatendo-se com ferocidade selvagem nos braços de est'outros. Era medonho de ver-se, com os olhos esgazeados e reluzentes de pavor e de raiva, com os labios esbranquiçados, seccos e abertos e com o rosto sulcado por milhares de rugas convulsas e tremulas. Por fim o numero venceu aquella furia da desesperação, e o desgraçado foi arremeçado para dentro do cachão da caldeira, soltando um brado de indizivel agonia, que destacou com medonha entoação por entre o feroz grito de alegria e de triumpho, que a multidão enfuriada arrojou de si, ao consummar a sua obra.

De subito sentiu-se no fundo da caldeira um estrondo pavoroso e medonho; e logo o succo da canna, que acachoava na bocca d'ella, lufou a

*

grande altura, cahindo depois como lava sobre aquellas feras humanas, e o fogo, que ardia no fundo da fornalha, arrebentou por ella fóra em turbilhoens, fazendo tombar para o lado a caldeira.

Dir-se-ia que o inferno havia transformado aquelle boqueirão em cratera, por onde fazia arrebentar o brado da sua temerosa alegria ao receber no seu seio aquelle audaz e arrogante blasphemador da omnipotencia de Deus.

A multidão soltou um grito de medonho terror, e fugiu espavorida em todas as direcçoens, sem curar dos mortos e feridos, que a explosão havia sacrificado.

Horas depois, quando ousaram aproximar-se, acharam tudo silencioso, e a fornalha de todo reduzida a cinzas. Trataram então de indagar a causa d'aquelle medonho acontecimento, e, tirando para fóra a caldeira, conheceram que o fundo, por velho ou por desgastado pelo fogo, havia cedido ao peso do liquido crassissimo, que n'elle fervia, de repente centuplicado pelo embate das camadas subitamente condensadas pelo baque do corpo de Pero Botelho, cahindo em cheio e com força sobre ellas.

Isto diziam os que pretendiam explicar naturalmente o phenomeno, sem lhe importar se em tal empenho diziam ou não uma tolice scientifica. O povo, porém, é que não estava pelos autos. Impressionado como estava pelo horroroso espectaculo, a que tinha assistido, e vendo que o cadaver de Pero Botelho não apparecia entre as cinzas, que restavam d'aquelle enorme brazido, declarou que Pero Botelho era um diabo encarnado, como evidentemente o provavam a sua soberba e a sua arrogancia; e que a caldeira era sem tirar nem pôr a caldeira do inferno, a mesmissima em que beelzebú faz cozer as almas d'aquelles, que são condemnados por blasphemarem de Deus.

E d'aqui ficou em proverbio o ameaçar com A CALDEIRA DE PERO BOTELHO todos aquelles que, por suas obras, desejamos ou estamos convencidos que devem ir parar ao inferno.

D'ella pois nos livre Deus. Amen.

O que, depois da morte de Pero Botelho, aconteceu a D. Beatriz, e a Simão d'Ornellas e a todos os demais personagens d'esta novella, o leitor o saberá no seguinte capitulo, em que o author vai tratar de epilogar esta chronica.

EPILOGO

(TRINTA E SETE ANNOS DEPOIS)

A 3 de fevereiro de 1580, trinta e sete annos depois dos acontecimentos que historiei no capitulo antecedente, Lisboa achava-se concitada por surda, mas violenta agitação.

Os sinos de todas as igrejas dobravam sem cessar a defuntos. Uma grande parte da população vagueava, como que á toa, pelas ruas, com aspecto carregado e triste, e indo, e encontrando-se e redemoinhando, como não sabendo o que fazer. Os homens chegavam-se uns aos outros, diziam rapidamente duas ou tres palavras, e partiam em seguida. As mulheres, essas, ao encontrarem-se, demoravam-se mais, saudando-se com grandes e ruidosos prantos, mas quasi sem se lhes poder perceber palavra, tão suffocadas como andavam em gemidos e soluços. As portas das casas cerravam-se, batendo com força nas umbreiras, e com gestos de má vontade de quem as fechava. Os mercadores e logistas appareciam ás meias portas cerradas, com as mãos mettidas nas petrinas e com ares de quem provocava insolentemente a obriga-

ção de terem as portas d'aquella maneira. Aqui e ali viam-se ás esquinas das ruas grandes magotes de povo com os olhos cravados n'um papel, que ali fôra grudado de noite, e em que se viam escriptas com letra disfarçada umas trovas. Sentia-se um vago e clamoroso borborinho ao de cima de tudo isto, um como temeroso despertar de uma população revolucionada.

A's dez horas, pois, da manhã d'este dia 3 de fevereiro de 1580, trotava por uma das principaes ruas de Lisboa fóra, a trote rapido e desafogado, e sem attender á multidão, que na frente d'elle se enredava aqui e ali, um homem que era em tudo e por tudo o genuino e verdadeiro typo d'aquelles antigos portuguezes, que descobriram e conquistaram a India, e puzeram o pé dominador sobre o inquieto e insoffrido collo dos bellicosos arabes do Algarve d'alem-mar.

Era alto, secco e espadaúdo; todo musculos, e musculos de ferro, musculos capazes de luctar com os rigores do tempo, e com os mais validos e mais arriscados trabalhos. Tinha o rosto comprido e secco, a pelle dura e um pouco enrugada, e a vista áudaz e scintillante. Os cabellos, que usava um tanto compridos; o grande e espesso bigode, que se estendia quasi horisontalmente sobre o labio superior, retorcido e naturalmente arrebitado nas pontas; e a comprida e basta pêra ponteaguda, eram completamente grisalhas, e mostravam que aquelle homem tinha sessenta robustos annos de idade. A' primeira vista descubria-se n'elle um puro exemplar da coragem inexcedivel, da temeridade e da audacia instinctiva, da energia dominadora, e da total indifferença e desprezo dos perigos.

Trazia na cabeça um chapeu de abas largas sem outro adorno mais que um cairel de velludo preto apertado por uma fivela de aço. Vestia um pelote de panno grosseiro, por cima do qual trazia uma forte couraça de tonelete, tudo feito de aço

runido, agora um pouco baço do tempo. Do cin-
o de couro branco esfrolado, e já um pouco mais
que sufficientemente usado, pendia-lhe do lado
esquerdo uma comprida espada de grandes e rijos
copos de ferro batido, e do lado direito uma adaga.
Este homem trotava pois sobre um robusto e
possante cavallo, por uma das principaes ruas de
Lisboa fóra, a trote apressado e bem batido, e com
ares de quem nem sequer attendia a se sim ou
não podia atropellar o immenso gentio, que pelas
ruas vagueava inquieto. Assim atravessou umas
poucas, como que de todo indifferente á agitação
que concitava a cidade, até que por fim tantas
foram as pragas que sobre elle lançaram os que
d'elle se tinham de arredar com mais pressa do
que a compativel com a impaciente irritação, que
transluzia em todos os rostos; e tantos foram tam-
bem os grupos que desfez, e os bandos que viu
agglomerados ás esquinas, que começou a repa-
rar no que em torno d'elle se passava, e a olhar
com curiosidade o que via.

Ao cabo de alguns minutos de curioso reparo,
como não podesse descubrir a causa d'aquelle des-
usado boliço, e deparasse com um grande magote
de povo a resmonear descontente diante de um
dos taes papeis pregados nas esquinas, decidiu-se
a saber por fim o que aquillo era.

Para o fazer, desandou o cavallo para cima da
multidão pasmada, e bradou em voz rija e impe-
riosa:

—Dai logar, por satanaz!

E dizendo, dirigiu-se rijamente á parede, ar-
rancou d'ella o papel, que estava grudado apenas
nos quatro cantos, e, com elle na mão, desandou,
por meio do povo fóra, e foi-se andando no trote
em que viera, coberto de pragas e maldiçoens dos
que deixava atraz de si atropellados.

Depois deitou os olhos ao papel. A trova, que
n'elle estava escripta, dizia assim:—

Viva el-rei D. Henrique
Nos infernos muitos annos,
Que deixou no testamento
Portugal aos castelhanos.

—Que diabo quererá isto dizer?—resmoneou, encarrancando pensativamente o sobr'olho.

Depois tornou a repassar a trova pelos olhos, encolheu desdenhosamente os hombros, machucou o papel dentro da mão, e em seguida arremeçou-o de si em bola amarrotada, rosnando ao mesmo tempo:—

—Fortes parvos!

E continuou a trote rasgado para a frente.

Por fim, depois de algumas voltas e reviravoltas por differentes ruas, chegou em frente da estalagem dos *Quatro coraçoens unidos*, a melhor que então havia em Lisboa. Ao dar com ella de frente, e ao ver baloiçar pendurado da padieira um tosco retabulo de pau de pinho, em que se viam pintadas a vermelhão quatro monstruosidades, que o pintor imaginou serem quatro coraçoens, atados uns aos outros por uma cousa, que ligava outras quatro cousas assim a modo de quatro molhos de nabiças, que o sobredito pintor quiz fazer passar, a que atava, por uma fita, e as atadas, nem elle mesmo sabia porque, parou e, depois de examinar attentamente a casa e o retabulo, resmoneou por entre os dentes:

—Bofé que será aqui.

Em seguida, esporeou o cavallo, e entrou pelo pateo da estalagem dêntro. Ao meio d'elle parou, descavalgou de um salto, e ficou esperando que acudisse alguem ao som do tropear, entretendo-se elle n'aquelle meio tempo a observar os arreios e a ageitar não sei que da cabeçada, que tinha sahido um pouco do seu logar.

Não apparecia porém folego vivo. Ao cabo de

tres ou quatro minutos, o recem-vindo ergueu impaciente a voz, e bradou como um trovão:

—Micer Nicolau! Micer Nicolau! Por S. Barabaz! não é aqui a estalagem dos Quatro coraçoens unidos?

O tom de colera imperiosa em que estas palavras foram ditas, teve o poder de desentocar immediatamente de dentro do bojo da casa, um homem de meia idade, gordo, barrigudo, e porcalhão, que assomou de repente á bocca do lobrego corredor, que havia ao fundo do pateo, e que levava para o andar superior do edificio.

—Guarde-vos Deus, senhor hospede—disse elle em lingua semi-moura e que travava a ervelhaca estrangeira—Desculpai a tardança, mas em fim estes tempos tão alterados que vão... Esta é de veras, senhor, a estalagem dos *Quatro coraçoens unidos*, a melhor, mercê de Deus, que ha n'esta cidade de Lisboa; e eu Nicolau Campozano, vosso servidor, para muitos annos e bons que elles sejam...

—Ah! esse sois?—atalhou o recem-chegado, medindo o estalajadeiro de alto a baixo com um olhar enviezado e de poucos amigos—Lêde pois essa carta.

Assim dizendo, passou-lhe para a mão uma carta, que tirou de uma pequena escarcella, que trazia seguramente amarrada por debaixo do tonelete da couraça.

Nicolau Campozano descerrou os sellos da carta, e leu. Em seguida, desbarretou-se todo, e disse com muitos agrados:

—Senhor, sêde muito bem vindo. Ha muito que estou aguardando por vós, e ahi chegou já ha dias a vossa bagagem...

—Bem pois—atalhou seccamente o viajante—recolhei para lá o cavallo, e tende-me prestes de cear para quando eu voltar, e sabei desde já que não sou homem que soffra delongas. Andai prestes.

—Senhor, tudo se fará como ordenardes—respondeu submissivamente o hospedeiro, e deitou mão á redea do cavallo para o recolher para dentro.

O viajante, que já ia sahindo pela porta, fóra voltou-se de golpe, e tornando para traz, disse com aquelle modo secco e imperioso que tinha:

—Mas, sús; arrematemos por fim desde já este negocio do cavallo. Quanto tenho a dar-vos por elle?

—Senhor, não faz mingua tanta pressa...—disse cortezmente o estalajadeiro.

—Que, por satanaz!—exclamou rudemente o viajante—que, por satanaz! dom parvo, sabeis vós se faz mingua ou não faz mingua? Ora avisai-vos, que não sejais tão ousado que mais me falleis sem vos eu perguntar. Pelo inferno! quanto *tenho a* dar-vos pelo cavallo?

O estalajadeiro mediu-o á surrelfa com um olhar baixo e com seu tanto de medo, e por *fim*, affoutando-se, respondeu:

—Senhor, vós bem sabeis quão excellente *bicho* é este para jornadear; boa estampa, possante, andador...

—Arrematai, pelo sangue de Christo!

—Fragueiro, de boas manhas, capaz, como melhor não, para brida e para gineta...

—Ah! dom perro aleivoso—exclamou fulo de colera o viajante, batendo rijamente com o pé no chão—e pensais vós atarracar-me com vossas sandices, de fórma que me possais roubar á vontade? Pela morte de Jesus Christo, que, se mais *dais* palavra sem vos eu perguntar, vos abro e ao torpe sendeiro as barrigas a punhaladas, como vós ambos d'isso sois merecedores. Pelo inferno! quanto tenho a dar-vos?

—Senhor, cincoenta cruzados de oiro, não será muito...—balbuciou espavorido o estalajadeiro.

O terrivel viajante poz-se a olhar para elle me-

neando a cabeça e medindo-o com vista ironica e ameaçadora:

—Ora olhai—disse por fim—eu bem sei que vós sois genovez, e que todos os genovezes são grandes ladroens e grandes patifes. Mas sabei que eu tenho corrido todo o mundo, e visto muita diversidade de naçoens e de gentes, e assim não sereis vós, dom pêco, que me haveis de engodar como se eu fosse uma creança de mama. Ora tomai estes quarenta cruzados, e buz! que se dais mais palavra... Andai, recolhei o cavallo, e ide cuidar da ceia e das mallas, que, pardiez! se alguma cousa me dâmnais do que é meu, eu fiador que vos desemmale a couces essa grande barriga que tão empanturrada trazeis e cheia de roubos.

Assim dizendo, voltou-lhe as costas, e sahiu.

Nicolau Campozano ficou assombrado a olhar aterrado para a porta, por onde elle havia sahido. Por fim tomou o cavallo de redea, e desandou para a cavalhariça, chamando pelos moços d'ella, sobre os quaes desafogou logo a cachação e a murro secco o grande medo, que havia apanhado.

Entretanto o nosso homem ia andando como que a flaino e sem proposito pelas ruas de Lisboa fóra. Era de veras nobremente imponente aquelle aspecto marcial e arrogante que tinha. Por fim deu comsigo, como que sem o saber, no baixo da calçada de Santa Anna, e poz-se vagarosamente a subir por ella acima.

Ao mesmo tempo que elle assomava no baixo da calçada, apparecia, no alto um homem de estatura meã, cego do olho direito, e cujos cabellos e barbas ruivas, iam tirando rapidamente para brancos.

Este homem, que caminhava lentamente encostado a umas muletas, vinha todo vestido de preto. Trazia um pelote e umas calças de panno

bristol, e por cima do pelote um tabardo de biffa, tudo já velho e bastante coçado. Cobria a cabeça com um pequeno chapeu de feltro, e nos pés trazia uns borzeguins de couro branco. Este vestuario, como o leitor vê, indicava menos que mediocridade de meios pecuniarios; havia porém na disposição d'elle uma tal limpeza, e, na maneira por que elle cabia, uma tal elegancia, que logo deixavam conhecer que aquelle homem nascera com espiritos elevados e com alma digna de dispôr de grandes riquezas.

Quando o nosso arremangado viajante deu conta do pobre manco, que descia pelo meio da rua apoiando-se com toda a cautella nas suas muletas, já elle vinha a pouca distancia do bêco de S. Luiz, que fica quasi a meio da calçada. Reparou então que toda a gente estava de chapeu na mão e parada a olhar para elle. O viajante rodeou n'um relance a vista com pasmo pelos circumstantes, e parou tambem. O aleijado continuou caminhando sempre, cortejando graciosamente e como podia para a direita e para a esquerda, com ares de magestosa gratidão. Por fim parou em frente de uma casa de mesquinha apparencia, que fazia esquina para o bêco de S. Luiz, junto á ermida do Senhor da Salvação e Paz, e pegada esta á casa das commendadeiras da Encarnação. [1]

[1] Segundo o que diz a biografia inedita de Luiz de Camoens, escripta pelo celebre fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo e citada pelo snr. visconde de Juromenha no primeiro volume da sua edição das obras do poeta (paginas 149, e nota 70) foi n'esta casa que viveu o Homero dos Lusiadas, depois da batalha de Alcacer; e onde provavelmente morreu, segundo diz Faria e Souza, a despeito da celebre atoarda do hospital, originada na cotação, que se acha á margem do antigo original dos Lusiadas, e ahi posta pelo padre fr. José Indio, carmelita do convento de Guadalaxara, que diz que assistiu á morte

batcu então, e, aberta a porta, cortejou os circumstantes, e entrou para dentro. A porta fechou-se immediatamente, e todos se cobriram, e continuaram o seu caminho.

O nosso viajante ficou atrapalhado a olhar para aquillo. Não sabia explicar tanto respeito e tanta veneração para com um pobre manco mal-trajado. N'isto ia a perpassar por elle um dos caminhantes. O viajante voltou-se, e perguntou-lhe:

—Quem é aquelle homem?

O interpellado parou de repellão, e fitou-o com olhares de surpreza e de indignado.

—Como? D'onde pois chegais vós?—exclamou admirado.

—Chego do inferno—respondeu o outro resolvidamente, no seu tom duro e rispido—O que vos pergunto é quem é aquelle homem?

—E' Luiz de Camoens, o principe dos poetas de Espanha—respondeu o caminhante, e foi andando.

Ao ouvir estas palavras, o nosso homem recuou de golpe dois passos atraz, com os olhos esgazeados, e como se recebesse de subito um pelouro em cheio no peito.

—Luiz de Camoens!—balbuciou por fim estupefacto—Pois aquelle é Luiz de Camoens!

E, dizendo, atravessou de dois passos a rua, e foi bater rijamente á porta, por onde o poeta havia entrado.

Esta foi aberta, momentos depois, por uma ra-

de Camoens. Todas as circumstancias da morte e do enterro desmentem cabalmente o padre castelhano. Só os poetas é que lhe podem dar razão. Segundo o mesmo snr. visconde, em 1854 ainda se via na calçada de Sant'Anna esta casa já em ruinas. Tinha o numero 52 a 54. Em 1860 já aquellas ruinas haviam sido transformadas n'uma edificação moderna.

pariguinha de pouco mais de dez ou onze annos de idade, que, ao ver diante de si aquella figura arremangada e herculea, perguntou-lhe a medo o que elle queria.

—Quero fallar a...—principiou elle a dizer.

Não pôde porém soltar mais palavra. No corredor, a alguns passos distantes d'elle, estava o pobre manco e velho, que vira tão respeitosamente saudar pelo povo, e que lhe dizia cortezmente:

—E' a mim que procurais, senhor?

—E sois vós Luiz de Camoens?—exclamou o outro commovido, dando dois passos para dentro da casa.

—Esse sou—respondeu o poeta—e se de mim pretendeis alguma cousa, entrai para aqui.

Assim dizendo, deu mais alguns passos para a frente, empurrou a porta que estava ao fundo, e entrou para dentro. O viajante seguiu rijamente apoz elle.

O aposento, para onde entraram, era uma saleta, que tinha por unica mobilia quatro cadeiras de pinho e uma meza da mesma madeira, sobre a qual se viam alguns livros, muitos papeis soltos e um tinteiro com pennas. Ao lado havia uma porta, que dava para um pequeno quarto de uma só janella, no meio do qual se via um estreito e pobrissimo leito.

—Senhor—disse então o poeta, sorrindo tristemente—desculpai a pobreza com que vos accommodo, e em compensação d'ella acceitai a boa vontade, com que vos recebo. Agora sentai-vos, e dizei o que de mim pretendeis.

O viajante avançou então agitadamente para elle, sem o desfitar, e como que todo absorvido n'elle.

—Mas sois vós de veras Luiz de Camoens, o principe dos poetas de Espanha?—exclamou por fim em voz de indizivel commoção.

—Luiz de Camoens sou de veras—respondeu

anquillamente o poeta—que, emquanto ao mais, do o que dizeis são primores da vossa apurada rtezia. Mas vós quem sois?

O viajante fitou n'elle por um momento um olhar intillante e cheio de lagrimas, e depois exclamou 'um brado, que parecia lufar do coração:

——Eu sou Simão d'Ornellas.

——Simão d'Ornellas!... Simão d'Ornellas!...— albuciou o poeta em voz tremula e fitando-o com m olhar de anciosa curiosidade.

Depois soltou das mãos as muletas, e deixou-se ahir nos braços do amigo.

Aquelle era de facto Simão d'Ornellas, o mancebo folgazão, galhofeiro, e inimigo de Diogo de Teive e do latim, que nós conhecemos em Coimbra, e que mais tarde vimos ainda, elegante e esforçado cavalleiro, pelejar denodadamente pela patria e vingar com o rancor proprio dos caracteres arrojados a morte moral de um amigo. E o outro era tambem Luiz de Camoens, o estudante volteiro, estouvado, espadachim, generoso, elegante, namorado, gastador e já grande poeta, que, em 1543, vimos entremettido no caso de Diogo Botelho e D. Beatriz de Moura.

O que trinta e sete annos haviam feito!

Os dois amigos estiveram muito tempo abraçados um no outro sem poderem proferir palavra. Por fim Simão d'Ornellas rompeu d'esta forma o silencio:

—Mas és tu de veras Luiz de Camoens—Luiz de Camoens, aquelle meu matalote e grande amigo, aquelle moço valeroso e travesso que conheci na Universidade?

E logo, sem dar tempo a que o poeta lhe respondesse palavra, accrescentou, soltando uma gargalhada de ironia brutal:

—Mas que sandio pasmo este meu! Pois, por ventura, sou eu tambem o Simão d'Ornellas d'aquelle tempo? Diz, Luiz de Camoens.

O poeta meneou tristemente a cabeça.

—Não, não és—disse em seguida—nem eu nem tu somos o que fomos. Os annos não correm debalde, e os lances e trabalhos da vida por tal forma nos desgastam a todos, que na velhice nem sequer nos deixam signaes do que fomos na mocidade! Esses bellos e descuidados tempos passam, como passam todas as cousas d'este mundo; e do homem, que n'elles foi, resta depois somente isto a que nos vês reduzidos a ambos.

—Mas de ti ao menos—exclamou com exaltação Simão d'Ornellas—ficaram uns restos grandes, uns restos sublimes. Todo o mundo eccoa com a fama do teu nome; por toda a parte se diz—Luiz de Camoens o valeroso soldado da Africa e *da India*; Luiz de Camoens, o author dos Lusiadas, o Homero portuguez, o maior dos poëtas do mundo moderno! Mas de mim, vê tu bem, que restou!

—De ti—replicou serenamente o poeta—de ti resta um homem honrado, um valente e *leal* cavalleiro...

—Não, não — atalhou exaltadamente Simão d'Ornellas—De mim resta um homem que não tem socego, nem paragem em parte alguma; um homem agitado por todas as furias que o inferno gerou no seu seio; um homem orphão de todos os affectos, de todos os carinhos, de todos os sentimentos que engrinaldam e enfloram a vida; um homem em fim, que, descendo á sepultura, morre virgem de todas as affeiçoens carinhosas, por que jamais teve quem o acariciasse na vida.

—E quem foi que te tornou assim, Simão?—exclamou com doloroso anceio o poeta.

Simão d'Ornellas cravou por um momento n'elle o olhar scintillante e quasi ferino.

—Lembras-te do caso de Diogo Botelho?—disse por fim.

—Lembro.

—Pois ahi tens a causa primaria do que hoje

sou: ahi tens a origem das desgraças, que me infelicitaram para todo o sempre e irremediavelmente a existencia.

Depois parou um momento, e em seguida continuou com triste respidez:

—Luiz de Camoens, tu és o unico homem, de quem ainda posso esperar affeição n'este mundo. Por ventura terás a crueldade de me repellir para longe de ti?

—Não, Simão d'Ornellas—respondeu com dolorosa piedade o poeta—aqui me tens com os braços sempre abertos para te receber. Lança-te n'elles com a affectuosa confiança de outros tempos; imagina que ainda estamos em Coimbra.

Ao ouvir estas palavras, Simão d'Ornellas relanceou o poeta com um olhar de rude e delicioso sentimento. Depois uma lagrima lufou-lhe de subito pelos olhos, e elle disse em voz abafada e apertando com força a mão do amigo:

—Tu foste sempre assim, uma grande e nobre alma. Graças a Deus, que comtigo não me enganei eu. Acceito, acceito com reconhecimento, com fervor, com ancia gratissima, acceito o asylo que me offereces como o esfomeado acceita a migalha de pão, que lhe mata ainda que só por um momento a fome. Eu tenho ainda a cumprir um derradeiro dever—continuou em voz triste—Deixa-me ir fechar os olhos áquelle desgraçado, deixa-me ir fazer morrer em paz Diogo Botelho, e depois voltarei, para viver na tua companhia, para viver de ti e para ti, e cerrar por fim os olhos em paz, ao abrigo da affeição da maior alma, que Deus formou n'este mundo.

Assim dizendo, callou-se um momento, ao cabo do qual continuou, meneando tristemente a cabeça:

—Lembras-te das derradeiras palavras que me disseste, ao separarmo-nos ha trinta e sete annos em Coimbra? De Diogo profetaste—«Aquella mu-

lher não tem coração. Pobre Diogo Botelho!»—De nós disseste—«não sei o que me diz que ainda nos havemos de encontrar n'este mundo, e porventura em tal azo que muito precisemos das recordaçoens d'estes bons e saudosos tempos da mocidade.» — Ambas as profecias se verificaram. Aquelles amores fizeram Diogo o mais desgraçado dos homens; e, ácerca de nós, vê tu bem como nos achamos!

Assim dizendo, callou-se, e ficou-se com os olhos tristemente fitados no chão.

O poeta tratou logo de o fazer voltar a si.

—Conta-me—disse-lhe elle—conta-me o caso de Diogo Botelho. Nada mais soube ácerca d'aquelle grande moço depois que elle partiu para a Madeira.

Simão d'Ornellas ficou ainda alguns momentos silencioso, e cada vez mais duro e encarrancado de semblante. Por fim poz-se a contar por miudo ao poeta tudo o que se passou no Funchal até o dia, em que Pero Botelho foi morto.

—Oito dias mais tarde—continuou elle, *depois* de alguns momentos de silencio—recebi da mão do capitão-mór do Funchal uma grande e volumosa carta lacrada a muitos sellos, que lhe foi enviada, para m'a entregar a mim, pelo legado do papa em Lisboa. Abri-a; era uma carta de Diogo Botelho e n'ella inclusa uma doação de todos os seus haveres a D. Beatriz de Moura; e um breve do Santo Padre, em que ordenava ao bispo de Coimbra que de novo a fizesse receber em Cellas sem censura nem reprehensão de qualidade alguma.

—Quinze dias depois, partiu para Portugal o navio, que o capitão-mór do Funchal enviava a el-rei com as novas d'aquella tentativa dos corsarios francezes contra a Madeira. Embarquei-me n'elle com D. Beatriz, sem lhe dizer palavra ácerca da doação dos bens. Chegados a Coimbra, apresen-

tei-lhe uma e outra cousa. Ella ouviu-me com as lagrimas a deslizarem-lhe pelas faces abaixo, mas com o pallido rosto sereno e impassivel como o de uma estatua de marmore. Era verdadeiramente um cadaver. Quando acabei de fallar, tomou o breve, e recusou com nobre simplicidade a doação. Então fiz quando pude para que ella a acceitasse, e, para ver se o conseguia, li-lhe até as palavras da carta, em que Diogo Botelho me dizia ácerca d'ella—«Se D. Beatriz continuar a viver mundanamente, devo defendel-a e amparal-a contra a fome, por que fui eu quem a perdi; se se arrepender e se quizer recolher ao seio de Deus, que reparta esses bens em esmolas, por quem saiba pedir ao Senhor que nos perdoe, a mim e a ella.»—Assim dizia Diogo Botelho: mas ella foi inabalavel a tudo, e tive eu por fim de ceder.

Aqui Simão d'Ornellas parou um instante, como que para reviver e reorganisar as ideias, e por fim continuou por esta maneira:

—Quinze dias depois fui a Cellas despedir-me d'ella para sempre, segundo o que eu então imaginava; e em seguida parti para a Madeira com a firme resolução de dar ordem aos meus negocios, e sahir em procura de Diogo Botelho, cujas cartas me cahiam como que tombadas das nuvens, e n'ellas sempre a instante recommendação de não tentar descubrir-lhe a paragem, porque jámais o conseguiria Seis mezes mais tarde sahi da Madeira, e principiei a minha peregrinação apoz a sombra d'aquelle homem verdadeiramente desgraçado.

—Durante dez annos—continuou Simão d'Ornellas, depois de brevissima pausa—afuroei com ancia e com delirio os logares mais escusos e mais reconditos da França, da Allemanha e sobretudo da Italia, todos aquelles emfim em que um homem com a alma lacerada como Diogo Botelho podia procurar para esconder-se aos olhos do

mundo. Nada consegui porém nem da pertinacia nem do cuidado, com que esmiucei as mais vagas suspeitas da existencia d'elle. Por fim desesperei; e só, sem affeiçoens, sem saber o que havia de fazer da vida, porque eu havia concentrado n'aquella procura todas as potencias da minha alma, lancei-me por esse mundo fóra á cata de cousa que me despertasse o espirito. Viajei todas as quatro partes do mundo, pelejei em todos os logares onde achei guerra, acompanhei os mais audazes e aventureiros navegadores, e penetrei por mais de mil vezes até ao seio das tribus mais buçais e selvagens da Africa e do Brazil. Nunca porém encontrei um pelouro, uma tempestade ou um selvagem que me tivessem inveja da vida. Ao cabo de trinta e quatro annos que havia sahido da Madeira, voltei á Europa, e dirigi-me sem saber pelo que á Italia. Vagueei por lá tres annos á tôa. Por fim, um dia, achando-me em Castellino, perto de Florença, hospedado em casa de uns honrados lavradores, que me haviam recolhido bem doente, dirigindo-me eu para aquella cidade, ouvi dizer que tinham ido ao convento dos carmelitas da congregação de Mantua, que n'aquelle logar existe, chamar um velho frade de vida bemaventurada para confessar a mãe do meu patrão, mulher mais que octogenaria, que tinha com elle grande devoção. A's dez horas do dia chegou o preconisado santo. Era um homem verdadeiramente venerando, de longas barbas e cabellos brancos, e de aspecto melancolico e admiravelmente sereno e immovel. O manto branco, que trajava sobre a tunica e escapulario pardo-escuro, e o chapeu de abas largas, alvo como a neve, que trazia na cabeça, davam-lhe ao aspecto uma certa expressão celestial. Ao cabo de hora e meia, que esteve com a sua penitente, sahiu do aposento d'ella, resando em voz alta o padre nosso, mas, imagina o meu pasmo, em perfeita lin-

uagem portugueza! Ao ouvir a accentuação da
ingua natal senti que o amor da patria nasce de
eras com o homem. Mal lhe ouvi as primeiras
alavras, levantei-me logo, e dirigi-me a elle,
audando-o em portuguez. Respondeu-me sem
demonstrar nem prazer nem surpreza, e ficamos
durante alguns minutos a conversar a respeito de
Portugal. No correr da conversação houve um
instante em que os olhos lhe lampejaram luz desusada, fitando-a de relance no meu rosto. Foi
quando lhe disse que era da ilha da Madeira, e
não sei porque motivo lhe fallei em Mem d'Ornellas, meu pai. Pareceu-me que desde esse momento o frade escutava com mais curiosidade o
que eu dizia; e afigurou-se-me até que via n'elle
uma leve agitação, reprimida a muito custo pela
força da vontade. Ao cabo de meia hora, despediu-se, e partiu.

Simão d'Ornellas tornou a parar aqui, e esteve um momento silencioso, repassando muitas
vezes a mão pela fronte. Por fim continuou d'esta fórma:

—No dia seguinte um serviçal do mosteiro
procurou-me, e entregou-me um bilhete. Continha apenas esta meia duzia de palavras, que de
memoria conservarei toda a vida:

«—Ha vinte e quatro horas que estou de rojos
diante da imagem de Jesus crucificado, pelejando
com todas as forças da penitencia contra a forte
tentação de voltar por um momento os olhos para o mundo, e fallar-te. Por mais que fiz não pude vencel-a. Não é pois uma tentação do anjo das
trevas; é uma advertencia da vontade de Deus.
Que ella portanto se cumpra. Simão d'Ornellas,
o frade com quem hontem estiveste conversando,
chama-se Diogo Botelho. Vem fallar-lhe.»

—Fiquei tão alvoroçado com aquella nova que
corri em cabello e como estava apoz do serviçal
para o convento. Meia hora depois apertava en-

tre os braços Diogo Botelho. Que mudança, que transformação! Ainda maior do que a tua... do que a minha. Imagina pois como elle está.

—D'aquelle contemplativo estudante poeta que ha trinta e sete annos amamos em Coimbra, e que conhecemos a sonhar o mundo tapetado de rosas, e a vida um idyllio entre boninas e amores perfeitos, nada restava. Em logar d'elle encontrei um asceta, um eremita, um anacoreta, com as mãos aferradas a uma caveira, com os olhos permanentemente cravados no outro mundo, a fallar só em Deus, a pensar só em Deus, a praticar o bem só por Deus e em nome de Deus. Quiz despertal-o, ao menos por um momento sequer, d'aquelle torpor, d'aquella pavorosa abstracção pela qual, tendo o corpo ainda sobre a terra, vivia já pelo espirito no mundo dos mortos. Fallei-lhe d'aquelles graciosos dias da nossa formosa mocidade, recordei-lhe as mais risonhas scenas da nossa descuidada juventude, fiz reviver os feitos mais airados da nossa turbulenta vida de escholares. Foi tudo baldado. Em quanto lhe fallei n'essas cousas, esteve sereno e tão frio e immovel de semblante, que se me afigurou que diante de mim não estava senão o corpo do que fora Diogo Botelho, e que o espirito lhe andava revoando por outras regioens. Escutou-me como se aquillo não fôra com elle, como se me estivera ouvindo por mera cortezia, como se aquillo não tivera passado por elle. Por fim fallei-lhe em D. Beatriz, e contei-lhe o que tinha passado com ella, até de novo a deixar recolhida em Cellas. Ao ouvir este nome deixou pender a cabeça para o peito, e ficou com o olhar carrancudo fitado na terra. Por fim, quando acabei, ergueu-a, e disse-me com melancolica serenidade:

«—Simão d'Ornellas, por ventura me perdoará Deus o que eu fiz?

—Fiquei como que fulminado por aquellas pa-

lavras; e ao cabo de algum silencio, respondi-lhe... nem eu sei bem o que. Elle então disse-me com serenidade, mas com expressão de profunda tristeza:

«—Vê o que eu fiz, Simão d'Ornellas! Perdi-a a ella, perdi-te a ti, e perdi a Luiz de Camoens. Fiz-vos a vós todos cumplices do meu grande attentado contra Deus. Trinta e sete annos de penitencia são de certo sufficientes para expiar o peccado apenas venial, que vós dois commettestes, e para expiar por ventura o d'ella tambem; mas o meu... o meu... Deus de misericordia—exclamou aqui, lançando-se de joelhos—não me desampareis de vossa mão! Cobri com o esplendido manto de vossa misericordia a sincera contricção d'este peccador!

—Depois ergueu-se, e continuou assim:

«—Simão d'Ornellas, ainda haverá em ti sufficiente amisade pela memoria de Diogo Botelho para lhe fazeres sem custo uma derradeira, uma grandissima mercê?

«—Diogo—respondi-lhe eu—ha trinta e sete annos que corro as quatro partes do mundo em tua procura...

«—Bem pois—atalhou elle—vai, corre a Coimbra, e sabe-me se a peccadora se arrependeu com verdadeira contrição; vê se a penitente persistiu no completo despreso de si, de forma que se possa apresentar em estado de graça diante do justiceiro tribunal de Deus. Simão, faz-me este derradeiro serviço. Sinto que perderei a alma, se á hora da morte não tiver a completa certeza de que não deixo atraz de mim aquella desgraçada em peccado mortal.

—E, levando de subito as mãos ao peito, como se as quizesse mergulhar por elle dentro, exclamou:

«—Oh! Como eu a amei, como eu a amei! Já hoje a não amo; mas amei-a tanto, que ainda ago-

rá. sinto perfeita a consciencia do grande amor que lhe tive. Simão, far-me-ás tu isto que te peço? Serás tu tão bom que te esqueças que fui eu que te levei a commetter um gravissimo peccado mortal, e que só te lembres de que, para expiação d'elle, estou, ha trinta e sete annos, offerecendo por ti ao Senhor as minhas lagrimas e o meu sangue?

—Prometti-lhe tudo o que elle me pedia, e disse-lhe que ia partir immediatamente. Elle então lançou-se, a chorar, de joelhos diante de mim, cobriu-me de beijos e lagrimas as mãos, arrastou a fronte pela terra onde eu punha os pés...

—Deus de misericordia! Pois aquelle era Diogo de Botelho!

Aqui Simão d'Ornellas parou de novo, e volveu por um momento para o chão o olhar melancolico e duro. Depois continuou assim:

—Parti. Ha apenas um mez que cheguei a Coimbra. No dia seguinte áquelle em que entrei n'aquella terra de tão risonhas recordaçoens para mim, fui a Cellas, e perguntei por D. Beatriz de Moura.

«—Procurais a santa, senhor? Aguardai um momento que vou chamar por ella—respondeu-me a rodeira.

—A santa!—exclamei eu comigo mesmo—pois D. Beatriz é a *santa!*

—Momentos depois entrei para um locutorio, e um quarto de hora mais tarde appareceu-me do outro lado das grades uma freira que me disseram que era D. Beatriz de Moura.

—D. Beatriz de Moura! Pelo sangue de Christo! ninguem o dissera. Que mudança, Luiz de Camoens, que mudança!

—Aquella mulher formosissima que ha trinta e sete annos, nós ambos arrancamos, á viva força, de Cellas, estava transformada n'uma velha no ultimo quartel da vida.

—Os cabellos assetinados e pretos estavam
ıncos e amarellados; os escuros olhos scintil-
ıtes e levianos estavam desbotados, fixos e como
e idiotas; as faces côr de rosa estavam enru-
das e pallidas como as faces de um cadaver, e
bocca, que ella tinha tão breve, havia-se alon-
ıdo em razão de lhe terem descahido admiravel-
ente os cantos.

—Entrou como um automato e com os labios
escorados e tremulos a mexerem-se, como que
or habito, ao grado de oraçoens, que balbuciava
ıachinalmente por umas contas que trazia na
não.

—Anjos do paraizo! Pois aquillo era D. Bea-
riz de Moura!

—Fallei-lhe em Diogo Botelho—continuou de-
pois de uma breve pausa—fallei-lhe na Madeira,
recordei-lhe a mocidade... Não me entendeu uma
só palavra; respondeu-me fallando-me de S. José
e de Santa Clara; contou-me uma visita que fize-
ra, havia pouco, a nossa Senhora; pediu-me que,
se encontrasse o menino Jesus, lhe desse por ella
um beijo muito chiado... Inferno e maldição! Pois
a mocidade, o que ha de mais bello e de mais ri-
sonho no mundo, ha-de por fim transformar-se
n'aquillo! Eis-me, pois, Luiz de Camoens, eis-me
de volta. Vou dizer a Diogo Botelho que pó-
de morrer em paz, vou-lhe dar a consolação de
saber que D. Beatriz de Moura é em Cellas cha-
mada por antonomasia a *Santa*.

Assim dizendo, Simão d'Ornellas callou-se de
golpe, e virou de repente a vista melancolica e
encarrancada para o chão.

N'isto a mocinha, que lhe abrira a porta, en-
trou, trazendo na mão uma carta que entregou ao
poeta. Este leu-a, e depois de a ler, meneou, sor-
rindo tristemente, a cabeça, e disse para a rapa-
riga:

—Faz entrar o pagem.

A rapariga sahiu, e d'ahi a pouco entrou na sala um homem de dezoito a dezenove annos de idade, vestido com todo o luxo e louçania dos pagens dos grandes senhores da epoca.

Luiz de Camoens fitou n'elle um olhar sereno e todo sorrisos.

—Moço—disse então, revolvendo entre os dedos a carta, que recebera—dizei a vosso senhor que é bem verdade que em outros tempos escrevi muitos poemas, e dizem que bons; mas então era eu em idade florescente, favorecido das damas e tinha o que me era necessario; hoje estou velho, alquebrado e pobre, e por isso de todo o ponto incapaz de todo o bom feito. Que me perdoe portanto, e que á conta d'isso lance o não lhe ter mandado ainda os psalmos penitenciaes que lhe prometti. Ide com Deus.

O pagem sahiu, e o poeta, estendendo a carta para o amigo, disse, sorrindo tristemente:

—E' de Rui Dias da Camara, sobrinho de Martins Gonçalves, a quem prometti uma traducção dos psalmos penitenciaes, que sinto agora que já não sou capaz de fazer.

Simão d'Ornellas tomou machinalmente a carta, mas apenas passou os olhos por ella, exclamou indignado:

—Por satanaz! E isto ousa escrever um fidalgo portuguez ao poeta dos Lusiadas!

—O poeta dos Lusiadas morreu em Alcacer-Kebir no dia 4 de agosto de 1578 — respondeu com profunda tristeza o Homero portuguez—O que d'elle resta é apenas este velho estropiado e quasi tonto, em que já não existe nem sequer uma centelha do fogo divino, que em outro tempo o inspirou.

Simão d'Ornellas revirou-se de golpe para elle, e fitou-o como que de todo espavorido.

—Luiz de Camoens—exclamou por fim—será

erdade o que dizes? Pois tão demudado te virei u achar?

—E', amigo—replicou com triste serenidade o oeta—Eu estou ainda peior do que Diogo Boteho. Elle extinguiu-se de amor por D. Beatriz, eu le amor pela patria: a elle resta-lhe ainda uma entelha da antiga inspiração, que o levanta com imaginação até Deus; eu já não tenho azas para me levantar tão alto. O meu amor era aquilatado por objecto muito superior ao d'elle; e por tanto extinguiu-me de todo o fogo do engenho e da alma. O que me vale são esses bons frades de S. Domingos, que me aturam a chochice d'esta velhice prematura, e me dão consolaçoens espirituaes para ir arrastando a vida acurvada e quasi que já sem forças debaixo do peso d'este grande desalento, em que vivo. Queres ver o ultimo lampejo do meu engenho poetico? Vê no que elle se extinguiu de todo!

Assim dizendo, procurou entre os papeis, que estavam em cima da mesa, e momentos depois entregou a Simão d'Ornellas um, no qual se lia o seguinte soneto:

O dia, em que eu nasci, morra e pereça,
Não o queira jámais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e, se tornar,
Eclipse, n'esse passo, o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo signaes de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe o proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrímas no rosto, a côr perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jámais se viu. [1]

Depois de ler este soneto, Simão d'Ornellas fitou o poeta com um olhar alheado e vago. Este sorriu-se, e disse-lhe:

—Estás pasmado, não é verdade, Simão d'Ornellas? Não pasmes, porém; isso que ahi escrevi, é assim. O moço galan e afortunado, que conheceste em Coimbra, acabou desde o momento em que deixei de frequentar a Universidade para vir frequentar a côrte. Eu era um louco desatinado e volteiro, mas no fundo não era mau. Elles não o entenderam assim, e trataram-me porventura com mais rigor do que deviam. Deus lhes perdoe. Por fim tantas ferretoadas me deram covardemente e á traição, que eu, enojado d'ellas, e sentindo em mim espiritos capazes de alguma cousa, passei-me ás partes da India, com a intenção de os amordaçar com os meus feitos. Mas que vale um braço robusto e a total indifferença dos perigos, se não ha valiosas protecçoens, que levantem um homem pelos cabellos ao de cima das multidoens, onde ás vezes se revolvem e morrem ignorados tantos engenhos e tantas capacidades, milhares de vezes superiores áquelles que sobre ellas se elevam? Bem dizem que os heroes são filhos da fortuna. Eu de mim sei dizer que era capaz de alguma cousa, se ella me tivesse embarrado pela porta. Mas foi tudo pelo revez. Soldado para lá fui, e soldado por

[1] Este soneto, até hoje inedito, e publicado agora pelo snr. visconde de Juromenha na sua edição de Camoens, v.º I, pag. 128, é, segundo o mesmo senhor, um dos ultimos que o poeta escreveu poucos dias antes de morrer. Aqui o ponho, jurando a genuidade d'elle, em nome do credito que me merece o muito que mostra que estudou a vida do author dos Lusiadas o seu illustre e erudito editor.

á andei dezesete annos, sem que me deixasse levantar a cabeça o pé da adversidade e o dos parvos protegidos, que sobre ella trazia de continuo. Valeu-me aquelle grande e poderoso affecto que eu sentia, aquelle sublime e santo amor da patria, que nascera comigo ardente e todo poderoso, e que n'aquelles dezesete annos de exilio se me purificou até á essencia do fogo celestial. Longe da patria, o amor que sentimos pelo torrão onde nascemos, chega a ser fanatismo cego, toca as raias da adoração, com que os anjos se extasiam diante de Deus. Depura-se até esse ponto n'esse doce pungir chamado saudade; chega a ser uma vida nova para nós. Foi o que me aconteceu a mim, e o que me valeu. Vendo-me assoberbado nas minhas aspiraçoens pela valia dos ineptos, voltei-me todo para elle, e vasei-o nos cantos dos meus Lusiadas. Aquelle poema é filho do meu patriotismo e das minhas desgraças. E' por isso que lhe quero como a filho dilecto; é por isso que á salvação d'elle sacrifiquei tudo, que possuia, no naufragio do Mecon; é por isso em fim que, voltando a Portugal depois de dezesete annos de combates e de serviços, o unico thesouro, com que desembarquei, foi elle. E com elle arrematei o meu amor pela patria, offerecendo-lh'o. Não lhe podia dar maior prova de affecto do que esta.

—E como é que ella te pagou essa dedicação sublime? — exclamou Simão d'Ornellas com os olhos scintillantes de enthusiasmo.

—Ella? Coitada!—replicou, sorrindo o poeta—Ella pagou-me com amor e com extremoso affecto. Não vês como essa gente me trata por essas ruas? Elles, os que a governavam... tambem me não trataram mal. Deram-me uma tença de quinze mil reis por anno...

—Miseraveis!—balbuciou com indignação Simão d'Ornellas.

—E ao cabo de uns poucos, quando eu já esta-

va velho e estropiado, despacharam-me para a feitoria de Chaul...

—Para a India outra vez!

—Para a India sim. Eu cuido que os meus ossos lhes pezam aqui. Bom é que o vento os disperse no futuro, para que não venham a encontrar-se com os d'elles, e ainda então lhes incommodem com a minha miseria as suas grandezas. Mas que me importavam todas essas pequices? Aquelle meu santo e ardente amor fazia-me ascender muito longe para cima d'elles; e, depois que eu puzera os pés na terra da patria, parecia que se havia renovado com fogo cada vez mais ardente. Oh! que bellos sonhos de gloria não sonhei para ella! Tinhamos um rei moço, valente e cavalleiró, tinhamos a flor da cavalleria do mundo, e a Africa inteira á nossa disposição. Se tu visses o furor com que eu afiava á espada, medindo pelo compassado o ranger d'ella na pedra os versos da minha futura epopeia! A cada centelha, que d'aquella espada e d'aquella pedra se desprendia, sentia lampejar-me o fogo do engenho dentro do cranco. Oh! que poema o amor da patria me não havia de inspirar, a não ter acontecido aquella pavorosa desgraça!

E aqui o Homero portuguez deixou pender a cabeça para o peito, e limpou com a manga do gibão uma lagrima que furtivamente lhe deslizou pelas faces abaixo.

—Mas antes de partir a expedição—continuou momentos depois—principiaram logo para mim os primeiros rebates da suprema infelicidade. Mezes antes, comecei a sentir-me tomado das pernas, e por fim um dia amanheci assim... entrevado. O destino, que sempre me fôra contrario, arrancava-me da mão a espada; e o velho soldado da Africa e da India, foi obrigado a ver partir a armada, que levava a fortuna da sua amada patria, e a ficar elle em terra, dependurado d'estas muletas e

com os olhos arrazados de lagrimas de desespero e de inveja! Embora! Restava-me ainda o engenho, restava-me a penna. Se já não podia contribuir para a victoria, servindo a nação com o braço ás armas feito, tinha ainda a mente ás musas dada para lhe exalçar as glorias. Mas tempos depois disseram-me—«a flor de Portugal, os netos dos conquistadores da Africa, da India e do Brazil foram esmagados em Alcacer Kebir por aquelles buçaes alarabes, que tantas vezes escorraçaste diante do peito do teu cavallo nos campos de Ceuta e de Arzilla.»—Fiquei como estonteado, mas sem o poder acreditar. Vim para casa, e dormi, dormi como homem atordoado por subito golpe de massa na cabeça. Quando acordei, achei-me tão outro, tão differente do que era!... Recordei então o que me tinham dito, e em mim mesmo conheci que era verdade. Senti que me tinha de subito morrido o engenho; Portugal devia portanto ter morrido tambem. De outra fórma fôra impossivel. O meu amor pela patria era tal, que entretanto que Portugal vivesse glorioso, eu não podia deixar de ser Luiz de Camoens. Puz-me então a examinar o que ficava, e vi-me corpo sem alma condemnado a ter os olhos permanentemente fitados no quasi cadaver da patria, que uns poucos, que com ella não tinham sabido acabar, haviam trazido de rastos para aqui.

Assim dizendo, Luiz de Camoens parou um momento para limpar uma lagrima, e em seguida continuou:

—E assim fiquei para ahi como uma cousa inutil. Quiz-me de todo voltar para Deus, mas nem engenho já tive para isso. Como te disse, o que me valeu, foram aquelles bons homens de S. Domingos, e entre elles o padre Ferreira e o padre Foreiro, dois varoens de grande saber, que me consolam, fallando comigo das glorias que cantei nos Lusiadas. Até por fim me morreu o meu jau, o

meu pobre Antonio, aquelle leal e fiel amigo, que me alentava a vida, bradando-me todos os dias ao despertar—«animo, senhor, animo; Portugal ainda não morreu de todo, e ainda precisa do vosso subtil engenho para lhe cantar o resuscitar das glorias.» Aquellas palavras davam-me alentos para ir passando os meus tristes dias. Até ellas me faltaram por fim! Depois vi um padre velho e imbecil sentado no throno, d'onde descera o ultimo rei portuguez para ir morrer n'um campo de batalha. Vi-o em seguida joguete de encontrados intentos, e agora ahi o vês tu morto, ha tres dias, e morto a acenar aos castelhanos e a atirar com o sceptro de Portugal para as mãos de Filippe de Castella! E é n'esta occasião—perorou, sorrindo tristemente—que Rui Dias da Camara se lembra de pedir-me a traducção dos psalmos penitenciaes!

Depois d'estas palavras, os dois ficaram alguns minutos tristemente silenciosos; por fim o poeta rompeu o silencio, dizendo:

—Ora vê, Simão d'Ornellas, com que boas andanças e alegrias vieste deparar para espairecer as tuas magoas! Mas ao menos sabes que bate n'este peito por ti um coração portuguez e lavado. Senhora mãe, senhora mãe—accrescentou, levantando a voz e batendo as palmas.

Minutos depois entrou na sala Anna de Macedo, mãe do poeta. Era uma senhora já idosa, de estatura regular, e vestida com simplicidade mas com limpeza.

Simão d'Ornellas poz-se immediatamente de pé: Luiz de Camoens forcejou tambem para o fazer, mas, vendo que o não podia conseguir, disse em seguida:

—Senhora, deitai-me a vossa benção, e perdoai-me que bem sabeis que não posso...

—Filho, que o Senhor te abençoe—disse ella com affectuosa bondade—Que pretendes de mim?

—Senhora—replicou o poeta—eu queria fazer-vos conhecer Simão d'Ornellas, meu velho e leal amigo que sempre tive na conta de irmão, e pedir-vos que mandasseis apparelhar mais um logar para elle na meza... Porque tu hoje has-de por força comer comnosco, Simão.

—Se te não incommodasse...—balbuciou com verdadeira gratidão Simão d'Ornellas.

—Se me não incommodasses!—replicou o poeta—Sê bem certo que eu reparto hoje comtigo da minha pobreza tão franca e lealmente como n'outro tempo reparti das minhas opulencias.

Ao cahir da tarde Simão d'Ornellas despediu-se de Luiz de Camoens para partir no dia seguinte para Genova n'uma galé de mercadores, que estava no porto; e prometteu-lhe que, mal tivesse cumprido com Diogo Botelho, voltaria de novo a Lisboa para vir viver e morrer junto d'elle.

—Vai, Simão d'Ornellas, vai—disse-lhe o poeta—vai cumprir o teu dever, e dá novas de mim a Diogo Botelho. Se poderes, volta breve, porque eu sinto que isto está a acabar, e não quizera morrer antes de te abraçar outra vez.

Quatro mezes depois, a 10 de junho d'este mesmo anno de 1580, Simão d'Ornellas batia, ás onze horas da manhã, á porta da casa da calçada de Sant'Anna, onde morava Luiz de Camoens.

A porta abriu-se depois de bastante demora, e a rapariguinha, que a abriu, estava banhada em lagrimas.

—Que aconteceu?—exclamou Simão d'Ornellas apavorado.

—Entrai, senhor, entrai, e em seu aposento o vereis—balbuciou a rapariga abafada pelo pranto.

Simão d'Ornellas dirigiu-se rijamente para a sala, onde o poeta o recebera da outra vez. Ao encarar para dentro do pequeno quarto de cama,

deparou com um espectaculo, que de subito o collou ao lumiar da porta.

O Homero portuguez, pallido como um cadaver, jazia estendido no pobre e esfarrapado leito, com a candeia dos moribundos na mão. A' esquerda estava Anna de Macedo derrubada sobre a mão d'elle e suffocada pelos soluços; e á direita o licenciado Manoel Corrêa, cura d'aquella freguezia, e intimo amigo do poeta, de cujas obras foi depois commentador, de pé, com as lagrimas a correrem-lhe pelas faces abaixo, e elle a ler por um livro as oraçoens dos agonisantes.

A presença do amigo pareceu revocar o poeta por um momento á vida.

—Bem vindo, Simão d'Ornellas—disse pois em voz sufficientemente audivel—Que novas de Diogo Botelho?

—Morreu—balbuciou Simão d'Ornellas.

—Bem pois; é de menos um desgraçado no mundo — continuou Luiz de Camoens — e aqui vens achar mais um outro tambem a acabar. Eu bem te disse, Simão d'Ornellas, que isto estava para pouco tempo. Portugal está a morrer por momentos. Os castelhanos, commandados pelo duque d'Alva, já estão em Badajoz, promptos para atravessarem a fronteira. Se fallares com D. Francisco de Almeida diz-lhe que assististe á realiasção do que, ha tempos, lhe escrevi. Eu fui tão affeiçoado á minha patria, que não me contentei só de morrer n'ella, mas com ella.

Estas ultimas palavras foram ditas em tom rijo e bem cheio; ao findal-as, porém, a cabeça descahiu-lhe de repente para traz, o peito arquejou, deu um suspiro—e a grande alma do Homero portuguez atirou-se de golpe, como aguia, ao espaço, e foi voando a reunir-se ao grupo dos grandes espiritos, que volitam em torno da omnipotencia de Deus.

Foi assim que desappareceu de cima da terra

uma das maiores almas, e o primeiro dos unicos tres homens de grandioso e verdadeiro genio, que Portugal tem produzido até hoje.

E nós, reles nação de enfatuados parvos, que, pequenos e miseraveis como hoje somos, ficamos muito contentes de nós mesmos quando enchemos a bocca com as nossas bolorentas glorias de ha tres seculos, não podemos dizer ao certo—«estes são os ossos de Camoens, são os restos do homem que deixou apoz de si um livro, que foi por muitos annos o unico signal, por onde a Europa conhecia que ainda existiamos como nação!»

Se, ha dois seculos, somos incapazes de fazer coisa alguma seria, coisa alguma com geito!

Até o proprio marquez de Pombal, que teve deveras mais um pouco de juizo que os outros, mandava enforcar, e esquartejar homens em nome do poder absoluto d'el-rei, *nosso senhor*, e não teve, em 1755, sequer a lembrança de mandar desentulhar d'entre as ruinas do convento de Sant'Anna, a campa que encerrava os restos de Luiz de Camoens!

Terminando, tenho a dizer ao leitor, que a historia dos amores de Diego Botelho e D. Beatriz, bem como a da caldeira de Pero Botelho, foram tiradas da Relação de uma viagem a Espanha, escripta por Thomé Pinheiro da Veiga, que dizem ser author da celebre Arte de furtar; viagem de cujo manuscripto é possuidor o snr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, proprietario e editor d'este livro.

FIM

APPENDICE

Em additamento á nota de pag. 72, transcrevemos aqui por extenso o epigramma de Diogo Mendes de Vasconcellos:

DE NATALI SUO DIE, QUI KALENDIS MAII CONTIGIT

EPIGRAMMA

Salve, læta dies, qua primùm luminis auras
Hausimus, et vitæ sumpsimus auspicium.
Pulchra dies, toto qua nulla est pulchrior anno,
Divorum gemino fulta patrocinio,
Sis felix, et fausta mihi, multosque per annos
Majori semper lætitià redeas.
Per te læta viret tellus, et lucidus æther
Ridet blandisonis luxurians zephyris:
Frigora mitescunt, placidum silet æquor, et auræ
Leniter impellunt lintea Threiciæ:
Gramine rura virent, et gemmea prata colores
Mille trahunt, montes frondea silva tegit:
Dulce sussurrat apis, ludunt in vallibus agni,
Mugitus edunt lata per arva boves:
Læta viget rerum facies, animosque jacentes
Excitat, et curas mæstitiamque fugat.
O me felicem! nasci cui contigit illo
Tempore, quo nullum pulchrius annus habet.
Sed verè est felix sapiens, qui tempora vitæ
Dirigit ad Summi Numinis obsequium.

Erratas essenciaes

Pagina	*Linha*	*Errata*	*Emenda*
59	26	Icotum	Scotum
67	32	Mememio	Memio
76	36	essa	ssa
87	5	Lucilim	Lucilium
119	10	notas	voltas
264	3	altio	alto

N. B. A nota 3.ª da pag. 63 deve passar para 1.ª, e vice-versa.